

SERAFIM LEITE, S. I.



ARTES E OFÍCIOS DOS JESUÍTAS NO BRASIL

(1549-1760)

1953

EDIÇÕES BROTÉRIA
Rua Maestro António Taborda, 14
LISBOA

LIVROS DE PORTUGAL
Rua Gonçalves Dias, 62
RIO DE JANEIRO

Tipografia Porto Médico, L.da
Praça da Batalha, 12-A — PORTO

RAZÃO DESTE LIVRO

Este livro é consequência ainda da « História da Companhia de Jesus no Brasil ». Já nela se tocaram em substância os assuntos que aqui se desenvolvem. Mas, por ser história geral, não podiam entrar nela particularidades individuais, como seguir os passos de todos e de cada um dos Irmãos, os lugares onde trabalharam, e, com isto e outros pormenores, estabelecer itinerários de artífices e talvez identificações de obras.

Trata-se dum sector pouco estudado. Os historiadores confinaram a atenção de preferência noutros aspectos da vida brasileira e não tanto nestes da sua construção artística ou material; nem aliás o poderiam fazer sobre as Artes e Ofícios da Companhia de Jesus, porque o Arquivo Geral da mesma Companhia não está no Rio de Janeiro nem ao alcance fácil, como sucede com todos os arquivos privados. Uma das razões, precisamente, deste livro é o aproveitamento de notas hauridas durante longos anos em fontes inéditas, que talvez com a morte do autor se perdessem e dispersassem. E embora toda a documentação luso-brasileira (leia-se: a da Província do Brasil e Vice-Província do Maranhão da Assistência de Portugal) conservada no Arquivo da Companhia se publique a seu tempo, é mais seguro utilizar já o que se tem à mão, do que esperar pelo dilatório amanhã, que nos seus imprevistos leva sempre consigo um não se sabe quando.

Da acção dos Jesuítas do Brasil é conhecida a obra pedagógica, o seu esforço pela liberdade dos naturais da terra e a defesa contra o seu extermínio, a catequese religiosa, a moralidade cristã dos costumes, a cultura literária, linguística e científica, o seu patriotismo como elemento político a serviço da expansão e unidade territorial da nova nação que se criava.

Mas assim como nas grandes nações, ao lado dos Ministérios clássicos se criou o da Economia ou do Trabalho, assim também se pode observar que, a par da construção espiritual do Brasil na quota parte que cabe à Companhia de Jesus da Assistência de Portugal, se exerceu outra acção, menos visível e mais humilde, sumamente eficaz em todo o caso, de Artes e Ofícios. O que, num país que nasce para a civilização, constitui pesquisa útil. Ajuda a compreender melhor a formação do Brasil, no seu conjunto, e é, por si mesmo, um capítulo da sua história das Artes e do Trabalho.

Introdução bibliográfica

A) PROCESSO E MÉTODO

1 — Ordem nominal e classificação cronológica

O corpo deste livro são as biografias dos Irmãos, que exerceram algum ofício distinto dos comuns e domésticos.

A colocação dos nomes por ordem cronológica teria a vantagem de mostrar o desenvolvimento das Artes e Ofícios da Companhia, globalmente, mas leva consigo a dificuldade de consulta de qualquer nome dado; a ordem pelas diversas categorias de ofícios traria a vantagem de se ver logo quais os Irmãos, que os exerceram, mas implicaria dificuldade semelhante.

Adopta-se o alvitre da ordem alfabética, precedendo-a, contudo, da classificação das Artes e Ofícios, na qual já se segue, sem inconveniente e com vantagem, a ordem cronológica. Ao mesmo tempo que revela o desenvolvimento de cada uma dessas Artes e Ofícios, dá os nomes dos que as exerceram : com o que se facilita, no corpo do livro, disposto por ordem alfabética, a consulta do nome que porventura mais interesse pelo seu ofício ou arte.

Para ficar patente o início da actividade no Brasil, a ordem cronológica não segue a data do nascimento, mas a da *entrada* da Companhia no Brasil, ou da *chegada* ao Brasil dos que entraram fora dele.

As datas, portanto, são três : a do nascimento, a da entrada ou chegada ao Brasil *(grifada)*, e a da morte. Esta terceira data designa às vezes a última notícia como religioso da Companhia ou a última averiguada; e, nestes casos, é seguida de reticências.

Há nomes que fazem parte de mais de uma categoria de Artes e Ofícios : entram, como é óbvio, em cada qual.

2 — Naturalidades e datas de nascimento

As datas precisas do nascimento só tarde se começaram a expressar nos Catálogos do Brasil. Já o dissemos na « História », mas convém recordá-lo. Ao princípio dizia-se apenas: Fulano entrou na Companhia em tal data, com tantos anos. Feito o cálculo, acha-se a data do nascimento, que pode coincidir com a exacta e pode também ser um ano mais ou um ano menos, segundo o mês em que tiver nascido e o mês em que se tenha redigido o Catálogo, o que nem sempre consta. É a razão da palavra « por », que se antepõe ao ano do nascimento.

Quanto à naturalidade, o mais comum, nos Catálogos, é dar-se a diocese a que cada Padre ou Irmão pertence. Algumas vezes diz-se *cidade* de Lisboa, *cidade* do Porto, *cidade* de Braga, etc. Quando assim acontece não subsiste dúvida. Outras vezes, dá-se a sede da Vila, cabeça de comarca ou termo : raras vezes se desce à freguesia, em que muitos terão nascido, e que em geral só se conhece por alguma circunstância particular ou depoimento pessoal.

Por exemplo. A naturalidade do Ir. Domingos Dantas é expressa na maior parte dos Catálogos por esta forma : « Bracharensis »; um escreve « Arcos de Valdevez », e ainda outro « Viana » (região: antigamente no Brasil dizia-se « vianês » como quem hoje diz « minhoto »). Ficam-se todos nos lugares maiores : Braga é a diocese, Viana a região (hoje distrito), Arcos de Valdevez o termo ou concelho. Na realidade Domingos Dantas nasceu num lugar incluído em todas estas circunscrições, sem ser nenhuma delas. Nasceu em S. Vicente de Giela, como ele próprio declara num processo : « do lugar de S. Vicente de Giela, no distrito da Serra dos Arcos de Valdevez ».

Outro caso é o do Ir. Domingos de Sousa. Os Catálogos dizem « Barcellensis »; um expressa a diocese : « Bracharensis ex pago Barcelensi ». Parece que nasceria na povoação (« pago ») de Barcelos. Mas ainda aqui se toma no sentido de circunscrição maior onde se inclui a terra em que nasceu. No seu depoimento pessoal, Domingos de Sousa baixa à freguesia : « de Santa Cecília de Vilaça ».

Faz-se esta advertência para orientar o leitor, como é da praxe em casos semelhantes. Mas é claro que dar-se a toponímia como se averigua nos Catálogos, e a data-limite do nascimento, já constitui referência valiosa, não só em si, mas também como base

de pesquisas ulteriores, nos cartórios distritais ou episcopais, a quem as quiser mais miudas sobre qualquer nome.

3 — Prazos de residência

As fontes para os lugares de residência são em geral os Catálogos (os chamados *Catálogos breves)*, que existem com prazos irregulares. Os principais saltos são: entre 1574 e 1583 (9 anos); 1601 e 1606 (5 anos); 1621 e 1631 (10 anos); 1631 e 1641 (10 anos); 1641 e 1646 (5 anos); 1646 e 1654 (9 anos); 1694 e 1716 (22 anos, o maior de todos); 1722 e 1732 (10 anos); 1748 e 1757 (9 anos). Há Irmãos que aparecem a trabalhar numa Casa ou Colégio na primeira e na segunda data : não se segue que no intervalo não tenham vivido noutra. Ou se vivem numa residência na primeira data e noutra residência na seguinte : não se sabe exactamente o ano da mudança, a não ser que algum documento, diferente do Catálogo, o diga, o que é raro. Advertência que se aplica, em particular aos arquitectos, pintores, escultores e entalhadores, cujas obras de carácter duradoiro podem ainda subsistir. Para este facto se chama a atenção no verbete de Nunes, António (1701-*1725*-1760), Irmão entalhador, a quem sempre os Catálogos assinalam na Baía, quando consta que executou obras no Ceará.

4 — Biografias

Nalgumas biografias registam-se qualidades morais ou religiosas, hauridas em fontes que em geral são os necrológios das Ânuas. Contam-se, porém, largos períodos em que não existem Ânuas, ou por não se escreverem ou por se sumirem com as vicissitudes do tempo. E haverá Irmãos, falecidos nestes períodos, que tenham sido na verdade de mais elevado espírito do que outros de que se conservam notícias. As quais, como subsídio porventura útil à fisionomia dos Irmãos, se acenam de passo, sem mais ; porque o assunto directo das presentes biografias não é esse, senão o carácter objectivo da sua actividade artística ou profissional segundo o título desta obra.

5 — Irmãos Coadjutores

Entende-se que são sempre Irmãos Coadjutores, que às vezes também se chamam Irmãos Leigos. Quando é Padre (por alguma circunstância de arte ou de ofício) distingue-o a letra P.

B) FONTES MANUSCRITAS

As fontes manuscritas deste livro são as mesmas da « História da Companhia de Jesus no Brasil » e conservam-se sobretudo em Roma e em Lisboa.

I — Archivum Romanum Societatis Iesu

Os ofícios e artes constam dos Catálogos da Província do Brasil e da Vice-Província do Maranhão e Pará :

Brasilia 5(1)	Catálogo da Prov. do Brasil (1556-1660)
Brasilia 5(2)	» » » » » (1661-1698)
Brasilia 6	» » » » » (1701-1757)
Brasilia 27	» » Vice Prov. do Maranhão (1671-1753)
Brasília 28	Inventário do Maranhão (1760-1767).

São as fontes primárias e fundamentais para os ofícios. E também para os lugares de residência dos Irmãos e ainda para as datas de entrada na Companhia e para as do nascimento e naturalidade. As « Cartas Ânuas », com as notícias dos Irmãos que faleciam *(Brasilia 4, 8, 9, 10, 26)* também alguma vez se referem a ofícios e artes, mas tratam mais de outros dados biográficos para os quais contribuem por sua vez os obituários da Companhia *(Historia Societatis Iesu 42-53,* em parte já impressa : *Elenchus impressus defunctorum),* a secção de Vidas *(Vitae)* e o *Menológio da Assistência de Portugal : Lusitania 58(1), 58(2),* que inclui a América Portuguesa.

Citam-se : *Bras., Lus., Hist. Soc., Vitae.*

Para os serviços de saúde e receituário das boticas dos Colégios da Província do Brasil e dalguns Irmãos boticários, o códice fundamental é o seguinte :

« Collecção de Varias Receitas e Segredos Particulares das principais Boticas da nossa Companhia de Portugal, da India, de Macao, e do Brazil compostas, e experimentadas pelos melhores Medicos, e Boticarios mais celebres que tem havido nessas partes. Augmentada com alguns indices, e noticias muito

curiozas, e necessarias para a boa direcção, e acerto contra as enfermidades. Em Roma An. M.DCC.LXVI. Com todas as licenças necessarias». *Opera Nostrorum 17* [«Colecção de Receitas». *Opp. NN. 17]*.

Hauriu-se ainda uma ou outra notícia dalguns códices tanto da Província do Brasil, como da Província de Portugal; e ainda dos Catálogos da Província de Áustria e da Província Galo-Belga para algum Irmão, que entrasse na Companhia nessas Províncias antes de ir para a América Portuguesa (Le Gott, bordador e pintor, para o Brasil; Traer, pintor e escultor, para o Maranhão).

A contribuição do *Fondo Gesuitico*, público e anexo ao Arquivo Romano, é sem valor no que toca a ofícios e artes. Mas, além de uma ou outra notícia esparsa, contém duas Relações úteis para a biografia dos Jesuítas exilados em 1760.

Uma é relativa aos que faleceram em Roma no Palácio de Sora, no Palácio de Trestevere e no Palácio Inglês, e se sepultaram na Igreja do Gesù de 1760 até Julho de 1767:

a) «Nota dei defonti sepolti in questa Chiesa della Casa Professa apartenenti alla Assistenza di Portogallo e spese fatte per li funerali e seppoltura». *Fondo Gesuitico*, 690. [Cita-se: *Spese]*.

Outra é uma Relação dos sobreviventes em 1774 nos Estados Pontifícios:

b) «Nota degli Individui Ex Gesuiti Portoghesi dimoranti nello Stato Ecclesiastico», *Fondo Gesuitico*, 690. [Cita-se: *Relação de 1774]*.

Esta nota ou Relação traz o nome, a data do nascimento, a idade de cada qual, e o lugar onde habitavam em 1774; mas o possuidor do documento colocava uma cruz (†) nos nomes dos que iam falecendo e acrescentava alguma breve indicação sobre mudanças de residência ou ida dalguns para Portugal ou outra parte (Guiana Francesa), indicações que alcançam até 1783 (cf. Leite, *História*, VII, 361).

II — Outros Arquivos

1. *Arquivo Histórico Ultramarino* (Lisboa). Relação de D. Henrique de Meneses, Roma, Abril de 1780, sobre os Jesuítas da Assistência de Portugal residentes na Itália, naquela data: com nome, idade e lugar de residência. *Reino*, Papeis Avulsos, 1780. — Descrevemos o conteúdo desta Relação em *História*, VII, 361. [Cita-se: A. H. U., *Relação de 1780*].

2. *Biblioteca Nacional de Lisboa*. Conservam-se no Arquivo desta Biblioteca dois obituários, úteis para dados biográficos e com frequência para ofícios e artes:

« Livro dos Óbitos dos Religiosos da Companhia de Jesus pertencentes a este Collegio de Santo Alexandre » (Pará) Col Pomb. 4. [Cita-se: *Livro dos Óbitos*).

« Lembrança dos Defuntos que estam enterrados na Igreja nova de N. S. da Luz do Collegio da Companhia de Jesus no Maranhão », fundo geral, 4518. [Cita-se: *Lembrança dos Def.*].

3. *Biblioteca Vittorio Emanuele* (Roma), Fondo Gesuitico, 3492/1363, n.º 6. — É um Catálogo dos Jesuítas do Brasil e do Maranhão, que faleceram desde 1553 a 1760. Feito em Roma neste ano por algum Padre do Brasil exilado: Nome, naturalidade, data e lugar do falecimento. Não é Catálogo completo de todos os jesuítas do Brasil e Maranhão, mas sòmente daqueles cuja morte o autor conseguiu averiguar nos documentos de Roma. Uma ou outra data convém ser rectificada. Mas em conjunto é Catálogo valioso por agrupar inúmeras informações dispersas.

4. *Arquivo da Província Portuguesa: Diário de Diversos acontecimentos no Maranhão e Pará de 1756 a 1760*. (Cf. Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia*, I) 226. [Cita-se: *Diário de 1756-1760*].

5. Ainda se faz referência a algum documento isolado da *Biblioteca Pública* e *Arquivo Distrital de Évora*, da *Biblioteca Real de Bruxelas*, da *Universidade Gregoriana* (Roma), do *Itamarati* (Rio de Janeiro), como se verá no lugar onde ocorre, sem ser preciso — pois é referência isolada — maior notícia aqui.

C) BIBLIOGRAFIA IMPRESSA

Pelo que se refere a ofícios e artes dos Jesuítas do Brasil é escassa a literatura impressa por ser estudo que principia. Sousa Viterbo não achou para entrar no seu « Dicionário » (1904) senão o P. António Pires ; e basta conferir o que já hoje se sabe do Ir. Arquitecto Francisco Dias com o que dele sabia Rodolfo Garcia, sem contestação o melhor conhecedor destas coisas miúdas da história do Brasil. Achando o nome em Fernão Cardim, pôs-lhe esta nota (1925): « O Ir. Francisco Dias foi um dos que vieram na leva do P. Gregório Serrão. Faltam notícias a seu respeito ». (Fernão Cardim, *Tratados*, 294, 383).

Alguns estudos desde então se publicaram sobre a arte dos Jesuítas do Brasil e houve tempo em que se falava muito de « estilo jesuítico », nem sempre com base no conhecimento conjugado dos monumentos e da história. Assiste-se, felizmente, à renovação destes estudos tendo por centro os Serviços do Património Histórico e Artístico Nacional do Brasil, que tão útil tem sido à causa da história e da arte; salienta-se o notável trabalho de conjunto do Dr. Lúcio Costa sobre a Arquitectura, e ainda o do Dr. Paulo F. Santos. Nos Estados Unidos ocupa-se da Arte no Brasil com reconhecida competência Robert C. Smith (cf. o seu estudo *Arte* no «Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros», 7-25 ; e Leite, *História*, V, 600); e na Inglaterra, J. B. Bury publicou um interessante artigo no n.º 1000 da Revista *The Month*, dos Jesuítas ingleses. São especialistas — estes e outros — que contribuem para actualizar o assunto e vincar a sua importância, mantendo-se de preferência na Arquitectura sem entrar na classificação nominal de artistas, por não disporem de notícias sobre eles, excepto Francisco Dias, já hoje conhecido.

Há livros de viajantes extrangeiros sobre o Brasil e de autores modernos, que se referem a obras de arte dos Jesuítas, em particular na Baía. Mencionaram-se na *História*. Pelo mesmo facto de não darem nenhum esclarecimento sobre nomes de Irmãos, basta aquela menção, que seria supérfluo repetir. No concernente à literatura impressa sobre Irmãos artífices do Brasil são úteis os três volumes das « Cartas Jesuíticas » reeditadas pela Academia Brasileira de Letras : *Cartas de Nóbrega, Cartas Avulsas, Cartas de Anchieta*, com notícias que para alguns são fontes únicas. Sendo o primeiro Catálogo do Brasil, em que se mencionam ofícios, o de

1565, aquelas Cartas com pormenores anteriores, de pessoas e ocupações substituem pràticamente os Catálogos que faltam. Sucede o mesmo um século mais tarde nas Missões do Maranhão e Pará, com a *Chronica* de Bettendorff, cheia de pequenas notícias — como de memórias pessoais — sobre os Irmãos que ele conheceu durante quase 40 anos, período em parte anterior aos Catálogos do Norte, em parte coevo já dos primeiros, mas num tempo em que se caracterizavam os Irmãos Coadjutores quase só com esta fórmula genérica: « ocupados nos ministérios de Marta ».

António Franco também fala uma ou outra vez dos ofícios dos Irmãos, assim como Simão de Vasconcelos; mas estes e os mais citam-se em geral por alguma utilidade biográfica.

ALVARENGA, Oneyda. — *Música popular brasileira*. México-Buenos Aires, 1947.

Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. 67 vols. Rio de Janeiro, 1876-1948. Em curso de publicação.

ANCHIETA, José de. — Ver *Cartas Jesuíticas*.

ANTONIL, André João. — *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*. S. Paulo (1923). Antonil, *Cultura e Opulência do Brasil,...]*.

Apêndice ao Catálogo Português: « Patres ac Fratres ex Provinciis Ultramarinis antiquae Assistentiae Lusitanae Soc. Iesu. qui sub Pombalio post dura quaequae perpessa in exilium deportari maluerunt quam Societatem Iesu derelinquere ». Organizado por António Vaz Serra, Lisboa, 1900-1909. *[Apêndice ao Cat. Port., 1903]*.

Archivum Historicum Societatis Iesu. Vols. 1-21. Roma, 1932-1952. Em curso de publicação [AHSI,...].

BETTENDORFF, João Filipe. — *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. Na « Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro », LXXII, 1.ª Parte (1910). Bettendorff. *Chronica,...]*.

BORGES DA FONSECA, António José Vitoriano. — *Nobiliarchia Pernambucana*. Nos « Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro ». I (vol. XLVII); II (vol. XLVIII), Rio de Janeiro, 1935. [Borges da Fonseca, *Nobiliarchia Pernambucana,...]*.

BRIQUET, Raul. — *Educação*. Em « Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros ». Rio de Janeiro, 1949.

Brotéria. Vols. 1-54. Lisboa, 1926-1952. Em curso de publicação.

BURY, J. B. — *Jesuit Architecture in Brazil*. Em « The Month », CXC, n.º 1000. p. 385-408. Londres, 1950.

CAEIRO, José. — *De exilio Provinciarum Transmarinarum Assistentiae Lusitanae Societatis Iesu*. Com a tradução portuguesa de Manuel Narciso Martins. Introdução de Luís Gonzaga Cabral e Nota Preliminar de Afrânio Peixoto, Baía, 1936. [Caeiro, *De Exilio,...]*.

CARAYON, August. — *Documents Inédits concernant la Compagnie de Jésus*. 23 vols. Poitiers, 1863-1886. [Carayon. *Doc. Inédits,...]*.

CARDIM, Fernão. — *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. Introduções e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro. 1925. [Cardim, *Tratados,...]*.

CARDOSO, Manuel S. — *The Lay Brotherhoods of Colonial Bahia*. Em « The Catholic Historical Review », XXXIII, n.º 1, p. 12-30. Washington, 1947.

Cartas Jesuíticas. Publicações da Academia Brasileira de Letras, « Colecção Afrânio Peixoto »:—I. Manuel da Nóbrega, *Cartas do Brasil, 1549-1560*. Anotadas por Vale Cabral e Rodolfo Garcia. Rio de Janeiro, 1931. *[Cartas de Nóbrega,...]*;—II. *Cartas Avulsas, 1550-1568*. Anotadas por Afrânio Peixoto. Rio, 1931. *[Cartas Avulsas,...]*;—III. *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões do Padre Joseph de Anchieta, S. I., 1554-1594*. Anotadas por António de Alcântara Machado. Rio, 1933. *[Cartas de Anchieta,...]*.

Cartas do Padre António Vieira. Coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, 3 Tomos. Coimbra, 1925-1928 *[Cartas de Vieira,...]*.

CASTRO, José de. — *Portugal em Roma*, 2 vols. Lisboa, 1939. [Castro, *Portugal em Roma,...]*.

COSTA, Lúcio. — *Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro*, na « Revista do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional », III, p. 149-162. Rio de Janeiro, 1939.

— *A Arquitetura dos Jesuítas no Brasil*, na « Revista do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional », V, p. 9-100. Rio de Janeiro, 1941.

DELATTRE, Pierre. — *Frères Archivistes, Architectes et Artistes dans la Province d'Aquitaine*. Em « Archivum Historicum Societatis Iesu », XIV, fasc. I-II, p. 138-150. Roma, 1945.

DENIS, Ferdinand. — *Brésil*, Paris, 1839.

Documentos Históricos. Publicações da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Em curso de publicação *[Doc. Hist.,...]*.

ECKART, Anselmo. — *O Diário do P. Eckart ou as suas prisões em Portugal desde 1755 a 1777*. Traduzido por Mgr. Manuel Marinho no livro « Galeria de Tyrannos ». Porto, 1917. *[Diário de Eckart,...]*.

FONSECA, Manuel da. — *Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes*, 2.ª ed. S. Paulo, s. a.

FRANCO, António. — *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Evora do Reyno de Portugal*. Lisboa, 1714. [Franco, *Imagem de Évora,...]*.

— *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus na côrte de Lisboa*. Coimbra, 1717. [Franco, *Imagem de Lisboa,...]*.

— *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Coimbra*, I, Évora, 1719; II, Coimbra, 1719. [Franco, *Imagem de Coimbra,...]*.

— *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*. Porto, 1931. [Franco, *Ano Santo,...]*.

FURLONG, Guilhermo. — *Orígenes del Arte Tipográfico en América especialmente en la República Argentina*. Buenos Aires, 1947.

GUIMARÃES, Argeu. — *Noticia Historica das Bellas Artes* no «Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil», 2 vols. Rio de Janeiro, 1922.

HEITOR CORREIA DE AZEVEDO, Luís. — *Música*. Estudo no «Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros». Rio de Janeiro, 1949.

História da Colonização Portuguesa do Brasil. [Diversos Autores]. Vol. III. Porto, 1924.

HUONDER, Anton. —*Deutsche Jesuitenmissionäre des 17. und 18. Jahrunderts. Ein Beitrag zur Missionsgeschichte und zur deutschen Biographie*. Freiburg im Breisgau. 1899. [Huonder, *Deutsche Jesuitenmissionäre,...]*.

LAMEGO, Alberto. — *A Terra Goitacá*, 8 vols. Bruxelas-Niteroi. 1923-1947 [Lamego, *A Terra Goitacá,...]*.

LANGHANS, Franz-Paul de Almeida. — *As Corporações dos Ofícios Mecânicos — Subsídios para a sua história*. Com um estudo do Prof. Doutor Marcelo Caetano. 2 vols. Lisboa, 1943-1948.

— *A Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa — Subsídios para a sua história*. Lisboa, 1948.

LEITE, Serafim. — *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 Tomos. Lisboa-Rio de Janeiro, 1938-1950. [Leite, *História,...]*.

— *Páginas de História do Brasil*. S. Paulo, 1937. [Leite. *Páginas,...]*.

— *Novas Cartas Jesuíticas — De Nóbrega a Vieira*. S. Paulo, 1940. [Leite, *Novas Cartas Jesuíticas,...]*.

— *Luiz Figueira — A sua vida heróica e a sua obra literária*. Lisboa, 1940. [Leite, *Luiz Figueira,...]*.

— *A Música nas primeiras Escolas do Brasil*. «Brotéria», 44. Lisboa, Abril de 1947; *A Música nas Escolas Jesuíticas do Brasil no Século XVI*, «Cultura». Ministério de Educação e Saúde. Serviço de documentação, II, p. 27-39. Rio de Janeiro, 1949.

— *Francisco Dias, Jesuíta Português, Arquitecto e Piloto no Brasil, 1538-1633*. «Brotéria», 51, fasc. 4, p. 257-265. Lisboa, 1950.

— *Vicente Rodrigues, primeiro Mestre-Escola do Brasil, 1528-1600*. «Brotéria», 52, fasc. 3, p. 288-300. Lisboa, 1951.

— *Pintores Jesuítas do Brasil*. «Archivum Historicum Societatis Iesu», XX, pp. 209-230. Roma, 1951.

— *António Rodrigues, primeiro Mestre-Escola de São Paulo (1553-1554)*. «Brotéria», 55, pp. 303-310. Lisboa, 1952.

Lettere Edificanti della Provincia Romana. Roma, 1909.

Lettres Edifiantes et Curieuses. Vol. XVII, Paris, 1785.

LÚCIO DE AZEVEDO, J. — *Os Jesuítas no Grão Pará — Suas Missões e a Colozação*. Coimbra, 1930.

Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros, organizado sob a direcção de Rubens Borba de Morais e Willien Berrien. Rio de Janeiro, 1949. *[Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros,...]*.

MARIANO FILHO, José. — *Estudos de Arte Brasileira*. Rio de Janeiro, 1942.

Monumenta Historica Societatis Iesu: Epistolae Mixtae, I, Madrid, 1898; *Nadal*, IV, Madrid, 1905. [MHSI,...].

NÓBREGA, Manuel da. — *Cartas do Brasil*: Ver *Cartas Jesuíticas*.

Nuovi Avisi dell'Indie di Portogallo. Terza Parte. Veneza, 1562.

PASTELLS, Pablo. — *El descubrimiento del Estrecho de Magallanes*, Madrid. 1920.

PFISTER, Louis. — *Notices Biographiques et Bibliographiques sur les Jésuites de l'Ancienne Mission de Chine, 1552-1773*, I. Chang-Hai, 1932.

POLANCO, João Afonso de. — *Chronicon Societatis Iesu*. Vol. V, Madrid, 1897.

Processus Beatificationis et Canonizationis Ven. Servi Dei Iosephi Anchieta Sacerdotis Professi Societatis Iesu. Roma, 1910. Contém processos organizados em vários lugares [*Processo de Anchieta*, Baía, 1712 ; Rio, 1716 ; Baía, 1743].

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 147 vols. Rio de Janeiro, 1838-1947 [1950]. Em curso de publicação.

Revista do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 1937 ss. Em curso de publicação.

RIO BRANCO, Barão do. — *Efemérides Brasileiras*. Rio de Janeiro, 1946.

RODRIGUES, Francisco. — *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, 4 Tomos (7 vols.). Porto, 1931-1950 [Rodrigues, *História*,...].

SANTA MARIA, Agostinho de. — *Sanctuario Marianno*. Tomo IX. *Contém a historia das Imagens milagrosamente apparecidas no Arcebispado da Bahia, e mais Bispados de Pernambuco, Parahiba, Rio Grande, Maranhão e Grão Pará* ; Tomo X e ultimo. *Contém a historia das Imagens que se veneram em todo o Bispado do Rio de Janeiro e Minas, e em todas as Ilhas do Oceano*. Lisboa, 1722-1723. [*Santuário Mariano*,...].

SANTOS, Paulo F. — *O Barroco e o Jesuítico na Arquitetura do Brasil*. Rio de Janeiro, 1951.

SANTOS, Reinaldo dos. — *Conferências de Arte*, Lisboa, 1943.

SMITH, Robert C. — *Jesuit Buildings in Brazil*. Em « The Art Bulletin », XXX, New York, 1948.

SOUSA VITERBO. — *Diccionario historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a serviço de Portugal*. 2 vols. Lisboa, 1899-1904. [Sousa Viterbo, *Diccionario*,...].

— *Artes e Artistas em Portugal — Contribuição para a história das Artes e Indústrias Portuguesas*. 2.ª edição correcta e augmentada. Lisboa, 1920.

— *Subsidios para a historia da Musica em Portugal — A Musica sagrada nas diversas terras de Portugal*. Lisboa, 1911.

VASCONCELOS, Simão de. — *Vida do Padre Joam d'Almeida da Companhia de Iesu, na Provincia do Brazil*. Lisboa, 1658. [Vasconcelos, *Vida do P. João de Almeida*...].

— *Chronica da Companhia de Iesu do Estado do Brazil,... emquanto alli trabalhou o Padre Manoel da Nobrega Fundador e primeiro Provincial desta Provincia com sua vida e morte digna de memoria*. Lisboa, 1663. [Vasconcelos, *Chronica*,...].

— *Vida do Veneravel Padre Ioseph de Anchieta da Companhia de Iesu*. Lisboa, 1672. [Vasconcelos, *Vida de Anchieta*,...].

VIEIRA, António. — Ver *Cartas do Padre António Vieira*.

— *Relação da Missão de Ibiapaba*. Em « Vozes Saudosas » . Lisboa, 1736.

— *Sermoens*, IV, Lisboa, 1685.

Preliminares

I — Ofícios dos Irmãos

Na Companhia de Jesus, os Irmãos ocupam-se em duas espécies de ofícios. Os que são comuns a todas as Casas, num plano mais vasto do que o de uma casa particular, mas essencialmente os mesmos : em todas há cozinha, dispensa, mesa onde se come, porta da casa, caixa ou armário de roupa, limpeza da casa, compras do que é preciso, e, nas casas cristãs, um pequeno oratório. Portanto, numa Residência grande ou Colégio com Igreja anexa : cozinheiro, dispenseiro, refeitoreiro, porteiro, roupeiro, o encarregado da limpeza, comprador, sacristão. Estes são os ofícios domésticos ou comuns. Há-os que já não são comuns e são pròpriamente os ofícios mecânicos : alfaiates, sapateiros, barbeiros, pedreiros, ferreiros, torneiros, carpinteiros, que podem subir a expressão artística se são entalhadores e escultores (e o mesmo na pintura); livreiros e encadernadores, tecelões, pastores (curraleiros), hortelões, agricultores ; enfermeiros, cirurgiões, farmacêuticos, e. por necessidade local — como sucedeu no Brasil — pescadores, pilotos, construtores navais, e oleiros ; e ainda companheiros do Provincial, Mestres de Meninos, ajudantes do Padre procurador e algumas vezes procuradores eles próprios. Nas casas maiores há ainda o Ir. Soto-ministro, sem autoridade sobre os Irmãos, mas que está em contacto com os Ministros ou Reitores dos Colégios para receber e transmitir aos Irmãos quaisquer instruções convenientes ao bom andamento comum.

Os primeiros ofícios não constam dos Catálogos do Brasil, que só os começaram a referir em 1565. Antes, tiram-se das cartas dos encarregados de escrever as notícias locais. Em 1560 na Capitania de S. Vicente, sem contar os ofícios domésticos, os Irmãos faziam vestidos, sapatos, alpercatas ; eram barbeiros e sangradores ; cons-

truíam casas e objectos de barro (construtores e oleiros); e outras coisas semelhantes [1].

A Portugal pediam-se Padres para Mestres e Evangelizadores do Brasil; e, com a mesma ânsia, Irmãos que fossem hábeis nas Artes e Ofícios. Nóbrega ao chegar pediu tecelões, e semente para a lavoura. Tratou-se disto mais a fundo, com a visita do B. Inácio de Azevedo, o qual os procurou adquirir em Portugal e por onde quer que passasse, e tanto da Companhia, como de fora. E na volta ao Brasil, em 1570, levava bom grupo de Irmãos com os seus ofícios próprios. Não se identificaram todos. Dos averiguados eram: um roupeiro e comprador (B. Manuel Álvares, de Estremoz), um tecelão e cardador (B. Francisco Álvares, da Covilhã), um pintor (B. João de Maiorga, do Reino de Aragão), um ourives (B. Afonso Baena), um bordador, oficial de passamanaria (B. Estêvão de Zurara, da Biscaia), um marceneiro (B. António Fernandes, de Montemor o Novo), um carpinteiro (Pedro Fernandes) e dois alfaiates, cujos nomes se não declaram. Entre os oficiais seculares, Azevedo levava dois carpinteiros, quatro pastores, três tecelões, um sapateiro, quatro trabalhadores, um telheiro e dois peleiros (preparadores de peles) [2].

Isto nos começos e dentro do Estado do Brasil. E o mesmo sucedeu no do Maranhão, quase um século depois, ao proceder-se à sua evangelização, em que se sentia a mesma necessidade de artífices. Vieira pedia e insistia em 1660, com o P. Geral, que enviasse «Irmãos Coadjutores oficiais, principalmente pintores, alfaiates, sapateiros, ferreiros, carpinteiros, pedreiros» [3].

Com todas estas instâncias e, apesar das dificuldades, iam-se desenvolvendo pouco a pouco as Artes e Ofícios de acordo com o aumento do Brasil e da Companhia; e atingiram o seu apogeu durante a construção da Igreja da Baía (a actual Catedral-Primaz). O Catálogo de 1692, no ano seguinte ao que o P. António Vieira concluíu o seu governo de Visitador Geral, quando ainda continuavam as obras internas da Igreja e do Colégio da Baía, traz os seguintes Irmãos no mesmo Colégio:

Manuel Ribeiro, soto-ministro.
Salvador Pereira, sacristão.

---

1. *Cartas de Anchieta*, 151.
2. Cf. Leite, *História*, II. 256-263.
3 Leite, *Novas Cartas Jesuíticas*, 278.

Manuel Pires, piloto,
Luís Manuel, construtor naval,
João Martins, inspector das Fazendas,
Domingos Rodrigues, pintor-dourador,
Manuel Viana, ajudante do procurador,
Sebastião de Arez, roupeiro,
Pedro Natalini, porteiro [1.º],
Luís Pereira, comprador e chefe dos trabalhos agrícolas,
António da Costa, bibliotecário,
André da Costa, farmacêutico,
José Álvares, dispenseiro e artífice de peles e sola lavrada,
Bento da Cruz, carpinteiro,
Mateus da Costa, carpinteiro e escultor,
Domingos Xavier, carpinteiro e escultor,
Domingos Gonçalves, porteiro [2.º],
Luís da Costa, carpinteiro e escultor,
José Lourenço, enfermeiro,
Mateus Pacheco, outro porteiro [3.º].

Na Casa de Provação [que ainda então era no próprio Colégio]:

Inácio de Moura, soto-ministro; e os irmãos noviços:
Pedro Gonçalves, cirurgião,
Domingos Esteves, dispenseiro,
Bento Ribeiro, cozinheiro,
Manuel da Costa, cereeiro e escultor,
Manuel Machado, ourives,
Domingos Monteiro, pintor-dourador,
António Branco, artífice de peles e sola lavrada.

E ainda nas dependências imediatas do Colégio da Baía:

Domingos Dantas, director do Engenho da Pitanga;
José de Torres, fabricante de canoas em Tejupeba;
Francisco Simões, carpinteiro em Tejupeba;
João de Crasto, cortador de madeiras no Camamu [1].

Neste Catálogo do Colégio da Baía, em 1692, sobressai de modo particular o concernente a obras de madeira, porque eram essas no momento as que mais se requeriam para a talha e esta-

---

1. *Bras. 5 (2)*, 85-85v.

tuária da Igreja. Inclui o Catálogo, como sempre, todos os ofícios, comuns e não comuns, e dá a fisionomia do trabalho nos grandes Colégios, pressupondo ainda o pessoal menor necessário para assegurar os serviços de cada oficina, cozinha, refeitório, sacristia, dispensa, etc. O estudo destes trabalhos comuns não é objecto do presente livro, que não é um catálogo geral dos Irmãos Coadjutores da Província do Brasil e Vice-Província do Maranhão e Pará, com o escopo e correspondente obrigação de mencionar todos e cada um dos Irmãos, qualquer que fosse a sua ocupação e ofício. Todas as manifestações do trabalho são úteis, quaisquer que sejam; e isto é tão certo dentro das comunidades religiosas como fora delas. Mas a organização dum catálogo geral dos Irmãos Coadjutores supõe em boa razão que se organize primeiro o catálogo geral dos Padres, que não é o que actualmente nos propomos. O que intendemos aqui é o que está delimitado no título desta obra, pelo interesse particular que sempre têm as Artes e Ofícios, não só por si mesmos, como também pelo que significam de influxo externo no meio em que se produziram.

II — Oficinas de Artes e Ofícios

Os primeiros Seminários dos Meninos de Jesus, iniciados por Nóbrega na Baía e logo também em S. Vicente, tinham uma intenção de formação missionária. Mas a cristianização doutrinal e moral, sem base antiga, não permitia ainda a ascensão ao sacerdócio do elemento indígena, excepção feita para um ou outro mestiço : e pràticamente foram escolas de catequese e de artes e ofícios. Mas, sob este aspecto, também a aprendizagem foi difícil, porque os rapazes ainda tinham presente na imaginação a vida da selva, onde, com a pequena agricultura, o trabalho necessário para o sustento da vida era apenas o da caça e pesca. Criar hábitos de laboriosidade disciplinada em quem nascia assim, seria um milagre psicológico. Tendo na cabeça a imagem da sua Aldeia, de casas de palha : de que servia, por exemplo, aprender as artes de pedreiro e carpinteiro ? E na verdade assim é, se tudo devesse continuar como antes. Mas o Brasil nascia. Examinando em 1561 os resultados, observa Nóbrega que os rapazes saídos daquelas primeiras escolas, ainda quando voltavam aos costumes do mato, « não voltam a comer carne humana, antes o estranham muito a seus pais » [bastava isto para glorificar todo o trabalho tido com eles]; e muitos, quando estão em perigo de morte, « sabem procurar melhor a sua salvação »; e todo o seu voltar atrás era andarem no caminho da carne e andarem nus: por não terem vestidos como antes, sentiam vergonha de ir à igreja. E — é sempre Nóbrega quem fala — « dos que se recolheram não se perderam todos, porque alguns morreram durante a inocência, outros *deram-se a ofícios,* outros passaram a outras partes, onde perseveram na fé recebida » [1]. A este número dos *dados a ofícios* deviam já pertencer aqueles de que fala Luís da Grã em 1554 : « Destes moços pus a aprender ofícios quatro ou cinco, e isto se há-de fazer com outros » [2].

Os ofícios dos meninos índios, que aprenderam sob o amparo dos Padres e ficaram na Baía e vilas do litoral, é sem dúvida a primeira página do trabalho civilizado, que sem ser de português do Reino, se diferencia do primitivo indígena : quer dizer, já é trabalho brasileiro. E assim principiou tudo no Brasil. Vicente Rodrigues

1. Carta do P. Manuel da Nóbrega ao P. Geral Diogo Laines, de S. Vicente, 12 de Junho de 1561, em Leite, *Novas Cartas Jesuíticas,* 107.
2. *Ib.,* 166.

começou a aprender o ofício de tecelão para ensinar os Índios, o Ir. Diogo Jácome, o de torneiro que de facto ensinou; e os ofícios de carpintaria dos Padres António Pires e Afonso Brás só se podem compreender com Índios ajudantes e aprendizes, constando positivamente que o Ir. Amaro Lopes ensinou a Índios e Negros o ofício de oleiro. Pouco a pouco, mas com segurança, iam-se exercendo e crescendo em volume os ofícios e artes à proporção que a vida social evoluía e se agrupavam à roda dos Colégios e das Fazendas, trabalhadores, livres e escravos, nas grandes construções de Colégios e Igrejas.

No Maranhão também se procedeu a este ensino, mas teve maiores contrastes, e no começo eram poucos os Irmãos artífices. A propósito do Ir. Manuel Rodrigues, que construíu a Igreja da Fazenda de Anindiba na Ilha de S. Luís, dá Bettendorff uma notícia que interessa à aprendizagem do trabalho e mostra como no Maranhão durante o século XVII, com os Irmãos de casa conviviam oficiais de fora, e como também estes algumas vezes deviam a perícia da arte à solicitude dos Padres:

O Ir. Manuel Rodrigues havia « feito um retábulo de cedro que podia aparecer em as melhores Igrejas de cidade, dando ele a traça, e sendo entalhadores Francisco, filho de Alonso, feitor da Ilha, e Mandu com Miguel, carapinas da Fazenda. Tinha eu posto Francisco com Diogo de Sousa, entalhador, casado em a cidade de S. Luís, depois de ter sido noviço da Companhia, e lhe tinha posto em a mão a pena para aprender a debuxar, tendo visto nele grande habilidade para obras de entalhador. Porque do Brasil vinha quase mestre marceneiro, por ter sido um dos que o P. Provincial Alexandre de Gusmão tinha empregado para as belas obras de casco de tartaruga, que fez em a incomparável sacristia do Colégio da Baía; e para sair destro de todo, o tinha depois posto com Manuel Manços, entalhador do Reino, que estava fazendo os retábulos do altar-mor da Igreja nova de Nossa Senhora da Luz »[1].

Aquele Mandu e aquele Miguel, carpinteiros (carapinas) da Fazenda de Anindiba pertenciam ao pessoal de casa; e embora a todos chame entalhadores, o relevo dado a Francisco, que ensinara a debuxar, supõe que ele era o que dirigia a execução como escultor, da mesma forma que na lista dos oficiais do Colégio do Pará de 1718 se distinguem os escultores dos carpinteiros.

1. Bettendorff, *Chronica*, 506-507.

Nas Aldeias cuidavam os Jesuítas em que os Índios livres aprendessem ofícios. mas aqui os obstáculos cresciam ; porque apenas os sabiam, procuravam logo os moradores e governantes subalternos aliciá-los para os seus serviços desorganizando as Aldeias. Foi necessário que El-Rei D. João V, na sua carta de 16 de Janeiro de 1727, ao Governador do Maranhão, determinasse que « nas Aldeias de Índios houvesse sempre alguns que fossem oficiais ferreiros, tecelões, carpinteiros e oleiros, e que não pudessem ser tirados delas por nenhuma pessoa, de qualquer qualidade que fosse, sem ordem dos Padres » [1]. As leis régias iludiam-se; e malquistavam-se os Padres na defesa das leis. Por isso tinham já tomado o alvitre de manter, entre o seu próprio pessoal, trabalhadores aptos, que ficassem ao abrigo de tão contínuos desconcertos e pressões externas. Além de Índios livres, que servissem os moradores, formavam e ensinavam os próprios escravos, com quem pudessem contar para a continuidade dos trabalhos em curso nas Igrejas, Colégios e Missões. E ainda que estes trabalhadores pelo regime, então legal e geral da Escravatura, estavam a serviço da Companhia, na realidade tudo era a serviço do bem comum, dado o carácter institucional da Companhia a serviço da catequese e do ensino. O seguinte documento é explícito no que toca ao empenho da Companhia em ensinar ao seu pessoal as Artes e Ofícios, que na Europa eram exercidos por brancos. Trata-se de pessoal do Colégio do Pará, pelo ano de 1718 em que havia obras no mesmo Colégio e na Igreja:

« *Pedreiros :* Francisco Maçus, preto, e Manuel Garcia, preto, escravos e pertencentes a Jaguarari, com os quais, e Estêvão da dita Fazenda aprenderam nestes anos Manuel, preto, e Matias, índio da Fazenda de Gibrié, Caetano, índio forro da Fazenda de Mamaiacu.

Ferreiros, ensinados nestes anos : Casimiro e Silvestre, índios, Pero, preto, e Lázaro seu filho, forro pela mãe, da Fazenda de Gibrié, Miguel, preto, e Inácio, escravos da Fazenda de Jaguarari.

Carpinteiros : Inácio e Feliz, pretos, escravos da Fazenda de Jaguarari, António Guaiapi. Raimundo Tupinambá e Mandu Gregório, da Fazenda de Mamaiacu ; Américo e João, índios, deixados ao Colégio ; Mandu, cafuz, escravo do Engenho de Ibirajuba.

Escultores : Manuel. Ângelo e Faustino, índios de Gibirié, escravos.

Torneiros : António, Clemente, índios, escravos de Gibirié [2].

---

1. Bibl. de Évora. Cod. CXV/2-12. 142.
2. Gibirié e Gibrié — ambas as formas no mesmo documento.

Alfaiates: Francisco, preto, Duarte, índio, e António, corcovado e preto, escravos da Fazenda de Jaguarari.

Tecelões: De novo aprenderam, Januário em Gibirié, e António, forro, em Mamaiacu.

Além destes oficiais, que de ordinário assistem no Colégio, têm as Fazendas outros para seu serviço, de que nos Catálogos se faz menção, e principalmente têm canoeiros e serradores » [1].

Note-se que a todos estes Índios e Pretos se dá o qualificativo de oficiais, nomenclatura própria dos mesteres portugueses, dentro da categoria de oficiais mecânicos. O que na linguagem actual se entende por operários qualificados, não simples aprendizes [2].

---

1. Catálogo deste Colégio de Santo Alexandre [1718?]. Arq. da Prov. Port., Pasta 177 (21). — Tanto este como os aludidos no último período, são Catálogos privativos de cada Casa, diferentes dos que se enviavam à Cúria Generalícia, que habitualmente citamos. Os que iam para lá só tratam, como é natural, das pessoas — Padres e Irmãos — da Companhia, e não do pessoal de fora, existente em cada Casa ou Colégio.

2. « Chamava-se oficial o artista que obtinha perfeita preparação técnica no seu ofício. De *aprendiz* passavam a *meio-oficial*. Os que empreitavam ou conduziam serviços eram chamados *Mestres* ». José Mariano Filho, *Estudos de Arte Brasileira* (Rio de Janeiro, 1942) 11.

III — Confrarias de Oficiais Mecânicos

Os ofícios mecânicos entraram no Brasil com os Portugueses, primeiro nas vilas dos Donatários, e logo, mais abundantes, ao fundar-se o Estado do Brasil em 1549. Na armada que levou Tomé de Sousa e Nóbrega chegaram todos os elementos necessários à administração e defesa do novo Estado e a construção da sua capital que se ia erguer ali, onde antes não havia senão matas e alguma cabana de palha. Com os Jesuítas e os homens da administração civil e militar, assinala-se a presença dum médico (« físico-cirurgião »), dum arquitecto e dum mestre de obras, e contam-se numerosos pedreiros, carpinteiros, serradores, tanoeiros, ferreiros, serralheiros, caldeireiros, cavouqueiros, carvoeiros, caeiros (fabricantes de cal), oleiros, carreiros (fabricantes de carros), pescadores, construtores de bergantins, canoeiros, e até um barbeiro e um encadernador. Constam os seus nomes dos respectivos mandados de pagamento à custa da fazenda real, isto é, do tesouro português (e a princípio não podia deixar de ser assim). Inventariou-os Rodolfo Garcia na « Explicação Prévia » à publicação destes mandatos [1].

Com serem relativamente numerosos, revelou-se o Brasil tão ilimitado na costa e em profundidade, que toda a mão de obra como existia na Europa era insuficiente para o desbravar e cultivar. Recorreu-se ao regime do trabalho servil que já existia no mundo antes de haver Portugueses, e já na América Espanhola antes de se fundar o Estado do Brasil, assim como o haveria em todas as mais «Américas» europeias (francesa, holandesa e inglesa) e também nas «Américas» independentes de diversas denominações, até desaparecer de todo pela luta contra a escravatura iniciada na Europa.

Esta condição social e económica de toda a América, e portanto também do Brasil, colocava a maioria dos homens de trabalho na dependência dos seus senhores, e criava meio pouco propício para as associações de mesteres constituídas por homens livres. Contudo a transplantação para o Brasil do municipalismo da Mãe-Pátria levava consigo as mesmas fórmulas. Nas Câmaras Municipais um dos cargos electivos era o « Pelouro dos Mesteres »; e nalgumas partes os ofícios mecânicos se apresentaram com esplendor. Em 1611, quando chegou a Pernambuco a estátua de S. Iná-

1. *Doc. Hist.,* XXXVI (1937) p. IX-XXXI.

cio, nas festas de recepção ostentaram-se também os homens do trabalho manual. Logo a seguir aos soldados, que abriam o cortejo vestidos de seda e de estandartes desfraldados, iam os « oficiais mecânicos » com as suas bandeiras e as mais confrarias de Pernambuco, com vestes também de seda e os seus diversos distintivos, e com as suas 18 cruzes de prata e oiro [1]. Estas bandeiras e confrarias eram como as portuguesas. Nas corporações de ofícios mecânicos, com representação na « Casa dos 24 » de Lisboa, havia ofícios embandeirados e não embandeirados: Bandeira de S. Miguel, grupo de ofícios de que os sombreireiros (chapeleiros) eram a cabeça ao menos algum tempo; Bandeira de S. Jorge, de ferreiros e afins; de S. Crispim, de sapateiros e afins; de S. José, de carpinteiros (e pedreiros), etc. Na bandeira estava pintado o santo, patrono de cada qual. Junto com as Bandeiras havia as Confrarias, de sentido mais restrito. Bandeira, grupo de ofícios; Confraria, de um só ofício e tinha o fim primordial de beneficência e auxílio mútuo (incluindo a princípio hospitais), e também cada qual com o seu santo patrono pintado na bandeira, porque as Confrarias também possuíam as suas próprias [2].

Para a cultura da piedade dos trabalhadores de Pernambuco fundaram os Jesuítas nos começos de 1614 as Confrarias dos Oficiais Mecânicos e, ao mesmo tempo, na Baía e no fim do ano ou começos de 1615 no Rio de Janeiro. Mas estas Confrarias já englobavam todos os ofícios locais.

Fundou a de Pernambuco o P. Luís Figueira, Reitor do Colégio de Olinda, ficando a dirigi-la o P. Simão Pinheiro até o P. Figueira concluir o seu governo, findo o qual assumiu ele próprio a direcção da mesma Confraria, como se diz em 1617 (« Prefeito da Confraria ») [3]. Na Baía era Reitor o P. Domingos Coelho e foi primeiro prefeito o P. Jerónimo Peixoto, lente de Teologia e pregador, a quem sucedeu o P. Marcos da Costa (1616) e o P. Pero Rodrigues (1617). No Colégio do Rio de Janeiro era Reitor o P. Fernão Cardim; e foi o «Prefeito da Confraria» o P. António

---

1. Leite, *História*, V, 421.

2. As corporações portuguesas já estão estudadas, cf. Franz-Paul de Almeida Langhans. *As Corporações dos Ofícios Mecânicos — Subsídios para a sua história*. Com um estudo do Prof. Doutor Marcelo Caetano, 2 vols. Lisboa. 1943-1948; Id., *A Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa — Subsídios para a sua história*, Lisboa, 1948.

3. *Bras. 5 (1)*, 118.

de Matos (1616), a quem sucedeu o P. Pantaleão dos Banhos (1617) [1]. Nenhuma destas Confrarias se regista no Catálogo de 1614 anterior à carta de Junho deste mesmo ano, em que o Provincial Henrique Gomes conta os primeiros princípios das da Baía e Pernambuco. E não fala ainda na do Rio de Janeiro, donde se conclui que foi fundada no segundo semestre de 1614 ou princípios de 1615. O Provincial escreve da Baía:

« Começando pela nova *Confraria dos Oficiais Mecânicos*, que há pouco se instituiu em este Colégio e no de Pernambuco, em ambas teve bons princípios e vai com igual aumento, ainda que o Diabo parece começou logo a prever ou sentir já o bem de tal obra, e, por meio de gente pouco considerada, a quis encontrar, desautorizando-a com título de confraria de vilãos ruins; porém saiu-lhes ao revés a pretensão, que isso mesmo excitou a muitos a aceitarem e virem pedir com instância, antes não faltaram, dos mais honrados, alguns que fizessem muita por serem admitidos, e vendo se lhes fechavam as portas com dizer era confraria sòmente de oficiais, replicaram que também o eram, alegando por si serem Senhores de Engenhos, título que em outras ocasiões alegam para se enobrecerem, como em efeito os tais são, pela maior parte, os grandes do Brasil. A de Pernambuco me escreveram agora ir mui florente e passarem os confrades já de cento; aqui são mais de 80. Logo fizeram suas mesas, opas, e pretendem fazer cruzes, mandar vir imagens de Nossa Senhora e o mais necessário para uma lustrosa confraria; e da primeira vez que aqui tiraram esmola entre si, para esse efeito, ajuntaram 50$000 reis. E enfim em estas mostras têm já mais necessidade de freio que de esporão, mas como não está de todo assentada, imos devagar, e sòmente tiram seus santos, confessam-se e comungam todos juntos cada mês, a uma missa que lhes diz o P. Jerónimo Peixoto, mestre seu, e com quem correm em suas coisas » [2].

Como declara Henrique Gomes, ia-se devagar pela razão apontada por ele próprio, a distinção que se começava a acentuar entre oficiais mecânicos e senhores de Engenho, com predomínio dos primeiros. Quer dizer: as associações impunham-se mais já no sentido de classes sociais do que de corporações de ofícios.

Em todo o caso a Confraria de Pernambuco manteve-se, tomou

1. *Bras. 5 (1)*, 115v, 117v.
2. Cf. Leite, *História*, V, 10-11.

como patrona Nossa Senhora da Paz e em 1619 chamava-se « Irmandade da Paz » e era seu Prefeito o P. Salvador Coelho [1], que o foi durante alguns anos. A invasão holandesa impediu a sua vida associativa, mas depois dela restabeleceu-se com o título de « Congregação de Nossa Senhora da Paz », constituída por artífices e homens da classe mercantil, o que a esse tempo se chamava « plebeus », tão importante já que se algum « nobre » queria entrar nela só se aceitava com a condição de pagar quota dobrada. E havia quem o desejasse não obstante terem os nobres, para si, já outra, a « Congregação de Nossa Senhora da Conceição » [2]. Como se vê, a « Confraria de Oficiais Mecânicos », de 1614, evoluíra no sentido de classes sociais, plebeus e nobres.

A da Baía iria evoluir ou desagregar-se no prisma das cores, por 1619, e certamente contra a vontade dos Padres, que se apartaram da direcção, deixando de figurar no Catálogo do Colégio da Baía, o cargo de « Prefeito da Confraria ». E o mesmo, no Colégio do Rio de Janeiro, que seguiria rumo idêntico ao da Baía. Os homens da Baía dividiram-se em dois grupos ou Irmandades, a de Nossa Senhora do Rosário dos *Pretos* e a de Nossa Senhora do Rosário dos *Brancos*. Desta segunda se afastaram mais tarde os filhos dos Brancos, nascidos de mãe não branca — os Mestiços ou *Moços Pardos* — que fundaram uma terceira Irmandade com diferente invocação. Vieira refere-se ao sucesso, no seu livro « Rosa Mística », sermão XX do Rosário, quando trata das três cores da gente da Baía, Brancos, Pretos e Pardos, e de como (o que vinca o facto social) se separaram em Irmandades distintas. O P. António Vieira achava melhor que todos estivessem unidos numa só, grande, cristãmente : « Os em que acho menos razão são os Pardos, porque não só separaram a Irmandade, mas mudaram o apelido. Os Brancos e os Pretos, sendo cores extremas, conservaram o nome do Rosário; os Pardos, sendo cor meia entre as duas, por mais se extremarem de ambas, deixando o do Rosário, tomaram o de Guadalupe » [3].

Não cabe aqui maior explanação sobre estas famosas Irmandades, nem sobre outras, que se fundaram no Brasil logo desde o princípio. É conhecido o que o P. António Pires escreve de Per-

1. *Bras. 5 (1)*, 121.
2. Leite, *História*, V, 452, 469-475.
3. Vieira, *Sermoens*, X (Lisboa 1688) 151.

nambuco a 5 de Junho de 1552: « Há nesta Capitania grande escravaria assim de Guiné como da terra. Têm uma Confraria do Rosairo. Digo-lhe missa todos os domingos e festas. Andam tão bem ordenados que é para louvar a Deus Nosso Senhor. Muita avantagem fazem os da terra aos de Guiné. Fiz procissão com eles todos os domingos da Quaresma e entre homens e mulheres seriam perto de mil almas, afora muitos que ficam nas fazendas, não entrando nela os Brancos, porque mais à tarde faziam os Brancos a sua. E o que ia de uma à outra de diferença era que os Brancos a poder de varas, juízes e meirinhos e almotaceis, se não podiam meter em ordem, sempre falando; e os Escravos iam em tanta ordem e tanto concerto, uns trás outros com as mãos sempre alevantadas, dizendo todos *ora pro nobis*, que faziam grande devação aos Brancos, em tanto que os juízes lhes davam em rosto com os Escravos. Depois que lhes digo missa, à tarde ensino-lhes a doutrina e às vezes lhes prego » [1]. Como esta, houve outras semelhantes um pouco por toda a parte nas Vilas e Cidades. Também não faltaram nas Aldeias dos Índios e nos Colégios sob a forma peculiar de Congregações de Nossa Senhora [2].

O assunto é vasto. Tocou-se nele apenas para situar no seu quadro próprio as Confrarias de Oficiais Mecânicos, fundadas pelos Jesuítas na Baía, em Pernambuco (e no Rio de Janeiro) em 1614.

---

1. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [S. Roque, Lisboa], 1-5, 2, 38, f. 28v; cf. *Cartas Avulsas*, 123-124.

2. Cf. Leite, *História*, II, 323; X, 64 (Índice Geral). A propósito da « Irmandade de S. António de Catagerona » (1699), há diversas notícias sobre outras Confrarias da Baía, em Manoel S. Cardozo, *The Lay Brotherhoods of Colonial Bahia*, « The Catholic Historical Review », XXXIII, n.º 1 (Abril de 1947) 12-30.

IV — Lugares onde residiram e trabalharam os Jesuítas do Brasil

(1549 - 1760)

Como se sabe os Padres da Companhia de Jesus, da Assistência de Portugal, tiveram Colégios, Residências e Fazendas desde o Amazonas ao Rio da Prata e da costa atlântica ao Mato Grosso. Muitas das suas Casas e Igrejas não existem hoje. Mas ainda as há, de pé, nos Estados do Pará, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Sergipe, Baía, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. As que chegaram à actualidade quase todas as vimos pessoalmente e são hoje monumentos nacionais classificados. Outras Igrejas foram reconstruídas quer ainda no tempo dos Jesuítas quer depois. Mas das que não existem, ter-se-á perdido tudo ? Deve-se ter presente que ao reconstruir-se uma Igreja, nunca se destroi o recheio da anterior, naquilo que tem de útil, sobretudo o que é prata e oiro e arte móvel, nos sectores de pintura, estatuária, marcenaria fina: quadros, imagens, credências, sacras, tocheiros, retábulos, e às vezes altares inteiros, como é patente na Igreja de Embu (Mboi), São Paulo.

AMAZÓNIA

— Belém do Pará: *Colégio de S. Alexandre* e *Igreja de S. Francisco Xavier* (hoje Seminário).

— Margem esquerda do Amazonas: No Rio Negro (Tarumás) e Residência na Casa Forte (Manaus); Aldeias de Abacaxis (depois da mudança: Serpa — Itacoatiara), de S. Cruz do Jamundá (Faro), de Gurupatuba (Monte-Alegre), de Urubucuara (Outeiro — Prainha), de Jacuacuara, etc. E também no actual Território do Amapá).

— Margem direita do Amazonas:

— No Rio Javari: Aldeia de S. Francisco Xavier, fronteira das Terras de Portugal com as de Espanha.

— No Rio Madeira: Aldeias de S. António das Cachoeiras, Trocano (Borba), Abacaxis e Tupinambaranas.

— No Rio Tapajós: Aldeias de Tapajós (Santarém), Iburari (Alter do Chão), Arapiuns ou Cumaru (Vila Franca), S. Inácio (Boim), S. José de Maitapus (Pinhel), Santa Cruz e Aveiro.

— No Rio Xingu: Aldeias de Muturu (Porto de Mós), Itacuruçá (Veiros), Piraviri (Pombal), Aricari (Sousel).

— No Rio Tocantins: Aldeias de Camutá, Inhuaba, Parijó e Itaboca.

— Na região dos Furos (entre a foz do Xingu e Belém do Pará): Aldeias de Mortigura (Vila do Conde), do Guamá, de Sumauma (Beja), Aricaru ou Nheengaíbas (Melgaço), Arucará (Portel), dos Bocas e Araticum (Oeiras) e Fazendas de Gibirié e Jaguarari.

— Na região de baixo até o Salgado ou Costa-Mar: *Casa-Colégio* e *Igreja da Mãe de Deus*, da Vigia; Aldeias do Cabu ou dos Tupinambás (Colares), Maguari, Muribira, Mocajuba, Tabapará, Maracanã, Caeté (Bragança), e Gurupi; Fazendas de S. Caetano, Mamaiacu (Porto Salvo) e Curuçá.

MARANHÃO

— Na ilha de S. Luís: *Colégio* e *Igreja de Nossa Senhora da Luz* (hoje Sé-Catedral), *Casa da Madre de Deus*, Aldeias ou Fazendas de Anindiba (Paço do Lumiar), S. Francisco, S. Marcos, S. Brás, Amandijuí, Iguaraú, S. Gonçalo e S. José.

— Em frente da Ilha de S. Luís: Casa-Colégio de Tapuitapera (Alcântara).

— No Rio Itapicuru: Seminário do Guanaré, Aldeias Altas (Tredizela-Caxias), Aldeia dos Barbados (Grande e Pequena), Aldeia de S. Miguel.

— Outras Aldeias e Fazendas: S. Jacob do Icatu, Tutoia, Gamelas (Lapela), *Maracu (Viana)*, Engenho de S. Bonifácio, Aldeia do Carará (Monção), S. João (Cortes), S. Cristóvão.

CEARÁ

Hospício-Seminário de Fortaleza e Aquirás; Aldeias de *Ibiapaba* (Viçosa), *Parangaba*, Caucaia (Soure), Paranamirim, Paupina (Messejana), dos Paiacus, do Rio Jaguaribe.

PIAUÍ

Seminário do Rio Parnaíba, Fazendas da Capela Grande e Capela Pequena — numerosas Fazendas de gado, com três núcleos ou Residências Principais.

RIO GRANDE DO NORTE

Aldeias das Guaraíras (Arez), do *Guajuru* (Estremoz), do Apodi.

PARAÍBA

Colégio-Seminário e Igreja de S. Gonçalo (Paraíba-João Pessoa). Aldeias de Taquara, e S. Miguel de Urutaguí (Alhandra).

PERNAMBUCO

Colégio e *Igreja de Olinda* (hoje *Seminário*), Colégio e *Igreja do Recife* (hoje do *Espírito Santo*), *Igreja das Congregações*, anexa à outra (hoje da *Conceição*); *Recolhimento do Coração de Jesus*, de Iguaraçú; Aldeias de S. Miguel de Muçuí, S. André de Goiana, Itambé, Itapicirica, Ibatatá, Escada, Mucujé, Caeté, Ipojuca, Una; *Engenhos de Monjope*, e *Nossa Senhora da Luz*, Cotunguba e Cararibas, Quinta da Madalena, Aiama e Barreto.

ALAGOAS

Aldeia de S. Brás e Fazendas de Urubu (ou Urubumirim) e do *Colégio* na margem esquerda do Rio de S. Francisco.

SERGIPE (de El-Rei)

Aldeia do Geru e Fazendas de Aracaju, *Tejupeba* e *Jaboatão*.

BAÍA

— Na Cidade do Salvador: *Colégio* (hoje *Faculdade de Medicina*), *Igreja* (hoje *Catedral-Primaz*), *Noviciado da Jiquitaia* (hoje Asilo de S. Joaquim), *Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição*, *Casa de Exercícios Espirituais*, *Colégio da Soledade* (parcialmente), *Quinta do Tanque*, e outros prédios urbanos.

— *Seminário de Belém da Cachoeira*.

— Aldeias do Rio Vermelho, Espírito Santo (Abrantes), de Capivari, de S. João (duas), de S. Sebastião (duas), de Santa Cruz (Itaparica), de S. António em Jaguaripe.

— Aldeias dos Quiriris: Natuba (Soure), Canabrava (Pom-

bal), Saco dos Morcegos (Mirandela), S. Francisco Xavier na Jacobina.

— Aldeia do Curral dos Bois e dos Carurus e outras Aldeias e Fazendas nas margens do Rio de S. Francisco.

— Engenhos de Sergipe do Conde, Pitinga, Pitanga, Cotegipe.

— Engenho e Aldeia do Camamu, Aldeia de S. André e S. Miguel de Serinhaém (Santarém), Aldeia de Boijuba, Aldeia de Maraú (Barcelos), Igreja de S. Francisco Xavier no Morro do Galeão (Cairu), Fazendas de S. Ana e S. Inês.

— Casa-Colégio de Ilheus, Engenho de S. Ana, Aldeias da Escada (Olivença) e dos Grens (Almada).

— Casa-Colégio de Porto Seguro, Nossa Senhora da Ajuda, Aldeias de Patatiba (Vila Verde) e de S. João Baptista (Trancoso).

ESPÍRITO SANTO

Colégio de Santiago (hoje *Palácio do Governo*, remodelado), e Igreja de S. Maurício; Aldeias da Conceição, S. João, Guaraparim, *Reis Magos* e *Reritiba* (Anchieta); Engenho de Araçatiba; Fazendas da Muribeca, Carapina, Itapoca, etc.

RIO DE JANEIRO

— Na Cidade: Colégio e Igreja do Morro do Castelo *(há remanescentes)*, Engenho Velho, Engenho Novo, *Quinta de S. Cristóvão*.

— Aldeias de *S. Lourenço (Niteroi)*, S. Barnabé, *S. Pedro do Cabo Frio*, Itinga e *Itaguaí*.

— Fazendas: de *S. Cruz*, Macacu, Papucaia, *Saco de S. Francisco Xavier, S. Inácio dos Campos Novos*, S. Ana de Macaé, *Campos dos Goitacases (Colégio)*.

MINAS GERAIS

Aldeia de S. Ana do Rio das Velhas; residência no Seminário de Mariana.

GOIÁS

Missões do Duro e Fazendas de Gado.

MATO GROSSO

Missões de Cuiabá e do Rio Guaporé.

SÃO PAULO

— Colégio e *Igreja de S. Paulo* (há remanescentes); Seminário.

— Aldeias de *S. Miguel*, Pinheiros, Barueri, Conceição dos Guarulhos.

— Aldeias e Fazendas: de S. Ana, *Carapicuíba*, Itapicirica, *Embu*, Itaquaquecetuba e Capela, Cubatão, S. José dos Campos, *Araçariguama* (há remanescentes), Guaru, Botucatu.

— Colégio e Igreja de Santos e algumas Fazendas.

— Colégio e *Igreja de S. Vicente*.

— *Casa e Igreja de Itanhaém* e duas Aldeias.

PARANÁ

Colégio-Seminário de Paranaguá; Residência de Pitangui.

S. CATARINA

Celégio do Desterro (hoje Florianópolis); Laguna, Embituba.

RIO GRANDE DO SUL [1].

Aldeia do Estreito e Acampamento do Rio Pardo.

RIO DA PRATA

Colégio da Colónia do Sacramento (hoje Colónia, Uruguai).

1. Aqui também tiveram casas e deixaram ruinas os Jesuítas da Província do Paraguai em território que ainda não era *Brasil*. Mas os dois lugares mencionados já pertenciam ao Brasil e com Jesuítas idos do Brasil.

CLASSIFICAÇÃO DAS ARTES E OFÍCIOS DOS JESUÍTAS DO BRASIL

A presente classificação segue em parte a divisão tradicional, em parte uma conveniência pragmática. A Arquitectura é uma das Belas Artes, mas também, sob o aspecto das artes de construção, a primeira. Por outro lado, o ser Farmacêutico, dentro dos serviços de saúde, é mais ciência do que arte ; e o ser Administrador de Engenho não se pode classificar fàcilmente como ofício manual. Entre elementos assim heterogéneos, o que importa, como método de trabalho, é que constem numa ordem que não seja a da confusão desconexa.

A) ARTES E OFÍCIOS DE CONSTRUÇÃO

1 — Arquitectos e Mestres de Obras

As artes de construção foram as primeiras que os Jesuítas exercitaram no Brasil, por necessidade local. Na Europa, grandes arquitectos profissionais se incumbiram das suas Igrejas e Colégios e sabe-se que Miguel Ângelo se ofereceu a S. Inácio para o desenho da Igreja do Gesù, que depois fez Vignola. Mas o Brasil, ao chegarem os Portugueses, era um imenso sertão florestal, sem cidades, nem vilas, nem artes liberais, e os Jesuítas em 1549 para residir tiveram que construir casa, igreja para rezar, escola para ensinar; e, por suas próprias mãos, com materiais pobres, paus, terra ou barro amassado, e palha, fizeram de Miguel Ângelo e de Vignola em casas que duraram três anos.

Com a Europa se pode quase equiparar o México. E nisto se assinala a formação do Brasil em ser mais difícil que a da América Espanhola. Lá existiu logo prata ao alcance fácil, e nos altiplanos temperados do México e da Costa do Pacífico se podiam construir edifícios de pedra e cal, que ainda hoje se admiram, como a própria casa do conquistador Fernão Cortés. Na América Portuguesa, nos começos, tudo tinha que ser — e não podia deixar de ser — construção precária e pobre. A dificuldade a vencer foi maior e talvez por isso, nas circunstâncias concretas em que se operou, se considera mais meritória a formação histórica do Brasil.

Os Portugueses de 1549 trouxeram o Arquitecto Luís Dias para as obras de carácter oficial, e Nóbrega contava com Diogo Peres, sobrinho de Luís Dias, para mestre de obras do Colégio quando se fizesse e para o qual não havia ainda então possibilidades económicas [1]. Nóbrega propunha ainda nesse mesmo ano de 1549 que os oficiais viessem de Portugal, e já com paga, porque os que tinham vindo estavam contratados para as obras civis e mili-

1. Leite, *História,* I, 22.

tares em curso e deixaram em Portugal as mulheres e filhos e viviam com o pensamento na volta. Os que viessem de novo deviam trazer as mulheres e filhos, sugere ainda o Superior dos Jesuítas [1]. Mas a vinda protelava-se e três anos depois, em 1552, escreve ao Provincial de Portugal: « A nossa Igreja, que fizemos, se nos cai, porque era de taipa e de palha. Agora ajuntarei estes Senhores mais honrados que nos ajudem a repará-la, até que Deus queira dar outra Igreja de mais dura, se V.ª Reverência parecer bem falar nisto a El-Rei. Senão, os Padres que vierem farão outra, que dure outros três anos, porque *nossas mãos* já não poderão fazer outra se não for daqui quinhentas léguas pelo sertão » [2].

Este movimento de construções precárias, de taipa, era necessitado pelo ambiente local, que logo se revelou de uma elasticidade incrível. À proporção que se penetrava o continente sempre nos primeiros contactos, se deparavam as mesmas condições que achou Nóbrega ao chegar. E quando já nas cidades e vilas da costa se construiam edifícios de pedra e cal, nas Aldeias eram ainda de palha ou de taipa, como as descreve Vieira um século mais tarde quando os Padres Pedro de Pedrosa e António Ribeiro estabeleciam na Serra de Ibiapaba em 1656 as obras de catequese e civilização: « A primeira em que intenderam os Padres foi em levantar igreja, de que eles não só foram mestres, senão os oficiais, trabalhando por suas próprias mãos, assim pelo exemplo como pela necessidade, porque era pouca a diligência com que os moradores se aplicavam à obra » [3]. No seu extraordinário sermão de 6 de Janeiro de 1662 na Capela Real de Lisboa, o « Sermão das Missões » ou o « Sermão da Amazónia . Vieira retoma o assunto e desce a pormenores: « Se edificamos com eles [os índios] as suas Igrejas, cujas paredes são de barro, as colunas de pau tosco, e as abóbadas de folhas de palma, sendo nós os mestres e os obreiros daquela Arquitectura, com o cordel, com o prumo, com a enxada, e com a serra, e os outros instrumentos (que também nós lhe damos) na mão, eles servem a Deus e a si, nós servimos a Deus e a eles, mas não eles a nós » [4].

---

1. Leite, *Novas Cartas Jesuíticas*, 85.
2. Nóbrega, *Cartas do Brasil*, 132.
3. Vieira, *Relação da Missão de Ibiapaba*, em André de Barros, *Vozes Saudosas* (Lisboa 1736) 37.
4. Vieira, *Sermoens*, IV (1685). 528; cf. Leite, *História*, II, 226.

Estas casas, de barro e de folhas de palma, feitas e descritas pelos Jesuítas, são ainda hoje as mais comuns nas regiões remotas do Brasil e nós próprios em muitos anos de Amazónia, no Rio Negro e seus confluentes, nunca habitamos em casa de pedra e cal, nem as havia na região onde vivemos. Naquelas distâncias, e naqueles rios e florestas ainda incultas e ilimitadas, os homens não têm a persuasão de que se estabelecem para sempre e as habitações correspondem à sua persuasão. Mas nas cidades do litoral, o sentimento da permanência apresentou-se logo com a certeza de que se criava uma nação nova e grande ; e às obras de construção precária iam suceder as que fossem capazes de resistir aos séculos. São de facto hoje os mais antigos monumentos arquitectónicos do Brasil.

Nos Inventários dos Colégios assinalam-se os livros de Arquitectura («Architectura Grega», «Architectura Militar», etc.), mas já no século XVII havia Engenheiros no Brasil e a sua colaboração era pedida ; e consta pelo menos para as Igrejas dos Colégios da Baía e do Maranhão. Antigamente a Arquitectura e as outras Belas-Artes não se estudavam em escolas públicas, senão nas oficinas dos mestres ; e dadas as obras primas que nos legaram, reconhece-se que não era menos profícua aquela aprendizagem. E assim se formaram Luís Dias, o primeiro arquitecto da Baía (1549), e Francisco Dias, o primeiro arquitecto titular da Companhia no Brasil (1577), que presidira à construção da Igreja de S. Roque, assim como o arquitecto régio Afonso Álvares, que fez o desenho dessa Igreja, de uma nave, em vez de três como tinha começado. O primeiro encarregado de ensinar Arquitectura em Portugal, posterior a estes, parece que foi Filipe Terzi, diz Sousa Viterbo. Eram três os porcionistas pagos por El-Rei para aprenderem com ele ; e sucedeu-lhe Nicolau de Frias em 1598. Um dos aprendizes neste ano era Francisco Frias de Mesquita, arquitecto depois no Brasil [1]. Com o progressivo e ininterrupto desenvolvimento do Brasil, impunha-se o ensino da Arquitectura no próprio Estado, e o estabeleceu El-Rei de Portugal D. Pedro II, na Carta Régia de 11 de Junho de 1699, criando na Baía a Escola de Artilharia e Arquitectura Militar [2].

A este tempo já algumas obras dos Padres da Companhia contavam um século e mais de existência. Para elas, precisamente,

1. Sousa Viterbo, *Diccionario*, II, p. V-VI.

2. Barão do Rio Branco, *Efemérides Brasileiras* (Rio 1919) 19.

se tinha averiguado a necessidade de Arquitectos e Mestres de Obras dentro da própria Companhia, aptos para as executar, assim como de pedreiros e canteiros e ainda carpinteiros e ofícios afins. E quase sempre sabiam alguma destas artes os Arquitectos e Mestres de Obras da Companhia.

Brás, P. Afonso (1524-*1550*-1610)	Anadia
Luís, Gaspar (1549-*1573*-1591...)	Madeira
Dias, Francisco (1538-*1577*-1633)	Merciana
Álvares, Pedro (1557-*1579*-1636...)	Mazarefes
Álvares, Diogo (1563-*1582*-1617)	Barroso
Samperes, P. Gaspar de (1552-*1587*-1635)	Valencia
Almeida, João de (1635-*1656*-1678)	Hâvre
Bettendorff, P. João Filipe (1625-*1660*-1698)	Luxemburgo
Manuel, Luís (1628-*1661*-1702)	Matozinhos
Silva, Manuel da (1628-*1661*-1705)	Ferreira
Rodrigues, Manuel (1630-*1661*-1724...)	Ponta Delgada
Gonçalves, Lourenço (1644-*1668*-1722))	Lavadores
Costa, P. Diogo da (1652-*1674*-1725)	Maranhão
Belleville, Carlos (1657-*1708*-1730)	Rouen
Freitas, António de (1703-*1726*-1761)	?
Inácio, Manuel (1704-*1729*-1753...)	Porreiras
Duarte, António (1710-*1731*-1745)	Bouças
Carneiro, João (1697-*1737*-1760...)	S. Martinho
Mendes, Manuel (1721-*1743*-1774...)	Pousos
Rego, Francisco do (1714-*1750*-1760...)	Caminha
Barca, Jácome António (1728-*1754*-1762)	Como

2 — Pedreiros, canteiros, marmoreiros

Depois de terem erguido a primeira Igreja e residência, descobriram os Padres da Baía em 1550 um oficial de pedreiro, degredado, que viera na Armada do ano precedente, chamado Nuno Garcia. Contrataram-no e trabalhou pelo menos até 1555 em que se mandou pedir a El-Rei o perdão dos anos que lhe faltavam que eram cinco; ou então que houvesse por bem de lhe mandar pagar as obras feitas por ele no Colégio desde 1550 até 1555 [1]. Assim como este, e o Ir. João Fernandes, só entrado na Companhia no leito de morte, a maior parte dos pedreiros, nas grandes construções dos Jesuítas do Brasil, foram oficiais de fora. Na armada de 1549 tinham vindo numerosos artífices construtores para a funda-

1. *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, III, 372; cf. Leite, *História*, I, 48.

ção da Cidade do Salvador, dos quais Rodolfo Garcia, além do arquitecto Luís Dias e seu sobrinho Diogo Peres, Mestre pedreiro, inventariou 14 nomes de oficiais pedreiros [1]. Na lista de pagamentos não aparece Nuno Garcia, por ser desterrado, e é a razão do pedido feito em 1555.

Os Irmãos pedreiros, sumamente estimados na Companhia, sempre foram poucos, não só no Brasil como em toda a parte. Ao abrir o terceiro quartel do século XVI dizia um Provincial de Espanha, quando fervia o trabalho das grandes construções que « por um Irmão pedreiro daria uma dúzia de teólogos » [2]. Pedreiro naquele tempo era quase sinónimo de mestre de obras. Assim foi o Ir. Francisco Dias antes de ser arquitecto. E assim era Pedro de Carvalhais « pedreiro », nomeado mestre de obras da Cidade da Baía a 22 de Julho de 1556, falecido a 13 de Março de 1563 [3].

O primeiro pedreiro em exercício na Companhia, como Irmão, foi Pedro Álvares, minhoto, que entrou em 1579 e foi morrer no desterro de Holanda em 1636. Correu com a construção da Igreja do Rio de Janeiro e também com a de Olinda, aqui já como mestre de obras. De maneira que desta Igreja do século XVI ficou averiguado o Arquitecto (Francisco Dias) e o Mestre de Obras (Pedro Álvares). Salienta-se o facto por se tratar de Igreja do séc. XVI ainda hoje existente, pois resistiu ao incêndio da invasão holandesa em 1631.

Luís, Gaspar (1549-*1573*-1591...)	Madeira
Dias, Francisco (1538-*1577*-1633)	Merciana
Álvares, Pedro (1557-*1579-16*36...)	Mazarefes
Fernandes, João *(1581)*	Português
Fernandes, Luís (1543-*1582*-1608)	Pereiro
Telo, Barnabé (1542-*1583*-1590)	Jaén
Fernandes, António (1598-*1623*-1641)	Braga
Linhares, Francisco de (1595-*1624-1653)*	Açores
Silva, Manuel da (1628-*1660*-1705)	Ferreira
Inácio, Manuel (1704-*1729*-1753...)	Porreiras
Álvares, Marcelo (1715-*1742*-1760...)	Chaves
Tavares, Anselmo (1712-*1749*-1767)	Santa Maria
Borges, Manuel (1718-*1749*-1767...)	Travanca
Rego, Francisco do (1714-*1750*-1760...)	Caminha
Fidgett, John 1724-*1752*-1777...)	Colchester
Mazzi, João (1722-*1754*-1763)	Roma

1. *Doc. Hist.*, XXXVII (1937) p. X, XI.
2. Leite, *Pintores Jesuítas do Brasil*, «AHSI» XX, 215.
3. *Doc. Hist.*, XXXV, 400-404.

3 — Carpinteiros, entalhadores, embutidores, marceneiros, tanoeiros, torneiros e serradores

Se a casa foi a primeira, nas obras de construção, nela já se empregou madeira, os próprios troncos de árvores, apenas desbastados, para sustentar a terra amassada e um tecto frágil. Mas logo também surgiu a necessidade da madeira trabalhada e se fizeram carpinteiros dois Padres, António Pires e Afonso Brás; e aprendeu o Ir. (depois Padre) Diogo Jácome a arte de torneiro, em que se tornou mestre [1]. Movimento espontâneo como tantos outros exigidos pelas necessidades da terra, onde a civilisação ocidental dava os primeiros passos firmes ; e que foi o humilde princípio das oficinas de carpintaria, marcenaria e escultura, que atingiram o apogeu na segunda metade do século XVII e primeiro quartel do século XVIII, período principal das grandes construções jesuíticas do Brasil.

As madeiras escolhiam-se nas matas, segundo o fim a que se destinavam, madeiramentos ou marcenaria. E se há país rico em madeiras de lei, aptas para obras de dura ou de beleza, é certamente o Brasil. Nem faltavam nas próprias matas da Companhia desde o Amazonas ao Rio Itapicuru, na Vice-Província do Maranhão e Pará. Na Província do Brasil deixaram mais nome, sem serem as únicas, as de Sergipe de El-Rei, Camamu e Ilhéus, Espírito Santo e Cabo Frio.

Cortavam-se e transportavam-se por terra até ao porto fluvial ou marítimo, onde se embarcavam para os Colégios. Já se lhes dava o primeiro desbaste no lugar do corte ou as transformavam em tábuas os serradores. Até que em 1727 se anuncia o estabelecimento duma serra hidráulica do Colégio da Baía, sem se indicar o lugar onde, talvez nas matas do Camamu ou Ilhéus, aproveitando alguma das boas quedas de água (« in praecipite fluvio ») que por ali são frequentes. A serra hidráulica instalou-se tanto para abastecer as construções e dependências do Colégio, como para a sua susten-

1. Ao mesmo tempo que estes trabalhavam no Brasil, outro Irmão, Afonso Pires, português, transmontano, de Miranda do Douro, mas entrado na Companhia no Panamá, fazia a primeira Igreja de Lima, no Peru, onde os Jesuítas chegaram em 1568, e do qual diz o cronista Anello Oliva : « todo lo que en el Colegio de Lima... se labró de carpinteria fue de su mano ». (Cf. Diego Angulo Iñiguez, *História del Arte Hispanoamericano*, I (Barcelona 1945) 666 (Capítulo redigido por Enrique Marco Dorta).

tação, pois se esperava que a serração e corte de madeiras, rendesse 15.000 cruzados por ano [1].

Dirigiam as oficinas dos Colégios um Irmão, e nelas às vezes havia outros Irmãos, e sempre pessoal de casa, Índios e Negros, bons carapinas, o que sucedia sobretudo nas Fazendas e Engenhos e mais ainda no Maranhão e Pará onde os Irmãos artífices nunca foram abundantes.

Que produziam estas Carpintarias do Brasil sobretudo as das cidades maiores? Além dos grandes madeiramentos das Igrejas e Colégios, e cavername e aparelhagem da indústria naval, e da obra de talha dos altares e dos artefactos comuns de utilidade imediata ou até industrial (aparece algum Irmão tanoeiro), havia os Irmãos que lavravam mobiliário artístico e marcenaria fina; lavravam-se credências, consolas (de igreja e de salão), retábulos, tocheiros, sacras; bufetes, aparadores, contadores, cadeiras de sola lavrada, arcas e arcazes com bronzes e embutidos de madeiras coloridas, casco de tartaruga e marfim, mesas com gavetas tauxiadas e secretárias, papeleiras ou « escritórios », que é o nome que Fernão Cardim dá em 1589 ao que levava para Portugal o Visitador Cristóvão de Gouveia, quando foi assaltado e roubado pelos piratas:

« Tanto que a nau foi entrada de sete ou oito franceses, o Padre se foi ao capitão e lhe disse que lhe daria algumas coisas que trazia em seu escritório, e lhe pedia por mercê lhe deixasse alguns papeis que nele tinha pois lhe não serviam; foi com isso contente o capitão, e o Padre mandou vir o *escritório*, e lho deu, *que era uma peça de estima, de madeira de várias cores, e obra bem acabada por um Irmão nosso, e insigne carpinteiro e marceneiro*, e juntamente alguns rosários de cheiro » [2].

Os Catálogos deste tempo, 1589, não têm palavra especial para designar a arte de marceneiro e entalhador: tudo é carpinteiro (« faber lignarius »). Um século depois distinguem-se duas tendências: «faber lignarius et scriniarius»; «faber lignarius et sculptor», contemporâneas das grandes obras da Baía e do Recife. A primeira fórmula acentuaria mais a arte de mobiliário e marcenaria; a segunda mais a de escultura e estatuária. Mas estas designações dependiam muito do Padre Secretário que organizava os Catálogos;

1. *Bras. 10 (2)*, 295.

2. Cardim, *Tratados*, 367; e cf. Leite, *História*, IX, 175 (Ofícios Mecânicos).

e o mais comum é achar-se simplesmente «faber lignarius», com a dupla significação de carpinteiro e entalhador (cf. o que se diz do Ir. António Nunes).

Das obras de marcenaria e mobiliário artístico ainda se encontram formosos exemplares; a talha das Igrejas e altares conservou-se a maior parte desde o Pará à Aldeia de Embu (S. Paulo); e por entre as formas do estilo barroco pujante e hoje bem compreendido e estudado, se descobre aqui uma cabeça de Índio (Igreja do Colégio, Campos dos Goitacases), além, estilizado o fruto do cacaueiro e com certeza o caju e o abacaxi (Baía) e ainda outros elementos de origem brasileira [1].

Das obras de estatuária se dirá adiante na secção de Belas-Artes, n.º 7 (Escultores e Estatuários).

Jácome, P. Diogo (...-*1549*-1565)	Português
Pires, P. António (1519-*1549*-1572)	Castelo Branco
Brás, P Afonso (1522-*1550*-1610)	Anadia
Esteves, Jorge (1549-*1569*-1639)	Minde
Dias, Francisco (1538-*1577*.1633)	Merciana
Álvares, Francisco (1540-*1577*-1617)	Estremoz
Álvares, Diogo (1563-*1582*-1617)	Barroso
Escalante, Francisco de (1559-*1582*-1631...)	Espanhol
Telo, Barnabé (1542-*1583*-1590)	Jaén
Tinoco, Pedro (1561-*1584*-1630)	Rendufe
Dias, Gaspar (1563-*1590*-1641)	Guimarães
Fernandes, Luís (1563-*1592*-1626)	S. Martinho de Moiros
Luís, António (1549-*1594*-1611)	Rossas
Luís, Afonso (1565-*1605*-1636-	Pinheiro
Fernandes, Domingos (1568-*1612*-1627)	Penela
Costa, António da (1588-*1619*-1642)	Ilha do Pico
Fernandes, Gonçalo (1594-*1622*-1641...)	S. Pedro dos Arcos
Álvares, Francisco (1598-*1622*-1631...)	S. Pedro dos Arcos
Fernandes, António (1598-*1623*-1641)	S. Pedro dos Arcos
Gonçalves, Bartolomeu (1607-*1632*-1667)	Lisboa
Pinto, António (1604-*1633*-1653)	S. Félix
Dias, Gaspar (1604-*1637*-1691)	Angra
Correia, João (1614-*1643*-1673)	Porto
Gusmão, P. Alexandre de (1629-*1646*-1724)	Lisboa
Luís, Simão (...-*1652*-1678 ?)	Português
Álvares, Francisco (1640-*1657*-1667...)	Ponte de Lima
Manuel, Luís (1628-*1660*-1702)	Matozinhos

1. Cf. sobre a Igreja do *Colégio* (Goitacases), gravura da «Revista do Serviço do Patrimonio Histórico e Artístico Nacional» II, 35; sobre a Baía, Leite, *História*, V, 140.

Torres, José de (1642-*1663*-1704)	Milão
Salimbene, José (1642-*1663*-1722)	Milão
Crasto, João de (1629-*1666*-1702)	Quintão
Gonçalves, Lourenço (1644-*1668*-1722)	Lavadores
Trigueiros, Domingos (1651-*1671*-1732)	Ponte de Lima
Costa, Mateus da (1654-*1679*-1727)	Lisboa
Cruz, Bento da (1649-*1680*-1741)	Rio de Janeiro
Correia, Manuel (1655-*1680*-1686)	Refontoura
Xavier, Domingos (1658-*1681*-1732)	Tomar
Aguiar, Cristóvão de (1661-*1682*-1692...)	Rio de Janeiro
Costa, Luís da (1666-*1688*-1739)	Lisboa
Simões, Francisco (1660-*1690*-1714)	Lisboa
Almeida, Manuel de (1670-*1694*-1703)	Braga
Silveira, João da (1676-*1695*-1726)	Porto
Nunes, Francisco (1652-*1697*-1740)	Porto
Gonçalves, André (1679-*1704*-1728)	Longos Vales
Belleville, Carlos (1657-*1708*-1730)	Rouen
Amorim, Ricardo (1696-*1724*-1756)	Esmoriz
Nunes, António (1701-*1725*-1760)	Lisboa
Gonçalves, Manuel (1695-*1726*-1746)	Braga
Macedo, Manuel (1697-*1730*-1765)	Carregosa
Azevedo, José de (1703-*1731*-1743)	Coimbra
Duarte, António (1710-*1731*-1745)	Bouças
Delgado, João (1701-*1732*-1780?...)	Braga
Faria, António de (1706-*1732*-1760)	Touro
Baptista, João (1711-*1734*-1760...)	Turquel
Gonçalves, João (1695-*1736*-1761)	Barcelos
Carneiro, João (1697-*1737*-1760...)	S. Martinho
Silva, Bernardo da (1710-*1737*-1774...)	S. João de Brito
Chaves, Lourenço de (1690-*1739*-1761)	Lisboa
Martins, Clemente (1703-*1743*-1768)	Alfândega
Rubbiati, João (1724-*1754*-1766)	Milão

4 — Construtores Navais

Como se dirá ao tratar dos Pilotos (n.° 21), a configuração do Brasil e o grande desenvolvimento da costa marítima criou a indústria naval da Companhia e alguns Irmãos aparecem nos Catálogos como « construtores navais ».

Além destes, é natural que muitos carpinteiros hajam construído embarcações menores, como obra própria do seu ofício, sem menção especial. Deve ter sucedido em particular na Amazónia, cuja navegação fluvial era o único meio de comunicação entre as Aldeias distantes e o Colégio central do Pará. E trabalhavam sob a direcção dalgum Irmão ou Padre, porque a navegação amazónica

era permanente preocupação prática e também especulativa, de que são exemplo as curiosas lucubrações do P. João Daniel no seu livro « Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas »[1]. Mas na Vice-Província do Maranhão e Pará não se mencionam Irmãos construtores navais. Os cinco seguintes são da Província do Brasil. Todos exerceram a sua actividade na Baía, onde a indústria naval estava florescente e se fabricavam navios de grande porte, como a nau « Padre Eterno », feita pelo risco de Honorato Martins. E quando os Padres foram exilados da Baía em 1760 navegaram em duas naus, uma que veio de Portugal, outra construída na Baía: « secunda e Bahia ubi denuo fabricata »[2].

Luís, Gaspar (1549-*1573*-1591...)	Madeira
Manuel, Luís (1628-*1660*-1702)	Matozinhos
Torres, José de (1642-*1663*-1704)	Milão
Gonçalves, Manuel (1695-*1726*-1746)	Braga
Martins, Honorato (1696-*1742*-1766)	Toulon

5 — Ferreiros, serralheiros e fundidores

A ferraria era uma das oficinas habituais dos Colégios e mais ainda dos Engenhos e Fazendas. Fabricavam anzóis, facas, machados, cunhas, foices, enxadas, pregos, chaves e mais ferragens comuns de utilidade imediata. Muito poucos da Companhia se dedicaram a este ofício: talvez a meia desnudez a que obrigava se não considerasse compatível com a modéstia religiosa. Achamos só três Irmãos: Mateus Nogueira, o « Ferreiro de Jesus Cristo », como lhe chamava Nóbrega, João da Costa e João Fernandes. O costume era que os ferreiros se recrutassem entre o pessoal de casa. Conta o P. Manuel de Oliveira que comprou uma tenda de ferreiro para o Engenho de Sergipe do Conde. Custou a tenda — com três negros de Guiné, oficiais dela e um deles, mestre, que havia de ficar no ofício — 210$000 reis[3]. E vimos que no Colégio do Pará, entre o seu pessoal havia seis ferreiros, índios e pretos (cf. supra, Preliminares), alguns dos quais eram da Fazenda de Gibrié e Jaguarari. No Engenho de Ibirajuba, a ferraria e serralharia descreve-se

1. Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia*, I) 190.
2. *Narratio* de Francisco da Silveira, 110, n.º 137.
3. Carta de Manuel de Oliveira, do Colégio da Baía, 2 de Setembro de 1667, Torre do Tombo, Cartório dos Jesuítas, Maço 68.

assim, em 1760; « Uma casa com tenda de ferreiro, e nela, safra, bigorna, torno, martelo, tenazes e mais instrumentos necessários para ferreiro e serralheiro »[1]. Já em 1736 laboravam no Colégio de S. Paulo duas oficinas cujo objecto era o metal: a oficina de fundição (« ahenaria ») e a oficina de ferreiro (« ferraria »)[2]. O Catálogo correspondente não traz nenhum Irmão do Colégio ou suas dependências como fundidor ou ferreiro. Devia ser pessoal doméstico ou assalariado. Estava presente em todo o caso, o P. José de Moura homem de competência e iniciativa, construtor da « Ponte Grande do Guaré »[3].

Para melhor inteligência daquela fundição de S. Paulo, diz o Catálogo das temporalidades, assinado a 31 de Janeiro de 1736, pelo P. Miguel da Costa, que o Colégio tinha de rendimento líquido em todas as suas fazendas juntas, incluindo o porto de Cubatão, 400 Escudos, bem pouco; o maior rendimento do Colégio estava nas suas três oficinas (fundição, ferraria e farmácia) que tinham rendido 1.479 Escudos (« Et ex aliis industriis, in officina ahenaria, ferraria et pharmacopola percepit, anno elapso, scuta 1479 »)[4]. Esta oficina « ahenaria », que à letra seria « de bronze », distinta da serralharia, em que se trabalhava o ferro, quer-nos parecer que seria destinada a objectos senão de bronze, ao menos de cobre, estanho e latão, como caldeiras e outros utensílios de metal (menos ferro, que para este era a ferraria). De facto o inventário da Fazenda de S. Ana, anexa ao Colégio de S. Paulo, onde se situavam estas oficinas, entre arados, grades e outras peças de lavoura, menciona « fornos e diversas espécies de ferramentas e utensílios de cobre, ferro, estanho e latão »[5].

Nogueira, Mateus (...-*1549*-1561)	Português
Fernandes, João (1600-*1629*-1686)	Ponte de Lima
Costa, João da (1661-*1706*-1723)	Braga

6 — Oleiros

(Ver infra, n.º 10).

---

1. « Inventário do Maranhão » *Bras. 28*, 13v.
2. *Bras. 6*, 232.
3. Cf. Leite, *História*, VI, 411-412.
4. *Bras. 6*, 232
5. Leite, *História*, VI, 377.

B) BELAS-ARTES

7 — Escultores e Estatuários

Entre os Irmãos carpinteiros há-os que foram entalhadores (supra, n.º 3) e muitos deles por esse facto fariam obras de escultura e imaginária ; e certo que não ficariam mal aqui os seus nomes. Dalguns, porém, se diz nominalmente que eram estatuários e escultores, e para estes, como facto certo, se reserva este lugar.

A averiguação das esculturas e estátuas feitas pelos Irmãos escultores constitui ainda um problema dentro doutro maior. Para se fazer o levantamento geral da estatuária embora só o que se refere à Companhia (1549-1760) — o que houve e o que há — é cedo ainda. Requer-se a publicação sistemática dos Inventários, para averiguação, por confronto, das espécies existentes. Nem todos os Inventários estão perdidos e muitos ainda se conservam inéditos. Alguns destes Inventários os divulgamos já, mas a nenhum Autor é dada a possibilidade de publicar tão numerosos Inventários, desde a Amazónia ao Paraná nos *Apêndices* de uma história geral.

Publicados os Inventários há ainda lugar para monografias sobre estes e outros documentos, em que muitas vezes se lêem notícias concretas sobre uma estátua, um quadro, um objecto de arte, se foi feito no Brasil, se veio de Portugal ou de outra nação, e onde está (ou estava). Elaboradas estas diversas monografias já se poderá tentar um elenco geral e tirar conclusões seguras sôbre o desenvolvimento da escultura no Brasil, onde tanto floresceram os « santeiros » fora e dentro da Companhia. Dentro da Companhia alguns escultores trazem o qualificativo expresso de estatuários, Carlos Belleville, João da Cunha e Francisco Rebelo.

Muitas imagens vieram de Portugal. Poucos meses depois de chegar, prevendo a expansão que não tardaria a operar-se, logo Nóbrega pede « muitas capas e ornamentos, porque havemos de ter altares em muitas partes, e *imagens* e crucifixos, e outras coisas

semelhantes, o mais que puder »[1]. Naquele tempo, por imagens tanto se entendiam as pintadas como as esculpidas; e deve entrar no número destas imagens pedidas por Nóbrega em 1549, o retábulo que Fernão Cardim achou em 1583 na igreja de Nossa Senhora da Ajuda, em Porto Seguro, cuja data e procedência se ignorava, mas que algum documento novo situa logo nos primeiros tempos. A água da fonte, diz Cardim, sai « debaixo do altar da Senhora e faz muitos milagres ainda agora. Tem um retábulo da Anunciação de maravilhosa pintura e devotíssima »[2]. Não era óbvia a identificação deste retábulo com o «altar da Saudação de Nossa Senhora», de que fala o P. Ambrósio Pires em 1555[3], porque há altares sem retábulo. Mas na mesma casa residia o Ir. António Blásquez; e este também escreveu no mesmo ano, e, na sua carta ainda inédita, conta que estando os Índios a cercar a povoação foram os Padres avisados de noite que pusessem a salvo « as vidas e um retábulo que ali estava na ermida ». Já se dispunham a retirar-se para Porto Seguro com os seus haveres e livros quando os Índios se pacificaram, e, segundo ele explica, por graça de Nossa Senhora, que não quis que « se tirasse a sua imagem daquele lugar onde tinha feito milagres »[4].

Os documentos dão, pois, para a Ajuda (de Porto Seguro) estas notícias que se esclarecem mùtuamente: Havia naquela pequena igreja (em 1554-1555) um «altar da Saudação da Senhora», com o seu « retábulo » ou « imagem » móvel, que se podia retirar com facilidade e era « pintura maravilhosa e devotíssima ». O denominar-se de diferente forma — Saudação e Anunciação — não tem dúvida. Porque a « Saudação » do Anjo a Nossa Senhora é o mesmo que a « Anunciação ».

Estes pedidos de objectos sacros, vindos de Portugal, faziam-se com regularidade e observa-se que também havia encomendas expressas, segundo o local ou fim para que se destinavam. Por volta de 1559, proveniente doutro pedido de Nóbrega enviaram-se de Lisboa: « Hum Retavulo de Jesus com seu sacrario no meio, dourado, para o altar moor da Casa da Bahia e cidade do Salvador. Outros quatro Retavulos com suas cortinas, s. hum de Nossa Se-

1. Carta ao P. Simão Rodrigues, *Cartas de Nóbrega*, 86.
2. Leite, *História*, I, 208; II, 594.
3. *Cartas Avulsas*, 141.
4. Carta de António Blásquez, da Baía, 8 de Julho de 1555 « Varia Historia » III f. 627v. — Talvez seja o « retábulo de Nossa Senhora », levado pelos órfãos em 1550 (Leite, *Páginas*, 79).

nhora d'Anunciaçam com Sam Paulo, e outro de Sam João Evangelista ; outro do Espirito Santo ; outro de Sam Tiago maior. Quatro cruzes de pao douradas com hum cruxificio pintado no meio. Quatro alampadas de latam, dous encensarios de latam e quatro duzias de alampadas de vidro. Quatro sinos, seis campainhas, e os sinos de II quintais cada hum. Quatro vestimentas de damasquo e quatro de chamalote com suas alvas e frontais do mesmo » [1]. Os quatro retábulos e demais peças, que se nomeiam de quatro em quatro, destinavam-se às quatro Aldeias da Baía : S. Paulo, S. João, Espírito Santo e Santiago.

O movimento assim iniciado, foi constante ao menos até à segunda metade do século XVII. O P. André Fernandes, Bispo eleito do Japão, ofereceu uma imagem de S. Francisco Xavier, segundo refere Vieira, do Pará, em 1661 [2]; e no mesmo ano estava em Lisboa para o Maranhão o que Vieira havia encomendado e ele mesmo na « Resposta aos Capítulos », escreve já de Lisboa, depois do Motim de 1661. Refere-se à pregação das sextas-feiras da Quaresma e aos Passos da Paixão: « E para o mesmo fim mandaram os ditos Padres [da Companhia] fazer nesta côrte, com grande despesa, imagens naturais de Cristo, para todos os ditos Passos da Paixão, as quais estavam já acabadas para serem enviadas ao Maranhão, quando os Padres expulsados chegaram a esta côrte ; e, por esta causa, ficaram assim elas como outras muitas, de Nossa Senhora, de santos e do presepe, mandadas todas fazer para o dito fim pelos Padres e à sua custa » [3].

É possível que as imagens seguissem para o Maranhão quando a Missão se restabeleceu ; e para ela mandou o ministro Roque Monteiro Paim em 1687 « um belo S. Francisco Xavier » (não consta se pintura, se escultura) [4]. E ainda no século XVIII o *Santuário Mariano* insiste em dizer que as imagens dos Jesuítas eram feitas em Lisboa e o repete toda a vez que não conhece a origem, como a Senhora da Assunção de Reritiba, « imagem mui fermosa,

---

1. Lista dos objectos enviados ao Brasil. *Lus. 60*, f. 125r. Contém vários outros objectos, entre os quais quatro camas para as enfermarias das quatro casas, colchões, lençóis, cobertores, quatro aparelhos de barbear e dous de carpinteiro, panelas de cobre, tachos para sua farinha, 20 trempes e espetos e outras miudezas.
2. *Cartas de Vieira*, I, 577.
3. Vieira, *Obras Escolhidas*. Ed. Sá da Costa (Lisboa 1951) 244-245.
4. Bettendorff, *Chronica*, 411.

obrada sem dúvida em Lisboa, aonde sempre os Padres mandaram fazer as suas imagens, por se obrarem naquela cidade com muita perfeição e por se acharem nela artífices excelentes em todas as artes»[1]. Isto diz o *Santuário Mariano*. Mas paradoxalmente aquele *sem dúvida* diminui a certeza com que o diz. No «Inventário do Maranhão» (1760) lê-se que está na Capela de Nossa Senhora do Socorro (Pará) a « imagem da Senhora de 8 palmos, estofada »[2]. Não se declara a origem da imagem ; e quem concluisse que sem dúvida veio de Lisboa seria conjectura desacertada. No « Diario de 1756 a 1759 » há esta efeméride (9 de Abril de 1757): « Põe-se hoje sábado de Aleluia no altar do Pará, Nossa Senhora do Socorro, imagem feita no Maranhão por cem mil reis ou mais ». E conta o P. Jerónimo da Gama como redigira uma tragédia latina de S. João Nepomuceno com o título de *Silentium constans* e extrato em português, que se espalhou no povo « e se lhe fizeram muitas imagens »[3]. Quem lê a Bettendorff acha notícia sobre estátuas feitas na terra pelo entalhador Manuel João[4] e deparam-se informações úteis como esta em que ele ao despedir-se em Lisboa em 1688, do P. Francisco de Almeida, « antigo amigo, que para lembrança sua me deu um crucifixo, de marfim, que lhe tinha vindo da Índia, e eu depois dei à Igreja nova de Nossa Senhora da Luz do Maranhão »[5]. Esta Igreja nova dos Jesuítas é a Catedral. Se o crucifixo ainda lá está, pode ter ou não ter valor artístico : a notícia da sua origem dá-lhe valor histórico.

E assim muitos outros factos se hão-de respigar em livros, inventários e manuscritos do Brasil ou sobre o Brasil. Valerá a pena ? Cremos que sim. Porque tudo isto será amanhã o património histórico e artístico duma grande nação. E já hoje.

Correia, João (1614-*1643*-1673)	Porto
Costa, Mateus da (1654-*1679*-1727)	Lisboa
Xavier, Domingos (1658-*1681*-1732)	Tomar
Costa, Luís da (1666-*1688*-1739)	Lisboa
Silveira, João da (1676-*1695*-1726)	Porto
Traer, João Xavier (1668-*1703*-1737)	Brixen

1. *Santuario Mariano*, X, 71.
2. *Bras.* 28, 8v.
3. Leite, História, VIII (*Biobibliografia* I) 264, letra B ; cf. a sua imagem na Igreja do Maranhão, antes de 1760, *ib.*, III, 434.
4. Bettendorff, *Chronica*, 604, 636.
5. Bettendorff, *Chronica*, 437.

Belleville, Carlos (1657-*1708*-1730)	Rouen
Cunha, P. João da (1690-*1713*-1741)	Luanda
Silva, Bernardo da (1710-*1737*-1774...)	S. João de Brito
Rodrigues, Agostinho (1721-*1737*-1744...)	Lisboa
Rebelo, Francisco (1713-*1737*-1791)	Braga

8 — Pintores e Douradores

Na Europa os maiores pintores trabalharam para a Companhia de Jesus, como Rubens e Van Dyck, e não se fazia mister tê-los próprios. E se algum entrava, não se consentia senão com dificuldade que tomasse o rumo das missões ultramarinas, embora no Oriente pagão, onde já existiam pintores, se revelasse logo o valor apologético da arte cristã. Uma das razões porque se pediam do Brasil era que não os havia na terra ; e os quadros comprados na Europa ficavam caros e havia obras que só *in loco* se podiam pintar como tectos, altares e bandeiras com motivos de circunstância.

O primeiro pintor, digno deste nome, que passou pelo Brasil, foi o P. Manuel Álvares, a caminho da Índia, em 1560, o qual pintou pelo menos um frontispício, que se estreou na quaresma do ano seguinte [1]. Mas desejava-se pintor estável, e Mem de Sá, que construiu a Igreja do Colégio da Baía, ao ditar o seu testamento, a 28 de Julho de 1569, refere a altura em que ela ia nessa data — ainda por madeirar e telhar — e queria que o forro da capela-mor se dispusesse em painéis para se pintarem de figuras com óleo, « havendo bom pintor » [2]. Para este e outros efeitos levava o B. Inácio de Azevedo em 1570 o Ir. B. João de Maiorga, pintor que não chegou ao Brasil, coroado que foi pelo martírio durante a viagem. Pouco depois, em 1574, admitiu-se com 20 anos na Baía o Ir. Manuel Sanches, pintor, cujo nome só se inclui no Catálogo desse ano. Mas, sem que conste exactamente o nome, já havia na Baía em 1584 um Irmão perito na arte. Na festa do Espírito Santo, na procissão dos Índios, iam « muitas bandeiras que um Irmão, *bom pintor* lhes fez para aquele dia, em pano, *de boas tintas* » [3].

O Catálogo de 1584, que existe, não indica nenhum Irmão pintor ; e, de muitos Irmãos que contém, só de dois dá o ofício, o

1. Cf. Leite, *História*, II. 334.
2. Cf. Leite, *História*, I, 26.
3. Cf. Leite, *História*, II, 594.

Ir. Francisco Dias arquitecto, e o Ir. Jorge Esteves, entalhador, como a confirmar a categoria de mestres que ambos eram. E como nenhum dos Irmãos de 1584 aparece depois com a arte de pintor não se exclui a hipótese de também o ser Francisco Dias chegado ao Brasil em 1577. As Belas-Artes andavam tão unidas entre si naqueles tempos, que Miguel Ângelo era arquitecto, escultor e pintor, e o Ir. José Valeriano, que esteve em Espanha e também em Portugal em 1579 e foi convidado a fazer quadros para o Brasil, era pintor e arquitecto [1].

Em 1587 chegou enfim, ao Brasil o Ir. Belchior Paulo, de modo estável, já hoje conhecido; e com ele se inicia a pintura artística da Companhia de Jesus.

Belchior Paulo faleceu em 1619 e a maior parte dos pintores jesuítas pertencem ao século XVII. Nove dentre eles conheceram e trataram o P. Vieira. Ora falando da arte do retrato, Reinaldo dos Santos trás uma reflexão que parece útil lembrar:

« Quando passarmos ao século XVIII, tudo se adoçará; mas a estrutura do retrato torna-se frouxa e amaneira-se sob os influxos mal assimilados da Itália e da França. *É então que reconhecemos o que havia de carácter na Arte do séc. XVII,* sobretudo quando consideramos, a par da pintura e da maior parte das artes decorativas, a própria literatura seiscentista em que lampeja o génio sem par de António Vieira. A Arte do séc. XVIII ostentará outra riqueza, outra magnificência; mas a do sec. XVII *teve mais carácter* e exprimiu com mais fidelidade o fundo da sensibilidade nacional» [2].

Reinaldo estuda a essência e o espírito da Arte em Portugal, o que há de constante nela através de influxos estranhos (de pintores e arquitectos estrangeiros). Para ir ao fundo de tudo tem que se considerar não apenas a Arte nos seus aspectos plásticos, mas também literários. Daqui o nome que aduz de Vieira como representante do carácter e espírito nacional no séc. XVII. E perguntamos: será ele apenas representante do carácter nacional português do Reino? Cremos que também o é do Brasil. Naquele tempo esta unidade dualista — unidade de estilo e manifestações locais diversificadas sob certos aspectos — era possível e comum. Donde se segue que talvez não seja de todo inútil para o estudo da Arte

1. Leite, *Pintores Jesuítas do Brasil,* «AHSI», XX (1951) 213-215.

2. Reinaldo dos Santos, *Conferências de Arte* (Lisboa 1943) 56. Os grifos são de R. dos S.

no Brasil a sugestão aqui reproduzida. Consta aliás que Vieira se manifestou contrário ao critério que o novo Provincial P. Alexandre de Gusmão deu em 1692 ao estilo da Capela Interior do Colégio da Baía, começada por sua própria orientação e a dum hábil Irmão artista [1].

Que restará de toda esta pintura dos Jesuítas desde o século XVI ao século XVIII? Os exemplares ainda existentes nas antigas Casas e Colégios da Província do Brasil e Vice-Província do Maranhão e Pará, desde o extremo Norte a S. Paulo, são muitos e variados. Conjunto rico, tanto pelo que se produziu no Brasil como pelo que veio da Europa. O estudo destas espécies está porém pouco desenvolvido, nem ainda está inventariado o que existe (o número não é ilimitado, e portanto exequível de se fazer sob este aspecto). A dificuldade maior consiste no conhecimento exacto de cada peça. A fotografia dos exemplares arquitectónicos tem-se feito com relativa facilidade, e mais ainda a da estatuária, porque são espécies que sem custo se removem e podem focar em posições diversas. Os quadros ou pinturas fixas, inamovíveis, para se fotografarem bem, é trabalho lento e dispendioso. E quando se trata de cores, só o exame directo dá a última palavra no problema complexo da procedência e da autoria. Disseram-nos, numa das nossas passagens pela Baía, que as pinturas pequenas da Sacristia da antiga Igreja do Colégio, hoje Catedral (as do arcaz) eram de Gerard Van Honthorst, conhecido por «Gerardo das Noites» (1590-1656), e que a imagem da Senhora do altar central era de Lorenzo Lotti (1490-1541): as mãos e a cabeça; o mais dos seus discípulos. Ao querer dar sequência a esta informação verbal, verificamos que Lorenzo Lotti é o chamado «Lorenzetto» e que havia outro pintor de nome semelhante, Lorenzo Lotto (1480-1556...), de quem é mais provável chegasse ao Brasil algum quadro seu ou da sua escola [2]. Mas os problemas, que estas e outras possíveis identificações suscitam, pertencem já à crítica da arte. E o que se intenta, neste sector de Irmãos artistas do Brasil, é pesquisar elementos positivos, de pessoas, datas e lugares, que auxiliem as identificações e a crítica.

---

1. Cf. Leite, *História*, V, 126.

2. Cf. *Historia dell'Arte Classica e Italiana*. Vol. Terzo: Maria Luisa Gengaro, *Umanesimo e Rinascimento*. Con 16 tavole in rotocalco e 709 figure nel testo (Torino 1940) 491, 616-618.

Sanches, Manuel (1554-*1574*-...	Vila Nova
Dias, Francisco (?) (1538-*1577*-1621)	Merciana
Paulo, Belchior (1554-*1587*-1619)	Sernande
Baptista, João (1557-*1606*-1609)	Horne
Le Gott, Remacle (1598-*1628*-1636)	Bélgica
Matos, P. Eusébio de (1629-*1644*-1677...)	Baía
Gusmão, P. Alexandre (?) (1629-*1646*-1724)	Lisboa
Almeida, João de (1635-*1656*-1678)	Hâvre
Vieira, Marcos (1629-*1659*-1712)	Porto
Rodrigues, Domingos (1632-*1659*-1706)	Arruda dos Vinhos
Bettendorff, P. João Filipe (1625-*1660*-1698)	Luxemburgo
Campos, Baltasar de (1614-*1661*-1687)	Bois le Duc
Freire, Francisco (1633-*1663*-1666)	Olinda
Camilo, Paulo (1638-*1663*-1669)	Cremona
Sousa, Manuel de (1662-*1682*-1691...)	Baía
Bonomi, P. João Ângelo (1656-*1684*-1702...)	Roma
Monteiro, Domingos (1665-*1691*-1701)	Porto
Moura, José de (1674-*1695*-1715...)	Oliveira do Conde
Alberto, António (1686-*1701*-1707...)	Lisboa
Traer, João Xavier (1668-*1703*-1737)	Brixen
Belleville, Carlos (1657-*1708*-1730)	Rouen
Coelho, Francisco (1699-*1720*-1759)	Porto
Correia, Luís (1712-*1731*-1742...)	Castanheira
Rodrigues, Agostinho (1712-*1737*-1744...)	Lisboa
Mazzi, Pedro (1722-*1754*-1777...)	Roma

9 — Cantores, músicos e regentes de coro

Os Índios « são muito amigos de festas, danças e bailes; e têm para isso gaitas e tamboris. Pois, ainda que não têm ferro, lá têm habilidade de fabricarem as gaitas de algumas canas ou cipós ocos ou que fàcilmente largam o âmago; e os tamboris, de paus ocos, ou se é necessário os ajustam com fogo. Uma das suas gaitas muito usadas é uma como flauta, a que podemos chamar o pau que ronca, com três buracos, dous na parte superior e um na inferior ; e ordinàriamente o mesmo que toca bate com a outra mão no tamboril. E não há dúvida que alguns o fazem com perfeição e com suave e doce melodia, ajustando as pancadas do tamboril ao som da flauta, bailando juntamente compassados, de modo que podem competir com os mais destros galegos e finos gaiteiros » [1].

---

1. João Daniel, *Thesouro Descoberto no Maximo Rio Amazonas*, na « Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro », II, 2.ª ed. (1858) 346. A referência aos galegos explica-se por eles tocarem bem a gaita de foles e

Este gosto pela música e o canto, assinalado por João Daniel, é observação unânime de todos os historiadores do Brasil a começar pelo primeiro, Pedro Vaz de Caminha ; e logo o viram também os Jesuítas em 1549 e por isso promoveram o canto e a música para afeiçoar os Índios ao Cristianismo e para os fixar à roda duma igreja ou escola contra o maior obstáculo à civilização nascente. que era o seu nomadismo ancestral. Foi uma clarividência de Nóbrega. Em breve os meninos órfãos portugueses cantavam « cantigas na língua brasílica » (tupi) e tocavam taquaras e maracás indígenas, ao passo que os meninos índios começavam a cantar, com as próprias dos seus antepassados, as cantigas portuguesas, e aprendiam a tocar flauta e outros instrumentos músicos.

Coincidiram ou manifestaram-se simultâneamente a música popular e a erudita: a popular portuguesa (os «tamborileiros e gaiteiros» de Nóbrega) e a indígena, no traço de união que foi a camaradagem imediata entre as crianças portuguesas e índias ; e a erudita, no canto de órgão e nas charamelas e diversos instrumentos que logo se apresentaram nas primeiras festas religiosas, e de que foi regente de coro em 1549 o P. Leonardo Nunes com outro clérigo anónimo. Não consta que os maracás entrassem para as cerimónias da Igreja, mas alguns instrumentos da Igreja, usados pelos Portugueses, passaram para as festas populares brasileiras, como as matracas, que se tocavam (e tocam) na Paixão de Cristo durante a Semana Santa (em vez das campainhas de metal que a liturgia não permite nessas cerimónias) e de que se acharam oito a tocar ainda em 1938 num «bumba-meu-boi» do Maranhão.

As cantigas portuguesas já existiam no Brasil antes da chegada dos Jesuítas, porque chegaram com o descobrimento em 1500 e em todos os navios ; mas as cantigas na língua brasílica assinalam-se com a chegada dos Padres, no próprio ano de 1549. E já na Baía em 1550 se ouvia o Padre-Nosso em tupi cantado.

Todos os cinco Padres e Irmãos companheiros de Nóbrega eram

---

entrarem com as suas gaitas e tamboris pelas terras fronteiriças de Portugal ; mas também em todo o Norte de Portugal e até no Centro (João Daniel é beirão) as gaitas e tamboris são populares e rara é a festa de aldeia em que não tomam parte ainda hoje. São conhecidos aqueles versos de Gil Vicente na *Tragicomedia do Triunfo do Inverno* representada a D. João III : « Em Portugal vi eu já/ em cada casa pandeiro/ e gaita em cada palheiro » *(Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente* (Lisboa 1562) 174v).

cantores, embora sem a capacidade de regente que possuia o P. Leonardo Nunes ; e na língua brasílica assinalou-se mais o P. Navarro encarregado por Nóbrega de estudar particularmente a língua. Dos que vieram em 1550 sobressai o P. Salvador Rodrigues, a propósito do qual, por ficar a tomar conta em 1552 da Confraria, Seminário ou pròpriamente « Colégio dos Meninos de Jesus » da Baía, resume assim a actividade o P. Simão de Vasconcelos :

« O Seminário ou Confraria dos Meninos, filhos dos Índios e mestiços, ia em crescimento maravilhoso. Tinha cuidado dele o P. Salvador Rodrigues, com cuja doutrina florescia com louvor de todas as virtudes. Saíam em procissões todos juntos pela cidade, cantando as ladainhas e orações da doutrina cristã, em canto de solfa, com tal modéstia e religião, que levavam os olhos de todos. E começavam a pretender os Portugueses agregar seus filhos a eles para saírem bem doutrinados. Outras vezes iam em procissão da cidade até suas próprias Aldeias, levando sua cruz levantada, e cantando as mesmas devoções em língua brasílica, com sumo gosto e alegria dos pais, que de nenhuma coisa mais se prezavam. Nenhuma outra satisfaz tanto a esta gente como a doçura do canto : nele põe a felicidade humana. Chegou a ser opinião de Nóbrega que era um dos meios, com que podia converter-se a gentilidade do Brasil, a doce harmonia do canto ; e por esta causa ordenou se lhe pusessem em solfa as orações e documentos mais necessários de nossa santa Fé, porque à volta da suavidade do canto entrasse em suas almas a inteligência das coisas do céu » [1].

Este movimento iniciado na Baía, surge logo também no Sul em S. Vicente como escreve Nóbrega a 15 de Junho de 1553 : « Nesta Casa têm os meninos os seus exercícios ordenados. Aprendem a ler e escrever e vão muito avante ; outros a cantar e tocar flautas ; e outros, mamalucos, mais destros aprendem gramática, e ensina-a um mancebo de Coimbra, que cá veio desterrado » [2]. Estava já presente o Ir. António Rodrigues, mestre de canto e de flauta, e com ele o movimento impôs-se e generalizou-se e os seus coros estabeleceram escola que perdurou. As primeiras cartas dos Jesuítas andam cheias destas manifestações, que pela novidade então se narravam com pormenores, até entrarem no rol dos hábitos comuns que, por serem tais, se não mencionam. Todavia, nos pri-

1. Vasconcelos, *Chronica*, Livro I, § 118.
2. Leite, *Novas Cartas Jesuíticas*, 45.

meiros contactos sucessivos com os Índios, em toda a extensão do Brasil, faz-se alusão a cantos e a música.

Luís Figueira, meio século depois, na sua entrada à Serra de Ibiapaba, narra ele próprio: « São todos estes incrivelmente inclinados a cantar e dançar, e porque os Pitiguares são nisto afamados e conosco iam alguns *nheengaraíbos* ou mestres de capela desatinavam-nos que cantassem para os ensinarem; e, fazendo revezar ora uns ora outros, cantavam dias e noites, de 24 em 24 horas, sem interromper, até não poderem falar de roucos, tendo isto por valentia e delírios. E a nós pediram que lhes ensinássemos seus filhos o *papel* (como eles dizem), querendo dizer que lhes *ensinássemos a ler* e *cantar* o *nosso canto*, o que nós com facilidade fizemos para os domesticar; mas eles mostram mui pouco talento para o nosso canto; os do mar, fàcilmente. Com isto domesticamos muito os meninos, que dantes fugiam de nós, e alguns que estavam em suas roças me vieram dizer que queriam aprender o que eu ensinava aos outros, e muitos diziam resolutamente que se haviam de ir conosco, fugindo de seus pais ou após nós. Entre os quais teve graça um, que representava 12 anos, em dizer que, se os Padres se fossem, não tinha outra coisa que fazer senão abrir uma cova e meter-se nela; e isto com grande sentimento. E outro, estando eu ocupado não sei em quê, se chegou a mim, e, depois de estar um pedaço, me disse: *Não sei que é isto, que dantes fugia de ti, e agora não me posso apartar*. Isto nos servia para os ensinar e doutrinar, e já sabiam muitos deles a doutrina e algumas coisas de nossa santa fé. Também os fazíamos ensinar a dançar ao modo português, que para eles era a coisa de mais gosto que pode ser » [1].

Ainda outro meio século, e ao começar a catequese efectiva da mesma Serra (em 1658), escreve o P. António Vieira que os

---

1. *Bras. 8*, 76v-77; Leite, *Luiz Figueira*, 129-130. Dançar « ao modo português » era o maior gosto dos Índios, escreve Luís Figueira. O mesmo prazer verificamos há 40 anos atrás nos Índios do Rio Negro e seus afluentes. Gostavam de danças desde as suas indígenas, rituais, até à valsa vienesa. Donde parece que o gosto dos Índios não está em dançar isto ou aquilo, mas em «dançar»... Sobre a dança ou «poraceia» destes mesmos Índios da Serra de Ibiapaba, por meados do século XVIII, deixou uma descrição o P. João de Brewer nas suas *Adnotationes* a Murr (cf. Murr, *Journal*, XVII Th., 281-284). Por sua vez os meninos índios da Baía tinham uma «poraceia» especial de que faziam gala nos salões dos Governadores e Vice-Reis, cf. Leite, *A Música nas Escolas Jesuíticas do Brasil no século XVI*, p. 36; e cf. *História*, II, 16.

Missionários ensinaram a doutrina, as orações e os mistérios cristãos : « Mas depois que os Padres lhes ensinaram a cantar os mesmos mistérios, que compuseram em versos e tons muito acomodados, viu-se bem com quanta razão dizia o Padre Nóbrega, primeiro Missionário do Brasil, que com música e harmonia de vozes se atrevia a trazer a si todos os gentios da América » [1].

Multiplicam-se os casos semelhantes por toda a parte onde chegam missionários. Em Ibiapaba — os de que fala Vieira que eram mestres daquela música e daqueles cantos—os Padres Pedro de Pedrosa e António Ribeiro, são nomes que em vão se buscariam nos Catálogos com estes predicados de cantor e músico ; e o mesmo sucede com Luís Figueira e centenares de outros. Não era ofício independente, era e é função sacerdotal, porque todo o Padre deve estar apto a *cantar* missa ; e requer-se portanto em todos algum conhecimento de canto ou solfa na expressão daquela época. Por ser comum aos Padres não se menciona, se não intervem algum motivo particular como em Pedro de Matos, que aliás não era Padre.

O facto de ser função sacerdotal explica a sua cultura e ensino nas sés episcopais. A da Baía, ainda antes de ser concluída, já tinha o seu « tangedor de órgãos » em 1559 ; e antes desta data já o seu «mestre de capela», João Lopes, que chegara com o Bispo em 1552, e que a 18 de Maio de 1554 o Provedor-mor apresentou para a dignidade de chantre ; e já tinha apresentado antes a outro, Francisco de Vacas, «grande músico e cantor», Provedor da Fazenda Real na Capitania do Espírito Santo. Mas uma ordem régia proibiu que o mestre-capela fosse dignidade nem cónego, e apresentou-se, a 11 de Dezembro de 1559, a Bartolomeu Pires, homem casado [2].

Não há dúvida que a música achou no Brasil terreno propício. Generalizou-se com rapidez, surgiram vocações musicais, e houve mestres seculares que serviram de cantores, músicos e organistas nas Igrejas da Companhia, que possuiam órgãos magníficos para o tempo ; e no Seminário de Belém da Cachoeira, no Recôncavo da Baía, o mestre de música, por força dos Estatutos, feitos pelo P. Alexandre de Gusmão, devia ser secular.

Os regulamentos mais explícitos dos Jesuítas, sobre o ensino de Música e do Canto, foram : o do Visitador Cristóvão de Gou-

---

1. Vieira, *Relação da Missão de Ibiapaba*, em « Vozes Saudosas », 37-38.

2. *Doc. Hist.*, XXXVI (1937) 47, 92, 93, 218, 219 ; cf. Leite. *História*, II, 161.

veia (1586), ordenando que em todas as Aldeias do Brasil, com a catequese e a escola elementar de ler e escrever, se ensinassem também a cantar os meninos mais hábeis; o do P. António Vieira (1658) para as Aldeias do Maranhão e Pará, determinando que se fizesse o mesmo, e, além disto, « a tanger instrumentos »; e o do P. Alexandre de Gusmão (1694) para o Seminário de Belém da Cachoeira, instituindo nele a escola de solfa e de instrumentos[1].

Sousa Viterbo põe em relevo o papel da Música em Portugal nas festas religiosas, que pela sua *permanência*, em contraposição com as festas profanas (corridas, espectáculos) *só periódicas*, estava muito divulgada, e se praticava teórica e pràticamente. Igrejas havia, que eram verdadeiras escolas e conservatórios de Música em miniatura. O que é de estranhar — diz ele — é como desapareceu tudo isso e que desaparecessem tantas composições musicais. « Que foi feito da música derramada nos autos de Gil Vicente e dos seus sucessores, nas tragicomédias latinas dos Jesuítas? Que é feito do acompanhamento de inúmeros vilancicos celebrados nas Igrejas, sobretudo pelo Natal? Que mão misteriosa destruiu ou guarda a sete chaves tantas relíquias, que deviam ser hoje preciosas, para o estudo da evolução musical entre nós? »[2].

A observação de Sousa Viterbo aplica-se ao Brasil. Lastimam os seus especialistas a «escassês de informações até o séc. XVIII, isto é, a inexistência total da música que se fez no Brasil durante três séculos»[3]. Vimos que antes da chegada do P. Luís da Grã em 1553 já estavam generalizadas orações e cantigas musicadas em língua portuguesa e tupi. Que é feito dessas cantigas que andavam nos cadernos pessoais dos Padres e Irmãos do Brasil, como instrumento necessário de atracção e catequese?

O assunto de cantos, danças e música, das Escolas e Aldeias dos Jesuítas, de que já tratamos alhures, é longo, nem caberia aqui nos seus pormenores. Convinha em todo o caso, não o deixar sem referência num livro sobre Artes e Ofícios do Brasil, embora pela sua natureza subsidiária para a catequese e folguedos honestos,

---

1. Leite, *A Música nas primeiras Escolas do Brasil*, «Brotéria» 44 (Lisboa Abril de 1947) 378; *A Música nas Escolas Jesuíticas do Brasil no século XVI*, « Cultura ». Ministério da Educação e Saúde. Serviço de Documentação, II (Rio de Janeiro 1949) 27-39.

2. Sousa Viterbo, *Subsídios para a história da Música em Portugal — A Música Sagrada nas diversas terras do Reino* (Lisboa 1911) 3-4.

3. Oneyda de Vasconcelos, *Música popular brasileña* (México 1947) 13.

para o esplendor da fé e cultura eclesiástica, se deva considerar ornamento geral dos Padres, mais brilhante nuns do que noutros, segundo as suas aptidões e ouvido, e não ministério em si mesmo. Na realidade nenhum Padre ou Irmão foi cantor ou músico « por ofício », ainda que o fossem além do que era estritamente exigido pelo sacerdócio. Na presente lista só se declaram os que assumem carácter de iniciadores ou se fizeram notar por alguma circunstância pessoal. Foram iniciadores os Padres Leonardo Nunes (primeiro regente de coro), João de Azpilcueta Navarro e Salvador Rodrigues para os elementos indígenas e António Rodrigues, o « Orfeu brasílico », mais que todos insigne, como mestre e organizador de coros:

Nunes, P. Leonardo (...-*1549*-1554)	S. Vicente da Beira
Azpilcueta Navarro, P. João de (...-*1549*-1557)	Navarra
Rodrigues, P. Salvador (1515-*1550*-1553)	Lisboa
Rodrigues, P. António (1516-*1553*-1568)	Lisboa
Dias, P. António (1539-*1560*-1623)	Lisboa
Telo, Barnabé (1542-*1583*-1590)	Jaén
Matos, P. Eusébio de (1629-*1644*-1677...)	Baía
Azevedo, P. Inácio de (1629-*1655*-1685)	Pernambuco
Gorzoni, P. Antóno Maria (1627-*1659*-1711)	Sermide
Costa, P. Diogo da (1652-*1674*-1725)	Maranhão
Matos, Pedro de (1664-*1694*-1725)	Arruda
Leão, Manuel de (1684-*1701*-1760)	Rio de Janeiro

10 — Oleiros, barristas (e azulejos)

Os Portugueses levaram as olarias para o Brasil no período das Donatarias e chegaram vários em 1549 para a fundação da cidade do Salvador da Baía [1]. Nem tardaram os Padres da Companhia em as possuir próprias para assegurar com regularidade e eficácia as obras dos Colégios e Igrejas. Mas a cerâmica era já praticada pelos Índios do Brasil antes do Descobrimento, e eles sempre foram bons colaboradores dos Irmãos da Companhia nesta arte. A primeira notícia de que os Irmãos fabricavam objectos de barro é de 1560 na Capitania de S. Vicente, e é provável que já a fabricassem antes, quer aí quer na Baía, sem se individuarem os Irmãos fabricantes. O que deixou maior nome foi Amaro Lopes, mestre oleiro na Baía, que exerceu a arte no século XVI, e a ensi-

1. *Doc. Hist.*, XXVII (1937) p. IX-XXXI.

nou bem ao pessoal do Colégio, livres e escravos, que depois asseguraram por si mesmos os serviços e produção das olarias, achando-se apenas mais um ou outro Irmão nos Catálogos do Brasil, sem que nunca deixasse de haver olarias da Companhia, não em todas mas nas principais Fazendas e Engenhos. Antonil discute a vantagem ou desvantagem de haver olarias privativas nos Engenhos de Açúcar, para formas, tijolo e telha, e manifesta-se mais pela desvantagem, excepto em casos particulares [1].

No Estado do Maranhão procedeu-se de modo idêntico. Era um dos ofícios para que os Índios revelavam boa capacidade. Na Olaria de S. Marcos, construída na segunda metade do século XVII pelo Ir. Manuel da Silva, ficou a viver « João Oleiro e nunca mais faltou telha em casa, antes houve para se vender quanta quiséssemos a oito mil reis o milheiro, posto em casa » [2]. E assim com pessoal do Colégio ficou sempre esta olaria ; e o mesmo sucedeu nas outras olarias do Maranhão e do Pará. Bettendorff procurou renovar os métodos ; e, lembrado do que se praticava no Brabante, pediu as indicações dessa fabricação, para em igualdade de tempo, se fazerem tijolos com mais facilidade e em maior número [3].

Nas Olarias, quando eram distintas dos Engenhos e Fazendas, havia um Padre ou Irmão que a governava, morando em residência anexa à Olaria. Era mais função administrativa e catequética do que profissional. Na referida Olaria de S. Marcos, entre o pessoal dela inclui-se em 1760, « Nicolau, mestre oleiro ». Ao deixarem-na os Padres nesse ano existiam nela « 3 milheiros de tijolo cozido destinado para consertar o forno ; de tijolo, louça e telha por cozer, entende que ficou bastante, mas não sei o quanto ; ficou também um grande monte de pedra junta, ao pé do forno, suficiente ou quase suficiente para fazer um forno novo ; eram 80 carros de pedra ». Depois de falar dos 11 ou 12 bois que serviam os 2 carros da Olaria, continua o inventariante : « Havia mais 3 ou 4 rodas de fazer louça, várias formas de fazer telha e tijolo e 2 ou 3 mesas sobre que se trabalhava a telha e punha a louça » [4].

As Olarias eram de carácter industrial (que não é o mesmo que comercial) e nelas se produziam tijolos, ladrilhos, telha e louça

1. Antonil. *Cultura e Opulência do Brasil*, 154.
2. Bettendorff, *Chronica*, 308.
3. *Bras. 3 (2)*, 111.
4. *Inventário do Maranhão, Bras. 28*, 24.

variada. Não teriam fabricado também faiança artística? De modo geral parece que se deve responder não, à falta de documentos elucidativos. Mas pelo que toca à arte popular do barro, a negativa seria menos prudente. Sabe-se que o Ir. Francisco Rebelo, no Pará, era modelador de estátuas de barro (« figulo-statuarius »), expressão latina em que cabe mais do que simples arte popular.

Por semelhança ou conexão com esta indústria e arte do barro, convém lembrar os azulejos da Companhia de Jesus. Em quase todas as suas grandes Igrejas e Colégios se assinala este elemento das artes decorativas. A primeira vez que aparecem na Assistência de Portugal foi em 1584: « Os grandes paineis decorativos de S. Roque, assinados e datados por Francisco de Matos, 1584, são um novo aspecto da sua transformação evolutiva», diz Reinaldo dos Santos, ao referir-se à entrada do azulejo em Portugal nos fins do século XV (vindo de Sevilha e Málaga).

As cores variam segundo os períodos da sua evolução: no século XVII policromados em que predomina o azul e o amarelo; no século XVIII eram quase só azuis e brancos — vidas de santos, obras de misericórdia, temas civis e marítimos, emolduramentos barrocos, e ornavam interiores e exteriores de igrejas, escadarias, palácios, colégios. Era um complemento essencial da arquitectura portuguesa, como desforra dum país pobre, porque representavam em Portugal os afrescos da Renascença italiana e a tapeçaria da arte flamenga e francesa: « É uma glória do poder criador da arte decorativa portuguesa » [1].

---

1. Reinaldo dos Santos, *Conferências de Arte* (Lisboa 1943) 33-34. Queirós Veloso faz alguma referência aos azulejos da Companhia na Universidade de Évora: « Na capela-mor há curiosos azulejos, com a data de 1631 ». E « em 1746-1747 se azulejaram todas as aulas revestindo-se até certa altura de quadros alusivos ou simbólicos. São muito curiosos estes azulejos, pelo brilho do colorido, azul sobre fundo branco, mas ainda mais pela originalidade do desenho. Estão datados mas não assinados.

O que eles representam consta da relação seguinte: Sala n.° 1 — Cenas de caça e pesca; tem a data de 1746. N.° 2 — As quatro partes do Mundo, os quatro elementos e as quatro estações do ano; tem a data de 1747. N.° 3 — A criação do Mundo; o triunfo da metafísica *(Quaerit rerum essentias)*; etc. N.° 4 — Diversas experiências de física (os espelhos de Arquimedes, etc.). N.° 5 — Quadros alusivos aos filósofos gregos *(Academia Platonis, Aristotelis Lyceum*, etc.). N.° 6 — Episódios da *Eneida*. N.° 8 — A história de José do Egipto. N.° 10 — Episódios da história sagrada; N.° 11 — Quadros alusivos às ciências matemáticas (Astronomia; Fortificações Militares; etc.). N.° 13 — Episódios

Compreende-se que a Igreja da Casa Professa de S. Roque, em Lisboa, do mesmo modo que se constituiu padrão para as províncias ultramarinas, assim também os seus azulejos de 1584 sugestionassem as terras portuguesas do Ultramar. Ignoramos se existiram na Igreja do Morro do Castelo, no Rio de Janeiro, inaugurada no Natal de 1588. Não vimos o seu inventário, nem ainda o que se devia ter feito ao demolir-se no século presente (e se não se fez foi falta notável, dado o valor histórico desse monumento do século XVI, que era ainda o princípio do Brasil). Isto mesmo respondemos a uma consulta do Dr. Joaquim Sousa-Leão Filho, cujos trabalhos sobre tapeçarias tornaram merecidamente conhecido, e que em 1950 se ocupava de azulejos. Se ele chegou a alguma conclusão não a vimos até à hora em que escrevemos.

O que sabemos é que no dia 30 de Setembro de 1615, sendo Reitor do Colégio de Olinda o P. Luís Figueira, se inaugurou na Igreja do Colégio, a capela de S. Jerónimo (uma das duas laterais), custeada por um homem nobre (talvez Jerónimo de Albuquerque) e que as suas paredes estavam revestidas de azulejos policromados («parietes varii gratique coloris lateribus interlucent») [1]. A Capela de S. Jerónimo foi destruída em 1631 pelo incêndio da invasão holandesa.

Os azulejos, que ainda subsistem em diversas Igrejas e Colégios, estão a pedir estudo sistemático, conjugando esses espécimes com as notícias históricas que se forem coligindo sobre eles [2].

---

extraídos da literatura grega e latina; Mitologia. N.º 14 — As nove musas; a Poesia; a Fama; o Estilo, etc. N.º 15 — Os meses do ano. N.º 16—Caçadas ao javali. N.º 17 — Idem; cenas campestres. N.º 18 — Cenas de caça e pesca. N.º 20 — Cenas chinesas.

A frequência dos quadros representativos das caçadas, principalmente o porco bravo, seria singular em outra qualquer terra, mas não em Évora, onde a cinegética foi sempre muito apreciada.

Na sala dos actos também há azulejos, uns azuis e outros policromos, lindíssimos, reproduzindo arabescos e flores» (José Maria de Queirós Veloso, *A Universidade de Évora — Elementos para a sua história* (Lisboa 1949) 86-87. 110. Observe-se que falta a notação das salas n.º 7, n.º 9 n.º 12 e n.º 19. Nesta obra há ainda outras referências a azulejos: os do refeitório, azuis e brancos formando xadrez (p. 91), e os da Botica (92).

1. Leite, *História*, V, 417-418.

2. Cf. Leite, *História*, V, 82/83 (gravura), 95, 134 (Baía); 417 (Olinda); 417 (Recife). Rara seria a Igreja ou Colégio onde não houvesse azulejos. E alguns foram desviados do local primitivo e talvez perdidos. No segundo quartel

Claro que a menção aqui deste assunto, visa apenas a não esquecer uma das manifestações artísticas das Casas e Igrejas da Companhia, sem levar consigo a sugestão de que os azulejos fossem feitos por Irmãos. Tudo é obra europeia. As olarias pròpriamente ditas não estavam apetrechadas nem entrava na sua finalidade a execução de semelhantes trabalhos artísticos. Mas a figura singular (não há outra com a mesma arte em todos os Catálogos do Brasil e do Maranhão) do *barrista* ou *figulo-estatuário* Francisco Rebelo surge na história, nos meados do século XVIII, como um enigma, que a perseguição geral deixou indecifrado, e dentro do qual se pode imaginar, além do barro artístico alguma peça de cerâmica mais nobre.

Jorge, António (1555-*1574*-1608)	Ilha Terceira
Telo, Barnabé (1542-*1583*-1590)	Jaén
Lopes, Amaro (1555-*1585*-1607...)	Miranda do Corvo
Araújo, Francisco de (1603-*1628*-1650)	Ilha de S. Miguel
Vieira, António (1681-*1723*-1750)	Ilha da Madeira
Fernandes, Manuel (1715-*1734*-1780...)	Argoncilhe
Henriques, Bernardo (1705-*1735*-1752...)	Rego da Muata
Rebelo, Francisco (1713-*1738*-1791)	Braga
Almeida, João de (1718-*1741*-1748)	S. Pedro do Sul

---

do século XIX, referindo-se à Baía, informava Accioli : « Ainda não ha muito se notava na caza do refeitorio do Collegio desta Cidade, conter o azulejo que adornava parte das paredes, proposições mathematicas para á vista dellas avivarem ali mesmo aos seus collegiaes as lições daquella sciencia em que tanta celebridade adquirirão ». Inácio Accioli de Cerqueira e Silva, *Memorias historicas e Politicas da Bahia*, ed. de Brás do Amaral, V (Baía 1937) 14.

C) MANUFACTURAS

11 — Alfaiates e bordadores

A oficina, onde se faz a roupa nos Colégios e Residências da Companhia, não se chama alfaiataria, mas rouparia, para dizer no seu sentido mais amplo que se faz, e se conserta, e se guarda. O encarregado desta oficina chama-se Irmão roupeiro ; algumas vezes é alfaiate, nem sempre. Quando não é alfaiate, as batinas, capotes, e capas fazem-se em alfaiates de fora. Mas com frequência havia entre o pessoal dos Colégios, homens capazes e a esses se encarregava essa obra, ainda que não fossem Irmãos. A roupa branca em geral era obra de costureiras, ou a serviço dos Colégios, ou por encomenda, assim como também bordados, toalhas e paramentos. Os paramentos a princípio vinham de Portugal. Depois faziam-se também no Brasil e no século XVII havia um grupo notável de bordadeiras na Baía. Entre as peças de sacristia eram mais apurados os vestidos das « imagens de vestir », sobretudo os de Nossa Senhora da Boa-Morte. Para elas os vestidos de maior estimação, vinham às vezes de fora e até da França « por encomenda »; e isto consta da Senhora da Boa-Morte da Igreja do Pará (a que saía nas procissões, diferente da que estava no altar): « Tem três camisotes finos, vindos de França, por encomenda, um vestido, túnica e capa de damasco, cor de pérola de oiro, guarnecido todo com galões largos de oiro fino ; outra coronilha e palma da mesma sorte que acima [descrevia-se antes a outra imagem do altar]; seus brincos e cruz de brilhantes »[1].

Da Companhia assinala-se a presença de um bordador. Remacle Le Gott, belga, que viveu algum tempo na Baía de 1628 a

---

1. « Inventário do Maranhão », *Bras. 28*, 9 ; cf. Leite, *O guarda-roupa feminino das imagens jesuíticas do Brasil — Nota artística dos séculos XVII e XVIII*. Trabalho lido na Academia Brasileira de Letras, no «Jornal do Commercio» (Rio), 22 de Junho de 1941 ; Revista « Excelsior » (Rio, 15 de Julho de 1941) 435.

1635. É possível que exercesse alguma influência no meio baiano do tempo, pela novidade da sua arte (« acupictor »). Além de bordador, o Catálogo de 1631 dá-o também pintor.

Os roupeiros existiam em todas as Casas e Colégios e considera-se ofício comum. Quase todos os alfaiates foram roupeiros ou chefes desta oficina ; nem todos os roupeiros, muito mais numerosos, foram alfaiates, ofício que requer talento para ele e aprendizagem adequada. Destes últimos — os alfaiates — se trata aqui.

João, Adriano (1552-*1578*-1631...)	Adria
Fernandes Domingos (1540-*1582*-1599...)	Madeira
Bonaiuto, Ascanio (1557-*1587*-1615)	Lauro
Gonçalves, Francisco (1567-*1592*-1628)	Leça
Costa, Francisco da (1573-*1596*-1642)	Guimarães
Mendes, Gaspar (1576-*1598*-1618...)	Braga
Álvares, Rodrigo (1584-*1606*-1646)	Vilar do Monte
Pires, Domingos (1563-*1610*-1631...)	Paradela
Ferreira, João (1606-*1625*-1678)	Nápoles
Le Gott, Remacle (1598-*1628*-1636...)	Bélgica
Pontes, Francisco de (1614-*1634*-1675)	Barcel
Pereira, Salvador (1629-*1647*-1700)	Porto
Arez, Sebastião de (1648-*1667*-1732)	Guimarães
Afonso, Mateus (1660-*1682*-1729)	Izeda
Branco (Blanc?), António (1669-*1691*-1722)	Paris
Gonçalves, António (1681-*1705*-1759)	Chaves
Bapista, João (1692-*1719*-1780...)	Braga
Alvarenga, Inácio de (1692-*1723*-1743)	Rio de Janeiro
Paulo, João (1702-*1724*-1760)	Lisboa
Correia, Carlos (1691-*1726*-1761)	Viseu
Esteves, João (1693-*1727*-1758)	Coura
Caeiro, Bento (1688-*1728*-1767)	Olivença
Azevedo, José de (1703-*1731*-1743)	Coimbra
Vaz, Manuel (1715-*1741*-1798)	Sobreira
Ferreira, Manuel (1725-*1749*-1760...)	Lisboa
Ferreira, António (1722-*1753*-1760...)	Lisboa
Almeida, Teodoro de (1724-1754-1783...)	Cucujães

12 — Sapateiros (sapatos e alpercatas, artífices de sola e curtidores de peles)

O calçado dos Padres da Companhia nunca foi de luxo. Modesto, como convinha a religiosos, sem preocupações de modas. Ainda nos meados do século XVIII, quando falaram ao Bispo de Olinda a primeira vez na reforma dos Padres da Companhia, ele

respondeu que na sua diocese só os Jesuítas não precisariam dela, excepto uma coisa, os sapatos gastos do P. Reitor, que esses, sim, precisavam de reforma [1]. Se isto era no século XVIII, muito mais no século XVI, quando chegaram ao Brasil.

Nas cidades e para andar na rua, visitas e celebração das festas da Igreja (missas e outras) usavam-se sapatos: a 18 de Agosto de 1551 o Governador Tomé de Sousa mandou dar aos Padres da Baía, 12 pares de sapatos [2]. Para andar por casa seriam mais cómodas as alpercatas. E no sertão ou em viagem, subidas de encostas e passagem de lamaceiros, os sapatos eram molestos; e as alpercatas aderentes e amarradas aos pés tornaram-se o calçado habitual, se bem que nos caminhos preferissem quase sempre andar descalços, com os pés calejados como bons sertanistas, não imunes porém de feridas provenientes de cortes e picadas. Já na Baía se teria manifestado a necessidade das alpercatas nas viagens, mas onde o uso se impôs foi em Piratininga, porque a Serra de Paranapiacaba só se podia transpor ou de alpercatas ou a pé descalço. Devem ter sido muitos os Irmãos que fizeram alpercatas; não se mencionam, por não ser ofício de Catálogo, e só se falou disto nos princípios como curiosidade local a ser conhecida na Europa, nomeando-se a si próprio o Ir. (depois Padre) José de Anchieta, que também o refere do Ir. (depois Padre) Diogo Jácome.

O primeiro fabricante de calçado de coiro ou sapateiro («sutor»), a que se referem os Catálogos é o Ir. Francisco Leitão.

Aparecem ainda nos Catálogos mais dois ofícios com relação a coiro ou sola, nas suas formas latinas de «coriarius» e «ephippiarius». Quase é preciso saber de ante-mão que ofícios haveria nos Colégios ou casas para uma tradução correspondente exacta. «Coriarius» poderia ser correeiro (e na Companhia não se vê que aplicação pudesse ter) e também curtidor de peles, e já disto consta (cortumes) sobretudo nas Fazendas, e ainda fabricante de utensílios de coiro e sola (cadeiras de sola lavrada ou picada, muito comuns nas Casas da Companhia). « Ephippiarius » é quem faz telizes e selas e por extensão todos os arreios de cavalos.

Jácome, P. Diogo (...-*1549*-1565)	Português
Anchieta, P. José de (1534-*1553*-1597)	Laguna
Leitão, Francisco (1514-*1569*-1600)	Águeda

1. Leite, *História*, V, 485.
2. *Doc. Hist.*, XIV, p. 76, n.º 744.

Vieira, Francisco (1562-*1581*-1591...)	Ilhéus
Cruz, Sebastião da (1562-*1582*-1631...)	Portalegre
Tavares, Pero (1571-*1589*-1607...)	S. Vicente
Velho, Rodrigo (...-*1589*-...)	Baía
Gonçalves, João (1577-*1596*-1644)	Matozinhos
Dias, Diogo (1567-*1600*-1645)	Sampaio
Domingues, António (1584-*1606*-1658)	Leça
Sousa, Gaspar de (1591-*1618*-1658)	Penafiel
Dias, João (1627-*1647*-1663)	«Viana de Caminha»
Aguiar, João de (1630-*1647*-1681)	Porto
Sousa, José de (1629-*1648*-1663...)	Ilha Terceira
Leão, Manuel de (1635-*1658*-1722)	Porto
Álvares, José (1660-*1679*-1699...)	Penafiel
Gomes, Manuel (1645-*1682*-1720)	Landim
Inácio, José (1669-*1689*-1696...)	Lisboa
Branco (Blanc?), António (1669-*1691*-1722)	Paris
João, Luís (1703-*1732*-780...)	Pombal

13 — Tecelões

A indústria têxtil principiou cedo, porque a terra produzia algodão. Mas só de um Irmão, Vicente Rodrigues, consta que começou a aprender a arte de tecelão não tanto para a exercitar, como para a ensinar aos Índios, pois ele-próprio era mestre-escola e depois foi Padre [1]. Era mais prático virem de Portugal oficiais já feitos e isso pediu Nóbrega, e foi uma das preocupações do B. Inácio de Azevedo quando voltava ao Brasil em 1570. Levava consigo três oficiais seculares, tecelões, António Fernandes, Fernão de Álvares e António Rodrigues e um Irmão, tecelão e cardador, da Covilhã, o B. Francisco Álvares, martirizado na viagem e é um dos 40 Mártires do Brasil.

O ofício de tecelão não era ofício de Catálogo, nem se mencionam Irmãos com ele; por outro lado, os Índios revelaram-se aptos para o ofício, e já em 1557, um, da criação dos Padres, tinha tear posto na Aldeia de S. Paulo (Baía). Foi primícia de muitos outros, que depois existiram em todas as Aldeias do Brasil, e não só homens como também mulheres. Dando conta da Missão do Maranhão e Pará, em 1661, e dos meios de subsistência, escreve o P. António Vieira: « Para vestido, que é de algodão tinto (como se usa na Índia e nesta terra) temos 24 fiandeiras com seus teares,

1. Leite, *História*, II, 588.

que podem dar pano não só para o vestido, senão para os usos de casa com grande abundância. O pano de linho (que é só o que vem do Reino) compra-se lá da nossa renda »[1].

Como o algodão era nativo do Brasil, por toda a parte se multiplicaram os teares, e consta que o pano tecido em S. Paulo, na Aldeia de Embu (Mboi) se exportava para o Rio de Janeiro e Baía a fim de ajudar a manutenção da gente e do culto na Aldeia[2].

Neste ofício, a intervenção dos Irmãos ou Padres Procuradores era de simples superintendência, sem actividade profissional, supérflua, dada a aptidão do pessoal, quer doméstico, quer assalariado, em particular o feminino.

1. Leite, *Novas Cartas Jesuíticas*, 295-296.
2. Leite, *História*, VI, 131.

D) OFÍCIOS DE ADMINISTRAÇÃO

O regime florestal do Brasil produziu o fenómeno da colonização missionária, semelhante ao da reconquista cristã da Europa na Idade-Média, em que os Mosteiros foram grandes núcleos agrícolas donde procedem muitas povoações actuais. No princípio utilizavam-se administradores de fora; e mais tarde no Norte, quando tudo ali começava, fez-se o mesmo com João Pereira Barbosa a quem os Padres constituiram procurador das Fazendas do Maranhão em 1661 e o cumpriu com amizade e fidelidade [1]. Mas nem sempre se achavam iguais requisitos, sobretudo quando se multiplicaram as Fazendas.

O Missionário-fazendeiro foi um postulado da terra e originou dentro da Companhia o cargo de Irmão administrador de Fazendas, quer rurais, quer açucareiras, quer de criação de gado [2]. Porque estas foram as três feições das Fazendas da Companhia: Pecuária; Açúcar e aguardente; produção de cereais, frutas e legumes. Nestas Fazendas agrícolas consta que se cultivava o algodão, o arroz (introduzindo-se métodos aperfeiçoados de descasca), o cacau (e os Padres foram os primeiros a plantá-lo em Fazendas, fora dos seus viveiros nativos da Amazónia), o café, a cana de açúcar, frutas (do Brasil, de Portugal e do Oriente) de que se faziam compotas, legumes (portugueses e nativos), guaraná, maniba, milho, pimenta da Índia (aclimatação no Brasil), tabaco, trigo e uvas, etc. Policultura. Na Fazenda de Araçariguama (S. Paulo) cultivava-se em 1760: milho, feijão, trigo, amendoim, marmelos, algodão e arroz, e fazia-se vinho de uvas, aguardente de cana e açúcar [3].

As Fazendas empregavam numeroso pessoal, que delas vivia,

---

1. Bettendorff, *Chronica*, 166.

2. Leite, *História*, IV, 89, 170-175; e cf. X, 88-93, lista de todas as Fazendas dos Jesuítas do Brasil.

3. Leite, *História*, VI, 371; e cf. X, 4-5 [«Agricultura»].

e não era possível que se mantivessem e prosperassem sem bons administradores. A necessidade destes cargos tornou-se mais patente nas vastidões da Amazónia, onde foram sempre poucos os Padres Missionários a quem mais directamente tocaria esta administração ao menos como Superiores locais. De facto foram muitos os Padres administradores. Mas trata-se aqui de Irmãos. Os Irmãos administradores viviam muitas vezes só (da Companhia) na sua Fazenda, que em todo o caso nunca ficava distante dalguma Aldeia ou Residência, onde havia pelo menos um Padre; e quase sempre o Irmão ia ficar na Residência ou havia visitas mútuas frequentes para evitar o isolamento de Religiosos, cuja vocação pelo próprio título do Instituto era viver em «companhia» [1].

O Irmão (ou Padre), que estava à frente duma Fazenda ou dum Engenho, não era o feitor-mor a quem se subordinavam os demais feitores: era o administrador, a quem o feitor-mor do Engenho e os mais davam conta de como cumpriam e faziam cumprir os regulamentos. O cargo de feitor não convinha a Religiosos, representantes apenas do Senhor do Engenho; e o Engenho não era propriedade pessoal de ninguém, mas dos Colégios. Antonil trata de como se há-de haver o Senhor do Engenho, o feitor-mor e os demais feitores, colocando-se num plano geral. Esteve no Engenho de Sergipe do Conde (do Colégio de S. Antão, de Lisboa) e valeu-se das informações do P. Manuel de Oliveira, que não nomeia, mas ao dizer que « o administrou mais de trinta anos » com isto o identifica [2]; assim como se informou de outros mestres e oficiais seculares do Engenho [3]. Dezanove anos antes, e escrita expressamente para os Jesuítas administradores do Engenho de Pitanga (do Colégio da Baía), há a « Instrução que devem guardar os que administram o Engenho », do P. Barnabé Soares, Reitor daquele Colégio e datado no próprio Engenho, a 27 de Dezembro de 1692 [4]. São

1. Ainda que em proporções mais reduzidas em toda a parte, incluindo a Europa, havia Fazendas da Companhia como sustentáculo económico dos Colégios. E conta-se do Ir. António Mendes falecido no de Évora em 1609: « Quase por espaço de trinta anos gastou em tratar das Fazendas e Quintas, sem esta maior largueza o fazer menos rigoroso consigo. Muitas vezes, tendo passado o dia só com pão e água, dormia ao ar da noite com os homens do campo, por ter cuidado dos bens da santa pobreza », Franco, *Ano Santo*, 151.

2. Cf. Leite, *História*, IX (*Biobibliografia* II) 26-27.

3. Antonil. *Cultura e Opulência do Brasil*, 64, 71-84.

4. *Bras. 11 (1)*, 132-134; cf. Leite, *História*, IX (*Biobibliografia* II) 128, letra O; e cf., *ib.*, V, 258.

normas conducentes ao bom governo do pessoal, à manutenção da saúde, moral e física, à vida religiosa, caridade e boa harmonia que deve reinar entre todos os trabalhadores duma empresa de vulto. Para assegurar tudo isto requeria-se nos administradores virtude provada e tino prático. Não era cargo comum, de menos responsabilidade, e por isso o não equiparamos aos simples ofícios domésticos. Em caso idêntico estão os Irmãos procuradores, quer ocupassem este cargo em pleno, quer o ocupassem com o título de ajudante do procurador, tanto no Brasil como na sede do governo central (Lisboa), onde também mais de um Irmão do Brasil foi procurador geral.

14 — Administradores de Engenhos e Fazendas, Pastores, Agricultores e Procuradores

Rodrigues, Vicente (1528-*1549*-1600)	S. João da Talha
Pires, António (...-*1553?*-1562?)	Português
Gonçalves, Pedro (...-1564)	Português
Afonso, Pedro (1541-*1569*-1601...)	Braga
Gonçalves, Francisco (1542-*1569*-1618)	Braga
Esteves, Jorge (1549-*1569*-1639)	Coura
Luís, Gaspar (1549-*1573*-1591...)	Madeira
Cruz, Sebastião da (1562-*1582*-1631...)	Portalegre
Rodrigues, António (1540-*1583*-1614)	Fronteira
Lopes, Gabriel (1544-*1584*-1621...)	Tomar
Gonçalves, António (1550-*1584*-1616)	Ponte de Lima
Lopes, Amaro (1555-*1585*-1607...)	Miranda do Corvo
Martins, Diogo (1554-*1587*-1610...)	Coimbra
Oliva, José de (1568-*1593*-1652)	Novara
Baptista, João (1568-*1595*-1638)	Loures
Gonçalves, João (1577-*1596*-1644)	Matozinhos
Cunha, Pedro da (1581-*1599*-1663)	Porto
Barbosa, André (1583-*1603*-1661)	Fornelos
Barbosa, Adriano (1581-*1604*-1653)	Cela
Medeiros, Matias de (1576-*1606*-1647)	Ilha do Faial
Martins, Manuel (1584-*1614*-1645)	Viana do Castelo
Cardoso, Rafael (1599-*1618*-1641)	Nogueira
Gonçalves, António (1602-*1620*-1659)	Ponte de Lima
Almeida, Cristóvão de (1584-*1621*-1631...)	Fermedo
Fernandes, João (1600-*1629*-1686)	Ponte de Lima
Luís, Manuel (1608-*1631*-1681)	Portimão
Veloso, Leandro (1615-*1633*-1669)	Braga
Correia, Jorge (1570-1639-1641)	Lisboa

Rodrigues, Belchior (1601-*1641*-...)	Santarém
Velho, Francisco (1619-*1641*-1666...)	Aviz
Lopes, Simão Francisco (1622-*1644*-1661)	Santa Olaia
Costa, Gaspar da (1624-*1644*-1698)	Arcos de Valdevez
Dias, João (1627-*1647*-1663)	«Viana de Caminha»
Pereira, Salvador (1626-*1647*-1700)	Porto
Luís, Simão (...-*1652*-1678?)	Português
Azevedo, P. Inácio de (1629-*1655*-1685)	Pernambuco
Leão, Manuel de (1635-*1658*-1722)	Porto
Rodrigues, Manuel (1630-*1661*-1724...)	Ponta Delgada
Ribeiro, Manuel (1641-*1663*-1722)	Vialonga
Torres, José de (1642-*1663*-1704)	Milão
Henriques, André (1638-*1664*-1699)	Madeira
Martins, João (1628-*1665*-1700)	Moncorvo
Rocha, Pedro da (1640-*1666*-1723)	Ilha Terceira
Viana, Manuel (1649-*1667*-1698)	Viana do Castelo
Pereira, Luís (1645-*1675*-1705)	Viana do Castelo
Dias, João (1656-*1676*-1732)	Braga
Pacheco, Aleixo (1619-*1677*-1704)	Ilha Terceira
Pereira, Pedro (1651-*1677*-1726)	Braga
Pires, Domingos (1646-*1679*-1686)	Viana do Castelo
Costa, Mateus da (1654-*1679*-1727)	Lisboa
Ribeiro, João (1657-*1679*-1706...)	Vila Franca
Pacheco, Mateus (1621-*1680*-1692...)	Ilha Terceira
Gonçalves, António (1644-*1681*-1714)	Loivos
Natalini, Pedro António (1652-*1681*-1728)	Roma
Fonseca, António da (1663-*1681*-1734)	Lamego
Dantas, Domingos (1655-*1682*-1730)	Giela
Rodrigues, António (1663-*1682*-1726)	Valença
Vale, Bernardo do (1663-*1683*-1740)	Lisboa
Luís, Inácio (1653-*1688*-1725)	Poiares
Lopes, Manuel (1658-*1688*-1698)	Avelar
Sousa, Domingos de (1667-*1688*-1725)	Vilaça
Simões, Francisco (1660-*1690*-1714)	Lisboa
Esteves, Domingos (1660-*1690*-1717)	Moreira do Lima
Monteiro, Domingos (1655-*1691*-1701...)	S. Mamede
Matos, Pedro de (1664-*1694*-1725)	Arruda
Silveira, João da (1676-*1695*-1726)	Porto
Lopes, António (1671-*1696*-1732)	Braga
Pereira, Martinho (1679-*1698*-1736)	Viseu
Gaia, Francisco da (1676-*1700*-1747)	Santa Marta
Gonçalves, André (1679-*1704*-1728)	Longos Vales
Cardoso, José (1680-*1704*-1752)	S. Mamede
Ferreira, João (1657-*1705*-1730)	Madeira
Monteiro, André (1683-*1705*-1754)	Coimbra
Costa, João da (1661-*1706*-1723)	Braga
Cruz, Manuel da (1687-*1707*-1767)	Landim

Pinto, Agostinho (1687-*1708*-1742)	Braga
Cabral, Francisco (1687-*1709*-1751)	Faial
Resende, José de (1686-*1711*-1760)	Ovar
Rodrigues, Manuel (1687-*1712*-1753...)	Outeiro
Correia, Domingos (1689-*1712*-1732...)	Vila Nova de Cerveira
Barros, Leandro de (1692-*1713*-1764)	Viana do Castelo
Brandão, Francisco (1682-*1714*-1748)	Viana do Castelo
Simões, Manuel (1691-*1715*-1766)	Cantanhede
Coelho, Manuel (1691-*1717*-1753...)	Val do Corvo
Duarte, Lourenço (1693-*1717*-1748)	Guilheiro
Gonçalves, António (1698-*1717*-1772)	Pedroso
Pereira, João (1696-*1718*-1758)	Açoreira
Baptista, João (1692-*1719*-1780...)	Pombal (Braga)
Pires, Manuel (1699-*1720*-1757...)	Porto
Farinha, Manuel (1693-*1721*-1756)	Ponte de Lima
Vieira, António (1681-*1723*-1750)	Madeira
Carvalho, João de (1684-*1723*-1762)	Barcelos
Cunha, Manuel da (1690-*1724*-1761)	Faro
Amorim, Ricardo de (1696-*1724*-1756)	Esmoriz
Álvares, João (1697-*1724*-1774...)	Monção
Cardoso, Domingos (1697-*1726*-1761)	Alter do Chão
Fernandes, João (1698-*1726*-1760...)	Tentúgal
Freitas, António (1703-*1726*-1761)	?
Gomes, Manuel (1709-*1728*-1760...)	Sanfins
Inácio, Manuel (1704-*1729*-1753...)	Porreiras
Delgado, João (1701-*1732*-1780)	Braga
João, Luís (1703-*1732*-1780...)	Pombal
Pereira, José (1712-*1732*-1795)	Ferreira
Pereira, Manuel (1714-*1732*-1753)	Poiares
Lynch (Price), Guilherme (1713-*1734*-1774)	Londres
Baptista, João (1711-*1734*-1760...)	Turquel
Fernandes, Manuel (1715-*1734*-1780...)	Argoncilhe
Henriques, Bernardo (1705-*1735*-1752)	Rego da Muata
França, Manuel da (1713-*1738*-1777...)	Porto
Coelho, Manuel (1718-*1738*-1777...)	Povolide
Andrade, Manuel de (1710-*1739*-1745...)	Benavente
Braila, Tomás (1711-*1740*-1777...)	Calábria
Almeida, João de (1718-*1741*-1748)	S. Pedro do Sul
Silva, Joaquim da (1722-*1742*-1788)	Recife
Sá, Veríssimo de (1695-*1743*-1761)	Fundões
José, Bernardo (1719-*1743*-1760...)	Arrifana
Fernandes, Jacinto (1696-*1744*-1774...)	Merelim
Basto, António de (1706-*1745*-1762)	Couto de Ervededo
Silva, Tomás da (1718-*1745*-1783...)	Recife
Girão, Manuel (1718-*1748*-1768)	Viseu

15 — Salinas

Grande parte da alimentação amazónica era constituída pelo peixe: peixe fresco que se pescava durante as grandes viagens fluviais, mas também seco e salgado para viagens rápidas, assim como também se salgavam carnes. O sal tornou-se elemento de vasto e permanente consumo e às vezes faltava quando mais era preciso. Daqui nasceu a ideia de garantia estável, com salinas próprias, duas das quais prosperaram, uma no Maranhão, outra no Pará. O trabalho delas era em geral feito por pessoal dos dois Colégios, mas havia sempre algum Padre ou Irmão que as administrava. As salinas de Curuçá (Pará) foram as mais importantes e conservaram-se em elaboração até à saída dos Padres. Fundou-as o Ir. (depois Padre) João de Sampaio, que iria ser mais tarde o apóstolo do Rio Madeira.

Fernandes, João (1600-*1629*-1686)	Ponte de Lima
Gorzoni, P. João Maria (1627-*1659*-1711)	Sermide
Silva, Manuel da (1628-*1661*-1705)	Ferreira
Rodrigues, Manuel (1630-*1661*-1724...)	Ponta Delgada
Sampaio, P. João de (1680-*1703*-1743)	Abrunheira
Coelho, Manuel (1691-*1717*-1753...)	Val do Corvo

16 — Pescarias

Não havia nos Catálogos a designação de Irmão pescador; mas aparecem alguns com a incumbência das pescarias, o que se deve entender que presidiam às que se operavam um pouco por toda a costa do Brasil, nas proximidades dos grandes Colégios. Ficaram mais famosas as de Mamaiacu (Porto Salvo) no Pará, as de Camamu na Baía, as de Cabo Frio no Rio de Janeiro, e as de Santos em S. Paulo; mas existiam em menor escala, onde quer que houvesse Residências da Companhia à beira-mar ou nas margens de rios. No Amazonas era a base da alimentação (e ainda hoje continua a ser pela maior parte). Todos os Índios são hábeis pescadores. A direcção destes serviços era feita em geral pelos Padres em qualquer destas três qualidades, de Superior, de Procurador ou de Ministro, e um deles, no Camamu, em 1659, foi o P. Manuel Álvares, do Algarve[1], o mesmo que em 1680 iria ser um dos fun-

1. *Bras. 5 (1)*, 222v.

dadores da Colónia do Sacramento no Rio da Prata. Mas trata-se, aqui, de Irmãos.

A superintendência dos Jesuítas visava sobretudo ao melhor aproveitamento e conservação do peixe, salga e secagem, etc., a fim de se garantir de modo certo e estável um importante sector do sustento dos Colégios. No Índice Geral da « História » no título « Indústria », se agruparam já no subtítulo de « pescarias » diversas notícias sobre qualidades de peixe, métodos de pesca (o «piraquê» do Rio Magé) etc.[1].

Lopes, Simão Francisco (1622-*1644*-1661)	Santa Olaia
Pereira, Salvador (1629-*1647*-1700)	Porto
Tomé, Filipe (1631-*1658*-1686...)	Santarém
Rodrigues, Domingos (1632-*1659*-1706)	Arruda
Cruz (La Croix?), José da (1649-*1679*-1687...)	França
Martins, Francisco (1664-*1686*-1716)	Braga
Coelho, Manuel (1691-*1717*-1753...)	Val do Corvo

1. Cf. Leite, *História*, X, 129

E) SERVIÇOS DE SAÚDE

Os serviços de saúde da Companhia de Jesus no Brasil faziam parte da caridade natural e cristã, mas distinguiam-se, entre as suas modalidades, pelo aspecto técnico. Deste se trata, isto é, dos serviços de saúde como ofício. Ofício dos que cuidavam e tratavam doentes, ofício dos que manipulavam remédios : Irmãos enfermeiros (e alguns cirurgiões) e Irmãos farmacêuticos. Infere-se desta delimitação que não entra aqui o estudo da caridade como tal [1], nem o dos Padres da Companhia que escreveram sobre as qualidades medicinais de numerosos elementos da flora e fauna do Brasil, e se manifestam nas cartas e outros escritos dos Jesuítas a começar pelos de Nóbrega [2].

Os três primeiros enfermeiros do Brasil foram o Irmão (depois Padre) João Gonçalves na Baía, e o Ir. (depois Padre) Gregório Serrão em S. Paulo de Piratininga, a quem sucedeu o Ir. (depois Padre) José de Anchieta, que abrem a série dos Irmãos enfermeiros. Nenhum destes o foi por ofício estável. Depois muitos Irmãos se dedicaram aos serviços de enfermagem como ocupação própria, quer no tratamento dos Padres e alunos dos Colégios e Seminários, quer dos Índios nas Aldeias e dos Escravos nas Fazendas, quer do público em geral nas guerras e invasões holandesas, quer ainda de doentes particulares, — e isto sempre, em qualquer tempo que batiam à porta dos Colégios, nas Cidades e Vilas.

---

1. Cf. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil* (Rio de Janeiro 1950) X (Índice Geral): « Assistência e caridade para com o próximo », p. 28. e ainda « Aldeia » e « Hospital ».

2. Cf *Ib.,* I, 281. A Nóbrega seguiram-se outros, em particular José de Anchieta, Fernão Cardim e Francisco Soares (século XVI), Jácome Monteiro (século XVII) e Diogo Soares, João Daniel e Francisco de Lima (século XVIII). Dalguns destes já trataram ilustres escritores modernos, Carlos França, Lopes Rodrigues, Luís de Pina. Rocha Brito e ainda outros, entre os quais os anotadores das *Cartas Jesuíticas* « Colecção Afrânio Peixoto », ed. da Academia Brasileira de Letras (1931-1933).

Havia lei da Companhia que todas as Aldeias de Índios dispusessem de enfermaria. Quando não era casa à parte junto da Residência havia algum Padre ou Irmão com medicamentos para os Índios enfermos. E, tanto nos Colégios como nas Aldeias, os Irmãos enfermeiros deviam prestar os primeiros curativos de urgência em caso de ferimentos, e o faziam segundo a sua aptidão pessoal, enquanto não se recorria ao médico ou cirurgião nas terras em que os havia.

Nos Engenhos e Fazendas maiores, onde o pessoal trabalhador — Índios e Negros — era avultado, as enfermarias renovavam-se e ampliavam-se de vez em quando, como fez o Reitor do Colégio do Rio de Janeiro, que em 1724 dotou a do seu Colégio com duas salas, uma para mulheres, outra para homens [1]. E lemos em 1934, no chamado « Hospital » da Fazenda de Santa Cruz (Rio), o *ano de 1732,* data em que esta enfermaria ou hospital se reconstruiu.

Alguns Irmãos foram cirurgiões por ofício, supomos que por o serem já, pois nenhum deles entrou na Companhia muito novo: António de Sequeira entrou com 24 anos de idade, Domingos Coelho com 30, Domingos Francisco com 34, e Pedro Gonçalves, famoso cirurgião do Engenho de Sergipe do Conde, com 46.

Os médicos dos Colégios eram profissionais externos, que prestavam serviços clínicos ou por amizade ou mediante remuneração. Um ou outro foi estrangeiro, como o Dr. Júlio Mário, médico francês, falecido no Recife em 1685, que deixou um legado ao Colégio [2], e o Dr. Francisco Poflitz, médico do Colégio do Pará em 1692 [3]. A maior parte, contudo, eram portugueses e dum ou outro se conserva alguma referência nos documentos da época. O Dr. Manuel Mendes Monforte, natural de Castelo Branco, chegou à Baía a 26 de Abril de 1698, com 32 anos de idade, foi chamado ao Colégio em Junho a visitar os Religiosos doentes, e ficou depois « médico estipendiado »; e ainda o era em 1712 [4]. Outro médico do mesmo Colégio da Baía, Dr. Manuel Nunes Leal tornou-se benemérito, e tinha na Igreja lugar reservado para a sepultura, como

1. *Ib.,* VI, 15.

2. *Ib.,* VIII, 145.

3. João Filipe Bettendorff, *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão,* na « Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro », LXXII, 1.ª P. (Rio de Janeiro 1910) 541.

4. *Processo de Anchieta* (Roma 1910): Processo da Baía, 1712, p. 19.

ele próprio escreve ao P. Geral, rogando-lhe houvesse por bem estender a mesma graça à sua mulher e filhos [1]. E assim em cada Colégio havia o seu médico permanente, que, se no século XVI ainda eram poucos, desde o século XVII não faltaram no Brasil [2].

Alguns Padres e Irmãos haviam estudado medicina ou antes de entrar (Giaccopuzi) ou depois (António Pereira, Pedro Dias, Manuel da Luz, etc.), de acordo com o que hoje se preconiza, que tenham algumas noções de medicina quantos se destinam a países de missão, a África ou Ásia. Por isso, os missionários (e missionárias), que nas missões hão-de ser enfermeiros e farmacêuticos, muitos deles já frequentam hoje os cursos das Escolas Superiores e Universidades.

No Brasil, além das duas modalidades de enfermeiros e cirurgiões da Companhia, havia as Boticas. Existiram em todos os grandes Colégios da Europa, em Portugal e fora dele, e se autorizaram logo com o exemplo de S. Inácio em Roma. A enfermaria de Roma estabeleceu-se em 1555 numa casa comprada ao pé da Torre Rossa. Tratava os doentes o P. Baltasar de Torres, que era médico; e precedeu todos os farmacêuticos da Companhia ao menos em Roma o Ir. Luís Quaresma, português, que chegara àquela Cidade com Bernardo de Cangoxima, primeiro japonês, que os Portugueses trouxeram à Europa e veio a falecer em Coimbra, religioso da Companhia [3].

Se em Roma, onde havia outras farmácias, assim se procedeu, no Brasil elas nasceram sobretudo duma necessidade local. A princípio os medicamentos vinham do Reino já preparados. Mas as

1. Serafim Leite, *História*, V, 129.

2. O primeiro médico régio do Brasil foi o Licenciado Jorge de Valadares, « físico e cirurgião », cujo soldo, de 2$000 reis por mês e 400 reis também mensais para sustento, começou a 1 de Maio de 1549 *(Documentos Históricos*, Rio de Janeiro de 1937, XXXV, p. XXIII-XXIV). Sucedeu-lhe o Licenciado Jorge Fernandes, nomeado por D. João III, a 20 de Abril de 1553 com o ordenado anual de 60$000 reis, e que faleceu em Junho de 1567 *(Ib.*, XXXV, p. XXXIV, 184-186, 361). Também por este tempo, a 5 de Fevereiro de 1557, nomeou El-Rei cirurgião da Cidade da Baía, ao Bacharel Mestre « Afonso cirurgião, morador [não mor] na Cidade de Lisboa, filho de Álvaro Mendes morador em Portel », e que chegou à Baía a 27 de Dezembro de 1557, *Ib.*, XXXV, 418-420.

3. « Primus pharmacopolae officio functus fuit Ludovicus quidam lusitanus, huius artis peritus, qui cum Bernardo iaponensi Romam venerat », João Afonso de Polanco, *Chronicon Societatis Iesu*, V (Madrid 1897) 22.

piratarias do século XVI e as dificuldades da navegação impediam com frequência a vinda dos navios de Portugal, e era preciso reser- var grandes provisões, como sucedia em S. Vicente e em S. Paulo ao tempo da Conquista do Rio de Janeiro (1565). Nóbrega e os seus Padres e Irmãos, escreve Leonardo do Vale, ocupavam-se não apenas na catequese, mas em ter « mui particular conta com o bem comum. Tanto que, por os barbeiros serem idos ao Rio, lhes é ne- cessário acudirem a muitas necessidades extraordinárias, como são sangrias de alguns necessitados, que, se os de casa não fossem morreriam à mingua ; isto é comumente na escravaria, que como anda nua, ora com calmas, ora com frios, sempre tem necessidade Também se provêem todos de cousas da *Botica* e o mais que h desse Reino, de que se faz muita provisão, deixando de comer po causa destas necessidades do que a gente se não pode aperceber por serem de alguns anos a esta parte os navios tão poucos na terra, que, quando algum vem por maravilha desse Reino, quase não abrange a todos o que traz. E todo o tempo que em casa o há é forçado dar-se, porque não há outro remédio. De que todos se edificam e mostram grande conhecimento do grande cuidado que se tem com suas necessidades, assim espirituais como temporais »[1]

A necessidade local obrigou pois os Jesuítas a terem abun- dante provisão de medicamentos ; e também logo a procurarem os que a terra podia dar, com as suas plantas medicinais, que come- çaram a estudar e a utilizar em receitas próprias, como as do Ir Manuel Tristão de que Purchas dá notícia em 1625[2]. Destes re- médios e tisanas, iniciadas no século XVI, se foi pouco e pouco ampliando a preparação de outros, com ingredientes europeus e da terra, até se estabelecer a farmacopeia brasileira, com as suas Boti- cas, que por este vocábulo se chamavam as farmácias antigamente assim como os Irmãos farmacêuticos se diziam boticários. Os Catá- logos indicam esta função com o termo latino de *pharmacopola*, que os dicionários traduzem por « farmacêutico, boticário, droguista » isto é, vendedor ou produtor de medicamentos. O sentido de far- mácia e drogaria começou a diferenciar-se modernamente ; e já hoje, quando se trata de fabricação de remédios, se usa o nome de laboratório.

---

1. Carta de Leonardo do Vale aos Irmãos de Portugal, de S. Vicente. 2 de Junho de 1565, *Cartas Jesuíticas : Cartas Avulsas*, 450-451.

2. Cf. Serafim Leite. *História*, IX (*Biobibliografia* II) 167.

Os estabelecimentos da Companhia, como produtores (não apenas como depósitos de consumo) existiram nos principais Colégios e alguns eram os laboratórios centrais do seu tempo, como o do Rio de Janeiro, que em 1706 provia de medicamentos as mais farmácias ou Boticas da cidade, e não havia melhor em França, segundo o testemunho do Passageiro de « L'Aigle », fragata real de França, Capitão Le Roux: « Leur apoticairerie est superbe, bien ornée et aussi bien entretenue, pourvue de toutes sortes de drogues, qu'aucune que nous ayons en France. C'est le magasin de tous les apoticaires de la ville » [1].

Pareceu tão extraordinário este testemunho, que ouvimos dizer a um farmacêutico do Rio que aquele Passageiro podia conhecer bem as Boticas do Brasil, não tanto as da França, cuja história, por já estar feita e ao alcance de todos, o farmacêutico conhecia. Entretanto, como a história das antigas Boticas do Brasil ainda não se escreveu : não será antes o caso de o ilustre farmacêutico do Rio de Janeiro conhecer melhor as Boticas da França do que as da própria terra no mesmo período ?

Documento valioso para o estudo da farmacologia no Brasil nos meados do século XVIII é por certo a *Collecção de Varias Receitas*, datada de 1766, de que já alhures se deu notícia [2].

O Autor da *Collecção*, Padre ou Irmão da Companhia, ainda não identificado, pertencia à Assistência de Portugal, e estivera ou passara pelas suas diversas missões ultramarinas, incluindo o Brasil, como integrante da América, uma das quatro partes do mundo em que ele diz que vivera. Ao tratar da « Triaga Brasílica », escreve que ela se aplicava em várias doenças, mas sobretudo como antídoto ou contraveneno, « excepto os corrosivos »; e era tão famosa no seu tempo, « que se não he melhor que a Triaga da Europa [antes referiu-se às de Roma e Veneza], ao menos não lhe é inferior em cousa alguma ; e muitos Professores da Medicina só uzavam desta, por ser a que nas occasiões lhe obrava mais promp-

1. Cf. Leite. *ib.*, VI, 14-15.

2. Cf *ib.*, II. 584 ; e cf. 580, nota 1, com a indicação das primeiras informações que dela demos em 1937, nas Revistas *Petrus Nonius* e *Medicina* (Lisboa), onde com a gravura do frontispício se publicou a do sistema venoso humano e o modo de praticar a flebotomia que vem no fim da « Colecção ». Também na *História*, VII se publicaram três gravuras dela e no vol. IX *(Biobibliografia*, II) 392/393, se reproduziu o frontispício.

tamente ». « *E eu* — é o Autor que fala — *a confessar a verdade, pela experiencia que tenho da todas as quatro partes do Mundo e exercitando em todas ellas a charidade de applicar alguns remedios, digo* que he das tiriagas a que entre todas as outras tem a primazia ; pois he a que, entre todas ellas, obra mais promptamente e com mais efficacia » [1].

Sucedeu com a « Triaga Brasílica » um episódio, que revela como estavam capacitados da eficácia desta e outras medicinas os estadistas « esclarecidos », que promoveram no século XVIII a perseguição geral à Companhia de Jesus. Um dos desembargadores do sequestro da Baía escreve, no dia 30 de Julho de 1760, a um ministro da corte, a fim de o comunicar a El-Rei :

« Agora sou obrigado a dizer a V. Ex., para ser presente ao mesmo Senhor, que tendo eu noticia que havia na Botica do mesmo Collegio algumas receitas particulares e entre ellas a do *Antidoto* ou *Triaga Brazilica,* fiz a necessaria diligencia para que me viesse á mão antes que fosse de outrem vista pelo justo receyo de que se trasladasse ou se desencaminhasse por industria de quem com efficacia a buscava ; o que se não evitaria, faltando a predita cautela, que se ignora, na inteligencia de que poderiam os mesmos Padres occultar a dita receita, como fizerão aos principaes remedios, que em lugar incompetente foram achado. Por esta receita me dizem haverá nesta Cidade quem dê tres ou quatro mil cruzados : e he certo que o fundo principal da dita Botica era este remedio, pelo grande gasto que tinha, *por ser prompto* o *seu effeito.* Tambem achei outros manuscriptos de outras receitas, que poderão não ser vulgares, porquanto dellas se vê mandarem os Prelados com pena de desobediencia se não mostrassem a pessoa alguma » [2].

Ignora-se o destino ou paradeiro do manuscrito da « Triaga Brasílica » e dos « outros manuscritos de outras receitas », existentes no Colégio da Baía em 1760, de que fala o ofício do desembargador. Felizmente a « Collecção de Receitas » supre e traz a da « Triaga Brasílica ». A par destes medicamentos secretos, ou de « marca registada », como hoje se diria, privativos dos Colégios, a « Collecção » contém outros do domínio público e de livre manipulação em todas as Boticas. Entre eles há 15 de João Curvo Semedo (da « Polianteia » e « Atalaia da Vida », citados com as respectivas páginas); 5 de Jacó de Castro Sarmento ; 2 de Carlos Mussitano ; e um dos autores seguintes : Amezinski (?), João Schorde-

1. « Collecção de Varias Receitas », *Epp. NN. 17,* p. 406. 408.
2. Arq. Hist. Colonial, Inventario Impresso, *Baía,* 5018.

rio (?), cirurgião Manuel dos Santos. E com eles insere os de outras Boticas pertencentes aos Colégios da Assistência de Portugal, fora do Brasil: De Macau 27 medicamentos; de Évora 6; de Lisboa (S. Antão e S. Roque) 6 e 3; de Goa 2. E ainda um, não já da Assistência de Portugal, mas do Colégio Romano [1]. São fórmulas da farmacopeia geral, que na primeira metade do século XVIII tinham curso nas Boticas da Companhia, com uma ou outra variante.

Todavia, a mesma *Collecção de Receitas*, com as de procedência externa, descreve as suas próprias, — e isto é o que mais interessa ao Brasil. Reconhecem-se pelos Colégios, onde se elaboravam, ou pelos Irmãos boticários do Brasil, seus autores. E é já o que se poderia chamar *Farmacopeia Brasileira*, situando-se no espírito do tempo, que usava expressões semelhantes: *Farmacopeia Lusitana, Farmacopeia Francesa*, etc.

Os específicos das Boticas do Brasil são 62: Do Colégio da Baía 38, do Recife 7, do Rio de Janeiro 2; sem declaração de Botica, mas de autor, jesuíta do Brasil: do Ir. boticário André da Costa 2, do Ir. boticário Manuel Dinis 2, do Ir. boticário Francisco da Silva 11.

Entre 200 e tantas fórmulas da *Collecção de Receitas* contam-se, portanto, umas seis dezenas do Brasil com o nome do Colégio

1. Aqueles dois medicamentos de Goa pràticamente são um só: « Pedras Cordeaes. Chamadas comummente de Gaspar António. Da Botica do Collegio de S. Paulo de Goa » (p. 262-264); « Pedras de Gaspar António. Reformadas. Da Botica do Collegio de Goa » (p. 265). Informa Peregrino da Costa: « O Colégio de S. Paulo [de Goa] tinha, também, a sua botica, onde eram preparadas as célebres « pedras de Goa » ou « pedra cordial », composição secreta do químico florentino, Irmão leigo Gaspar António, que tiveram tanta voga e que levadas pelos Jesuítas chegaram aos confins do Extremo-Oriente, até Pequim, usadas até pelo Imperador da China, e mesmo à Rússia, para onde foram remetidas de Pequim ao célebre médico Ribeiro-Sanches. E essas pedras eram exportadas para a Europa e para o Extremo-Oriente em tão larga escala e davam tão consideráveis rendimentos ao Colégio que os boticários de Goa começaram a falsificá-las e também a exportá-las; o que levou o Padre Procurador da Companhia de Jesus em Goa a solicitar do Governo da Metrópole o monopólio da sua preparação pelo boticário do Colégio; o que, de resto, foi concedido por Provisão Régia de 21 de Março de 1691 » (J. P. Peregrino da Costa, *Medicina Portuguesa no Extremo-Oriente — Sião, Molucas, Japão, Cochinchina, Pequim e Macau — Século XVI a XX*. Em « Boletim do Instituto Vasco da Gama », 63-64 (Bastorá, India Portuguesa 1948) 7-8).

ou do autor. Talvez haja mais, entre as que não trazem indicação expressa, e se iriam reproduzindo de boticários antigos não individualizados. Estas 62 fórmulas, em todo o caso, são certas. Todas de carácter empírico, em vigor naquele tempo em todos os estabelecimentos farmacêuticos do mundo, embora se note já a presença de medicamentos, que se iam encorporando à velha escola, e algumas vezes com resistência da rotina. Sabe-se o que sucedeu com a quina da América do Sul, que os Jesuítas deram a conhecer e revolucionou a arte de Galeno na Europa ; e quando se iniciou a terapêutica mineral, o uso do tártaro emético não se fez sem oposição da Universidade de Paris.

As fórmulas da *Collecção de Receitas* estão dispostas com método e todas se apresentam com descrição uniforme : Título do medicamento ; nome do Colégio, a cuja Botica pertencia quando constava, ou do seu autor quando era conhecido ; discriminação dos ingredientes e peso com os respectivos símbolos, tendo por base a libra medicinal de 12 onças : libra, onça, oitava, escrúpulo e grão. Segue-se o processo de laboratório, finalidade e virtudes de cada específico, uso e dose ; e, para alguns casos, o regime alimentar.

O espírito com que se manipulam os medicamentos depreende-se da própria operação, que em cada um se descreve. A « Pedra Infernal », que assim se designava vulgarmente o nitrato de prata, cautério comum dos cirurgiões, era um dos produtos do Brasil :

« *Pedra Infernal* optima. *Da Botica* do *Collegio da Bahia.*

R.[e] Prata pura, 4 onças; agoa Regia, ou forte, boa, 12 onças. Far-se-ha do seguinte modo :

Tome-se a prata em limaduras ou bocadinhos finos, lance-se em vaso de vidro grosso apropriado, em huma sopeira da India, com a agoa Regia, ponha-se em banho de area seco, que fique enterrado o vazo athé o meio, e com fogo brando athé que ferva ; e fervendo, se lhe augmente o fogo athé gastar toda a agoa e ficar a materia seca no fundo do vazo. Continue-se o fogo, e principiará a dita materia a liquidar-se outra vez e ficará como azeite ; e estando desta sorte se lhe tirará levemente alguma espuma que terá pelas bordas, para que a materia fique bem seca, porque se esta se lhe não tirar, facilmente humedece e se liquida. E, estando ainda branda, se lance nas formas se as houver, e senão lance-se sobre huma pedra liza ; e antes que endureça se corte ao comprido ou na forma que quizerem, e se guarde em vidro bem tapado para o uzo. Não se toque com as maons, mas pegue-se-lhe com papel ou outra alguma couza. Toda esta operação se deve fazer em lugar aonde não faça vento algum, e quando se fizer desvie-se a cara de cima da operação ; e quando se vazar nos canais, se houver alguma impuridade no fundo, se não deite. A prata de galão, ou franja queimada, lavada e enxuta, he a melhor para se fazer esta pedra.

Virtudes : Serve para se abrirem fontes, para exterminar as verrugas, para consumir as carnes superfluas e calozas das ulceras, e para outros semelhantes effeitos » [1].

Como este se expõem os demais medicamentos da «Collecção». E, pelo exame dos que pertencem ao Brasil, se vê que doenças tinham mais preparados locais, e correlativamente as enfermidades mais comuns. Sobressaem as da pele, a anemia e a sífilis.

Com efeito, os medicamentos originais dos Colégios ou de Irmãos do Brasil são : para enfermidades da pele, 11 ; para doenças anémicas, 8 ; para males venéreos, 7 ; eméticos ou vomitórios, 7 ; purgantes, 6 ; para febres e sezonismo, 4 ; para enfermidades das senhoras, 4 ; para chagas e feridas, 3 ; para vermes intestinais, 3 ; para tumores duros, 3 ; para apoplexias, 3 ; para paralisia, 2 ; para histerismo, 2 ; para lobinhos, verrugas e cancros (não malignos), 2 ; para doenças dos olhos, 2 ; para dores de cabeça, 2 ; e um específico para cada uma das seguintes enfermidades : do peito, coração, estômago, cólicas, disenterias, varíola (remédio que se apresenta não como eficaz em todos os casos, mas útil), reumatismo, gota, hidropisia, epilepsia, escorbuto, insónias e mordeduras de cobras.

Estes os que são de Boticas ou autores do Brasil, que constam da *Collecção de Receitas*. (E além destes, é claro, os outros, de Boticas e boticários da Europa e ainda do Oriente — Goa e Macau — para doenças variadas).

A manipulação de todos estes medicamentos realizava-se com as garantias e os utensílios indispensáveis, que o tempo permitia. Os instrumentos eléctricos da indústria moderna, a descoberta de Pasteur, as injecções e os grandes laboratórios, que fabricam remédios em série, mataram as farmácias do passado. Seria pouco inteligente quem renegasse esta riquíssima contribuição moderna da ciência industrial, para continuar com os processos antigos ; não seria mais inteligente quem desprezasse os antigos boticários, que procuravam combater as doenças com a mentalidade e os meios próprios da sua época. Dentro deste pressuposto legítimo e necessário, os Colégios dispunham de meios, que dificilmente se achariam noutras Boticas particulares do seu tempo. A da Baía era ampla, ao rés do chão (Terreiro de Jesus), no lugar precisamente

1. « Collecção de Receitas », 269-270.

onde é hoje a entrada para a Faculdade de Medicina da Universidade da Baía. E, tanto neste como nos outros grandes Colégios, as Boticas começavam a ter lugar preponderante, a seguir à Igreja, à Biblioteca e ao Salão de Actos ou « Aula Magna », que também se ia construindo, aqui e além, como em S. Paulo [1]. Em geral, a Botica era constituída por uma sala e uma oficina : a loja ou farmácia pròpriamente dita, onde estavam os remédios à disposição do público, presidida por uma imagem, que habitualmente era a de Nossa Senhora da Saúde (« Salus Infirmorum »); e a oficina ou laboratório, onde se fabricavam os medicamentos.

Não era das maiores a Botica do Colégio do Maranhão. O Inventário de 1760 diz o que havia nela : Quatro estantes onde se alinhavam os recipientes constituídos por « vasos de barro e redomas de vidro ».

« Tinha mais [de] 400, todos com os remedios necessarios para aquela terra, os quais importariam 400$000 reis ». Perto da Botica situava-se o deposito e a oficina ou laboratório. E aqui havia : « Tres fornalhas, uma estufa com os trastes seguintes : hum alambique de cobre estanhado, dois alambiques de barro vidrado, 5 tachos de arame, um almofariz de 2 arrobas com sua mão de ferro, e outro de 12 libras com sua mão, mais 2 pequenos ; tinha mais 4 almofarises de marmore com mãos de pau, mais 2 de marfim pequenos, 6 tamizes com suas tampas de couro, 4 sedaços.

Tinha mais 2 almarios grandes e hum bufete grande com 4 gavetas ; 2 pares de balanças pequenas ; mais duas que eram ordinarias, uma de arame, outra de folha. Havia mais na Botica huma imagem da Senhora com sua coroa de prata e com seu Menino que tinha resplandor de prata. Tinha mais 30 tomos de Medicina e Botica, um candieiro de arame, 6 espatulas de arame, huma imprensa, 2 bacias de arame, 2 escumadeiras de arame. Ficou mais em casa do cirurgião Manuel de Sousa 30$000 reis em remedios, 5 tomos de Medicina, um alambique de cobre estanhado, 2 alambiques de barro vidrado » [2].

Com ser modesta, a Botica do Colégio do Maranhão dispunha, como se vê, de um bom jogo de 10 grais e almofarizes (de ferro, mármore e marfim); de outro bom jogo de 6 alambiques, e diversas peças de metal, incluindo o que então se chamava arame (latão ou metal amarelo), e uma biblioteca especializada, privativa, de 35 volumes, diferente da biblioteca geral do Colégio. E como esta, eram as demais Boticas, com alguma diferença às vezes na nomen-

---

1. Cf. Leite, *História*, VI, 398.
2. Archivum Romanum Societatis Iesu, *Brasilia 28*, 27.

clatura. O Colégio do Pará distingue os almofarizes (« 2 almofarizes e um grande, tudo de bronze ») dos grais (« grais de pedra 5, e um de marfim ») [1].

Destas duas Boticas, da Vice-Província do Maranhão, existe o « Inventário » no Arquivo da Companhia, e o temos à mão ; não se encontra no Arquivo o Inventário das Boticas da Província do Brasil, mas aquelas bastam para a justa apreciação e conhecimento das mais, sabendo-se que eram de menor produção e fama que algumas do Brasil, em particular as dos Colégios da Baía e do Rio de Janeiro. Esta em 1701 rendeu 800 escudos, enquanto a da Baía apenas 300 [2]. Não se pode tomar a renda como sinal certo de maior actividade. A norma habitual era a que se lê nas « Ordenações » do Maranhão : Dêem-se grátis aos pobres os remédios que lhes forem necessários, aos ricos vendam-se, mas o produto só pode ser utilizado na compra de novos medicamentos; e se sobrar alguma coisa se empregue em livros para a biblioteca do Colégio, sem que o Reitor lhe possa dar outra aplicação [3]. Tendo-se presente esta norma, podia bem suceder que os pobres da Baía fossem mais numerosos do que os do Rio de Janeiro em 1701 ; e que, portanto, a renda líquida de 800 escudos do Rio não represente maior produção do que pareceria, olhando apenas à de 300 escudos da Botica da Baía.

Um quadro comparativo de 1757 (o último) mostra o rendimento das Farmácias, em escudos romanos. Não aparecem as do Pará e Maranhão, e talvez alguma que se intentasse na Vigia, por pertencerem a administração diferente (a Vice-Província do Maranhão e Pará), nem aparece a de Paraíba, que então se iniciava

---

1. *Bras. 28,* 10v. Os títulos daqueles 35 volumes de Medicina e Botica não os dá o Inventário. Entre eles haveria sem dúvida Curvo, *Observações, Atalaya* e *Polianteia ;* Ferreira, *Luz de Cirurgia ; Luz da Medicina ;* e a *Pharmacopeia Lusitana,* pois constam da biblioteca da Vigia, de menor importância (Leite, *História,* IV, 401, 403, 405, 407). A última obra citada, é de D. Caetano de Santo António, *Pharmacopéa Lusitana reformada, methodo practico de preparar os medicamentos na forma galenica* e *chymica,* Lisboa, 1717. Inocêncio Francisco da Silva, *Diccionario Bibliographico Portuguez,* II (Lisboa 1859) 5. Tanto o Dr. João Curvo Semedo, como o Dr. António Ferreira eram autores estimados no seu tempo ; e ainda hoje se citam com respeito (cf. Inocêncio, *ib.,* I, 142 ; III, 357 ; X, 231 ; XI, 287).

2. Cf. Leite, *História,* V, 589, 591.

3. «Ordenações». Bibl. Pública de Évora, cód. CXVI/-2, 151 ; *Bras 25,* 54v.

na Província do Brasil. A esta pertenciam as seis seguintes, que se nomeiam: Baía, 1200; Rio de Janeiro, 600; Recife, 600; S. Paulo, 400; Santos, 150; Olinda, 150 [1]. Não obstante o desconto do que se dava aos pobres, a ordem destes números é também a da sua importância, com a Baía, o Rio de Janeiro e o Recife à frente; S. Paulo progredia; Olinda cedera o passo ao Recife.

Por muito tempo as Farmácias da Companhia foram as únicas existentes nalgumas cidades. E quando se estabeleceram outras, as dos Padres, pela sua experiência e longa tradição, mantiveram a primazia [2]. Facto, notável para o tempo, o Colégio do Maranhão possuía uma farmácia flutuante, a « Botica do Mar », bem provida, que abastecia de medicamentos os lugares da costa, desde o Maranhão a Belém do Pará [3].

Este aspecto da actividade dos Jesuítas da Assistência de Portugal na América foi sem dúvida uma das manifestações do paralelismo existente entre o desbravar do Novo Mundo e a reconquista da Europa, quando os Mosteiros da Idade Média se constituiram centros da vida agrícola, refúgio e expansão da cultura literária e científica, e também com as suas Boticas, únicas naquele tempo. Os monges eram os boticários, tradição que perdurou nas casas religiosas das novas Ordens nascidas no alvorecer dos Tempos Modernos [4]. Vimos como em Roma se estabeleceu uma Botica da Companhia ainda em vida de S. Inácio. No Brasil, sendo de Jesuítas as primeiras casas religiosas estáveis, com Padres e Irmãos leigos, os seus Colégios constituiram-se, como que natural e espontâneamente, os núcleos primitivos não só de cultura religiosa, literária e científica, mas também destes serviços de saúde. Humildes

1. *Bras. 6*, 436-439v.

2. Já existiam outras Boticas no Brasil, quando se publicou o « Regimento dos Boticarios e de Arte Pharmaceutica », de 16 de Março de 1744, transcrito por Brás do Amaral, em Inácio Accioli, *Memórias Históricas e políticas da Bahia*, II (Baía 1919) 390-393. E se não chegaram antes com os Donatários, os Boticários vieram com o governador Tomé de Sousa em 1549: Alvará régio mandando pagar a Diogo de Castro, boticário, que ia com Tomé de Sousa, 15$000 reis de ordenado em cada ano. A. H. U., *Conselho Ultramarino*, cód. 112 (= *Registos*, I) f. 172v.

3. *Bras. 28*, 27.

4. Ainda é manifestação actual das Boticas das Ordens Religiosas antigas, os famosos licores conhecidos por « Chartreuse », « Benedictine », etc. E em Portugal, modernamente, o de « Singeverga ».

sem dúvida, enquadrados todavia com honra no espírito do tempo, que é a justa medida de apreciação de valores em todas as manifestações humanas susceptíveis de progresso.

Lembra esta reflexão os grandes laboratórios farmacêuticos modernos, que existem e honram o Brasil, nas suas grandes cidades, sobretudo as do Rio de Janeiro e São Paulo ; mas ao mesmo tempo lembra o facto de que nem tudo são grandes cidades, e que o desbravamento não foi nem é homogéneo em todo o Brasil, onde ainda permanecem vastíssimas regiões, com serviços de saúde que não diferem ou estão em condições de inferioridade confrontados com os das antigas Aldeias. Não é recordação livresca. Os chamados « barracões » da Amazónia, em tempo de safra da borracha, são centros de territórios extensos com população esparsa pelos seringais, aonde chega com a vazante das águas, e donde alguns meses depois, com a enchente, se retira às suas casas ou barracas da terra firme. Ali não moram médicos nem cirurgiões. No barracão há duas ou três prateleiras de paxiuba com medicamentos, quinino contra a malária (sezões), sulfato de sódio, magnésia ; bismuto, peitorais, pílulas, colírios, álcool, iodo, e outros remédios de que já não conservamos memória certa. Porque isto era há mais de 40 anos (ainda não tinham chegado ali as injecções); e em concreto passava-se numa safra de borracha em que nos achamos sós, o único branco, com diversos índios e caboclos (alguns com família) no coração da América do Sul, no Rio Deméni (confluente do Rio Negro, que por si é afluente do Amazonas), distante de qualquer outra barraca ou barracão de branco dois dias de viagem água abaixo, e que o leito quase seco do rio transformava em quatro na subida. Literatura nesta matéria havia apenas o Chernoviz (« Formulário ou Guia Médico » e o « Dicionário de Medicina Popular ») e os prospectos que envolviam os frascos ou caixinhas de remédios [1]. Mas o isolamento e a impossibilidade absoluta de recorrer a qualquer médico ou cirurgião apura no homem da selva, mesmo quando só tem 20 anos, o sentido de responsabilidade, e presta serviços aos seus subordinados o melhor que sabe e pode com os meios de que dispõe. O Chernoviz leu-se e releu-se ; e sobretudo a experiência adquire-se rápida sob a pressão da necessidade, em particular com as doenças mais comuns em que predomina a ma-

1. Sobre o Dr. Chernoviz, cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, VI (Lisboa) 656-657.

lária de que ninguém se livra. E a experiência das doenças próprias ajuda a curar as alheias [1].

Este estado dos serviços de saúde, ainda existente nos recessos da Amazónia, ajuda a calcular o que seriam os de uma Aldeia de Índios dois ou três séculos atrás. Certamente que estariam melhor apetrechadas, se não todas ao menos as que se situavam ao longo da costa, perto das vilas e cidades do litoral, onde havia enfermeiros e Boticas da Companhia.

Como na Companhia as enfermarias eram obrigatórias em todas as Residências e Colégios, é natural que os Irmãos enfermeiros, desde o século XVI ao XVIII, fossem mais numerosos do que os Irmãos boticários ou farmacêuticos. Precisamente por ser obrigatória nos Catálogos a menção de enfermeiro, esta deve ter sido alguma vez circunstancial e passageira, a significar Irmão que cuidasse dos doentes sem fazer curativos nem administrar remédios, que é o próprio do enfermeiro sob direcção médica ou sob a sua responsabilidade. Algum enfermeiro destes, só de nome, se terá insinuado na presente lista; mas, excepção feita para os Padres (poucos), procurou-se incluir nela apenas os enfermeiros de ofício. Alguns foram também farmacêuticos e boticários.

17 — Enfermeiros e Cirurgiões

Serrão, P. Gregório (1527-*1553*-1586)	Sintra
Gonçalves, P. João (1528-*1553*-1558)	Portugal
Anchieta, P. José (1534-*1553*-1597)	Laguna
Tristão, Manuel (1546-*1568*-1621...)	Açores

1. A experiência na Amazónia ainda hoje é um dos grandes recursos dos barracões, semelhante em muitos pontos à que descreve João Daniel. As constipações, muito comuns, curavam-se, diz ele, sobretudo com suadoiros ou de braseiro ou água quente ou aguardente queimada, ou de plantas medicinais, mocura-caa, pagé-merioba, etc

Os catarros, que desprezados matavam com frequência, curavam-se « já por fora com suadoiros, e já por dentro com xaropes, os quais têm excelentes os Americanos, já na aguardente queimada, já no chá ordinário, café e muitas outras ervas sudoríferas, e sobre todas a raiz de pagé-merioba, que obra prodígios, mais que o chá de violas, o chá de pimenta cozida, cebolas e outras das boticas ». Para os casos agudos tinha eficácia a raiz do alcaçuz, em particular o bravo ou silvestre. *Parte Segunda do Thesouro Descoberto no Rio Amazonas*, na « Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro », 3 (1841) 290-296; e cf. p. 434.

Jorge, António (1555-*1574*-1608)	Ilha Terceira
Giaccopuzzi, P. Giambattista (1539-*1575*-1590)	Spezia
Rodrigues, João (1553-*1577*-1618...)	Sanfins de Friestas
Marinho, João (1558-*1578*-1609)	Barcelos
Cruz, Sebastião da (1562-*1582*-1631...)	Portalegre
Martins, Diogo (1554-*1587*-1610...)	Coimbra
Bonaiuto, Ascânio (1557-*1587*-1615)	Lauro
Mendes, Gaspar (1576-*1598*-1618...)	Braga
Cunha, Pedro da (1581-*1599*-1663)	Porto
Lopes, Bento (1575-*1601*-1617...)	Setúbal
Barbosa, André (1583-*1603*-1661)	Fornelos
Barbosa, Adriano (1581-*1604*-1653)	Cela
Vieira, Simão (1564-*1605*-1650)	Óbidos
Gonçalves, P. Francisco 1597-*1613*-1660)	Ilha de S. Miguel
Fernandes, António (1596-*1615*-1625)	Madeira
Sousa, Gaspar de (1591-*1618*-1658)	Penafiel
Cardoso, Rafael (1599-*1618*-1641...)	Nogueira
Costa, Gaspar da (1600-*1620*-1631...)	Ponte de Lima
Gonçalves, António (1602-*1620*-1657)	Ponte de Lima
Álvares, Lourenço (1606-*1625*-1668)	Braga
Oliveira, João de (1611-*1630*-1680)	Madeira
Dias, Gaspar (1604-*1638*-1691)	Angra
Dias, P. Pedro (1622-*1641*-1700)	Gouveia
Peixoto, Francisco (1616-*1643*-1695)	Ilha Graciosa
Costa, Gaspar da (1624-*1644*-1698)	Arcos de Valdevez
Costa, Manuel da (1620-*1647*-1659)	Porto
Dias, João (1627-*1647*-1663)	«Viana de Caminha»
Moura, Inácio de (1623-*1648*-1699)	Porto Seguro
Sousa, José de (1629-*1648*-1663...)	Ilha Terceira
Pereira, P. António (1638-*1655*-1687)	Maranhão
Leão, Manuel de (1635-*1658*-1722)	Porto
Tomé, Filipe (1631-*1658*-1686...)	Santarém
Rodrigues, Manuel (1630-*1661*-1724...)	Ponta Delgada
Costa, André da (1648-*1676*-1712)	Lyon
Coelho, Domingos (1645-*1678*-1716)	Castelo Rodrigo
Orlandini, P. João Carlos (1646-*1679*-1717)	Sena
Natalini, Pedro António (1652-*1681*-1728)	Roma
Fonseca, António (1663-*1681*-1734)	Lamego
Gomes, Manuel (1645-*1682*-1720)	Guimarães
Fernandes, António (1662-*1682*-1693)	Coura
Araújo, António de (1656-*1683*-1701)	Guimarães
Vale, Bernardo do (1663-*1683*-1740)	Lisboa
Cerqueira, Domingos de (1657-*1685*-1724)	Coura
Teixeira, João (1661-*1686*-1695)	Vila Nova
Lopes, Manuel (1658-*1688*-1698)	Avelar
Gonçalves, Pedro (1644-*1690*-1724)	Lamego
Lourenço, José (1669-*1690*-1708)	Moura

Ribeiro, Bento (1670-*1691*-1745)	Barcelinhos
Matos, Pedro de (1664-*1694*-1725)	Arruda
Barros, António de (1665-*1695*-1741)	Braga
Oliveira, Francisco de (1677-*1696*-1740)	Rio de Janeiro
Pereira, Martinho (1679-*1698*-1736)	Viseu
Gaia, Francisco da (1676-*1700*-1747)	Santa Marta
Pinto, António (1661-*1701*-1730)	Santa Eulália
Luz, Manuel da (1678-*1702*-1735)	Proença
Cardoso, José (1680-*1704*-1752)	S. Mamede
Dias, João (1656-*1705*-1732)	Braga
Francisco, Domingos (1675-*1709*-1738)	Mourisca
Cabral, Francisco (1687-*1709*-1751)	Ilha do Faial
Silva, João da (1691-*1709*-1768)	Pousadela
Resende, José de (1686-*1711*-1760)	Ovar
Oliveira, João de (1688-*1712*-1767)	Viana do Castelo
Barros, Leandro de (1692-*1713*-1764)	Viana do Castelo
Almeida, Francisco de (1694-*1713*-1761)	Almada
Domingues, Manuel (1670-*1714*-1743)	S. João da Foz
Pacheco, Francisco (1686-*1714*-1760)	Basto
Simões, Manuel (1691-*1715*-1766)	Cantanhede
Silveira, Manuel da (1666-*1716*-1744)	Valença
António, Manuel (...-*1717*-1737)	Porto
Silva, Francisco da (1695-*1717*-1763)	Lisboa
Pereira, João (1696-*1718*-1758)	Açoreira
Sousa, Lourenço de (1697-*1718*-1769)	Lisboa
Pires, Manuel (1699-*1720*-1757...)	Porto
Lopes, Manuel (1700-*1721*-1760...)	Viana do Castelo
Gomes, Bento (1699-*1722*-1760...)	Guimarães
Paulo, João (1702-*1724*-1760)	Lisboa
Brito, Domingos (1703-*1724*-1764)	Porto
Sequeira, António de (1701-*1725*-1760...)	Rio de Janeiro
Oliveira, Luís de (1703-*1726*-1774...)	Fornos
Pereira, Domingos (1702-*1728*-1759)	Porto
Inácio, Manuel (1704-*1729*-1753...)	Porreiras
Dinis, Manuel (1708-*1729*-1780...)	Seara (Braga)
Passos José de (1715-*1730*-1749)	Olinda
Silva, Luís da (1696-*1731*-1761)	Lisboa
Fernandes, António (1703-*1732*-1755)	Porto
Silva, Inácio da (1710-*1732*-1760...)	Recife
Pereira, José (1712-*1732*-1795)	Ferreira
Pereira, Manuel (1714-*1732*-1753)	Poiares
Ferreira, Clemente (1713-*1734*-1741)	Vila Boa de Espinho
Correia, Bento (1711-*1736*-1741...)	Vila Rica
Freire, José (1711-*1736*-1760...)	Pernambuco
Carneiro, João (1697-*1737*-1760...)	S. Martinho
Santos, Francisco dos (1706-*1737*-1774...)	Braga
Coelho, Manuel (1718-*1738*-1777...)	Povolide

Chaves, Lourenço de (1690-*1739*-1761)	Lisboa
Rodrigues, Francisco (1708-*1739*-1769)	Rio de Janeiro
Andrade, Manuel de (1710-*1739*-1745...)	Benavente
Baptista, João (1719-*1740*-1767...)	Piemonte
Oliveira, António de (1717-*1741*-1762)	Porto
Martins, Honorato (1696-*1742*-1765)	Toulon
Martins, Clemente (1703-*1743*-1768)	Alfândega
Freire, Manuel (1714-*1744*-1774...)	Ilha de S. Miguel
Costa, Manuel da (1719-*1744*-1764)	Barcelos
Inácio, Leopoldo (1724-*1744*-1760...)	Évora
Luís, Tomás (1725-*1750*-1760...)	Edimburgo

18 — Boticários ou Farmacêuticos («Pharmacopolae»)

Tristão, Manuel (1546-*1568*-1621...)	Açores
Cunha, Pedro da (1581-*1599*-1663)	Porto
Álvares, Lourenço (1606-*1625*-1668)	Braga
Oliveira, João de (1611-*1630*-1680)	Madeira
Dias, P. Pedro (1622-*1641*-1700)	Gouveia
Rodrigues, Manuel (1630-*1661*-1724...)	Ponta Delgada
Henriques, André (1638-*1664*-1699)	Madeira
Costa, André da (1648-*1676*-1712)	Lyon
Coelho, Domingos (1645-*1678*-1716)	Castelo Rodrigo
Natalini, Pedro António (1652-*1681*-1728)	Roma
Fonseca, António (1663-*1681*-1734)	Lamego
Gomes, Manuel (1645-*1682*-1720)	Guimarães
Lourenço, José (1669-*1690*-1708)	Moura
Cruz, Manuel da (1664-*1694*-1751)	Cantanhede
Gaia, Francisco da (1676-*1700*-1747)	Santa Marta
Luz, Manuel da (1678-*1702*-1735)	Proença
Passos, Inácio de (1686-*1706*-1732)	Ponte de Lima
Silva, João da (1691-*1709*-1768)	Pousadela
Silva, Francisco da (1695-*1717*-1763)	Lisboa
Sousa, Lourenço de (1697-*1718*-1769)	Lisboa
Lemos, Domingos de (1694-*1719*-1753)	Gondelim
Pinheiro, P. Luís (1698-*1720*-1733...)	Celas
Gomes, Bento (1699-*1722*-1760...)	Guimarães
Brito, Domingos de (1703-*1724*-1764)	Porto
Duarte, Tomé (1701-*1726*-1737...)	Viseu
Pereira, Domingos (1702-*1728*-1759)	Porto
Gomes, Manuel (1707-*1729*-1736...)	Guimarães
Dinis, Manuel (1708-*1729*-1780...)	Seara (Braga)
Passos, José de (1715-*1730*-1749)	Olinda
Soares, António (1711-*1731*-1739)	S. Paulo
Cardoso, P. José (1711-*1732*-1751...)	Covilhã
Ferreira, Clemente (1713-*1734*-1741)	Vila Boa de Espinho

Freire, José (1711-*1736*-1760...)	Pernambuco
Teixeira, Sebastião (1709-*1738*-1760...)	Montalegre
Coelho, Manuel (1718-*1738*-1777...)	Povolide
Andrade, Manuel de (1710-*1739*-1745...)	Benavente
Baptista, João (1719-*1740*-1767...)	Piemonte
Oliveira, Caetano de (1720-*1743*-1747)	Coimbra
Gomes, António (...-*1746*-...)	?
José, Romão (...-*1746*-1750...)	?
Girão, Manuel (1718-*1748*-1768)	Viseu
Alberti, Domingos (1711-*1751*-1752...)	Saluzzo
Santos, António dos (1733-*1753*-1760...)	Aveiro
Fonseca, P. Manuel da (1734-*1753*-1782...)	Vilar
Lopes, José (1731-*1754*-1760...)	Leiria

F) OUTROS OFÍCIOS

19 — Mestres de Meninos e Directores de Congregações Marianas

O primeiro Mestre-Escola do Brasil foi em 1549, Vicente Rodrigues, Irmão, que depois foi Padre; o primeiro Mestre-Escola de São Paulo foi António Rodrigues, Irmão, que também depois se ordenou. Excepções, que são primazias. A regra comum era que fosse Mestre-Escola algum Irmão estudante, depois da Filosofia e antes da Teologia, como exercício prático das suas aptidões de ensino. Todavia se o magistério primário requer alguns estudos, exige mais ainda tacto e jeito para lidar com crianças; e aqui e além assinala-se algum Irmão Coadjutor, dotado deste talento, que foi Mestre de Meninos e até director da respectiva Congregação Mariana [1].

Nas Aldeias, a escola de ler e escrever estava em função da catequese e o próprio missionário era o Mestre. Se de vez em quando, nas Aldeias, o Mestre era Irmão Coadjutor não era menção habitual de Catálogo. Nos Colégios, sim, e consta o nome do Mestre, qualquer que fosse a sua classe: Irmão Coadjutor, Estudante, Padre. São em grande número. Mas aqui, como é óbvio, só cabem os que exerceram este magistério na qualidade de Irmãos.

— Os Irmãos Coadjutores, que foram directores de Congregações Marianas, levam um asterisco (*).

Rodrigues, Vicente (1528-*1549*-1600)	S. João da Talha
Rodrigues, António (1516-*1553*-1568)	Lisboa
Lopes, Fernão (1554-*1577*-1616)	Pedrógão
Vieira, Francisco (1562-*1581*-1591...)	Ilhéus
Cruz, Sebastião da (1562-*1582*-1631)	Portalegre
Gonçalves, António (1550-*1584*-1616)	Ponte de Lima

---

1. Além do Mestre-Escola de Meninos há uma « dignidade » dos Cabidos com o mesmo título. O primeiro « Mestre-Escola » da Sé da Baía foi Silvestre Lourenço, da Ilha de S. Miguel, nomeado por D. João III a 24 de Fevereiro de 1552. *Doc. Hist.*, XXXV (1937) 132, 255.

Paulo, Belchior (1554-*1587*-1619)	Sernande
Luís Manuel (1608-*1631*-1681)	Portimão
Costa, Gaspar da (1624-*1644*-1698)	Arcos de Valdevez
Madureira, António de (1600-*1647*-1664)	Vimioso
Silva, Tomé da (1614-*1655*-1666)	Beja
Dias, Francisco (1638-*1657*-1708)	Porto
Tomé, Filipe (1631-*1658*-1686...)	Santarém
Campos, Baltasar de (1614-*1661*-1687)	Holandês
Campos, Roberto de (1637-*1662*-1712)	Irlandês
Viana, Manuel (1649-*1667*-1698)	Viana do Castelo
Mendes, João (1652-*1676*-1685...)	Viana do Castelo
Pereira Baracho, Domingos (1634-*1688*-1695)	Pernambuco
Costa, Luís da (1666-*1688*-1739) *	Lisboa
Branco (Blanc?), António (1669-*1691*-1722)	Paris
Miranda, Félix (1674-*1696*-1760...) *	Lisboa
Silva, João da (1691-*1709*-1768)	Pousadela
Figueiredo, José de (1689-*1716*-1731...) *	Lisboa
Nunes, Manuel (1679-*1721*-1735)	Portela
Mota, Manuel da (1696-*1724*-1760...) *	Torres Novas
Brito, Domingos de (1703-*1724*-1764)	Porto
Esteves, João (1693-*1727*-1758)	Coura
Passos José de (1715-*1730*-1749...) *	Olinda
Freire, José (1711-*1736*-1760...)	Pernambuco

20 — Bibliotecários, encadernadores, tipógrafos e impressores

Das Bibliotecas da Companhia no Brasil, que foram numerosas e importantes [1], ocupava-se a princípio um Padre e sempre ficaram sob a superintendência dalgum. Mas com o tempo e acrescentamento delas, e com a necessidade permanente de defender os livros contra o cupim e outros inimigos das Bibliotecas, encarregaram-se Irmãos de os limpar, restaurar e encadernar, e surgem nos Catálogos os ofícios correspondentes ; e, por duas vezes, a indicação de *tipógrafo* dada a José Correia e António da Costa, acrescida neste com a de *impressor*.

Houve uma tipografia em Pernambuco nos princípios do século XVIII, que imprimiu letras de câmbio, orações e estampas religiosas, os chamados « registos », um dos quais, que possuíamos, oferecemos, em 1950, ao Dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, director dos Serviços do Património Histórico e Artístico Nacional do Brasil. Esta tipografia do Recife foi mandada fechar por ordem régia

1. Cf. Leite, *História*, X (Índice Geral) 40.

em 1706. Ignora-se a quem pertencia [1]. Teria alguma coisa que ver com ela o Ir. António da Costa então no Brasil?

Quanto aos cargos de Bibliotecário e encadernador (às vezes aparece « livreiro ») devem-se entender também no sentido de dirigentes, como para outros ofícios. Havia nos Colégios pessoal menor ou assalariado para ajudar nos trabalhos, sobretudo os de conservação, limpeza e encadernação dos livros. Como aquele serventuário do Colégio do Pará, o cafus Lourenço, que « tocando o sino a trovões mui rijos », « faleceu de um corisco », e se sepultou na Igreja da Companhia. E do qual se diz que era « alfaiate e livreiro » [2].

Gonçalves, António (1550-*1584*-1616)	Ponte de Lima
Costa, António da (1647-*1677*-1722)	Lyon
Afonso Mateus (1660-*1682*-1729)	Izeda
Correia, José (1692-*1718*-1720)	Viseu
Pires, Manuel (1699-*1720*-1757...)	Porto
Cunha, Manuel da (1690-*1724*-1761)	Faro
Mota, Manuel da (1696-*1724*-1760...)	Torres Novas
Fernandes, Manuel (1715-*1734*-1780...)	Argoncilhe
Torres, Manuel (1725-*1744*-1760...)	Coimbra

21 — Pilotos

Os Colégios do Brasil escalonavam-se pela costa imensa, e o Provincial não os podia visitar e reger senão por mar. El-Rei dava um subsídio, mas em breve se manifestou a irregularidade da navegação alheia, que não permitia as visitas nos tempos canónicos, impondo-se logo a necessidade de dispor de condução privativa. Era a *Fragata da Província*, a cúria flutuante, magnífico exemplo de adaptação apostólica ao meio ambiente. Ao mesmo tempo, os Colégios possuiam os seus navios menores para assegurar as comunicações e transportes entre eles e as respectivas fazendas, que eram o seu sustento. Isto criou na Companhia um corpo notável de Irmãos pilotos, que se foram sucedendo na *Fragata da Província*, assim como alguns Irmãos construtores navais, de que se tratou no n.º 4.

1. Max Fleiuss, «História da Imprensa», no «Dic. Hist. Geogr. e Etnogr. do Brasil», I, 1551-1552.

2. Leite, *História*, III, 216

A Fragata da Companhia não prestava serviços apenas de carácter interno, mas também cívicos e nacionais[1].

Dias, Francisco (1538-*1577*-1633))	Merciana
Lopes, Bento (1575-*1601*-1617...)	Setúbal
Martins, Manuel (1584-*1614*-1645)	Viana do Castelo
Fernandes, João (1562-*1624*-1642)	Português
Luís, Manuel (1608-*1631*-1681)	Portimão
Gonçalves, Manuel (1623-*1659*-1694)	Azurara
Pires, Manuel (1625-*1659*-1716)	Massarelos
Berthê, João Baptista (1659-*1682*-1741)	Francês
Nogueira, Bento (1669-*1703*-1731)	S. João da Foz
Aguiar, Pedro de (1689-*1723*-1753)	Coimbra
Xavier (Davis?), Francisco (1711-*1745*-1761)	Escocês

22 — Barbeiros e Cabeleireiros

Os Padres e Irmãos não usavam vaidades nem arrebiques no cabelo e barba (quando se usava) e sempre aparecia algum Irmão com mais jeito para estes misteres, sem que fosse o seu ofício próprio, nem constasse no Catálogo. Por outro lado, entre o pessoal de casa contavam-se pessoas capazes, sobretudo Negros, que foram — quase só eles — os oficiais de barbeiro do Brasil durante dois séculos. Os Inventários dos Colégios incluem entre os utensílios, menções como esta, do Colégio do Pará : « uma ou duas bacias de arame [latão] com seus penteadores para as barbas »[2]. Não obstante, aparecem alguns ofícios de « tonsor » e « barbitonsor » (cabeleireiro e barbeiro) aplicados a Irmãos que o tinham antes de entrar na Companhia e talvez o exercessem também nela. E, pois os Catálogos o dizem, deixam-se também aqui os seus nomes.

João, Adriano (1552-*1578*-1631...)	Ádria
Costa, Manuel da (1639-*1651*-1661)	Porto
Ribeiro, Bento (1670-*1691*-1745)	Barcelinhos
Rodrigues, Manuel (1687-*1712*-1753...)	Outeiro
Pereira, Manuel (1714-*1732*-1753)	Poiares

1. Cf. Leite, *História*, VII, 249-260.
2. Inventário do Maranhão, *Bras. 28*, 11.

23 — Ofícios domésticos

Como se disse na Introdução, não se trata neste livro dos ofícios domésticos, de menos interesse público. Mas entre os Irmãos, que nele entram houve-os que ocuparam algum ofício doméstico, expresso nas respectivas notícias biográficas. Constando assim no corpo do livro pareceu útil agrupá-los aqui.

Gonçalves, Francisco (1542-*1569*-1618)	Soto-ministro
Afonso, Pedro (1541-*1569*-1601 . . .)	Dispenseiro
Dias, Francisco (1538-*1577*-1633)	Companheiro do Provincial
Álvares, Francico (1540-*1577*-1617)	Cozinheiro, Porteiro
João, Adriano (1552-*1578*-1631 . . .)	Sacristão
Martins, Diogo (1554-*1587*-1610 . . .)	Soto-ministro
Velho, Rodrigo (. . . - *1589*- . . .)	Dispenseiro
Dias, Gaspar (1563-*1590*-1641)	Porteiro
Fernandes, Luís (1563-*1592*-1626)	Refeitoreiro
Gonçalves, Francisco (1567-*1592*-1628)	Porteiro
Oliva, José de (1568-*1593*-1652)	Soto-ministro
Baptista, João (1568-*1595*-1638)	Soto-ministro (e dispensa e cozinha)
Costa, Francisco da (1573-*1596*-1642)	Sacristão
Gonçalves, João (1577-*1596*-1644)	Porteiro
Dias, Diogo (1567-*1600*-1645)	Sacristão, Roupeiro
Barbosa, André (1583-*1603*-1661)	Soto-ministro
Gonçalves, Bartolomeu (1607-*1632*-1667)	Soto-ministro
Veloso, Leandro (1615-*1633*-1669)	Soto-ministro, Sacristão
Lopes, Simão Francisco (1622-*1644*-1661)	Soto-ministro
Pereira, Salvador (1629-*1647*-1700)	Soto-ministro, Porteiro
Moura, Inácio de (1623-*1648*-1699)	Soto-ministro
Costa, Manuel da (1630-*1651*-1661)	Dispenseiro
Leão, Manuel de (1635-*1658*-1722)	Soto-ministro
Tomé, Filipe (. . . -*1659*-1679 . . .)	Soto-ministro
Vieira, Marcos (1629-*1659*-1712)	Sacristão
Carneiro, Manuel (1634-*1659*-1693)	Soto-ministro
Campos, Roberto de (1637-*1662*-1712)	Porteiro
Ribeiro, Manuel (1641-*1663*-1722)	Soto-ministro, Sacristão
Salimbene, José (1642-*1663*-1722)	Soto-ministro, Porteiro
Henrique, André (1638-*1664*-1699)	Soto-ministro
Martins, João (1628-*1665*-1700)	Soto-ministro
Arez, Sebastião de (1648-*1667*-1732)	Soto-ministro
Viana, Manuel (1649-*1667*-1698 . . .)	Porteiro
Pereira, Luís (1645-*1675*-1705)	Soto-ministro
Pereira, Pedro (1651-*1677*-1726)	Soto-ministro e outros
Cruz, Bento da (1649-*1680*-1741)	Porteiro
Gonçalves, António (1644-*1681*-1714)	Porteiro

Natalini, Pedro António (1652-*1681*-1728)	Soto-ministro
Afonso, Mateus (1660-*1682*-1729)	Soto-ministro
Cerqueira, Domingos de (1657-*1685*-1724)	Dispenseiro e outros
Martins, Francisco (1664-*1686*-1716)	Soto-ministro, Sacristão
Gonçalves, Pedro (1644-*1690*-1724)	Porteiro
Esteves, Domingos (1660-*1690*-1717)	Soto-ministro
Machado, Manuel (1667-*1691*-1740)	Soto-ministro, Porteiro
Branco (Blanc ?), António (1669-*1691*-1722)	Sacristão
Costa, Manuel da (1674-*1691*-1748)	Sacristão, Porteiro
Matos, Pedro de (1664-*1694*-1725)	Sacristão e outros
Miranda, Félix (1674-*1696*-1760 . . .)	Soto-ministro, Roupeiro
Gaia, Francisco da (1676-*1700*-1747)	Soto-ministro
Pinto, António (1661-*1701*-1730)	Porteiro
Traer, João Xavier (1668-*1703*-1737)	Soto-ministro
Cabral, Francisco (1687-*1709*-1751)	Soto-ministro
Silva, João da (1691-*1709*-1768)	Soto-ministro
Resende, José de (1686-*1711*-1760)	Soto-ministro
Barros, Leandro de (1692-*1713*-1764)	Soto-ministro
Almeida, Francisco de (1694-*1713*-1761)	Soto-ministro e outros
Pacheco, Francisco (1686-*1714*-1760)	Soto-ministro
Simões, Manuel (1691-*1715*-1766)	Soto-ministro
Silveira, Manuel da (1666-*1716*-1744)	Soto-ministro, Porteiro
Sousa, Lourenço de (1697-*1718*-1769)	Soto-ministro
Pires, Manuel (1699-*1720*-1757 . . .)	Soto-ministro, Sacristão
Lopes, Manuel (1700-*1721*-1760)	Soto-ministro
Aguiar, Pedro de (1689-*1723*-1753)	Refeitoreiro
Correia, Carlos (1691-*1726*-1761)	Porteiro
Caeiro, Bento (1688-*1728*-1767)	Sacristão
Pereira, Domingos (1702-*1728*-1759)	Soto-ministro
Gomes, Manuel (1709-*1728*-1760 . . .)	Soto-ministro
Diniz, Manuel (1708-*1729*-1780 . . .)	Soto-ministro
Macedo, Manuel de (1697-*1730*-1765)	Soto-ministro
Silva, Luís da (1696-*1731*-1761)	Soto-ministro
Azevedo, José de (1703-*1731*-1743)	Sacristão
Delgado, João (1701-*1732*-1780 ? . . .)	Soto-ministro
Silva, Inácio da (1710-*1732*-1760 . . .)	Soto-ministro, Porteiro
Fernandes, Manuel (1715-*1734*-1780 . . .)	Soto-ministro, Dispenseiro
Correia, Bento (1711-*1736*-1741 . . .)	Soto-ministro
Santos, Francisco dos (1706-*1737*-1774 . . .)	Soto-ministro e outros
Silva, Bernardo da (1710-*1737*-1780 . . .)	Soto-ministro
Chaves, Lourenço de (1690-*1739*-1761)	Soto-ministro
Oliveira, António de (1717-*1741*-1762)	Porteiro
Álvares, Marcelo (1715-*1742*-1760 . . .)	Soto-ministro, Dispenseiro
José, Bernardo (1719-*1743*-1760 . . .)	Soto-ministro
Freire, Manuel (1714-*1744*-1774 . . .)	Dispenseiro
Costa, Manuel da (1719-*1744*-1764)	Soto-ministro
Torres, Manuel (1725-*1744*-1760 . . .)	Soto-ministro, Refeitoreiro

24 — Artes e ofícios singulares

Há Irmãos que aparecem com ofícios fora das classificações precedentes. Entre eles acha-se um Irmão « director do relógio » e havia nas torres das Igrejas principais o relógio mecânico e nalguns Colégios o « relógio dos matemáticos », como no de S. Paulo ; e ainda nas Fazendas o relógio do Sol. O relógio do Sol da Fazenda de S. Francisco Xavier, de Jurujuba (Niteroi), traz dentro dum círculo o monograma da Companhia, IHS, encimado por uma cruz na base da qual se cravou o gnómon [1].

Na Amazónia, os Jesuítas usavam artefactos de borracha e o P. João Daniel recomenda o salva-vidas de leite de seringa, explicando a sua fabricação e propriedades. Depois de descrever o colete de pano ou couro cheio de ar, continua :

« É facílimo este preservativo remédio em todo o Amazonas, se em lugar do debrum de couro lhe puserem um debrum feito de leite de seringa, o qual como sai líquido da árvore e se acomoda a todo feitio que lhe queiram dar nas formas, se podem facilmente fazer, por modo de uma comprida e oca tripa, que bem amarrada pelas costuras do colete não deixa mergulhar. Não é necessário enchê-la de vento, porque é de tal natureza e qualidade o bom leite, que logo se converte em nervo, e sempre se conserva largo e cheio de vento : de sorte que para largar o vento e se encher de água é necessário apertá-lo com ambas as mãos e espremê-lo bem, e metido na água ir pouco a pouco laxando-o para a ir sorvendo. Adiante diremos melhor as suas qualidades. Quem tiver na mão uma borracha ou seringa deste leite, também não irá abaixo por modo algum » [2].

O mesmo Padre dá a entender que se experimentavam os vernizes próprios da terra, além dos europeus, de que se conservavam nas livrarias dos Colégios os manuais ou artes (« Arte de fazer ver-

---

1. Cf. gravura em Leite, *História*, VII, 205/206. Era conhecida a obra de António de Carvalho, *Tratado compendioso da fabrica e uzo dos relogios do sol, dividido em quatro secções. A primeira trata de algus Problemas de Geometria practica necessarios para a intelligencia & construcção dos Relogios ; a segunda dos Relogios do Sol por regra & compasso, & por Trigonometria ; a terceira de varios Relogios universais ; a quarta dos Relogios do Sol declinados pelo Globo*. Lisboa, na officina de Antonio Craesbeeck de Mello, 1678. Cf. Sousa Viterbo, *Artes e Artistas em Portugal* (Lisboa 1920) 49.

2. João Daniel, *Parte Segunda do Thesouro Descoberto no Rio Amazonas*, na « Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro », 3 (1841) 49-50.

nizes») [1]. Traz um exemplo de Índios, mas que supõe a experimentação do verniz indígena noutras aplicações :

« As cuias, copos muito usados pelos Americanos, e na verdade bons copos, posto que todos são estimados, as destas vilas [do Baixo Amazonas] levam as primazias a todas as mais, porque as índias sabem dar-lhes com tal mestria o verniz e tintas, que nunca se perdem. Já houve curiosos que quiseram experimentar a bondade deste verniz e não acharam nele diferença alguma do melhor charão da China » [2].

Além destes e outros casos anónimos semelhantes, há alguns Irmãos, cujas actividades singulares se declaram em suas biografias. São profissões exercidas umas antes de entrar na Companhia, outras dentro dela, como em cada qual se dirá.

Anes "Pecorela", Domingos (...-*1549*-1553)	Recoveiro
Fagundes, P. Manuel (1555-*1574*-1622)	Calígrafo
Lopes, Fernão (1554-*1577*-1616)	Mestre de Aritmética
Gonçalves, António (1550-*1584*-1616)	Mestre de Aritmética
Pires, Manuel (1625-*1659*-1716)	Geógrafo
Carneiro, Manuel (1634-*1659*-1693)	Ourives de prata
Ribeiro, António (...-*1663*-1686)	Cartógrafo
Costa, André da (1648-*1676*-1712)	Químico
Coelho, Domingos (1645-*1678*-1716)	Fabricante de cal
Machado, Manuel (1667-*1691*-1740)	Ourives
Branco, António (1668-*1691*-1722)	Mestre de Aritmética
Costa, Manuel da (1674-*1691*-1748)	Cereeiro e escultor [de cera ?]
Gaia, Francisco da (1676-*1700*-1747)	Químico
Pereira, José (1712-*1732*-1795)	Director do relógio
Piller, Matias (1719-*1754*-1777 ...)	Papeleiro ou fabricante de papel

1. Leite, *História,* IV, 164, 400.
2. João Daniel, *op. cit.*, 434.

ARTES E OFÍCIOS DOS JESUÍTAS NO BRASIL

A

AFONSO, Mateus (1660-*1682*-1729). Natural de Izeda (Trás-os-Montes), onde nasceu por 1660. Entrou na Companhia, com 22 anos, a 30 de Julho de 1682. Viveu quase sempre no Colégio do Rio de Janeiro e algum tempo como *alfaiate* (e bom); e também soto-ministro em 1692 ; mas em 1716 o seu ofício era *conservador da Biblioteca* e *encadernador* (« Bibliothecae custos et librorum instaurator »). Aparece em 1720 no Colégio do Espírito Santo à frente de diversas oficinas ; e voltou ao Rio de Janeiro, em cujo Colégio faleceu a 31 de Maio de 1729. « Humilde, dado à oração e trabalhador » — diz o seu Necrológio.

Bras. 5 (2), 61. 87 ; *Bras. 6, 72*, 110v ; *Bras. 10*, 317v (Necrológio); *Hist. Soc. 52*, 195 ; Leite, *História*, V, 586, n.º 255.

AFONSO, Pedro (1541-1569-1601...). Natural do termo de Braga, onde nasceu por 1541. Era *pastor* quando entrou na Companhia, com 28 anos em 1569. Em 1574 está como dispenseiro do Colégio da Baía, mas já devia *administrar as Fazendas de Gado*, porque em 1598 se diz que tinha essa ocupação há 26 anos (« gerit curam armentorum annos iam 26 »). Em 1600 residia no Colégio da Baía exactamente com o mesmo ofício de Catálogo que em 1574 (dispenseiro). Deixou de pertencer à Companhia em 1601.

Bras. 5 (1), 10v, 28, 37v, 50, 52v ; Leite, *História*, I, 579.

AGUIAR, Cristóvão de (1661-*1682*-1692...). Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu por 1661. Entrou na Companhia na Baía, a 17 de Junho de 1682, e aqui trabalhava em 1683 com 21 anos ; e era insigne *torneiro* e *marceneiro* (« insignis in tornando et scriniariis »). Permaneceu na Companhia dez anos, deixando de pertencer a ela em 1692.

Bras. 5 (2), 61, 66v ; Leite, *História*, V, 124.

AGUIAR, João de (1630-1647-1681). Natural do Porto (Diocese), onde nasceu por 1630. Entrou na Companhia no Rio de Janeiro em 1647. Era *sapateiro* e residia no mesmo Colégio em 1654. com 24 anos de idade. Deixou de pertencer à Companhia quatro ou cinco anos depois, e tornou a entrar em 1667, ocupando diversos ofícios com satisfação. Faleceu no Colégio da Baía, a 7 de Julho de 1681.

Bras. 5 (1), 189, 248v ; *Bras. 5 (2)*, 30v, 41v ; *Hist. Soc.* 49, 129v.

AGUIAR, Pedro de (1689-*1723*-1753). Natural de Coimbra, onde nasceu a 12 de Janeiro de 1689. Entrou na Companhia, com 34 anos, a 15 de Julho de 1723. Era *Piloto* (« bom piloto »). Sucedeu ao Ir. Bento Nogueira, falecido em 1731, e ainda estava no seu posto em 1746. Em 1748 residia no Colégio de Olinda, à frente dos serviços do refeitório. Faleceu na Aldeia das Guaraíras (Rio Grande do Norte), a 14 de Setembro de 1753.

Bras. 6, 140 ; Leite, *História*, VII, 256.

ALBERTI, Domingos (1711-*1751*-1752...). Natural de Saluzzo, onde nasceu a 11 de Abril de 1711. Entrou na Companhia em Roma a 9 de Julho de 1736. *Farmacêutico* (« pharmacopola »). Assim o diz o Catálogo de 1751, ano em que chegou ao Maranhão. Deixou de pertencer à Companhia no dia 8 de Setembro de 1752.

Bras. 27, 174, 189v.

ALBERTO, António (1686-*1701*-1707...). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1686. Entrou na Companhia na Baía, com 15 anos de idade, a 23 de Maio de 1701. Em 1707 era *pintor* e *dourador*. Pela idade, devia ser aprendiz dos mestres pintores e douradores do Colégio. No Catálogo seguinte, de 1716, não consta o seu nome.

Bras. 6, 41, 58v ; Leite, *História*, V, 587, n.º 314 ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 225.

ALMEIDA, Cristóvão de (1584-*1621*-1631...). Natural de Fermedo (Arouca), onde nasceu por 1584. Entrou na Companhia, na Baía, em 1621, com 37 anos de idade. Residia em 1631 na Aldeia de S. João, distrito da Baía, a tratar das *Fazendas de Gado* («boum

armenta»). Não vimos o ano da sua morte. (O nome não consta do Catálogo de 1641).

Bras. 5 *(1)*, 192v.

ALMEIDA, Francisco de (1694-*1713*-1761). Natural de Almada (Lisboa), onde nasceu a 23 de Fevereiro de 1694. Entrou na Companhia a 23 de Outubro de 1713, com o nome de Francisco Gomes, talvez outro dos seus apelidos. (De 1718 em diante aparece sempre Francisco de Almeida ; e os Catálogos com o tempo mudaram o mês da entrada para Fevereiro, que é o do nascimento). Ocupou diversos ofícios como o de porteiro e sacristão ; e em 1722 era *enfermeiro* do Colégio do Rio de Janeiro. Estava na Baía ao sobrevir a perseguição geral. Exilado para Lisboa e Itália em 1760, faleceu em Roma a 18 de Abril de 1761.

Bras. 6, 82v; Caeiro, *De Exilio*, 126 ; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903 ; Leite, *História*, VII, 432.

ALMEIDA, João de (1635-*1656*-1678). Natural do Hâvre (França), onde nasceu por 1635. Entrou na Companhia na Baía, e aí estava em 1660, com a idade, que se diz, de 25 anos. Seguiu para as Missões do Maranhão e Pará, em 1661. Era *pintor* e « *engenheiro* ao menos bem principiante, de sua profissão » (Bettendorff). O P. António Vieira encarregou-o da planta para a reconstrução do Colégio de Nossa Senhora da Luz, no Maranhão, e o Irmão fez um « belo debuxo ». Sobrevindo o motim por causa da liberdade dos Índios, e forçado a embarcar para Lisboa em 1661, voltou em 1663. Em 1668 fez uma entrada aos índios Poquis do Rio Tocantins, donde trouxe uma «grossa pedra de cristal», e à volta pintou, antes da festa de S. Francisco Xavier, os altares colaterais da Igreja do mesmo Santo, do Colégio do Pará, porque, « por ter sido companheiro de um engenheiro, sabia pintar e debuxar mui bem » (Bettendorff). Passou depois ao Cametá e ao Xingu ; e em Abril de 1678 foi com o P. Pier Luigi Consalvi à expedição contra os Tremembés com o Capitão-mor Vital Maciel Parente, que os derrotou a 6 de Junho, dia de S. Norberto, « cuius vitam eadem die per imagines descriptam elegantissimas lustraveramus », notícia que dá o P. Consalvi, sem citar o nome do Ir. pintor, com quem se indispôs na viagem e a quem, como Superior, mandou para a Província do Brasil. O Ir. João de Almeida, não podendo ir por Pernambuco,

voltava ao Brasil via Portugal, quando faleceu na Ilha Terceira (Açores), ainda em 1678; porque a 1 de Fevereiro de 1679, já Vieira, se refere à sua morte, que muito sentira por ser Irmão de boas qualidades e talento.

Bras. 5 (1), 235v; *Bras. 5 (2)*, 12; *Bras. 26*, 74v-76; Carta de Vieira ao P. Consalvi, de Lisboa, 1 de Fevereiro de 1679, «Brotéria», 45 (1947) 470; Bettendorff, *Chronica*, 144, 166. 241, 254, 257, 262; Leite, *História*, III, 118. 164-165, 216, 340; IV, 340; Id., *Pintores Jesuitas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 221-222.

ALMEIDA, João de (1718-*1741*-1748). Natural de S. Pedro do Sul, onde nasceu a 30 de Janeiro de 1718. Entrou na Companhia em Lisboa a 8 de Abril de 1740. Embarcou para a Vice-Província do Maranhão e Pará, no ano seguinte, e ficou no Colégio do Maranhão, onde em 1745 era *chefe dos Oleiros* («Praef. figulorum»). Faleceu no Maranhão a 31 de Dezembro de 1748.

Bras. 27, 125v. 136v; *Lembrança dos Def.*, 14; Leite. *História*. IV, 355.

ALMEIDA, Manuel de (1670-*1694*-1703). Natural de Braga, onde nasceu por 1670. Entrou na Companhia na Baía, com 24 anos, a 5 de Junho de 1694 (Cat. de 1694). *Carpinteiro* («faber lignarius»). Faleceu, na Capitania do Espírito Santo, a 4 de Março de 1703.

Bras. 5 (2), 117v (1694); *Bras. 6*, 8; *Hist. Soc. 51*, 84; Leite, *História*, V, 586, n.º 279.

ALMEIDA, Teodoro de (1724-*1754*-1783...) Natural de Cucujães (Diocese do Porto), onde nasceu a 10 de Agosto de 1724. Entrou na Companhia, com 30 anos, a 17 de Julho de 1754. *Alfaiate*. Exercitava-se em ofícios de casa, quando sobreveio a perseguição geral. Exilado para Lisboa e Itália, vivia em Pésaro em 1774; e partiu para Portugal em Agosto de 1783.

Bras. 6, 434v, n.º 460; Fondo Gesuitico, 690; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Leite, *História*, VII, 434.

ALVARENGA, Inácio de (1692-*1723*-1743). Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu a 21 de Julho de 1692. Entrou na Companhia, com 31 anos, a 15 de Julho de 1723. *Alfaiate* e muito com-

petente («bonus sartor»). Faleceu no Colégio da Baía a 12 de Setembro de 1743, segundo o Catálogo. A Ânua correspondente diz a 13 de Dezembro, mas uma nota do Secretário da Província do Brasil declara que a Ânua contém incorrecções e devia ser refeita.

Bras. 6. 244, 333v., 334 (Catálogo); *Bras. 10*, 418, 420 (Ânua).

ÁLVARES, Diogo (1563-*1582*-1617). Natural das Terras do Barroso (Montalegre), Trás-os-Montes, onde nasceu por 1563. Entrou na Companhia a 28 de Outubro de 1582, com 19 anos de idade. Em 1589 era *enfermeiro* do Colégio do Rio de Janeiro. Residia no Colégio o Mestre Carpinteiro Jorge Esteves, e Diogo Álvares, que tinha extraordinária aptidão para as artes fabris, aprendeu com ele e exercitou a arte em diversas Casas e Colégios. Fez os votos de Ir. Coadjutor no Rio de Janeiro a 26 de Dezembro de 1595, recebendo-os Fernão Cardim. De 1598 a 1601 era *carpinteiro* e *Mestre de Obras* da Igreja de Santos; em 1606 e 1607, estava no Rio de Janeiro; em 1613 no Colégio da Baía; em 1614 na Aldeia de S. Sebastião; e em 1616 outra vez no Colégio da Baía de caminho para o Colégio de S. Paulo, onde então se faziam obras, na Igreja nova de S. Inácio, a cujo altar de Nossa Senhora, Afonso Sardinha falecido em 1615 doara a sua Fazenda. O Catálogo de 1617 trá-lo no exercício da sua arte em S. Paulo (« carpinteiro »), e aí faleceu a 28 de Outubro, diz a Trienal, que resume assim, as suas qualidades naturais, de laboriosidade, inteligência e aptidão: « Vir strenuus ac navus et ad munia sua obeunda apprime natus ». Acrescenta que vaticinara o seu falecimento no dia aniversário da sua entrada na Companhia. (Esta Trienal de 1617 a 1619 diz que falecera com 53 anos de idade e 34 anos da Companhia o que se interpretou materialmente por 1616. Mas o facto de se incluir a notícia da sua morte nesta Trienal e não na Ânua de 1616, datada de 10 de Agosto de 1617, é de molde a confirmar o Catálogo de 1617, que o traz em S. Paulo).

Bras. 5 (1), 22v, 32v, 40, 49, 62, 98, 111, 115, 118; *Lus. 25*, 96; *Bras. 8*, 240v (Trienal); *Hist. Soc. 43*, 66; Leite, *História*, I, 583; VI, 355-356.

ÁLVARES, Francisco (1540-*1577*-1617). Natural de Estremoz (Alentejo), onde nasceu por 1540. Entrou na Companhia em Évora, a 24 de Novembro de 1561, tendo 21 anos de idade. Era ir-

mão do Bem-Aventurado Manuel Álvares, um dos 40 Mártires do Brasil. Embarcou para seguir o exemplo do seu irmão, em 1577, e foi durante 40 anos cozinheiro do Colégio da Baía. Aprendeu o ofício de *torneiro;* e sendo mais tarde encarregado da porta do carro e com muito tempo livre, ocupava-o em fazer tinteiros e poeiras, por exercício de caridade. Nesta porta do carro se davam as esmolas aos pobres. E esses objectos os dava também ele para os pobres os venderem e com isso remediarem as suas necessidades. (O « Ano Santo » em vez de «poeiras», recipientes em que se deitava areia para secar a tinta, tem «joeiras». Ambas as coisas pertencem à mesma arte). Faleceu no Colégio da Baía a 10 de Abril de 1617.

Bras. 5 (1), 111 ; *Lus. 58,* 20 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.° 6 ; Franco *Imagem de Évora,* 651 ; *Ano Santo,* 194 ; Leite, *História,* I, 568.

ÁLVARES, FRANCISCO (1598-*1622*-1631...). Natural de S. Pedro dos Arcos, Concelho de Ponte de Lima, onde nasceu por 1598. Entrou na Companhia na Baía em 1622 e trabalhava no Colégio do Rio de Janeiro em 1631, com 33 anos de idade, no exercício da sua arte de *carpinteiro* (« faber lignarius »). Não consta do Catálogo de 1641.

Bras. 5 (1), 132.

ÁLVARES, FRANCISCO (1640-*1657*-1667...). Natural de Ponte do Lima, onde nasceu por 1640. Entrou na Companhia na Baía a 1 de Dezembro de 1657. Estava no Rio de Janeiro, com 23 anos de idade em 1663, e no exercício da arte de *carpinteiro* (« faber lignarius »). Ainda consta o seu nome no Catálogo de 1667, último em que o vimos.

Bras. 5 (1), 249 ; *Bras. 5 (2),* 14, 30v.

ÁLVARES, JOÃO (1697-*1724*-1714...). Natural de Monção (Minho), onde nasceu em 7 de Fevereiro de 1697 (Cat. de 1730 : o 7 de Fevereiro transformou-se mais tarde nos Catálogos em 6 e 2). Entrou na Companhia a 22 de Junho de 1742, em Lisboa, seguindo logo para o Maranhão. Trabalhou em ofícios de casa ; mas possuindo capacidade e tino prático ocupou-se no governo de estabelecimentos rurais, e durante longos anos foi *administrador das Fazendas de Gado* do Arari (Marajó). Sobrevindo a perse-

guição geral, e exilado em 1760 do Pará para Lisboa e Roma, vivia na Rufinella em 1774, com 77 anos de idade. Faleceu antes de 1780. (Não consta na Relação de 1780; e na de 1774 tem a cruz dos que faleceram nesse intervalo).

Bras. 27, 59 (1730), 86, 122v, 149; Fondo Gesuitico, 690 (1774); Leite. *História*, IV, 367.

ÁLVARES, José (1660-*1679*-1699...). Natural de Arrifana de Sousa (Penafiel), onde nasceu por 1660. Entrou na Companhia na Baía, com 19 anos, a 10 de Novembro de 1679. *Fabricante de objectos de coiro e sola, incluindo selas e arreios de cavalo* («Coriarius et ephippiarius»). Conhecia bem a arte, que exercia em 1694. Viveu na Companhia 20 anos, deixando de pertencer a ela em 1699. (Também aparece escrito Alves).

Bras. 5 (2), 112v, 147v; *Bras. 6*, 67.

ÁLVARES, Lourenço (1606-*1625*-1668?). Natural da Cidade de Braga, onde nasceu por 1606. Entrou na Companhia na Baía, em 1625; e em 1631 tinha 25 anos de idade. *Enfermeiro* e *Farmacêutico* do Colégio da Baía. Logo em 1631 se declara o seu bom talento para a arte de enfermagem e de farmácia (« ad pharmacopolam »); e em 1654 diz-se que era grande farmacêutico (« optimus »). O que nem sempre sucedeu com outros, do Ir. Lourenço Álvares deixou o Analista elementos bastantes para se saber em concreto que prestou os maiores serviços tanto aos de casa como aos de fora. Com os de casa, deitava-se vestido sobre a cama ou numa esteira, quando havia doente grave; e se a doença se prolongava recorria a meios adequados para a tornar menos dolorosa. Construía um pequeno lago de água corrente, disfarçado com ramos e flores, onde a água sussurrava de leve sem cansar os ouvidos, alegrando a vista e refrigerando o ambiente. Com os doentes, servos da Casa, era humilde e alegre; e sofria as dores deles como se fossem suas. Numa epidemia da cidade, esquecia-se inteiramente de si para tratar dos empestados e entregava ao porteiro do Colégio recipientes com medicamentos para distribuir aos pobres. Por ocasião do cerco da Baía, posto pelos Holandeses em 1638, o Colégio transformou-se em hospital de sangue, e nele se recolhiam quase todos os feridos, sobretudo os nossos soldados,

entre os quais o herói Sebastião do Souto, trespassado de lado a lado na « ditosa noite de 18 de Maio em que Deus foi servido dar--nos a insigne vitória contra o inimigo ». O Ir. Lourenço Álvares com actividade insuperável extraia o sangue corruto das feridas, lavava-as, e fazia os pensos, curava-as e tratava-as, sem fugir a todos os mais serviços humildes e obscuros que semelhantes casos requerem. Ainda vivia na Baía em 1667. Faleceu entre esse ano e o de 1670. (O seu falecimento é narrado na Sexenal de 1665 a 1670 sem indicar a data). E foi chorado não só por toda a Província, mas pelo povo da Cidade, em particular pelos mais necessitados, que lhe chamavam o « Pai dos Pobres ».

Bras. 5 (1), 128v ; *Bras. 9*, 209v-210 (Sexenal); Leite, *História*, V, 61-62.

ÁLVARES, Marcelo (1715-*1742*-1760...). Natural de Chaves, onde nasceu por 1715. Entrou na Companhia a 23 de Novembro de 1742, com 27 anos de idade. Era *pedreiro* e *canteiro* (« caementarius e lapicida »), mas parece que exerceu mais ofícios de administração, porque em 1745 era dispenseiro do navio da Província, em 1746, soto-ministro do Colégio de S. Paulo, e em 1757, dispenseiro do Colégio do Rio de Janeiro. Sobrevindo a perseguição geral, ficou nesta cidade em 1760.

Bras. 6, 368v, 371, 381 ; Caeiro, *De Exilio*, 280 ; Leite, *História*, VII, 433, 443.

ÁLVARES, Pedro (1557-*1579*-1636). Natural de Mazarefes (Minho), onde nasceu por 1557. Entrou na Companhia em 1579, com 22 anos de idade. *Mestre Pedreiro*. Estava em 1586, na Baía, e em 1589 no Rio de Janeiro. Concluída a Igreja do Morro do Castelo, passou a Pernambuco para a construção da Igreja do Colégio de Olinda, de que foi Mestre de Obras. Aí o achou em 1596 o Provincial Pero Rodrigues, que a 28 de Abril lhe recebeu os votos de Coadjutor Temporal formado. Os Catálogos seguintes assinalam a presença do Ir. Pedro Álvares, no exercício da sua arte, até à invasão holandesa de 1630. Retirou-se com os mais Padres e Irmãos antes do saque do Colégio e ficou na campanha até 1635 em que o inimigo o capturou e maltratou, conduzindo-o para Holanda. Vivia, cego, na Zelândia a 26 de Setembro de 1636. Faleceu algum tempo depois em Middelburg. (A sua terra natal é

Mazarefes não Magarefes, como escreveram no Catálogo de 1598 utilizado no vol. V da « História »).

Bras. 5 (1), 22, 28, 32v. 41v (1598), 126v ; *Lus. 25*, 101 ; Leite, *História*, V, 386.

ÁLVARES, Rodrigo (1584-*1606*-1646). Natural de Vilar do Monte (Diocese de Braga), onde nasceu por 1584. Entrou na Companhia, na Baía, com 22 anos, a 17 de Julho de 1606 (Cat. de 1607). *Alfaiate* (« sartor »). Vivia, com 29 anos no exercício da sua arte no Colégio da Baía em 1613 ; e aí ficou largo tempo, unindo com o seu ofício o de roupeiro. Residia no Colégio de Olinda em 1631, e lê-se que com 69 anos. [Era a época da invasão holandesa, havendo notícia de que faleceu em Amesterdão em 1636 o Ir. Afonso Ruis ou Rodrigues (Fonte III), que se interpretou Rodrigo Álvares. Mas deve ser Afonso Luís, que de facto faleceu então na Holanda]. O Ir. Rodrigo Álvares aparece na Baía em 1641, com 86 anos de idade (em vez de 57, que parece diferença inverosímil, mas trata-se (e aí consta) do mesmo que entrou em 1606). Morreu no Colégio da Baía a 19 de Fevereiro de 1646 (Fonte I) ou a 22 de Agosto de 1646 (Fonte II).

Bras. 5 (1), 68 (1607), 98, 136, 149v, 182 (Fonte I); *Hist. Soc. 47*, 62v (Fonte II); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6 (Fonte III); Leite, *História*, V, 386.

AMORIM, Ricardo de (1696-*1724*-1756). Natural de Esmoriz, onde nasceu a 10 de Setembro de 1696. Entrou na Companhia a 20 de Novembro de 1724. Tinha 28 anos de idade e era *carpinteiro* (« bonus faber lignarius »). Manifestando também qualidades de bom *administrador de Fazendas*, sem deixar a sua arte, ocupou-se de preferência nessa administração. De 1738 a 1741 os Catálogos trazem-no no Camamu ; e depois, de 1645 em diante, como companheiro do P. Pedro Fernandes, nas grandes obras da Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro). O Ir. Ricardo de Amorim faleceu, na mesma Fazenda de Santa Cruz, a 26 de Outubro de 1756.

Bras. 6, 140, 199, 245v, 251, 310, 322, 374 ; *Bras. 10*, 498 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

ANCHIETA, P. José de (1534-*1553*-1597). Natural da Laguna (Canárias), onde nasceu a 19 de Março de 1534. Entrou na

Companhia de Jesus, na Província de Portugal, em Coimbra, a 1 de Maio de 1551, com 17 anos de idade. Embarcou para o Brasil em 1553; e faleceu na Aldeia de Reritiba (Espírito Santo) a 9 de Junho de 1597. Vida conhecida. Entra aqui neste sector de artes e ofícios, porque nos começos da sua estada no Brasil foi *alparcateiro* e *enfermeiro*, e *cirurgião* ou albeitar, como ele próprio se exprime em carta de 1555. Alparcateiro: « Aprendi cá um ofício que me ensinou a necessidade, que é fazer alpargates, e sou já bom mestre e tenho feitos muitos pera os Irmãos, porque não se pode cá andar polos matos com sapatos de coiro ». De que eram estes «alpargates» ou estas alparcatas descreve-se no verbete do P. Diogo Jácome. Enfermeiro: « Neste tempo que estive em Piratininga, que foi mais de um ano, servi de albeitar algum tempo, isto é, de médico daqueles Índios; e isto foi sucedendo ao Ir. Gregório [Serrão], o qual por mandado do P. Nóbrega, sangrou alguns índios sem nunca o ter feito senão então; e viveram alguns de que se não tinha esperança, porque outros muitos daquelas enfermidades eram mortos. Partindo-se o Ir. Gregório de lá, fiquei eu em seu lugar, que foi o mais tempo, e sangrei muitos duas e três vezes, e cobraram saúde; e juntamente servia de deitar emprastos, alevantar espinhelas e outros ofícios de albeitar, que eram necessarios para aqueles cavalos, isto é, aos Índios ». O Ir. José de Anchieta, que sucedeu ao Ir. Gregório Serrão (isto anda suprimido nas « Cartas de Anchieta »), no ofício de Enfermeiro, em Piratininga, deixou nas suas cartas referências pessoais sobre esta sua actividade caridosa, para a qual tinha notável habilidade. Anchieta não foi enfermeiro nem cirurgião por ofício estável, como o não foi na Baía o Ir. (depois Padre) João Gonçalves. Mas naquele tempo as circunstâncias pediam este exercício de caridade que se procurava quanto possível fosse também de ciência.

Carta autógrafa de Anchieta aos Irmãos Enfermos de Coimbra, de S. Vicente, 20 de Março de 1555, *Epp. NN. 95*, 87-88, publicada incompleta em *Cartas de Anchieta*, 63; completa, na « Brotéria », LIII, fasc. 4 (Lisboa Outubro de 1951) 295; Leite, *História*, II, 571; VIII *(Biobibliografia* I) 16-42.

ANDRARE, Manuel de (1710-*1739*-1745...). Natural de Benavente (Ribatejo), onde nasceu a 26 de Outubro de 1710. Entrou na Companhia a 14 de Junho de 1737, indo para o Maranhão em 1739. *Farmacêutico* no Maranhão em 1742 (« pharmacopola »); e além disso *enfermeiro* no Colégio do Pará em 1743 (« apotheca-

rius et infirmarius »). Em 1745 residia em Portugal como *ajudante do Procurador;* e deixou de constar nos Catálogos da Vice-Província do Maranhão e Pará.

Bras. 27, 107v. 117. 122v. 136v ; Leite. *História,* IV, 355.

ANES «PECORELA», DOMINGOS (...-*1549*-1553). Português. (Não existiam então Catálogos : ignora-se, portanto, a naturalidade e a idade). Já vivia na terra, sabia a língua tupi e era intérprete. Recebido entre os primeiros da Companhia no Brasil, por Nóbrega, ficou com um ofício humilde, mas necessário naqueles princípios em que não havia carros, nem encanamentos de água, nem Fazendas, nem mercados : era o Irmão *recoveiro.* Tinha um burrinho em que ia buscar a água à fonte e transportava das Aldeias para casa a lenha para o fogo e o alimento para os Padres e Irmãos, farinha, caça do mato, batatas, bananas e carás. Dotado de extrema bondade, quando o burrinho se mostrava cansado, aliviava-o, carregando aos próprios ombros a carga ou parte dela. Pela sua humilde suavidade, chamava-lhe Nóbrega o *Ir. Pecorela,* reminiscência de outro, de igual nome, que anda nas histórias de S. Francisco de Assis. Faleceu do mal da pedra, num acesso violento que lhe arrebatou os sentidos pouco antes de morrer, na Baía a 24 de Dezembro de 1553. (Os Necrológios, redigidos mais tarde, dizem 24 de Dezembro de 1554. Mas o P. Luís da Grã, escrevendo da Baía, a 27 de Dezembro de 1554 não fala nela ; e seria estranho que não falasse, se sucedeu três dias antes ; e já alude à sua morte a « Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554 »).

Lus. 58 (Necrológio I), 19v, 42v-43 ; *Hist. de la Fundación del Collegio de la Baya,* 13 ; *Cartas de Anchieta,* 36 ; Vasconcelos, *Chronica,* Livro I, n.os 137, 188-191.

ANTÓNIO, MANUEL (...-*1717*-1737). Natural do Porto. Há alguma obscuridade sobre este nome. Os Catálogos dão-no apenas como «portuensis», sem indicar a idade com que entrou na Companhia, a 31 de Julho de 1717. Em 1737 residia, no Colégio do Rio de Janeiro, como *enfermeiro* dos Escravos ; e aí faleceu a 26 de Setembro do mesmo ano de 1737.

Bras. 6, 140, 202v ; *Bras. 10,* 382.

ARAÚJO, ANTÓNIO DE (1656-*1683*-1701). Natural de Guimarães, onde nasceu por 1656. Entrou na Companhia na Baía, com 27 anos de idade, a 17 de Dezembro de 1683. Hábil *enfermeiro* dos Escravos nos Colégios da Baía e Olinda. Faleceu em Olinda a 10 de Janeiro de 1701.

Bras. 5 (2), 81v, 86v, 113v; *Elenchus Impressus Def.*

ARAÚJO, FRANCISCO DE (1603-*1628*-1650). Natural da Ilha de S. Miguel (Açores), onde nasceu por 1603. Entrou na Baía em 1628. Era *oleiro* («figulus»), para que tinha talento, mas também para outros ofícios de casa. Estava na Baía em 1631, no Rio de Janeiro em 1641 (com 38 anos de idade), e no Espírito Santo em 1646. Faleceu a 12 de Junho de 1650, não se diz onde.

Bras. 5 (1), 129, 153v, 173v, 199v.

AREZ, SEBASTIÃO DE (1648-*1667*-1732). Natural de Selho (Guimarães), onde nasceu por 1648. (Todos os Catálogos o dão de Guimarães, mas no de 1685 lê-se: « Riba de Ssello »). Entrou na Companhia da Baía, com 19 anos, a 21 de Outubro de 1667. *Alfaiate* (« bonus sartor ») por nove anos, depois soto-ministro. E o seu Necrológio diz que foi roupeiro, durante 40 anos, do Colégio da Baía, e que reparava em que ninguém andasse mal vestido, só de si se não lembrava. Grande devoto de S. Gonçalo, um dos santos populares do Minho. Faleceu no Colégio da Baía, a 27 de Março de 1732.

Bras. 5 (2), 80v (1685); *Bras. 6*, 163; *Bras. 10*, 340v (Necrológio); Leite, *História*, V, 585, n.° 237.

AZEVEDO, P. INÁCIO DE (1629-*1655*-1685). Natural de Pernambuco, onde nasceu por 1629. Era Alferes e foi um dos heróis da Guerra de Pernambuco contra os invasores holandeses. Entrou na Companhia em Dezembro de 1655, com 26 anos de idade; e, fazendo mais alguns estudos, ordenou-se. Foi logo para o Maranhão, onde esteve com o P. António Vieira, deixando a Missão a seguir ao motim de 1661. Religioso de grandes préstimos e « bom *músico* », diz Bettendorff, que o conheceu pessoalmente. Desejou voltar à sua missão, mas ocuparam-no primeiro como *administrador* das obras da Igreja nova da Baía (Catedral), depois como Minis-

tro do Colégio, cargo em que já levava 9 anos, quando faleceu, na mesma Cidade da Baía, a 14 de Junho de 1685.

Bras. 5 (2), 10v ; Bettendorff, *Chronica*, 154 ; Leite, *Novas Cartas Jesuíticas*, 324 ; *História*, III, 292 ; V, 397.

AZEVEDO, José de (1703-*1731*-1743). Natural de «Siamonde (?) de Coimbra». Nasceu a 18 de Fevereiro de 1703 e entrou na Companhia na Baía, a 17 de Dezembro de 1703. *Carpinteiro* («faber lignarius») e trabalhava no Colégio da Baía em 1735. Tinha talento para outros ofícios, *alfaiate*, roupeiro, e sacristão, em que também se ocupou, e tudo fazia bem. Ao falecer, na Baía, a 5 de Outubro de 1743, diz-se: «quaslibet functiones egregie subivit ac si ex professo eas addidicisset».

Bras 6, 173, 192v, 208v, 213, 274v, 333 ; *Bras. 10*, 418.

AZPILCUETA NAVARRO, P. João de (...-1549-1557) Natural de Navarra, (daqui vem o segundo apelido com que era conhecido e tratado no Brasil). Chegou em 1549 com o P. Nóbrega que o aplicou à catequese dos Índios e ao estudo da língua brasílica. Trabalhou nas Aldeias da Baía e de Porto Seguro, donde entrou ao sertão com a expedição que ia a descobrir minas de oiro e da qual voltou doente em 1555. Era *cantor*. Coube-lhe a Epístola na missa cantada por Nóbrega na primeira festa do Anjo que passaram no Brasil (19 de Julho de 1549), dia em que também houve procissão com grande música. «Ficaram os Índios espantados, de tal maneira, escreve Nóbrega, que depois pediam ao P. Navarro que lhes cantasse como na procissão fazia». Para o fim deste mesmo ano, já o P. Navarro reunia à noite os Índios e fazia «cantar aos meninos certas orações que lhes ensinou em sua língua deles, em lugar de certas canções lascivas e diabólicas que dantes usavam», escreve ainda Nóbrega. Entre as orações, que lhes ensinou, uma era o Padre-Nosso em tupi cantado: «O Pater Noster traduzi ao modo dos seus cantares para que aprendam mais depressa e com gosto principalmente os rapazes». A frase lê-se na carta autógrafa do P. Navarro de 28 de Março de 1550 ; mas o que diz dos cantares suprimiu-o a tradução italiana (e portanto a portuguesa feita por ela). Faleceu na Baía, a 30 de Abril de 1557.

Cartas de Nóbrega, 86, 105 ; *Bras. 3 (1)*, 28 (Carta de Navarro) ; *Nuovi Avisi*, 12 ; *Cartas Avulsas*, 50, e cf. 80 ; Leite, *História*, II, 173-175 ; VIII, 83-84.

B

BAPTISTA, João (1557-*1606*-1609). Natural de Horne (Flandres), onde nasceu por 1557. (Em 1607 tinha 50 anos). Entrou na Companhia em Pernambuco a 5 de Junho de 1606. Era protestante e *pintor*. Convertido ao Catolicismo, entrou na Companhia e continuou a exercer a sua arte. Da obra deste pintor flamengo, escreve Fernão Cardim, que ele ornara o Colégio de Olinda de quadros pintados em madeira : « Pictis insuper nobilitatur tabulis, commodius id quidem, quod a nostro pictore, qui non multum ante tempus ad nostros est cooptatus ». Passando para o Colégio da Baía, o Ir. João Baptista continuou a vida de pintor repartida entre o trabalho e a oração. E sabia bem a arte, diz a Ânua, « graphicus admodum peritus ». Faleceu no Colégio da Baía, com 55 anos de idade, a 3 de Setembro de 1609.

Bras. 5 (1), 42 ; *Bras. 8*, 62 (Cardim), 103 (Ânua); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363. n.° 6 ; Leite, *História*, V, 416 ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 220.

BAPTISTA, João (1568-*1595*-1638). Natural de Loures (Lisboa), onde nasceu por 1568. Entrou na Companhia em 1588. Aparece na expedição de 1595, mas residia no Colégio da Baía em 1598, com 30 anos, e o ofício de soto-ministro, e diz-se que já o tinha sido seis anos. (Se a data da expedição está certa, já em Portugal teria sido soto-ministro). Esteve à frente de várias oficinas domésticas (dispensa e cozinha) e no Rio de Janeiro, em 1621, além da cozinha, era *agricultor* (« tem cuidado da horta »), como bom filho de Loures. Religioso excelente e de grande simplicidade. Faleceu no Colégio da Baía em 1638.

Bras. 5 (1), 37v ; *Bras. 8*, 516.

BAPTISTA, João (1692-*1719*-1780...). Natural de Pombal (não a Vila da Diocese de Coimbra, mas outra povoação que per-

tencia à Diocese de Braga). Nasceu a 21 de Dezembro de 1692. Entrou na Companhia a 12 de Dezembro de 1719. *Alfaiate*. Foi também *administrador de Fazendas*. Em 1730 era-o do Engenho de Aguardente, de Jaguarará (Pará) e ainda (ou outra vez) em 1747. Atingido pela perseguição geral de 1760 e exilado do Pará para a Europa, vivia na Rufinella (Frascati), arredores de Roma, em 1774 e ainda em 1780 com 88 anos de idade. Faleceu antes de 1783. (Ainda vivia em 1780, mas traz na Relação de 1774 a cruz dos que faleceram até 1783).

Bras. 27, 181v; Fondo Gesuitico, 690 (1774); Arq. H. U., Relação de D. Henrique de Menezes, Papeis do Reino, 1780; Leite, *História*, IV, 367.

BAPTISTA, JOÃO (1711- *1734*-1760...). Natural de Turquel (Alcobaça), onde nasceu por 1711. Entrou na Companhia, com 23 anos de idade, a 23 de Outubro de 1734. *Carpinteiro* («bonus faber lignarius») com outras aptidões para ofícios de casa, em que se ocupou em Belém da Cachoeira e no Colégio da Baía, até que em 1745 era *Administrador* da Fazenda de Urubumirim, onde ficou até à perseguição geral. Deve ter sido exilado em 1760 sem ser possível seguir-lhe os passos, para o que contribui o seu nome quase sem sobrenome (há mais três coevos em condições idênticas). Em todo o caso, a data do nascimento, que dão ao Ir. João Baptista, de Turquel, os Catálogos do Brasil, não permite a identificação nem com João Baptista que vivia na Rufinella em 1774 (é o de Pombal), nem com João Baptista Delgado, de Braga, nascido em 1700 ou 1701, igualmente na Rufinella, naquela data. (Ver estes nomes).

Bras. 6, 238v, 244v, 262, 268v, 347v, 376; *Bras. 28*, 41; Leite, *História*, V, 486; VII, 433, 451.

BAPTISTA, JOÃO (1719-*1740*-1767...). Natural de Piemonte, onde nasceu a 16 de Abril de 1719. Entrou na Companhia, com 21 anos de idade, a 7 de Dezembro de 1740. Era *Enfermeiro* e tinha o ofício de *Farmacêutico* («pharmacopola») no Rio de Janeiro, de 1743 em diante, e ainda aí residia em 1757. — Aqui perde-se-lhe o fio, por haver outros com o nome de João Baptista ao sobrevir a perseguição. Talvez seja o Ir. João Baptista, da Província do Brasil, que saiu em 1767, de S. Julião da Barra para a Itália, e a que se dá o nome de «João Baptista Loquis». Neste caso, por ser ita-

liano, iria para a sua terra depois de 1773. Porque, pela data do nascimento, não se pode identificar com nenhum João Baptista, da Assistência de Portugal, na Itália, em 1774. (Cf. o verbete de Delgado, João Baptista).

Bras. 28, 48v ; Carayon, *Doc. Inédits,* IX, 247 ; Leite, *História,* VII, 433, 443.

BARBOSA, Adriano (1581-*1604*-1653). Natural de Cela (Alcobaça), onde nasceu por 1581. Entrou na Companhia na Baía a 12 de Outubro de 1604, com 23 anos de idade. Ocupou-se na Baía em ofícios domésticos ; em 1610 era *Enfermeiro* do Colégio do Rio de Janeiro ; e em 1613 residia em S. Paulo de Piratininga. Mas revelando capacidade para assuntos económicos, aparece no ano seguinte (1614) como *procurador* do Colégio do Rio de Janeiro, onde permaneceu meia dúzia de anos, seguindo depois para Lisboa, como ajudante do *Procurador*. Sabia latim e antes de voltar ao Brasil um Padre de autoridade perguntou-lhe se queria ser Padre. Agradecendo o interesse demonstrado, respondeu que veio à Companhia para ser Irmão Coadjutor e que nele havia de ficar até à morte. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 11 de Setembro de 1653.

Bras. 5 (1), 68v, 83, 102, 111v, 198v ; *Bras.* 9, 21.

BARBOSA, André (1583-*1603*-1661). Natural de Fornelos (Ponte de Lima), onde nasceu por 1583. Entrou na Companhia, na Baía, a 2 de Julho de 1603 ; e em 1607 estava na mesma cidade com 24 anos. Trazem-no os Catálogos de 1616 e 1617 *enfermeiro* do Colégio da Baía. Homem de grande aptidão para os ministérios de Marta, ocupou-os quase todos, com satisfação, incluindo o de soto-ministro e *administrador das Fazendas de Gado*, da Baía («Armentorum Praefectus»); e também administrador ou encarregado dos operários da nova Igreja (a actual catedral da Baía). Quanto ao ofício de enfermeiro foi de notável caridade («In valetudinarii ministri munere, benignos suae charitatis sinus explicuit»). Faleceu no Colégio da Baía, a 18 de Janeiro de 1661.

Bras. 5 (1), 69, 115, 117, 146, 185 ; *Bras. 5 (2),* 25 ; *Bras. 9,* 124v ; *Hist. Soc. 48,* 11v ; Leite, *História,* V, 121.

BARCA, Jácome António (1728-*1754*-1762). Natural de Como, Itália, onde nasceu a 6 de Maio de 1728. Entrou na Companhia a 14 de Outubro de 1753. Deve ser um dos convidados para o Brasil pelo P. João Honorato na sua ida como procurador a Roma. (Ver Piller, Matias). Era bom *arquitecto*, mas já se estava nas vésperas da perseguição geral. Exercitou ainda assim a sua arte no Noviciado da Jiquitaia (Baía), onde residia em 1757. Exilado pouco depois, faleceu em Azeitão, no dia 27 de Julho de 1762.

Leite, *História*, V. 147-148 ; VII, 434, 440.

BARROS, António de (1665-*1695*-1741). Natural de Braga, onde nasceu por 1665. Entrou na Companhia, com 30 anos, a 12 de Junho de 1695 (Cat. de 1707). Tinha sido soldado ; e na Companhia foi *enfermeiro* dos Escravos, tanto no Colégio da Baía como nos Engenhos e Fazendas. Sentindo-se doente na de S. Cristóvão (subúrbios da Baía) e conduzido para o Colégio, faleceu a 8 de Março de 1741. (A Ânua diz que morreu em Abril, assim como lhe chama «portuensis»; mas os Catálogos sempre o trazem de Braga, incluindo o que dá a notícia do seu falecimento em Março, facto, um e outro, do conhecimento mais directo de quem redige os Catálogos).

Bras. 6, 41 (1707), 326v (Catálogo); *Bras. 10*, 408 (Ânua).

BARROS, Leandro de (1692-*1713*-1764). Natural de Viana do Castelo, onde nasceu por 1692. Entrou na Companhia, com 21 anos, a 9 de Setembro de 1713 (Cat. de 1716 : mais tarde mudaram 21 para 22 e 9 para 7). *Enfermeiro*. Com este ofício está no Colégio do Rio de Janeiro em 1719, mas já no seguinte com o de soto-ministro, cargo que ocupou muitos anos. Em 1757 residia na Aldeia de S. Lourenço (Niteroi). Ao sobrevir a perseguição geral foi exilado, em 1760, para Lisboa e Roma, onde faleceu, no Palácio Inglês, a 12 de Dezembro de 1764 ; e sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 6, 82v (1716), 104v, 110 ; Fondo Gesuitico, 690 («Spese»); Caeiro, *De Exilio*, 296 ; Leite, *História*, VI, 110 ; VII, 445.

BASTO, António de (1706-*1745*-1762). Natural do Couto de Ervededo (Chaves), onde nasceu a 6 de Fevereiro de 1706. En-

trou na Companhia, no Maranhão, a 12 de Maio de 1745. Revelou tino administrativo e em 1751 estava à frente das *Fazendas de Gado* («praeest bovilibus»). Sobrevindo a perseguição geral, foi desterrado para Lisboa e Estados Pontifícios em 1760. Faleceu em Roma, no Palácio de Sora, a 13 de Janeiro de 1762, sepultando-se na Igreja do Gesù.

Bras. 27, 113; Fondo Gesuitico, 690; Leite, *História*, IV, 367.

BELLEVILLE, Carlos (1657-*1708*-1730). Natural de Ruão, onde nasceu a 5 de Janeiro de 1657. Entrou na Companhia em Bordeus, com 23 anos de idade, a 25 de Novembro de 1680. (Os Catálogos do Brasil, que habitualmente escrevem Belville, dão o mesmo dia e mês de entrada, mas em 1678). Depois do noviciado esteve porteiro um ano na Rochela, donde passou a Poitiers como sacristão. Durante a sua estada em Poitiers (1683-1688 ou 1689), o Catálogo já o dá como *carpinteiro* («faber lignarius») e também *escultor* («sculptor»), que algum tempo depois se diz notável («sculptor egregius»). Atribuem-se-lhe obras em Périgueux e Poitiers : « elles sont discutées », diz Delattre, que deixa a questão em aberto. Depois, tendo o Imperador da China pedido artistas europeus aos Padres da sua corte, Carlos Belleville partiu da Rochela a 6 de Março e chegou a Cantão a 2 de Novembro de 1698 ; e logo adoptou, como todos os Missionários da China, o nome chinês de Wei-Kia-Lou. Em China, diz Delattre que executou obras de arquitectura, escultura e pintura, mencionando como obra conhecida a Igreja da Missão Francesa, de que foi arquitecto. Deve ser a mesma, a que se refere o P. Pedro Vicente de Tartre em 1701. Conta ele que a Igreja dos Jesuítas de Cantão era o mais importante edifício da grande cidade. E querendo-a os pagãos derrubar, lhes contestou o Vice-Rei chinês que a não podia destruir, porque o Imperador construira outra mais bela em Pequim nos terrenos do seu próprio Palácio ; e que um Irmão da Companhia, « qui est très habile architecte, a conduit tout l'ouvrage ». Belleville depois de estar 10 anos na China, voltava à Europa, quando, arribando a nau à Baía em fins de 1708 ou começos de 1709, ficou doente em terra, e gostaria de ficar para sempre, se o P. Geral consentisse. Deve ter dado o seu consentimento, porque não voltou à Europa. No Brasil, a pintura parece ter sido a principal ocupação do Ir. Belleville, junto com a de companheiro

dos Padres quando saíam fora («associator»), qualidade que se nomeia em todos os Catálogos existentes do período em que viveu na América Portuguesa, 1716, 1719, 1720, 1722; no de 1719 diz-se «*pintor* e *estatuário*»; em 1720 e 1722 só «pintor». Os Catálogos trazem-no residente na Baía, sem qualquer mudança de residência, mas há dois saltos de oito anos, um antes de 1716, outro depois de 1722. Sobre a sua obra artística na Baía e o seu distrito, averiguamos dois factos, um certo, outro presumível. Certo, que reviu e emendou o plano do Noviciado da Jiquitaia (Baía), a cujo lançamento da primeira pedra assistiu, no dia 9 de Março de 1709: é o actual Recolhimento de S. Joaquim; presumível, a pintura do tecto da Igreja de Belém da Cachoeira (no Recôncavo da Baía); porque se trata de arte florida de carácter chinês. Referindo a sua morte, a Ânua alude aos seus trabalhos antigos, em geral, e que era exemplo de humildade em desviar de si os louvores pela sua obra de arquitectura em que se notabilizara. Faleceu no Colégio da Baía a 29 de Setembro de 1730.

Bras. 4, 153; *Bras.* 6, 81, 102, 107v, 111v; *Bras.* 10, 326; Lettre du Père de Tartre à Mr. de Tartre, son père à Canton le 17 Décembre 1701, *Lettres Édifiantes et Curieuses*, XVII, 75; Louis Pfister, *Notices Biographiques et Bibliographiques sur les Jésuites de l'Ancienne Mission de Chine, 1552-1773*, I, 536; Pierre Delattre, *Frères Archivistes, Architectes et Artistes dans la Province d'Aquitaine*, em AHSI, XIV, fasc. I-II (1945), 148; Leite, *História*, V, 142-143, 150, 196; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 224-225.

BERTHÊ, João Baptista (1659-*1682*-1741). Natural da Bretanha (França), onde nasceu por 1659. Entrou na Companhia, na Baía, com 23 anos, a 17 de Junho de 1682. O Catálogo de 1683 trá-lo com o nome de João Jácomo (Jean Jacques) e era *marinheiro* de profissão. Sucedeu como *piloto* da Fragata da Província ao Ir. Manuel Pires, e já o era em 1692, com o nome de João Baptista Berthê. Mereceu a classificação de «óptimo» piloto. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Junho de 1741. (Escrevemos que faleceu no Engenho Novo, mas o Cat. de Vitt. Em. diz Engenho Velho. Um e outro da Companhia, e ambos na Cidade do Rio de Janeiro).

Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História*, VII, 256.

BETTENDORFF, P. João Filipe (1625-*1660*-1698). Natural do Luxemburgo, onde nasceu a 25 de Agosto de 1625. Entrou na

Companhia na Província Galo-Belga em 1647. Embarcou de Lisboa para as Missões do Maranhão e Pará em 1660, onde foi um dos Padres mais notáveis dela, como Reitor, Superior de Missão, linguista e cronista. Faleceu no Colégio do Pará, a 5 de Agosto de 1698.

Era *desenhista* e também *pintor*, não de ofício, mas cujas manifestações convém ordenar. Consta da sua «Chronica», que sendo escrita depois dos 70 anos de idade tem muito de memórias pessoais, em parte para justificar a sua própria actividade.

Na Aldeia de Tapajós (hoje Santarém) em 1661 : Com o Alferes João Correia e os Índios construiu igreja que em três ou quatro dias ficou pronta e coberta : « Fiz então um retábulo de murutim, pintando no meio Nossa Senhora da Conceição, pisando em um globo a cabeça da serpente, enroscada ao redor dele, com S. Inácio à banda direita e S. Francisco Xavier à esquerda » (p. 169).

Na Cidade de S. Luís do Maranhão em 1680 : Era Reitor do Colégio quando chegou o primeiro Bispo do Maranhão, D. Gregório dos Anjos. O Reitor ofereceu-lhe alguns presentes, uma rês famosa, alguns refrescos e « um belo e manso cavalo com sua sela e todo o mais aviamento novo e mui decente. Mandei-lhe mais levantar um belo arco triunfal em o meio do caminho diante da Igreja do Colégio de Nossa Senhora da Luz, bem ornado e enriquecido com uns vinte emblemas pintados e descritos por minha mão, em que se decifravam, e descreviam, em verso heróico todos os modos de pescar almas ao Senhor pelo pregão evangélico pertencente ao cargo de Bispo[...]. O Senhor Bispo me pediu todos os emblemas pintados para mandá-los para o Reino de Portugal » (p. 327-329).

Na Aldeia de Gurupatuba (hoje Monte Alegre) em 1681 : « Tínhamos uma igreja pobre [os Jesuítas fizeram depois outra maior—cf. Leite, *História*, IV, 270-271] para ela fiz um retábulo de muruti, em o qual pus Nossa Senhora da Conceição de vulto, e um crucifixo grande feito de cera ; e, porque para o altar faltava algum frontal, fiz um da mesma matéria, o qual pintadinho, parecia muito melhor que o do Reino, principalmente estando a igreja bem enramada e o altar ornado de belas flores pelos meninos e meninas, a cuja conta corria este cuidado » (p. 344).

Sobre a Igreja do Colégio de S. Luís do Maranhão (hoje Catedral), cuja pedra se lançou em 1690 ; « Deixei o debuxo da

Igreja nova, com seu frontispício e retábulo feitos por minha mão, para tudo se fazer na conformidade indicada» (p. 532). Em 1693 o Superior da Missão P. Bento de Oliveira foi visitar as obras e fez alguns reparos: Achou as paredes muito altas, «mandou não subissem tanto quanto dizia meu debuxo», e modificou o tamanho e número das tribunas, e reparou «não haver escada para os púlpitos». «Agradou-lhe o retábulo do altar-mor feito pelo mestre entalhador Manuel Marcos [Mansos], conforme eu lhe tinha debuxado». Quanto à altura das paredes, responde que seguira as «prescrições de Vitrúvio mestre dos arquitectos»; e o seguira, porque a igreja não teria abóbada mais estreita, «à imitação de Nossa Senhora do Loreto de Lisboa, a qual entre os muitos e belos quadros de riba, tem os mistérios da Santíssima Virgem que admiràvelmente a aformoseiam». Se não se fez escada para o púlpito, «foi descuido do mestre pedreiro, o qual estava avisado de fazer escada por dentro da parede desde a porta colateral até o dito púlpito e nisso tinha ficado comigo» (p. 567).

Durante a grande epidemia de varíola de 1695, Bettendorff diz: «Eu que tinha ficado em Inhaúba, Aldeia de riba, tendo exposto um belo painel de Nossa Senhora do Socorro e outro de S. Francisco Xavier, ambos pintados com um cipó por minha mão. Como ouvi que os Índios, com medo das bexigas, queriam fugir para o mato, animei-os. Congregados todos na Igreja disse que se deixassem estar na Aldeia, e confiados na Virgem Nossa Senhora do Socorro não fossem e tivessem mais cuidado da salvação das suas almas ficando, que de seus corpos fugindo» (p. 592-593). De facto não fugiram e não foram atingidos pela cruel epidemia que tantos estragos fez em todo o Estado (cf. Leite, IV, 191). Em 1697 o P. Barreiros, retirou-se da Aldeia para o Pará por ordem superior, «trazendo entre outras coisas da Igreja de Inhaúba, uma imagem de Nossa Senhora do Socorro, que eu tinha pintado, assistindo lá por Missionário e que tinha livrado a Aldeia da praga das bexigas, conforme o parecer de todos. Folguei infinito com a vista da Senhora, que por ter sido pintada com tintas da terra já se ia desfazendo; mas eu logo a tornei a pintar com tintas do Reino, de maneira que, sem eu ser pintor, saiu muito linda e agradável aos olhos de todos» (p. 660). Voltando o missionário P. José Barreiros em 1698, achando a Igreja de Inhaúba arruinada pelas chuvas deste ano, mudou o que tinha em Inhaúba para a Aldeia vizinha, de Parijó, não longe de Belém do Pará, perto de Cametá; e

aqui ficou o « belo painel de Nossa Senhora do Socorro o qual pôs no altar da sua Igreja de Parijó, em lugar do outro, menos belo, que lá estava, pondo-o na sacristia » (p. 662).

Bettendorff, *Chronica*, págs. cits.; Leite, *História*, III, 270-271; IV, 191; VIII (*Biobibliografia* I) 98-106; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 216.

BONAIUTO, Ascânio (1557-*1587*-1615). Natural de Lauro, perto de Nola (Nápoles), onde nasceu por 1557. (O Catálogo de 1598 dá-o com 41 anos). Entrou na Companhia em 1578, e embarcou de Lisboa para o Brasil em 1587. Em 1589 residia em Pernambuco com os ofícios de *alfaiate* e *enfermeiro*. O ofício de alfaiate foi o seu próprio, mas entremeado com outros. Em 1598-1600 residia em Ilhéus, passando a seguir para a Capitania do Espírito Santo. Depois de permanecer algum tempo na Vila de Vitória, foi morar entre os Índios, primeiro na Aldeia de Reritiba (1613-1614) e logo na de S. Inácio dos Reis Magos, onde faleceu, com fama de homem de oração e caridade exímia. A Ânua de 1616 (escrita em Agosto de 1617) dá notícia da sua morte, na Aldeia de S. Inácio Mártir, sem dizer quando. Mas já o Provincial do Brasil, em Janeiro de 1616, o inclui entre os falecidos, por onde se infere que morreria em 1615.

Bras. 5 (1), 33, 38v (1598), 111v, 115; *Bras.* 8, 222v (Ânua); Leite, *História*, I, 569, 381.

BONOMI, P. João Ângelo (1656-*1684*-1702...). Natural de Roma, onde nasceu por 1656. Entrou na Companhia em 1672. Embarcou de Lisboa para o Brasil em 1684 e seguiu para o Maranhão em 1688. Missionário das Aldeias. *Pintor amador* ou *decorador*. Esteve na Aldeia de Inhaúba (Pará) e o missionário que se lhe seguiu achou « residência assás bem provida com casas e Igreja nova, e bela pos suas pinturas engraçadas, que tinha feito o P. João Ângelo por sua curiosidade e devoção » (Bettendorff). Tendo ido a Portugal tratar das Aldeias em 1701, dirigia-se para a Itália, quando faleceu em Castela entre 1702 e 1707.

Bettendorff, *Chronica*, 570; Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia* I) 109; Id., *Pintores Jesuitas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 228.

BORGES, MANUEL (1718-*1749*-1767...). Natural de Travanca (não se diz qual), onde nasceu a 2 de Fevereiro de 1718. Entrou na Companhia a 2 de Maio de 1749. Era *canteiro* e em 1757 estava à frente das oficinas de Paranaguá. Atingido pela perseguição geral, e levado para o Rio de Janeiro, ficou nesta cidade em 1760, persuadido de que continuava na Companhia. Por decreto de 28 de Agosto de 1767 foi exilado para fora de Portugal e seus domínios.

Caeiro, *De Exilio*, 290; Leite, *História*, VII, 434, 445; Rodrigues, *História*, IV/1, 244.

BRAILA, TOMÁS (1711-*1740*-1777...). Natural da Calábria (Reino de Nápoles), onde nasceu a 22 de Abril de 1711. Entrou na Companhia a 7 de Dezembro de 1740. Era excelente *agricultor*, esteve encarregado da Fazenda do Camamu (1743) e em 1757 da de S. Cristóvão (Quinta do Tanque) na Baía. Atingido pela perseguição geral de 1759, e exilado, deu entrada primeiro nos cárceres de Azeitão, donde passou para os de S. Julião da Barra a 11 de Maio de 1769 e dos quais saiu com vida em 1777 à morte do rei D. José. Voltou para a Itália, e com o nome de «Tomaso Braila» ficou na casa da Rufinella, arredores de Roma. (O seu nome, além do indicado, aparece com as seguintes grafias: Brailla, Braylla, Brayllas e Barilla, este uma vez).

Bras. 6, 328, 348, 372, 394v, 433; Fondo Gesuitico, 690; Carayon, *Doc. Inédits*, IX, 237; Leite, *História*, VII, 438.

BRANDÃO, FRANCISCO (1682-*1714*-1748). Natural de Viana do Castelo, onde nasceu a 18 de Maio de 1682. Entrou na Companhia a 20 de Outubro de 1714. Ocupou diversos ofícios incluindo os de administração. Em 1732 era *Procurador* da Fazenda de Araçariguama (S. Paulo); e em 1745, sacristão da Igreja de S. Paulo. Faleceu na Baía a 20 de Janeiro de 1748.

Bras. 6, 99v, 115, 347, 387; *Bras.* 10, 426; *Hist. Soc.* 53, 121.

BRANCO [BLANC?], ANTÓNIO (1669-*1691*-1722). Natural de Paris, onde nasceu por 1669. Entrou na Companhia duas vezes, a primeira com 22 anos em 1691; a segunda, com 33, a 30 de Julho de 1702. Diz-se em 1707 que « tem agora boa saúde », o que pa-

rece significar que havia saído por doença, depois de estar na Companhia a primeira vez uns quatro anos. Homem hábil, sabia bem várias artes : era *contador* ou *aritmético*, *correeiro*, *seleiro* e *alfaiate* (« calculandi artem, coriariam et ephippiariam et sartoriam») traduzindo assim estas palavras que se prestam a variantes, excepto a última de alfaiate. Não temos indício de ter exercido estas artes como ofício principal, a não ser a primeira de ensinar contas ; porque em 1716 residia no Colégio de S. Paulo como *Mestre de Meninos* e encarregado da Igreja. O Necrológio não fala dos seus ofícios, apenas da sua grande virtude e que não cometera em vida nenhum pecado mortal. Faleceu em S. Paulo a 22 (ou 23) de Julho de 1722.

Bras. 5 (2), 85, 115 ; *Bras.* 6, 41, 73 ; *Bras.* 10, 264 (Necrológio).

BRÁS, P. AFONSO (1524-*1550*-1610). Natural de S. Paio de Arcos, Anadia (antigo termo da Vila de Avelãs de Cima), onde nasceu por 1524. Entrou na Companhia, em Coimbra, a 22 de Abril de 1546. No ano seguinte, Maio de 1547, deu, com os Padres Gonçalo Vaz de Melo e António Gomes, uma famosa Missão no Minho. E esta iria ser a sua actividade no Brasil, mas com um aspecto de ordem material, necessário naqueles princípios, que caracteriza a sua memória. Afonso Brás foi o Superior da 2.ª expedição missionária, que chegou ao Brasil em 1550, seguindo pouco depois para Porto Seguro e não tardou em ir para o Espírito Santo, onde fundou Colégio em 1551. Nóbrega chamou-o para a Capitania de S. Vicente, e colocou-o como encarregado da casa e obras do novo Colégio de S. Paulo em 1554. Anchieta, um dos Irmãos presentes, escreve dois anos depois, que a Igreja nova de S. Paulo de Piratininga foi « feita com os trabalhos dos Irmãos, mormente com o suor do P. Afonso Brás » (p. 94), e acrescenta, em 1560, que Afonso Brás ajudou a fazer as casas de taipa de Piratininga « com incomensurável trabalho » para os Índios catecúmenos (p. 151). E não trabalhou apenas em Piratininga, mas também em S. Vicente e nas Aldeias, como era próprio daquele tempo e as necessidades locais o requeriam. E depois do Espírito Santo e de S. Paulo, chegou a vez do Rio de Janeiro. Nóbrega tinha principiado o Colégio quando faleceu em 1570. O novo Provincial Inácio Tolosa, depois de visitar a Capitania de S. Vicente, onde deixou Superior ao P. José de Anchieta, nomeou Reitor do

Rio de Janeiro « ao P. Brás Lourenço, e por Procurador do Colégio ao P. Gonçalo de Oliveira ; e ao P. Afonso Brás encarregou as obras por ser grande carpinteiro » (Fundación). O princípio e evolução da sua actividade até ser *Mestre de Obras* conta-a assim Anchieta : começou por « fazer um banco sem nunca aprender o ofício de carpinteiro, e pouco a pouco se fez oficial, de maneira que por suas mãos fez as Casas e Igrejas de Piratininga, S. Vicente e parte das do Rio de Janeiro, sem deixar por isso de acudir continuamente a missões e confissões, até que pela muita velhice não pôde trabalhar » (p. 483). Na verdade viveu muito ; e como a fase mais construtiva da sua vida coincidiu com a fundação do Colégio de S. Paulo, o seu nome anda ligado à fundação da Cidade, como um dos imediatos colaboradores de Nóbrega. Pelo prestígio de quanto está na origem das coisas, que o tempo faz grandes, costuma dar-se-lhe o título, aliás não arbitrário, de *primeiro arquitecto de S. Paulo*. Aí viveu longos anos, e também no Rio de Janeiro, onde faleceu à roda dos 86 anos de idade e 60 de Brasil, a 30 de Maio de 1610.

Lus. 43 *(1)*, 2v ; « Historia de la Fundación del Collegio del Rio de Enero », *Bras.* 12, 53v ; MHSI, *Epp. Mixtae*, I, 375-383 ; *Cartas de Anchieta*, 94, 151, 483 ; Rodrigues, *História*, I/1, 647 ; Leite, *História*, I, 214, 279 ; VI, 133-136 ; VII, 367 ; VIII *(Biobibliografia*, I) 122 , IX, 421.

BRITO, Domingos de (1703-*1724*-1764). Natural do Porto, onde nasceu por 1703. Entrou na Companhia com 21 anos na Baía a 9 de Julho de 1724 (Cat. de 1725). *Farmacêutico* («pharmacopola») em S. Paulo (1740) e em Santos (1741), e ao mesmo tempo *Mestre de Meninos*. Está na Baía em 1743, como *Enfermeiro* dos Escravos. Homem de talento, mas demasiado vivo, para estes ofícios. Residia em 1745 na Aldeia de Guaraíras (Rio Grande do Norte) e na Fazenda de Monjope (Pernambuco) em 1757. Estava no Colégio de Olinda quando sobreveio a perseguição geral. Exilado em 1760 do Recife para Lisboa e Roma, faleceu no Palácio de Sora a 7 de Setembro de 1764. Sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 6, 140 (1725), 313, 324v, 375v ; Fondo Gesuitico, 690 (« Spese ») ; Caeiro, *De Exilio*, 160 ; Leite, *História*, VII, 449.

C

CABRAL, Francisco (1687-*1709*-1751). Natural da Ilha do Faial (Açores), onde nasceu em 1687. Entrou na Companhia na Província do Brasil a 12 de Novembro de 1709, com 22 anos de idade. Algum tempo depois passou para a Vice-Província do Maranhão e Pará, ocupado sobretudo na *administração de Fazendas*. Em 1727 concedeu-lhe o P. Geral que voltasse à sua Província. E foi *enfermeiro* dos Escravos no Colégio do Recife (1738-1739); e no do Espírito Santo (1745-1748) ocupou diferentes cargos entre os quais o de enfermeiro e soto-ministro. Diz o seu Necrológio que por falta de Padres fora Superior duma Aldeia de Índios e de diversas Fazendas: e o fizera com edificação. Faleceu a 16 de Abril de 1751.

Bras. 6, 246v, 252v, 375, 385; *Bras.* 10, 440v (Necrológio); *Bras.* 25, 38v, 43, 47; *Bras.* 27, 42; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

CAEIRO, Bento (1688-*1728*-1767). Natural de Olivença (Diocese de Elvas), onde nasceu a 2 de Fevereiro de 1688 (baptizou-se a 7 de Fevereiro), filho de Manuel Álvares e Maria Gonçalves. Entrou na Companhia a 12 de Dezembro de 1716; e embarcou de Lisboa para o Maranhão em 1728. *Alfaiate* («sartor»). Também foi sacristão. Residia no Colégio do Maranhão ao sobrevir a perseguição geral. Exilado do Pará, para Lisboa e Estados Pontifícios, faleceu em Roma, no Palácio de Sora, a 16 de Março de 1767; e sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 27, 145v, 181; *Bras.* 28, 11v; Fondo Gesuitico, 690; («Spese»); *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903 e 1909; Leite, *História*, IV, 352.

CAMILO, Paulo (1638-*1663*-1669). Natural de Cremona, onde nasceu por 1638. Entrou na Companhia em Lisboa, com 24 anos de idade, a 4 de Novembro de 1662, recebido pelo Visitador Jacinto de Magistris, com quem no ano seguinte foi para a Baía. Era

pintor destinado ao Maranhão, para onde não chegou a ir. Da Baía passou ao Rio de Janeiro, onde residia em 1667 no exercício da sua arte. Faleceu no mesmo Colégio do Rio, a 8 de Março de 1669.

Bras. 5 (2), 12v, 25v, 31v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 223.

CAMPOS, BALTASAR DE (1614-*1661*-1687). Natural de Bois-le-Duc (Holanda), onde nasceu por 1614. Entrou na Companhia por 1639. Foi porteiro cinco anos, ajudante do procurador três, e em 1655, com 41 anos, residia no Colégio de Évora, com o cargo de *Mestre de Meninos*. Homem de boas forças, fleumático e bom talento. Pediu a Missão do Maranhão e em 1661 estava na Casa Professa de S. Roque em Lisboa à espera de embarque, chegando ao Maranhão em Outubro desse ano de 61. Baltasar de Campos era *pintor;* e como sucedia com vários Irmãos, tinha outro ofício de Catálogo, que em 1681 no Colégio do Pará era o que exercera em Évora, e se lê em Bettendorff: « Estavam os nossos Irmãos Coadjutores ensinando os Meninos da Escola a ler, escrever e contar, pois nisto eram destros o Ir. Marcos Vieira e sobre todos o Ir. Baltasar de Campos ». Da sua obra artística informa-se, em 1671 que pintou os quadros da Vida de Cristo na antiga sacristia da Igreja de S. Francisco Xavier do Colégio do Pará (hoje Seminário): « Inveni templum Divi Xaverii iam perfectum. Sacristiam etiam belle calce incrustatam, et tabellis vitae Christi a fratre nostro Balthasare a Campos utqumque ornatam ». Faleceu a 29 de Março de 1687, não se diz onde, supomos que no Pará, pois se inclui no seu « Livro dos Óbitos ».

Bras. 9, 265v, Carta de Bettendorff, do Maranhão, 21 de Julho de 1671 [outra via em *Bras.* 26, cf. Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia* I) 102, letra J.]; *Lus.* 45, 125 (1655), 240, 284; *Livro dos Óbitos*, 3; Bettendorff, *Chronica*, 280; Leite, *História*, III; 216; IV, 271, 339; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 223.

CAMPOS, ROBERTO DE (1637-*1662*-1712). Natural da Irlanda, onde nasceu por 1637. Veio menino para Portugal, onde foi educado na cidade do Porto. Passando ao Brasil, entrou na Companhia, na Baía, com 25 anos, a 17 de Maio de 1662. Homem de grande piedade e exemplar virtude. Em 1683 era *Mestre de Me-*

ninos no Colégio do Rio de Janeiro, e com a indicação de que já o era há muitos anos. Faleceu no mesmo Colégio do Rio, a 2 de Março de 1712. (Uma notícia necrológica [I Fonte] não especifica o ano, que poderia ser 1711, e nos serviu em 1949 ; mas outra [II Fonte] determina-o e prevalece).

Bras. 4, 179v (II Fonte) ; *Bras. 5 (2)*, 25v, 64 ; *Bras. 10*, 87 (I Fonte) ; Fondo Gesuitico, 721 ; *Hist. Soc. 51*, 305 ; Leite, *História*, VII (1949) 267.

CARDOSO, DOMINGOS (1697-*1726*-1761). Natural de Alter do Chão (Alto Alentejo), onde nasceu a 3 de Março de 1697. Entrou na Companhia em Évora, a 13 de Dezembro de 1718 (segundo o Cat. de 1751 ; mas os Catálogos variam muito sobre as datas do nascimento ; e quanto à da entrada também, mas apenas no que se refere ao dia, não ao mês nem ao ano). Embarcou para as Missões do Pará e Maranhão em 1726. E aquele Catálogo de 1751 trá-lo *administrador de Fazendas* (« administrator praediorum »). Pelo menos de 1730 a 1744 foi-o do Engenho de Ibirajuba (Pará). Sobrevindo a perseguição geral, e desterrado para Lisboa e Itália, faleceu em Roma, no Palácio de Sora, a 19 de Março de 1761. Sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 27, 52, 61, 72, 86, 122v, 172 (1751) ; Fondo Gesuitico, 690 ; Leite, *História*, IV, 352, 366.

CARDOSO, JOSÉ (1680-*1704*-1752). Natural de S. Mamede de Riba Tua (Trás-os-Montes), onde nasceu por 1680. Filho de José Gonçalves e sua mulher Joana Antónia. Entrou na Companhia com 24 anos, a 6 de Março de 1704. *Enfermeiro*. Já o era no Rio de Janeiro em 1716. Em 1745 era *administrador* da Fazenda do Colégio (Goitacases) e em 1748, enfermeiro dos escravos no Colégio do Rio de Janeiro. Homem de extremosa caridade. Quando tratava os doentes parecia escravo não só dos da Companhia, mas dos próprios Escravos. E tão desprendido das coisas materiais e amante da Pobreza, que se esta buscasse quarto para morar teria preferido o deste Irmão a qualquer outro, diz a Ânua. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 11 de Maio de 1752, dia da Ascensão do Senhor.

Bras. 6, 41, 72, 300, 374, 384v ; *Bras. 10*, 441 (Ânua) ; *Processo de Anchieta*, 47 (Processo do Rio de Janeiro, 1716).

CARDOSO, José (1711-*1732*-1751...). Natural da Covilhã, onde nasceu em 1711. Entrou na Companhia a 7 de Dezembro de 1732. *Farmacêutico* («pharmacopola») no Colégio do Pará em 1735 e 1737, estudando ao mesmo tempo Teologia Moral para se ordenar de sacerdote. Já Padre, deixou de pertencer à Companhia em 1751.

Bras. 27, 85v, 94v, 185v.

CARDOSO, Rafael (1599-*1618*-1641...). Natural de S. Cristóvão de Nogueira (Cinfães), onde nasceu por 1599. Entrou na Companhia em Coimbra em 1615 e embarcou para o Brasil alguns anos depois (ainda não consta do Catálogo de 1617). Em 1619 era *Enfermeiro* no Colégio de Pernambuco. Em 1631, com 32 anos de idade, estava na Baía *ajudante do Procurador* e se diz que há dois era *Administrador* dos servos e *fazendas agrícolas*. Seguiu depois para a Procuratura de Lisboa. Em 1640 foi chamado a depor no Processo do P. Manuel de Morais, não fazendo nenhuma acusação (cf. «Processo»). O Catálogo de 1641 trá-lo como *Ajudante do Procurador* em Lisboa, já não consta do Catálogo de 1646, onde aparece outro Rafael Cardoso, estudante, que entrou na Companhia no Rio de Janeiro em 1640 e depois foi Padre, Missionário do Maranhão e do Brasil.

Bras. 5 (1), 121, 128v, 151v (1641), 175v (1646); *Revista do Inst. Hist. e Geogr. Bras.* 70, 1.ª P., p. 7 («Processo de Manuel de Morais»).

CARNEIRO, João (1697-*1737*-1760...). Natural de S. Martinho (de Dume?), Diocese de Braga («ex oppido S. Martini, Dioec. Bracharensis»). Nasceu a 30 de Abril de 1697 e entrou na Companhia a 1 de Março de 1736 (Cat. de 1738). Embarcou de Lisboa para a Vice-Província do Maranhão e Pará em 1737. *Carpinteiro, arquitecto* («Architecturae peritus») e *desenhista*. Em 1742 era *Mestre de obras* (*de pedreiro*) da Casa da Mãe de Deus, da Vigia; em 1745 residia no Colégio do Pará em trabalhos de carpintaria («faber lignarius») e ainda em 1747 com o cargo de Mestre de Obras («director operariorum»). O Catálogo de 1751 dá-o com a arte de fabricante de arcas ou cofres («arcularius»). O último Catálogo existente (de 1753) trá-lo no Colégio do Pará, com o ofício de *enfermeiro*. Ao sobrevir a perseguição geral de 1760,

residia no Pará, onde ficou. Tinha então 63 anos de idade e não vimos o ano da sua morte.

Bras. 27, 94v (1738), 103v, 126, 149, 181v, 189; Leite, *História*, IV, 354, 367-368.

CARNEIRO, MANUEL (1634-*1659*-1693). Natural de S. Tomé em Portugal (não se determina mais o lugar), onde nasceu por 1634. Entrou na Companhia, na Baía, a 4 de Outubro de 1659. Em 1663 era soto-ministro do Colégio da Baía, com 29 anos de idade, e era *ourives de prata* («faber argentarius»). Em 1667 foi com o P. Visitador Manuel Juzarte para o Norte e ficou algum tempo no Ceará, na Aldeia de Parangaba, arredores de Fortaleza. Voltou a Pernambuco e à Baía, e residia em 1679 em Porto Seguro, em 1683 no Espírito Santo, e em 1692 no Rio de Janeiro. Repete-se em 1679 a sua arte de prateiro («tenet artem argentariam») e em 1683 diz-se « ourives ». Os Catálogos, embora façam menção da arte, dão-no sempre com outro ofício comum, entre os quais o de roupeiro e o referido, de soto-ministro. Faleceu, no Rio de Janeiro, a 7 de Abril de 1693.

Bras. 5 (1), 233, 249; *Bras.* 5 (2), 8, 43, 67, 87v; Fondo Gesuitico, 721; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História*, III, 87.

CARVALHO, JOÃO DE (1684-*1723*-1762). Natural de Barcelos, onde nasceu por 1684. Entrou na Companhia, com 39 anos, a 15 de Julho de 1723. Ocupou diversos ofícios. Possuia talento para as *coisas económicas* e *agrícolas*. Foi ajudante do Procurador do Colégio do Rio de Janeiro (1743) e trabalhou na Fazenda de S. Cristóvão (1745) e no Engenho Velho, do mesmo Colégio (1757). Atingido pela perseguição geral de 1759 e exilado do Rio para Lisboa, ficou nos cárceres de Azeitão, onde faleceu a 3 de Janeiro de 1762.

Bras. 6, 170, 330, 374; Leite, *História*, VII, 432, 444; Carayon, *Doc. Inédits*, IX, 238; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903.

CERQUEIRA, DOMINGOS (1657-*1685*-1724). Nasceu no Minho (em Arcos, Catálogo; em Coura, Bibl. Vitt. Em.), por 1657. Entrou na Companhia na Baía, com 28 anos, a 9 de Outubro de 1685. *Enfermeiro* dos Escravos no Colégio da Baía, antes de 1694.

Depois residiu no Engenho de N.ª S.ª da Luz em Pernambuco (1716). Ocupou-se ainda noutros cargos e em 1722, no Colégio do Recife, acumulava os de dispenseiro, prefeito do refeitório e enfermeiro. Faleceu no dito Colégio do Recife, a 20 de Janeiro de 1724.

Bras. 5 (2), 113v; *Bras.* 6, 71, 113v; *Elenchus Impressus Def.;* Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3942/1363, n.º 6; Leite, *História*, V, 586, n.º 261.

CHAVES, LOURENÇO DE (1690-*1739*-1761). Natural de Lisboa, onde nasceu a 20 de Agosto de 1690. Entrou na Companhia na Baía a 9 de Julho de 1739, com perto já de 49 anos de idade. Dois anos depois trabalhava no Noviciado da Jiquitaia como *carpinteiro*, para que tinha talento, e no Rio de Janeiro em 1746. Foi soto-ministro no Colégio do Espírito Santo e também *enfermeiro;* e era-o, dos Escravos, no Rio de Janeiro em 1757. Exilado na perseguição geral de 1760, para Lisboa e Estados Pontifícios, faleceu em Roma a 29 de Maio de 1761.

Bras. 6, 320v, 322, 331, 380; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Leite, *História*, VII, 443.

COELHO, DOMINGOS (1645-*1678*-1716). Natural de Castelo Rodrigo (Beira Baixa), onde nasceu por 1645. Entrou na Companhia, em Lisboa, a 1 de Fevereiro de 1675. Chegou à Missão do Maranhão em 1678. No «Motim do Estanco» (1684) retirou-se para a Província do Brasil, onde ficou até à morte. Era de notável préstimo e amigo dos Índios. Em 1692 vivia na Aldeia de S. José dos Campos, actual Estado de S. Paulo. Conhecia bem a arte *cirúrgica* e *farmacêutica* e dirigiu o *forno da cal*. Faleceu, com sentimento geral, no Colégio de S. Paulo, a 4 de Maio de 1716.

Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia* I) 166.

COELHO, FRANCISCO (1699-*1720*-1759). Natural do Porto, onde nasceu a 14 de Novembro de 1699. Entrou na Companhia, na Baía, com 21 anos, a 23 de Fevereiro de 1720. *Pintor* («bonus pictor»). É o ofício permanente: uma ou outra vez acrescenta-se: «e *dourador*». Inteligente, e de temperamento, que a princípio se declarou melancólico, e com o tempo se interpretou fleumático. Todos os Catálogos assinalam a sua presença na Baía. Pelo ano de 1740 pintou 16 quadros para o novo Refeitório do Colégio. Um representava a «Ceia do Senhor» e 15 eram retratos de Santos da Companhia e alguns Jesuítas ilustres do Brasil. Quadros

grandes, belíssimos, pintados por um « Coadjutor leigo », e, como aludindo a ser Colégio Real das Artes, a obra saiu não só de Religiosos, mas também real. (O Reitor « illud [triclinium] sexdecim praegrandibus Cenae Domini, Nostrorum Caelitum, et aliorum Provinciae nostrae Heroum iconibus, parietibus circumquaque defixis, et ab Adiutore Laico affabre depictis, pulcherrime adeo exornavit, ut non religiosorum modo hominum domus, verum etiam regale opus evaserit »). A Ânua de 1741 volta a referir-se a estes quadros pintados « por um dos Nossos, de mão e pincel apurado » (« quos accurata quidem manu ac penicillo tabellis efformavit unus e Nostratibus »). Isto, certo. Como já em 1731 era « bom pintor » (e também de retratos) há fundamento para se lhe atribuir o retrato do P. Alexandre de Gusmão, de 1733, reproduzido em gravura na Alemanha, e com que abrimos o Tomo V da « História ». Outros quadros deve ter pintado o Ir. Francisco Coelho. Porque o longo tempo que residiu na Baía, mais de um quarto de século, sempre no exercício da sua arte, assinalou-se por numerosas obras de pintura na Igreja e Colégio da Baía, no Noviciado da Jiquitaia, e noutras casas do distrito baiano. Depois de 1748 e antes de 1757 (não há Catálogos intermédios) passou para o Rio de Janeiro, e neste último ano estava na Fazenda de Santa Cruz, companheiro do P. Pero Fernandes, que nessa Fazenda construiu a Ponte do Guandu e iniciara a construção duma grande Igreja. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 20 de Julho de 1759.

Bras. 6, 140, 170, 432 ; *Bras.* 10, 407v (1740) 413v (1741) ; Leite, *História*, V, 147, 600 ; VI, 65 ; VII, 432, 444 ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 226-227.

COELHO, MANUEL (1691-*1717*-1753...). Natural de Val do Corgo (Diocese de Coimbra), onde nasceu a 8 de Abril de 1691. Entrou na Companhia em Lisboa em 1617, embarcando logo para as Missões do Maranhão e Pará. *Administrador de Fazendas* («administrator praediorum»). Era-o em 1723 da Fazenda e Salinas de Curuçá ; em 1732, de Mocajuba ; em 1735, de Ibirajuba ; e em 1737, chefe das pescarias de Mamaiacu (Porto Salvo), povoações ou cidades hoje, todas, do Estado do Pará. Cegou por volta de 1741, e ainda vivia, cego, no Colégio do Pará em 1753. Tinha então 62 anos de idade e faleceria antes de 1760, pois não consta do Catálogo deste ano.

Bras. 27, 48, 61, 71, 86, 172, 189 ; Leite, *História*, IV, 349.

COELHO, MANUEL (1718-*1738*-1777...). Natural de Povolide, onde nasceu a 2 de Fevereiro de 1718. Entrou na Companhia, com 20 anos, a 9 de Maio de 1738 (Cat. de 1739). Tinha alguns estudos e já aparece em 1740, como *Farmacêutico* («pharmacopola») e *enfermeiro* no Colégio do Recife e aí continuou muitos anos, até ser mandado para Lisboa como *companheiro do Procurador* da Província do Brasil, cargo que ocupava em 1757. Sobrevindo a perseguição geral, foi encerrado nos cárceres de Azeitão, donde passou a 11 de Maio de 1769, para os de S. Julião da Barra. Ocupou o cárcere n.º 4, do qual saiu com vida em Março de 1777, ao restaurarem-se as liberdades cívicas portuguesas.

Bras. 6, 273v (1739), 311v; Carayon, *Doc. Inédits*, IX, 238; *Ichnographia*; Leite, *História*, VII, 433, 452.

CORREIA, BENTO (1711-*1736*-1741...). Natural de Vila Rica (Minas Gerais), onde nasceu a 21 de Agosto de 1711. Entrou na Companhia, na Baía, com 25 anos, a 17 de Dezembro de 1736. *Enfermeiro*. Era-o no Colégio da Baía em 1738 e 1739. Deixou de pertencer à Companhia em 1741.

Bras. 6, 245, 251, 274v, 326.

CORREIA, CARLOS (1691-*1726*-1761). Natural de Viseu, onde nasceu a 6 de Novembro de 1691. Entrou na Companhia, com 35 anos, a 25 de Maio de 1726. *Alfaiate* («bonus sartor»). Exerceu o seu ofício com competência e unido sempre ao de roupeiro, no Colégio da Baía, durante largos anos; até que em 1745 era porteiro do mesmo Colégio. Residia em 1757 no Engenho de Cotegipe. E aí foi preso na perseguição geral. Exilado da Baía em 1760, ficou nos cárceres de Azeitão, onde faleceu a 26 de Abril de 1761.

Bras. 6, 186v, 372; Caeiro, *De Exilio*, 302: Carayon, *Doc. Inédits*, IX, 239; Leite, *História*, VII, 432, 438.

CORREIA, DOMINGOS (1689-*1712*-1732...). Natural de Vila Nova da Cerveira (Minho), onde nasceu em 1689. Entrou na Companhia a 31 de Março de 1712, ano em que chegou ao Maranhão. *Administrador de Fazendas*. Em 1724 era-o do Engenho de S. Bonifácio (Maracu). O seu nome, que está no Catálogo de 1732, não consta no de 1735.

Bras. 27, 32v, 49v.

CORREIA, João (1614-*1643*-1673). Natural da Cidade do Porto, onde nasceu por 1614. Entrou na Companhia na Baía, a 5 de Setembro de 1643; e em 1646 residia no Rio de Janeiro, com 28 anos de idade, e já com a categoria de grande *entalhador* («faber lignarius optimus»). Continuou no Rio até 1657, e passou dois anos na Baía como estatuário («imaginariam exercet artem»). Voltou ao Rio em 1660, onde ficou pelo menos três anos, até 1663 como escultor; depois na Baía, como entalhador insigne e escultor da Igreja nova do Colégio, a que é hoje Catedral Primaz («faber lignarius insignis et sculptor in nova Ecclesia»). A sua arte de Mestre-Escultor repartia-se pois entre as duas cidades principais do Brasil, como director artístico das obras que então se executavam. Pertencem a este período, além doutras obras de talha, o altar-mor e o tecto da Igreja, obra de João Correia e Luís Manuel. Os termos para ambos são equivalentes quanto à arte de entalhador, mas para João Correia se usa, em particular, os de *escultor* e *estatuário*, fundamento bastante para se lhe atribuir de preferência a parte escultórica, notável e variada. Concluída a Igreja da Baía, João Correia voltou ao Rio de Janeiro, em cujo Colégio faleceu pouco depois, a 4 de Abril de 1673.

Bras. 5 (1), 172, 182v, 188v, 206v, 221v; *Bras.* 5 (2), 3, 14, 30v, 33v, 36v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História*, V, 121, 122.

CORREIA, Jorge (1570-*1639*-1641). Natural da Cidade de Lisboa, onde nasceu por 1570. Foi Capitão-mor da Capitania de S. Vicente. Resolveu morrer Irmão Coadjutor da Companhia de Jesus. E, doando à Casa de S. Miguel de Santos os seus bens (todos ou em parte) em 1638, entrou na Companhia em 1639. E embora noviço já foi *Procurador* da Casa durante os motins desse ano O Catálogo de Abril de 1641, dá-o com 70 anos e boa saúde («firma valetudo»). Mas ou não seria tão firme ou adoeceu, porque fazendo os votos no dia 25 faleceu no seguinte, 26 de Junho de 1641 no Colégio do Rio de Janeiro, passando assim do «noviciado da terra para o do céu», diz a Ânua.

Bras. 5 (1), 153v; *Bras.* 8, 534 (Ânua); Leite, *História*, VI, 25, 257, 416, 428.

CORREIA, José (1692-*1718*-1720). Natural de Viseu, onde nasceu a 13 de Janeiro de 1692. Entrou com 26 anos, a 25 de Julho de 1718. Era *tipógrafo* («typographus»). Sendo ainda secular viveu dois anos no Colégio do Rio de Janeiro, como se fosse religioso

de grande penitência, e já tinha produzido 400 volumes para o Colégio e Padres («post quadringenta volumina Collegio et privatis Nostrorum usibus excusa»). Distribuiu os seus bens aos pobres e passou ao Noviciado da Baía, onde em breve o arrebatou a tísica, falecendo a 21 de Janeiro de 1720, diz a Ânua, assinada por José Bernardino.

Os termos usados «typographus» e «excusa» fizeram-nos hesitar algum tempo sobre a natureza do seu ofício. Mas, embora fosse tipógrafo, a descrição que dá compagina-se com a de *encadernador* e *restaurador de livros*. Todavia, a palavra «typographus», e não simplesmente encadernador («bibliopegus»), dá margem a supor a existência de tipos não só para títulos e lombadas, mas também para impressões miúdas privadas. (Ver COSTA, António da).

Bras. 6, 99v, 102v; *Bras.* 10, 220 (Ânua).

CORREIA, Luís (1712-*1731*-1742...). Natural de Castanheira do Ribatejo (Vila Franca de Xira), onde nasceu a 9 de Outubro de 1712. Entrou na Companhia a 25 de Abril de 1731 em Lisboa, destinado à Vice-Província do Maranhão e para onde partiu neste mesmo ano. Era *Pintor*, arte que exerceu no Colégio do Pará, entremeada com a de *dourador*. Em 1783 pediu ao P. Geral para socorrer os pais com pinturas que poderia fazer nos tempos livres. O Geral remeteu-o para o Superior local, a quem recomendou que acedesse ao pedido do Irmão, contanto que ele não faltasse às obrigações do seu estado religioso. Mas surgiram dificuldades em manter nos justos limites o que pedira o Irmão e concedera o Geral. Os Superiores locais, com reconhecerem que era dotado de talento e perícia na sua arte, ocuparam-no como aos demais Irmãos nos ministérios de Marta. E assim era em 1742 e não está nos Catálogos seguintes; nem consta em concreto que obras teria executado nos 10 anos em que foi pintor do Colégio do Pará.

Bras. 25, 83 (1738); *Bras.* 27, 79, 83, 107v; Leite, *História*, III, 220, 221; IV, 353; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 227.

CORREIA, MANUEL (1655-*1680*-1686...). Natural de Refontoura (Minho), onde nasceu por 1655. Entrou na Companhia a 10 de Dezembro de 1680. Bom *entalhador* («faber lignarius optimus»). Deixou de pertencer à Companhia em 1686.

Bras. 5 (2), 66, 81; *Bras.* 6, 66v.

COSTA, André da (1648-*1676*-1712). Natural de Lião (de França), onde nasceu por 1648. Entrou na Companhia na Baía, com 28 anos de idade, a 1 de Fevereiro de 1676 (Cat. de 1679, que o dá com 31 anos; mais tarde acrescentaram três). Notável *farmacêutico* e *químico* («optimus pharmacopola»; «chimicus insignis»). Trabalhou sempre na Baía. Era homem de génio impulsivo, mas na preparação dos remédios muito capaz, dentro da Farmacopeia do tempo. Sabia latim e antes de entrar fora *cirurgião* («chirurgus»). Na « Colecção de várias receitas », em que se descreve a « Triaga Brasílica celebérrima em todo aquelle novo Mundo de Botica do Collegio da Bahia », lê-se : « Esta he a triaga que ordinariamente fazia o Ir. André da Costa » (p. 400, 405). Reunia plantas medicinais (das Quintas ou Fazendas da Companhia) e minerais, que lhe pareciam úteis ; e os mandava buscar às vezes de bem longe, como este do Maranhão e a que se refere Bettendorff : « Não se deve passar aqui em silêncio uma pedra branca, que lasca a modo de talco e parece vidro, cuja mina se achou em o tanque grande, para a banda do mato, uns seis ou sete palmos afastada da vala ; e do canto dela uns vinte, pouco mais ou menos. Soube desse mineral, o Ir. André, apoticário da Baía, e mandou pedir algum para suas mesinhas ». No fim do século o Ir. André da Costa caiu paralítico e assim viveu os restantes anos, até falecer, na Baía, a 6 de Maio de 1712.

Bras. 5 (2), 222 (1679); *Bras.* 6, 22; *Elenchus Impressus Def.*; Bettendorff, *Chronica*, 307; Leite, *História*, V, 585, n.º 245; VII, 98, 284/285.

COSTA, António da (1588-*1619*-1642...). Natural da Ilha do Pico (Açores), onde nasceu por 1588. Entrou na Companhia na Baía em 1619. Acompanhou o P. Lopo do Couto na Missão do Maranhão, aonde chegaram, com o Governador Francisco Coelho de Carvalho, a 22 de Agosto de 1626. Era *carpinteiro* quando entrou e tinha talento para a arte, com outros dotes que o tornaram escolhido para difícil empresa. Trabalhava na Missão do Maranhão em 1631, com 42 anos de idade, e acompanhou o P. Lopo do Couto na preparação do levante contra os invasores holandeses. Faleceu em data incerta à roda de 1642.

Bras. 5 (1), 120v, 137v; Leite, *História*, III, 116; IV, 149, 334.

COSTA, António da (1647-*1677*-1722). Natural de Lião (de França), onde nasceu por 1647. Entrou na Companhia, na Baía,

com 30 anos, a 23 de Julho de 1677. (Os Catálogos de 1679 e 1683 dão-no na Baía, com «32 anos» e com «36 anos», idade, que depois se fixou em 30 anos, no momento de entrar). Os Catálogos existentes com lugar expresso, de residência trazem-no sempre no Colégio da Baía, mas faltam os de 1694 a 1716, que são 22 anos em que podia haver estado noutros Colégios, por exemplo no Recife. Os seus ofícios exprimem-se desta maneira : *encadernador* (bibliopegus»), *tipógrafo* («typographus»), *impressor* («impressor»), *bibliotecario* («bibliothecarius») e *Prefeito da biblioteca* («Bibliothecae Praefectus»). Sabia latim, e organizou o Catálogo da Biblioteca da Baía. Diz a Ânua : Tinha vocação para os ministérios da Companhia, «quibus etiam accessit Bibliothecae Praefectura, quam diu gessit communi omnium utilitati inserviens, cum materias omnes (erat enim latinitatem callens) in Bibliotheca ipsa contentas, ordinatissimum in indicem, adiunctis auctoribus, digesserit». Faleceu no Colégio da Baía a 17 de Outubro de 1722.

— Ignora-se o paradeiro deste precioso Catálogo, se porventura ainda existe. — O uso dos termos «tipógrafo» e «impressor» implica a existência dalguma pequena tipografia, ao menos para impressões miúdas de carácter privado. (Ver CORREIA, José).

Bras. 5 (2), 42v, 60, 81 ; *Bras.* 10, 263 (Ânua); *Hist. Soc.* 51, 33; Leite, *História*, V, 585, n.º 242.

COSTA, P. DIOGO DA (1652-*1674*-1725). Natural de Tapuitapera (Alcântara) no Maranhão, onde nasceu por 1652. Entrou na Companhia, aí mesmo no Maranhão, a 14 (ou 24) de Novembro de 1674. (Os Catálogos a princípio dão-lhe idade aproximada («circiter») e fixaram-na depois em 1649 ; mas faleceu em 1725, com 73 anos de idade). Era *cantor, músico* e *desenhista*. Teve por mestre no noviciado o P. António Pereira, mártir do Amapá, e foi estudar na Universidade de Évora. Voltou em 1680. Em 1682 assina, com outros, a « Relação » do P. Pedro de Pedrosa sobre a facilidade de comunicações entre o Estado do Maranhão e o Estado do Brasil. Por causa do «Motim do Estanco» (1684) residiu algum tempo em Pernambuco, voltando ao Maranhão ; e ficou à frente da roça ou Fazenda de Anindiba até 1690 em que a deixou para ser Vice-Reitor do Colégio :

« Não é crível quanto sentiram os vizinhos da nossa roça a mudança do P. Diogo da Costa para o Colégio, porque sabia fazer ornamentos de papel para a igrejinha de Nossa Senhora da Luz,

que lá temos, que pareciam ornamentos das mais ricas e engraçadas telas do Reino ; e, como *também sabia cantar* e *tocar admiràvelmente bem a viola, ensinou* os *rapazes a cantarem* e *tocarem,* suspendia os ouvintes quando se cantavam as Ladainhas e Salve Rainha à honra da Virgem Senhora Nossa, cuja imagem se venera naquela roça, que era a que os primeiros Padres puseram em nossa Igreja do Maranhão, donde eu [fala Bettendorff] a tinha mudado muitos anos havia, quando nos veio a nova, também de vulto, que hoje temos em Maranhão. Pareceu-me pôr aqui esta lembrança para que saibam os vindouros quanto devem estimar aquela santa imagem, para a qual a Senhora Rainha D. Luísa tinha mandado um ornamento de tela, em a primeira vinda do P. António Vieira, e que dura até o tempo presente ». O P. Diogo da Costa lançou em 1690 a primeira pedra da nova Igreja do Colégio, que ia ser o monumento mais importante da Cidade, e é hoje a Catedral. Ficou a correr com as obras dela, tendo como adjuntos os Irmãos Manuel da Silva e Manuel Rodrigues. Residiu também na Aldeia de Maracanã (1698), onde deu mostras do seu espírito empreendedor : « Como é muito zeloso do culto divino tinha, para maior devoção dos seus Índios, mandado fazer umas três imagens de vulto, uma de Nossa Senhora da Ajuda, outra de S. Miguel Arcanjo, outra de S. Francisco Xavier, e juntamente renovar a pintura de S. António Português, com que encheu todos os nichos do *retábulo,* que *ele mesmo tinha traçado* e mandado fazer por sua devoção, por Martinho, cunhado do Principal, e outros índios carapinas do Maracanã, tendo ido os mesmos Índios por sua devoção ao cacau para pagamento de todas aquelas obras, com que ficou muito ornada sua Igreja de taipa de pilão » (Bettendorff). Voltou a ser Vice-Reitor do Colégio do Maranhão durante três anos (da primeira vez tinha estado cinco). E faleceu no Maranhão a 20 de Maio de 1725. Tem à guisa de necrológio, sem mais : «merecia um grande elogio» («Lembrança»).

Bras. 27, 40v; *Lembrança dos Def.*, 6v; Bettendorff, *Chronica*, 18, 22, 90, 182, 312, 477, 478, 502, 630; Leite, *História*, III, 121, 388/389 (fac-símile da assinatura); IX (*Biobibliografia* II) 36, n.º 3.

COSTA, FRANCISCO DA (1573-*1596*-1642). Natural dos «confins de Guimarães», onde nasceu por 1573. Entrou na Companhia, com 23 anos de idade, a 6 de Fevereiro de 1596. Estava no Colégio do Rio de Janeiro em 1607 como *alfaiate* efectivo («sartor quam artem exercet»); em 1610 em Ilhéus ; e em 1614, na Baía já como

sacristão, que foi por muitos anos, « com notável edificação de todos ». Faleceu, no mesmo Colégio da Baía, a 6 de Janeiro de 1642.

Bras, 5 (1), 70, 81, 182; *Bras.* 8, 527.

COSTA, Gaspar da (1600-*1620*-1631...). Natural de Ponte de Lima, onde nasceu por 1600. Entrou na Companhia na Baía em 1620. E aparece com 31 anos de idade no Colégio de Olinda, em 1631, e com o ofício de *enfermeiro*. Não consta do Catálogo seguinte, de 1641.

Bras. 5 (1), 136.

COSTA, Gaspar da (1624-*1644*-1698). Natural de Arcos de Valdevez, onde nasceu por 1624. Entrou na Companhia na Baía a 6 de Maio de 1644, com 20 anos de idade. Residia na Baía em 1646, com o ofício de *enfermeiro*. Em 1654 andava na Campanha da Restauração de Pernambuco com o P. Francisco de Avelar. Em 1659 estava no Engenho da Baía. Em 1660 assistia na Baía, à construção da Igreja nova (hoje Catedral), cargo em que continuou alguns anos ; em 1667 era *procurador* dos negócios do Camamu. Em 1670, *Mestre de Meninos* em Porto Seguro, por alguns anos, passando depois ao Rio de Janeiro, onde faleceu a 15 de Maio de 1698.

Bras. 5 (1), 172, 222, 226; *Bras.* 5 (2), 30v, 34; *Hist. Soc.* 49, 234; Leite, *História*, V, 403.

COSTA, João da (1661-*1706*-1723). Natural de Braga, onde nasceu por 1661. Entrou na Companhia na Baía, com 45 anos, a 27 de Outubro de 1706 (Cat. de 1707). Mestre *ferreiro* («faber ferrarius»). Os Catálogos dão-no sempre no Colégio da Baía. Além do seu ofício foi ajudante do procurador e ele próprio era *procurador da Quinta do Tanque* em 1722. Benemérito do Colégio com a sua arte de ferreiro («plurimum Collegio Bahiensi arte ferraria laboravit»). Faleceu em 1723.

Bras. 6, 41v (1707), 69v, 112; *Bras.* 10, 263v.

COSTA, Luís da (1666-*1688*-1739). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1666. Entrou na Companhia, na Baía, com 22 anos, a 31 de Outubro de 1688. Em 1692 declara-se que é *carpinteiro* e *escultor* («faber lignarius et sculptor»), e trabalhava ainda na Baía.

Passou a Pernambuco para as obras da Igreja do Recife, onde estava em 1694, e com ele o Ir. escultor Domingos Xavier e o Ir. entalhador Domingos Trigueiros. Classificava-se então a arte de Luís da Costa de «egrégia» e «fora do vulgar» («scriniarius et sculptor egregius»; «non vulgariter peritus»). Parece que ficou, a seguir, na zona de Pernambuco (não há Catálogos) e que mais tarde, depois dos 50 anos, deixou a arte por falta de forças físicas ou por se terem concluído as obras. Em 1720 era *Mestre de Meninos* no Colégio de Olinda e director da respectiva Congregação Mariana. Viveu algum tempo também no Engenho de Monjope. Artista egrégio, e homem de provada virtude. Faleceu no Colégio de Olinda, com 73 anos de idade, a 25 de Julho de 1739.

Bras. 5 (2), 85, 114, 152; *Bras.* 6, 109, 255v; *Bras.* 10, 392; Leite, *História*, V, 126, 131, 586 n.º 266.

COSTA, Manuel da (1620-*1647*-1659). Natural do Porto, onde nasceu por 1620. Entrou na Companhia, no Rio de Janeiro, em 1647. O Catálogo de 1654 dá-o com 34 anos de idade, soto-ministro do Colégio do Espírito Santo ; e acrescenta que já tinha sido *enfermeiro* três anos no Colégio do Rio, ofício, diz o seu necrológio, em que foi diligente e dedicado. Faleceu no Colégio da Baía, a 4 de Janeiro de 1659.

Bras. 5 (1), 190, 248v; *Bras.* 9, 59v (Necrológio); *Hist. Soc.* 48, 36v.

COSTA, Manuel da (1630-*1651*-1661). Natural da Cidade do Porto, onde nasceu por 1630. Entrou na Companhia, com 21 anos de idade, em 1651. Antes de entrar era *cabeleireiro* («tonsor»). Ocupou-se em ofícios de casa (dispenseiro) na Baía e em Ilhéus. Estimado pela sua candura e afabilidade. Faleceu na Baía a 11 de Abril de 1661.

Bras. 5 (1), 233v; *Bras.* 5 (2), 25; *Bras.* 9, 124v; *Hist. Soc.* 48, 37.

COSTA, Manuel da (1674-*1691*-1748). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1674. Entrou na Companhia em Lisboa a 15 de Janeiro de 1691 com 17 anos de idade, e embarcou para o Brasil no mesmo ano. Era *fabricante de cera* e *escultor* («cerearius et sculptor). Residia no Rio de Janeiro como sacristão da Igreja do Colégio em 1716. E neste ofício e no de porteiro ocupou quase toda a

vida. Aquela denominação inicial de escultor talvez se deva aplicar a artefactos, bustos e ex-votos de cera, o que não é incompatível com os ofícios que posteriormente lhe dão os Catálogos. Homem de grande devoção e piedade. Faleceu no Colégio da Baía a 20 de Setembro de 1748.

Bras. 5 (2), 85, 114v; *Bras.* 6, 72; *Bras.* 10. 429; Leite, *História*, V, 586 n.º 275; VI, 599.

COSTA, MANUEL DA (1719-*1744*-1764). Natural de Barcelos, onde nasceu a 4 de Fevereiro de 1719. Entrou na Companhia, «com 21 anos de idade», a 2 de Julho de 1744. (Assim está no Cat. de 1757, mas entre as duas datas, a idade não é 21 senão 25). Residia no Colégio de S. Paulo em 1757 com diversos ofícios entre os quais o de soto-ministro e *enfermeiro*. Sobrevindo a perseguição geral de 1759, foi transferido para o Rio de Janeiro, e no ano seguinte, de 1760, exilado para Lisboa e Estados Pontifícios. Faleceu em Roma a 6 de Agosto de 1764, no Palácio de Sora ; e sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 6, 414 (1757); Fondo Gesuitico, 690 (« Spese »); Caeiro, *De Exilio*, 296; Leite, *História*, VII, 434, 447.

COSTA, MATEUS DA (1654-*1679*-1727). Natural de Lisboa, onde nasceu por volta de 1654. Entrou na Companhia a 14 de Agosto de 1679 com 25 anos de idade. *Escultor* e *Artista de marcenaria fina* («bonus sculptor»; «novit optime artem scriniariam»). Trabalhou na Igreja da Baía (hoje Catedral Primaz) quando se faziam (1683) as obras da sacristia, e outras obras da mesma igreja durante mais de 20 anos seguidos. Ainda que se lhe chama *carpinteiro* («faber lignarius») e escultor, no que se insiste, e o que mais se encarece nele e se expressa na Ânua, é a arte de marcenaria fina, molduras na Igreja e no grande arcás da sacristia («In Templi nostri laquearibus, sacrique apoditerii pinacothecis conficiendis, plurimum instrumentis suis arte fabraria, Collegium iuvit»). No começo do século XVIII passou para a *Procuratura geral do Brasil* em Lisboa, e ainda que do Brasil o reclamaram, o Padre Procurador em Corte respondia que era necessário aos serviços da Procuratura. Até que sendo ele já septuagenário, o P. Geral perguntou ao Provincial do Brasil, P. Manuel Dias, se não pensava em o chamar de novo. O qual respondeu: « Agora não ». O benemérito Ir. Mateus

da Costa faleceu na Casa de S. Roque, Lisboa, com 73 anos de idade em 1727.

Bras. 4, 304; *Bras. 5 (2)*, 60, 82; *Bras. 6*, 22, 132; *Bras. 10*, 304 (Ânua); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História*, V, 124, 131, 585 n.º 247.

CRASTO, JOÃO DE (1629-*1666*-1702). Natural de Quintão (Diocese do Porto), onde nasceu por 1629. Entrou na Companhia na Baía, com 37 anos, a 7 de Setembro de 1666. Era «serrador de madeiras no Camamu», segundo o Catálogo de 1683, ou como se explica em 1694, *chefe dos cortadores* e *serradores de madeira* nas matas do Colégio da Baía. Faleceu na Baía, a 31 de Julho de 1702. (João de Castro ou Crasto, mas nos Catálogos prepondera a segunda forma).

Bras. 5 (2), 62, 85v, 111v; *Hist. Soc. 51*, 158; Leite, *História*, V, 585 n.º 236.

CRUZ, BENTO DA (1649-*1680*-1741). Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1649. Entrou na Companhia na Baía, com 31 anos de idade, em 1680. Em 1683 residia na Aldeia dos Paiaiases (Serinhaém) rio Camamu, como *carpinteiro* e *entalhador* («faber lignarius»), que em 1694 se diz muito bom («faber lignarius optimus»): trabalhava então no Colégio da Baía. Em 1716, com 67 anos de idade, já não exercia a arte no Colégio do Rio, de que era porteiro, ofício que desempenhou muitos anos. Em 1737 recorda-se que foi bom carpinteiro. Faleceu, com 92 anos, no dia 23 de Agosto de 1741, no mesmo Colégio da sua cidade natal, venerado de todos.

Bras. 5 (2), 61v, 112v; *Bras. 6*, 326; *Bras. 10*, 413; Leite, *História*, V, 586 n.º 252.

CRUZ (CROIX?), JOÃO DA (1649-*1679*-1687...). Natural de «Batalha em França», onde nasceu por 1649. Entrou na Companhia na Baía em 1679. *Pescador*. Era este o seu ofício em 1683, aos 34 anos de idade, nas pescarias do Camamu. Deixou de pertencer à Companhia em 1687 ; e nesta conjuntura se diz, por outra fórmula que era «francês de Betalha»: Joseph de la Croix ?

Bras. 5 (2), 62, 81 ; *Bras. 6*, 67.

CRUZ, MANUEL DA (1664-*1694*-1751). Natural de Cantanhede (perto de Coimbra), onde nasceu por 1664. Entrou na Companhia em Lisboa, com 21 anos, a 24 de Setembro de 1685. Depois

de ocupar em Portugal vários ofícios, embarcou para o Brasil em 1694; e em 1701 era *farmacêutico* («pharmacopeus»). Saiu da Companhia em Olinda em 1704 e tornou a entrar a 1 de Fevereiro de 1731. Chamava-se então *Manuel da Cruz Pilouro*. Faleceu no Colégio de Olinda a 26 de Outubro de 1751.

Leite, *História*, V, 586 n.º 260; VIII (*Biobibliografia* I) 187.

CRUZ, MANUEL DA (1687-*1707*-1767). Natural de Landim (Minho), onde nasceu a 14 de Agosto de 1687. Entrou na Companhia, com 20 anos, a 20 de Outubro de 1707. A sua actividade foi principalmente em Pernambuco, no Engenho de Nossa Senhora da Luz, onde já se encontrava em 1716 e ainda em 1757, no qual ano se diz que era «bom *administrador de Engenho*». Iam-se revezando os Padres e ele permanecia. Ao sobrevir a perseguição geral, foi exilado do Recife para Lisboa em 1760. Ficou nos cárceres de Azeitão até 1761, ano em que seguiu, com os de Goa, para os Estados Pontifícios. Faleceu em Roma, no Palácio Inglês, a 27 de Janeiro de 1767, sepultando-se na Igreja do Gesù.

Bras. 6, 99v, 431, 431v; Fondo Gesuitico, 690 (« Spese »); Caeiro, *De Exilio*, 170, 302, 938; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Leite, *História*, VII, 432.

CRUZ, SEBASTIÃO DA (1562-*1582*-1631...). Natural da Cidade de Portalegre (Alto Alentejo), onde nasceu por 1562. Entrou na Companhia, na Baía, com 20 anos, em 1582 (Cat. de 1583). Era *sapateiro* antes de entrar e exerceu algum tempo (de 1586 a 1601) o ofício em Pernambuco junto com os de porteiro e *enfermeiro*. Foi a Lisboa a negócios da Província e voltou em 1604 para a Baía onde ficou alguns anos como *ajudante do Procurador*. Tornou a Pernambuco e há muitos anos que já era *Mestre de Meninos* no Colégio de Olinda, quando sobreveio a invasão holandesa de 1630. Teria então 68 anos de idade, segundo o Catálogo de 1583; e não tardaria a falecer. Não consta do Catálogo de 1641.

Bras. 5 (1), 22, 50, 65; Leite, *História*, I, 572, 584.

CUNHA, P. JOÃO DA (1690-*1713*-1741). Natural de Luanda, onde nasceu a 22 de Maio de 1690. Entrou na Companhia na Baía, a 13 de Novembro de 1712; e aí estava em 1716, estudante humanista do 2.º ano. Começou a Filosofia, mas revelou menos gosto pelos estudos e mais tendência para a catequese dos Negros de An-

gola, cuja língua sabia. Estudou Teologia Moral e ordenou-se de sacerdote; e a 8 de Dezembro de 1722 fez os votos de Coadjutor Espiritual no Recife (recebendo-os o P. Marcos Coelho), e tinha o cargo de catequista dos Negros e mestre de meninos no Colégio. Em 1732 estava no Colégio do Rio de Janeiro em posição quase igual à do Recife: mestre de primeiras letras, director da Congregação dos Meninos e catequista dos Angolanos. E ai ficou até à morte. João da Cunha era notável *estatuário*. Diz a Ânua, que não morreu sem lágrimas da juventude a quem ensinava as primeiras letras, nem sem prejuízo da Companhia, pela qual se dedicava, sendo como era estatuário estimadíssimo pela sua arte («Non sine iuventutis lacrimis quam tot annorum sedulitate per prima litterarum elementa circumdixit; nec nulla Nostrorum iactura, quibus maximopere insudavit, commendatissimus pro industria statuarius»). E acrescenta que possuía génio vivo e arrebatado, e quando se excedia logo se apressava a pedir desculpa. Nestas depressões biliosas padecia muito, pormenor não destituído de interesse para se avaliar o seu temperamento artístico. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 5 de Novembro de 1741. (Houve mais dois Padres do mesmo nome, todos três contemporâneos, e andavam confundidos, cuja destrinça já se fez em «História», VIII, 26-27).

Bras. 6, 69v, 80, 113, 121v, 161, 194, 326v; *Bras.* 10, 412v (Ânua); *Lus.* 24, 102; Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia* I) 26-27, cf. VII, 275.

CUNHA, MANUEL DA (1690-*1724*-1761). Natural de Faro, onde nasceu por 1690. Entrou na Companhia, com 34 anos, a 20 de Novembro de 1724. Era *encadernador* mas ocupou-se mais como *ajudante do Procurador*, e assim era na Baía em 1732. Em 1745 estava no Engenho de Pitanga. Atingido pela perseguição geral e exilado da Baía para Lisboa e Itália em 1760, faleceu em Roma a 19 de Fevereiro de 1761.

Bras. 6, 159v, 170v, 372; Caeiro, *De Exilio*, 126; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903.

CUNHA, PEDRO DA (1581-*1599*-1663). Natural da Cidade do Porto, onde nasceu por 1581. Entrou na Companhia, na Baía, a 22 de Novembro de 1599. Residia na Baía em 1607, com 26 anos de idade. Possuía talento para *enfermeiro* e para *farmacêutico* («ad pharmocopolam»). Exerceu o ofício muitos anos e ainda em 1610; e

em 1614 era soto-ministro. Passou alguns anos no Sul e quando voltava em 1624, caiu cativo dos Holandeses, com outros, no mar da Baía. Levado a Amesterdão, chegou a esta cidade a 17 de Outubro de 1624, e ficou num cárcere onde padeceu trabalhos. Na gravura dos cativos, de Claes Jansz Vincher (1624) aparece um «Pedro da Cunha negociante». Este suposto negociante da Baía deve ser o Ir. Pedro da Cunha, que já então era procurador da Província do Brasil. Depois da libertação (1628) ficou em Lisboa com o mesmo cargo («Procurator Provinciae»). Em 1634 suplicou ao P. Geral que por escrito lhe permitisse voltar à sua Província do Brasil. Concedeu-lho o Geral com a recomendação de que não embarcasse sem lhe chegar sucessor. E demorou tanto que só voltou em 1641, continuando na Baía o mesmo ofício de Procurador, enquanto teve saúde e forças, que enfim lhe faltaram. Em 1657 recopila-se : O Ir. Pedro da Cunha foi enfermeiro 8 anos, soto-ministro 5, «*procurador geral*» na Baía e em Lisboa 15, outra vez na Baía 3. O seu Necrológio recorda com grande louvor estes diversos ofícios sem esquecer o de enfermeiro em que o benemérito Irmão tinha sido sumamente diligente e caridoso.

Bras. 5 (1), 68v, III, 131, 202; *Bras.* 5 (2), 25; *Bras.* 8, 432a, 431 (sic); *Bras.* 9, 163-163v (Necrológio); Leite, *História*, V, 33, 34/35 (gravura de Claes), 47; VI, 593.

D

DANTAS, Domingos (1665-*1682*-1730). Natural de S. Vicente de Giela (Arcos-de-Valdevez), onde nasceu por 1655. Entrou na Companhia na Baía, com 27 anos, a 20 de Outubro de 1682. *Administrador*. Em 1692 era director («moderator») do Engenho de Pitanga (Baía) e neste cargo esteve alguns anos. Em 1716 e 1719 presidia à construção do Noviciado da Jiquitaia (Baía), e ali morava, só com alguns noviços (nenhum Padre). Homem virtuoso, de trabalho sofrido e tino prático nas administrações que se lhe confiavam. «Benemérito» do Colégio da Baía, onde faleceu a 16 de Maio de 1730.

Bras. 5 (2), 81v, 85v; *Bras. 6*, 102; *Bras. 10*, 323v; *Processo de Anchieta*, 35 (Processo da Baía, 1712).

DELGADO, João (1701-*1732*-1780?...). Natural de Braga, onde nasceu a 23 de Junho de 1701. Entrou na Companhia na Baía, com 31 anos de idade, a 7 de Setembro de 1732. Ao entrar já era *carpinteiro sobretudo de arte mobiliária* («artefacta lignaria»). Residia no Rio de Janeiro em 1745; e preponderando nele outros dotes pessoais, ocupava em 1757 o cargo de soto-ministro e superintendente de diversas oficinas do Colégio do Espírito Santo. Sobrevindo a perseguição geral foi para o Colégio do Rio de Janeiro, e aí ficou em 1760, na suposição de serem inválidas as demissórias do Bispo, e que, portanto, continuava a ser religioso da Companhia. (Achava-se na Rufinella (Frascati) em 1774 e ainda em 1780, mas com a cruz (no Cat. de 1774) de haver falecido antes de 1783, um Ir. João Baptista Delgado, com a data do nascimento a 10 de Março de 1700. Parece tratar-se do mesmo. Havia no seu tempo quatro Irmãos Coadjutores com o nome de João Baptista: João Baptista, de Pombal, nascido em 1692, e companheiro de João Baptista Delgado na Rufinella em 1774; João Baptista, de Turquel, cuja data de nascimento é 1711, segundo os Catálogos do Brasil;

e João Baptista, do Piemonte, nascido em 1719. O facto de João Delgado ter ficado no Rio e aparecer depois em Roma, sucedeu com outros, como José Basílio da Gama. Em todo o caso, dado que as datas do nascimento, ambas concretas, não são exactamente as mesmas, refere-se a coincidência, sem se afirmar com certeza a identificação do Ir. João Delgado, que residia no Espírito Santo em 1757, com o Ir. João Baptista Delgado de 1774. Cf. Baptista, João (os 3 nomes, o de Pombal, o de Turquel e o de Piemonte).

Bras. 6, 173, 238v, 433v ; Fondo Gesuitico, 690 (Relação de 1774) ; Arq. Hist. Ult., Relação de D. Henrique de Menezes, de 1780, Papéis do Reino, 1780; Caeiro, *De Exilio,* 290 ; Leite, *História,* VII, 433, 446.

DIAS, P. António (1539-*1560*-1623). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1539, filho de Gonçalo Dias Brandão e sua mulher Melchiora Fernandes. Entrou na Companhia no Brasil com 21 anos de idade em 1560. Muito aceito dos Portugueses e um tanto áspero para com os Índios, que no entanto o estimavam, porque se sacrificava por eles e o tinham por seu «Pai e Mestre». *Cantor* e *regente* de fama («música de instrumentos e vozes»). Fez diversas entradas ao sertão e trabalhou com os Índios das Aldeias, entre as quais sobressaiem as de Guaraparim e Reritiba (Espírito Santo). E nesta última faleceu em 1623.

Bras. 5 (1), 13; *Lus. 72,* 121 ; Leite, *História,* I, 81, 243, 248, 576, 583; II, 109, 187; VI, 145.

DIAS, Diogo (1567-*1600*-1645). Natural de Sampaio, Minho. (Em 1631 lê-se simplesmente «Paio» ; e no Cat. de Vitt. Em., «Viana do Lima»). Nasceu por 1567 e entrou na Companhia na Baía, com 33 anos de idade, a 12 de Março de 1600. Era *sapateiro,* mas parece que não exercitou a arte na Companhia, ao menos como ofício principal. Viveu a maior parte do tempo no Colégio do Rio de Janeiro; e o seu ofício de Catálogo era o de sacristão, e alguma vez, unido a este, o de roupeiro. Faleceu, no Colégio do Rio de Janeiro, a 28 de Maio de 1645.

Bras. 5 (1), 70, 132v, 182; *Hist. Soc. 47,* 18; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

DIAS, Francisco (1538-*1577*-1633). Natural do termo de Alenquer, onde nasceu por 1538. (Os Catálogos do Brasil dão-no

de Nossa Senhora da Merciana, e ele era o Ir. Companheiro do Provincial ; o de Portugal, dá-o de Paúl, nas vizinhanças : talvez residisse aqui ao entrar na Companhia). Entrou a 28 de Maio de 1562, e o Catálogo de 31 de Dezembro desse ano, trá-lo em Lisboa com a sua profissão de «architectus». No dia 28 de Maio de 1564 fez os votos do biénio, de que se guarda a fórmula autógrafa ; assim como a dos últimos votos, mais tarde na Baía, a 30 de Novembro de 1583. No mesmo ano em que fez os primeiros votos, isto é em 1564, residiu algum tempo, com o título expresso de *Arquitecto,* na Corte de El-Rei em Almeirim, e logo em Lisboa durante a construção da famosa Igreja de S. Roque, de que foi Mestre de Obras. A sua especialidade profissional era a de *pedreiro,* mas como arquitecto e mestre de obras superintendia às de contrução geral. A Igreja de S. Roque inaugurou-se no dia 29 de Novembro de 1573, continuando as obras, até que ao pedir-se do Brasil um Arquitecto, foi ele o designado, por concessão e ordem do P. Geral. Achando-se que fazia falta, o Provincial Manuel Rodrigues representou ao P. Geral em Abril de 1577 : «Tratei com os Padres de S. Roque e achamos ser muito necessário este ano o Ir. Francisco Dias nesta Casa, porque esperamos que se acabe a Igreja e o mais que falta do edifício ; o qual tudo é de muita importância e depende deste Irmão, que anos há traz tudo entre mãos e sabe o particular de cada coisa e como tudo se há-de fazer. E partindo para o Brasil este ano, como V. Paternidade ordena, será notável falta».

Não obstante partiu ; e ainda que em 1579 o P. Geral ordenou a sua volta, conseguiram os do Brasil que ficasse. E foi Arquitecto e revisor das obras dos Colégios e Igrejas de toda a Província. Em breve se agregou ao grupo da Cúria Provincial, e, como as visitas eram por mar, tomou também conta do navio da Província como *piloto ;* e em 1598 classifica-se de egrégio em Arquitectura e em Náutica («habet talentum egregium ad Architectonicam et Nauticam»).

No seu tempo construiram-se três Igrejas, a dos Colégios do Rio de Janeiro, de Santos, e de Olinda, de que ele fez os planos. Também reviu os da Baía, com «muito acordo», mas demorou-se tanto a construção desta última, que quando se edificou já houve mudanças. Da Igreja do Rio de Janeiro Francisco Dias traçou o plano em 1585 e a Igreja inaugurou-se no Natal de 1588 ; a de Santos estipulou-se pelo mesmo ano de 1585 e abriu-se ao culto

em 1600 ; a de Olinda, «pela traça de S. Roque», estava quase concluída em 1597. A Igreja de Santos durou um século ; a do Rio de Janeiro manteve-se de pé até ao desmonte do Morro do Castelo já neste século XX (1922) ; a de Olinda, apesar de incendiada por ocasião da invasão holandesa, resistiu na sua estrutura arquitectónica e ainda existe, segundo o exame técnico dos Serviços do Património Histórico e Artístico Nacional. Este facto dá-lhe maior relevo. Os primeiros planos referentes a Olinda datam de 1584. Escreve Fernão Cardim : «Aos 18 de Agosto [de 1583] partimos [da Baía] para Pernambuco, a saber, o P. Visitador [Cristóvão de Gouveia], P. Provincial [José de Anchieta], P. Rodrigo de Freitas [Procurador], os Irmãos Francisco Dias e Barnabé Telo e outros Padres e Irmãos». Não puderam ir avante por acharem monções contrárias. Arribaram e só no ano seguinte de 1584 retomaram a viagem de Pernambuco em que já não foi o Provincial por estar doente. Ao nome de Francisco Dias, da citação de Cardim, pôs Rodolfo Garcia esta nota, que indica o estado destes conhecimentos históricos em 1925 : «O Ir. Francisco Dias foi um dos que vieram na leva do P. Gregório Serrão em 1578. Faltam notícias a seu respeito». Como já hoje se sabe, a revisão das obras dos diversos Colégios, distantes entre si, fazia-se por mar e o Ir. Francisco Dias, constituído companheiro do Provincial, reunia as duas funções de construtor e de marinheiro e foi piloto do navio da Província 38 anos «sem nunca padecer naufrágio». Depois, já velho, quando não era para navegar, ficou a residir no Colégio do Rio de Janeiro, à frente da oficina de *carpintaria*, e assim era ainda em 1619 e 1621. Em 1631 aparece com 97 anos de idade, mas pelos primeiros Catálogos devia andar à roda dos 93. O benemérito, resistente e ilustre Irmão, ainda durou mais dois, falecendo a 1 de Janeiro de 1633 na cidade do Rio, com 95 anos de idade. E os seus contemporâneos, que o admiravam pelos seus serviços, começaram também a venerar as suas relíquias como santo.

Lus. 43 *(1)*, 204 (1562), 223v (1564), 258, 463v ; *Lus.* 68, 12 ; *Bras.* 5 *(1)*, 32, 122, 125, 132v ; Fernão Cardim, *Tratados*, 294, 327, 383 ; Leite, *História*, I, 393, 452 ; V, 422 ; VI, 429 ; Id., *Francisco Dias, Jesuíta Português, Arquitecto e Piloto no Brasil, 1538-1633*, na « Brotéria », 51, fasc. 4 (Outubro de 1950) 257-265 (tem separata) ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX, 215 ; cf. supra, « Pintores e Douradores », pp. 55-56.

DIAS, Francisco (1638-*1657*-1708). Natural do Porto, onde nasceu por 1638. Entrou na Companhia, na Baía, com 19 anos de idade, a 30 de Julho de 1657. Em 1667, era *Mestre de Meninos* no Colégio da Baía. Interrompeu o ofício algum tempo com outras ocupações domésticas ; mas, como era excelente mestre, retomou-o, e diz-se em 1694 que já ensinava letras elementares há 23 anos. Faleceu, no Colégio de Olinda, a 7 de Dezembro de 1708.

Bras. 5 (1), 249 ; *Bras. 5 (2)*, 30v, 80v, 110 ; *Hist. Soc. 51*, 104 ; *Elenchus impressus*, pro anno 1709.

DIAS, Gaspar (1563-*1590*-1641). Natural de Guimarães (Minho), onde nasceu por 1563. Era *tanoeiro* de profissão, quando entrou na Companhia na Baía em 1590. Duvidamos que tivesse ocasião na Companhia de exercitar o seu mister. Os Catálogos dão-no sempre ocupado em ofícios de casa, entre os quais se explicita o de porteiro; e o necrológio refere-se à sua qualidade de bom Irmão sem entrar em pormenores de ofício. Residia em Porto Seguro em 1598, com 35 anos de idade ; esteve depois em Pernambuco e na Baía, em cujo Colégio faleceu a 5 de Agosto de 1641.

Bras. 5 (1), 39, 68v, 103, 182 ; *Bras. 8*, 527 ; Leite, *História*, I, 581.

DIAS, Gaspar (1604-*1638*-1691). Natural de Angra (Açores), onde nasceu por 1604. Entrou na Companhia na Baía, com 34 anos, a 7 de Setembro de 1638. *Carpinteiro* («faber lignarius»). Em 1659 tinha cuidado da Casa da Aldeia de Reritiba ; em 1663 aparece carpinteiro e *enfermeiro* no Rio ; em 1679 residia na Aldeia de Sipotiba (perto do Rio) ; e em 1683 outra vez no Colégio do Rio de Janeiro no exercício da sua arte de carpinteiro. E aí faleceu a 8 de Maio de 1691.

Bras. 5 (1), 147v, 224v ; *Bras. 5 (2)*, 14, 48, 63v, 80v, 89 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

DIAS, João (1627-*1647*-1663). Natural de «Viana de Caminha», onde nasceu por 1627. Entrou na Companhia, na Baía, em 1647. *Sapateiro*. E foi algum tempo *ajudante do Enfermeiro*, passando depois a *ajudante do Procurador* do Brasil em Lisboa, onde já estava em 1654, com 27 anos de idade, e onde ficou até à

morte. Homem de singular virtude e paciência. Faleceu no Colégio de S. Antão (Lisboa) em 1663.

Bras. 5 (1) 187 ; *Bras. 9,* 167v.

DIAS, JOÃO (1656-*1676*-1732). Natural de Braga, onde nasceu por 1656. Entrou na Companhia, com 20 anos, a 19 de Fevereiro de 1676. *Enfermeiro* e *administrador.* Em 1692 residia no Engenho de Sergipe do Conde, com o procurador P. Manuel de Oliveira, da Província de Portugal, a cuja Igreja do Colégio de S. Antão pertencia o Engenho. Parece que foi a Portugal e voltou em 1705. Começa a aparecer nos Catálogos do Brasil, de 1707 em diante ; e em 1716 diz-se que embora esteja num Engenho do Colégio de S. Antão (agora era já o de S. Ana, de Ilhéus), só ficaria até vir substituto, porque pertencia à Província do Brasil. O facto é que o Ir. João Dias faleceu neste mesmo Engenho de Ilhéus, a 8 de Abril de 1732 ; e o seu necrológio encarece as suas qualidades de enfermeiro e estremosa caridade para com os doentes.

Bras. 6, 73, 88v, 98v, 163 ; *Bras. 10,* 341 ; *Hist. Soc. 52,* 139.

DIAS, P. PEDRO (1622-*1641*-1700). Natural da Vila de Gouveia, onde nasceu em 1622. Entrou na Companhia no Rio de Janeiro a 13 de Julho de 1641. Reitor de vários Colégios, entre os quais o de Olinda, onde estava quando apareceu o terrível «mal da bicha» em que se assinalou a sua caridade para com os moradores, em particular os pobres e os pretos de África. Sabia *medicina,* mais que medianamente, e os tratava e curava por suas próprias mãos com medicamentos por si mesmo manipulados. Ao falecer, na Baía, a 25 de Janeiro de 1700, o Governador do Brasil D. João de Lencastro quis ter a honra de o conduzir à sepultura, e os Negros acorreram em multidão ao seu funeral.

Leite, *Padre Pedro Dias, Autor da Arte da Língua de Angola, Apóstolo dos Negros no Brasil,* na Revista « Portugal em África », 2.ª série, ano IV, n.º 19 (Coimbra 1947) 9-11 ; *História,* VIII (*Biobibliografia* I) 199-200.

DINIS, MANUEL (1708-*1729*-1780...). Natural de Seara (Braga), onde nasceu a 30 de Março de 1708. Entrou na Companhia a 24 de Abril de 1729. (Nos Catálogos do Brasil diz-se que entrou com 17 anos, mas pelas datas concretas, de nascimento e entrada, vê-se que teria 21). *Farmacêutico.* Já o era em 1732, e em 1736 com

a classificação de bom («bonus pharmacopola»). Residia então em Pernambuco, onde, tirando os primeiros anos da sua formação na Baía, sempre esteve, primeiro no Colégio do Recife, com o ofício também de *enfermeiro,* constituindo-se por esse tempo a Botica deste Colégio a mais famosa do Nordeste. Passou a seguir para o Colégio de Olinda, e aí aparece como soto-ministro em 1745. Voltou ao Colégio do Recife, no qual em 1757 era ainda farmacêutico e enfermeiro, e donde na perseguição geral de 1760 saiu exilado para Lisboa e Estados Pontifícios. Da sua actividade profissional apenas resta (ou se conhece) um preparado contra as doenças de pele, com o rótulo de «Bálsamo para impigens», composto de bálsamo fino do Brasil, flor de enxofre e vinagre. O Ir. Boticário Manuel Dinis vivia em Pésaro em 1774, e ainda em 1780. Faleceu pouco depois, antes de 1783, porque na Relação de 1774 traz a cruz dos falecidos antes de 1783, e ainda vivia em 1780.

Bras. 6, 195, 202, 228, 246v, 375; Fondo Gesuitico, 690 (1774), Relação de D. Henrique Meneses (1780); «Collecção de Receitas», 59-60, 467; Caeiro, *De Exilio,* 170; *Apêndice ao Cat. Port.* 1903; Leite, *História,* VII, 432, 451.

DOMINGUES, ANTÓNIO (1584-*1606*-1658). Natural de Leça (Diocese do Porto), onde nasceu por 1584. Entrou na Companhia em Pernambuco em 1606, aí residia em 1610 com 26 anos de idade. Era *sapateiro* e como tal se encontra na Aldeia de S. Miguel em 1614. Passou depois por diversas Residências, e estava no Espírito Santo (Capitania) em 1631 no exercício da sua arte com outros ofícios de casa; e o mesmo na Aldeia de Reritiba em 1641. Viveu algum tempo no Rio de Janeiro, donde voltou ao Espírito Santo, em cujo Catálogo de 1657 ainda consta, e dava-se-lhe então 79 anos, já muito exagerados, e ainda mais ao falecer «com um século», como diz o seu Necrológio, que também o tem como natural de de Termoselhe *(sic),* diocese de Braga, quando todos os Catálogos o dão invariàvelmente de Leça (Diocese do Porto). Não há dúvida que se trata da mesma pessoa, porque no Catálogo de 1659 já se não inclui nenhum Ir. António Domingues. Era trabalhador, caridoso e obediente. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 21 de Novembro de 1658. Teria 74 anos de idade.

Bras. 5 (1), 86, 112, 134, 155, 190; *Bras. 9,* 126v (Necrológio); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

DOMINGUES, MANUEL (1670-*1714*-1743). Natural de S. João da Foz (Porto), onde nasceu por 1670. Entrou na Companhia, com 44 anos, a 1 de Fevereiro de 1714 (Cat. de 1716). *Enfermeiro* dos Escravos, a quem tratava com dedicação e caridade. Trabalhou nas Fazendas do Colégio da Baía (Tejupeba) e do Colégio do Recife (Urubu), e por fim no Rio de Janeiro, onde faleceu a 1 de Novembro de 1743 (segundo o Catálogo ; a Ânua e Bibl. Vitt. Em. dizem 1 de Outubro).

Bras. 6, 82 (1716), 333v (Catálogo) ; *Bras. 10,* 418 (Ânua) ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3493/1363, n.° 6.

DUARTE, ANTÓNIO (1710-*1731*-1745). Natural de Bouças (Matozinhos), onde nasceu por 1710. Entrou na Companhia, com 21 anos, a 1 de Fevereiro de 1731. *Carpinteiro.* O Catálogo de 1735 já o traz no Piauí, no seu ofício, em que era diligente, e no de *Mestre de Obras* das numerosas Fazendas do Piauí. Morreu, ainda novo, em 1745.

Bras. 6, 173, 193 ; *Bras. 10,* 419 ; *Hist. Soc. 53,* 14 ; Leite, *História,* V, 557, 558.

DUARTE, LOURENÇO (1693-*1717*-1748). Natural de Guilheiro (Trancoso), onde nasceu a 2 de Março de 1693. Entrou na Companhia no Noviciado da Cotovia (Lisboa), a 12 de Março de 1717, embarcando nesse mesmo mês para a Missão do Maranhão e Pará. Foi noviço do P. João de Vilar. Em 1722 era *administrador de Fazendas,* e em 1724 residia na de S. Brás (Maranhão). Administrou ainda o Engenho de Aguardente de Maracu (1732-1737) e a Fazenda de Anindiba. Faleceu no Maranhão a 9 de Novembro de 1748.

Bras. 27, 42v, 60v, 70v, 85v, 103, 122, 185v ; *Lembrança dos Def.,* 13v ; Leite, *História,* IV, 349.

DUARTE, TOMÉ (1701-*1726*-1737...). Natural de Viseu, onde nasceu por 1701. Entrou na Companhia, com 25 anos, a 7 de Dezembro de 1726. *Farmacêutico* («pharmacopola»). (Advertimos que em vez de Tomé poderia ser Tomás, porque a indicação latina «Thomas», única dos Catálogos, é a mesma para as duas formas portuguesas). Deixou de pertencer à Companhia em 1737.

Bras. 6, 171, 186v, 202.

E

ESCALANTE, Francisco de (1559-*1582*-1631...). Natural de Espanha, onde nasceu por 1559. (O registo para o Estreito de Magalhães diz «Natural de Sevilla»; os primeiros Catálogos da Companhia, «diocese de Burgos»; os últimos, «Escalante», pequena povoação no Mar Cantábrico, perto de Santander). Era *carpinteiro* da Armada do Estreito de Magalhães, comandada por Flores Valdéz, quando esta passou e se demorou algum tempo no Rio de Janeiro em 1582. O General Pero Sarmento combinou com uns índios livres de uma Aldeia dos Jesuítas, que lhe tirassem madeiras e lhe serrassem táboas, o que se fez de acordo com o Governador do Rio de Janeiro e os mesmos Jesuítas; e, para encaminhar os Índios e aparelhar a madeira, trouxe com eles «un carpintero hespañol»), «durante tres meses». Este carpinteiro devia ser Escalante, um dos que iam na Armada, a soldo de 30 ducados, e aparece entre os «fugidos», no Rio de Janeiro, segundo o mesmo Sarmento, o qual acusa o General Flores Valdéz de conivente na fuga. Nesse mesmo ano de 1582, Francisco de Escalante entrou na Companhia, e passou pouco depois para a Baía, onde os Catálogos o assinalam sempre e invariàvelmente. (Na Baía e nalguma das Residências vizinhas, como o Camamu, 1604, 1606). Em 1607 estava outra vez no Colégio, onde ainda residia em 1631, com 72 anos de idade. O Visitador P. Cristóvão de Gouveia concedeu-lhe os últimos votos, que recebeu na Baía, a 1 de Janeiro de 1588; e três semanas antes, a 9 de Dezembro de 1587, lhe escreveu o P. José de Anchieta, residente no Espírito Santo, uma carta com os conselhos próprios dessas ocasiões. A sua obra de *carpintaria* e *entalhe* deve ter sido valiosa, porque se louva de muito bom o seu talento em 1631 («habet talentum optimum ad artem fabrilem»). Faleceu depois 1631 e antes de 1641. (Consta do primeiro, e não do segundo Catálogo; e não há outros intermédios).

Bras. 5 (1), 65, 129; *Lus.* 25, 43; Pablo Pastells, *El Descubrimiento del Estrecho de Magallanes*, 548, 553, 556, 605; Leite, *História*, II, 445; V. 199, 200.

ESTEVES, Domingos (1660-*1690*-1717). Natural de Moreira do Lima (Minho), onde nasceu por 1660. Entrou na Companhia, com 30 anos de idade, a 30 de Julho de 1690. Ocupou-se em ofícios de casa ; e em 1701 dão-no com talento para *administrar Fazendas*. Faleceu, soto-ministro, no Colégio do Rio de Janeiro, a 5 de Maio de 1717. Exemplar e modesto, rezava o ofício de Nossa Senhora todos os dias.

Bras. 6, 22v, 40v ; *Bras. 10,* 131.

ESTEVES, João (1693-*1727*-1758). Natural de Coura (Minho), onde nasceu a 7 de Maio de 1693. Entrou na Companhia, com 34 anos, a 9 de Novembro de 1727. *Alfaiate*, e diz-se que bom («bonus sartor»). Trabalhou sobretudo no Colégio de Olinda, onde em 1745 também era *Mestre de Meninos*. Faleceu no mesmo Colégio, a 19 de Outubro de 1758.

Bras. 6, 186v, 228, 375 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6 ; Leite, *História,* VII, 432.

ESTEVES, Jorge (1549-*1569*-1639). Natural de Minde (Ribatejo), onde nasceu por 1549. Entrou na Companhia em 1569 com 20 anos de idade. *É o primeiro Irmão que no Brasil se nomeia nos Catálogos com a arte de carpinteiro e a exerceu por ofício próprio*. Residia em 1574 no Colégio do Rio de Janeiro, ocupado nos primeiros e ainda provisórios edifícios, pouco depois da fundação da Cidade, mas que ainda no seu tempo se construíram ou transformaram em definitivos, como a Igreja do Arquitecto Ir. Francisco Dias. Todos os Catálogos de 1574 a 1601 assinalam a presença do Ir. Jorge Esteves no Rio de Janeiro, e no exercício da sua arte ; e nesta Cidade fez os seus últimos votos a 8 de Dezembro de 1586. Depois de 1602 voltou à Baía e foi-lhe entregue a superintendência das Fazendas de Gado, que o Colégio possuía em Serigipe e Mamô, residindo, ora no Colégio, ora nalguma Aldeia, como em 1606, na de S. João. E sempre com segurança de costumes embora tivesse de andar muitas vezes só, como diz Fernão Cardim a 1 de Setembro de 1604. De 1610 a 1616 esteve *administrador das Fazendas de Gado* no Rio de Janeiro, e em 1617 voltou à Baía com a mesma ocupação. Era de boa saúde e grande resistência física. Voltou mais uma vez ao Rio de Janeiro, onde se en-

contrava em 1631 e onde faleceu, com 90 anos, a 7 de Setembro de 1639. O seu tino pessoal e o seu talento «ad artem fabrilem» deve-lhe ter servido para estabelecer e organizar com as obras respectivas as Fazendas de Gado do Rio de Janeiro, e em parte também as da Baía. Mas isto foi só depois dos 50 anos de idade. O exercício formal e efectivo da sua arte foi no Colégio do Rio de Janeiro até 1601, o período em que se construiram os três altares da Igreja, que ainda hoje se conservam, de belo entalhe e arquitectura.— Afirma-se, com isto, uma coincidência e probabilidade, não necessàriamente uma autoria.

Bras. 5 (1), 13v, 28v, 32v, 39v, 49v, 55, 57v, 83, 115v, 117v, 132v; *Lus. 25,* 37; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História,* I, 582; VI, 24.

F

FAGUNDES, P. MANUEL (1555-*1574*-1622). Natural de «Viana de Caminha», onde nasceu por 1555. Entrou na Companhia, com 19 anos de idade, em Janeiro de 1574. *Calígrafo* («sabe muito bem escrever»). Entrou para indiferente, mas resolveu-se que estudasse e se ordenasse. Em 1584 era Procurador do Colégio da Baía, passando depois ao Rio de Janeiro com o mesmo cargo. Falava a língua brasílica (tupi) e passou os últimos anos no Espírito Santo, missionário das Aldeias de Reritiba e Guaraparim. Faleceu em Reritiba por 1622. (A Ânua de 1621-1622 não determina a data).

Bras. 5 (1), 12, 39, 111v; *Bras. 8*, 330v (Ânua); *Lus. 68*, 412v; Leite, *História*, VI, 145.

FARIA, ANTÓNIO DE (1706-*1732*-1760). Natural de Touro (Vila Nova de Paiva), Beira Alta, onde nasceu a 3 de Fevereiro de 1706. Entrou na Companhia a 7 de Dezembro de 1732 (Assim, o Cat. de 1732; de 1739 em diante há vários equívocos dos copistas dos Catálogos: e um foi o de ler o dia 7 como 1 e o ano 32 como 34). *Carpinteiro* e *entalhador* («bonus faber lignarius»). Até 1739 trabalhou nas obras do Noviciado da Jiquitaia (Baía); em 1740 na Paraíba do Norte; em 1741 em Olinda, e em 1743 de novo na Paraíba. Voltou a Olinda, onde estava em 1748 e nesse colégio residia ao sobrevir a perseguição geral de 1759, saindo exilado do Recife a 1 de Maio de 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios. Quanto à sua arte, vê-se que a exerceu parte na Baía, parte em Pernambuco e na Paraíba. Era bom artista, trabalhador e zeloso. Em 1748, em Olinda além de encarregado das oficinas do Colégio traz esta menção: «faber lignarius lychnuchus». «Lychnuchus», à letra, lampadário, lustre, tocheiro. O que se pode interpretar, de acordo com o seu ofício, artista desses objectos; ou chefe da iluminação do Colégio, para que as lâmpadas e candeeiros estivessem sempre aptos a servir e se distribuissem nas horas próprias pelos

cubículos, aulas e corredores. A dificuldade desta segunda interpretação é que em todos os Colégios existia esta função necessária e em nenhum Catálogo se diz de nenhum Irmão). O Ir. António de Faria faleceu em Roma a 26 de Novembro de 1760.

Bras. 6, 173 (1732), 192, 228v, 251v, 310v, 325, 331v, 386; Caeiro, *De Exílio,* 160; *Apêndice ao Cat. Port.,* 1903; Leite, *História,* V, 147.

FARINHA, MANUEL (1693-*1721*-1756). Natural de Ponte de Lima, onde nasceu a 6 de Fevereiro de 1693. Entrou na Companhia com 28 anos a 24 de Março de 1721. Entrou para a Província do Brasil, a que ficou pertencendo, mas sem sair de Portugal, ocupado nos Serviços da *Procuratura Geral do Brasil em Lisboa,* onde prestou serviços relevantes. Com o título de ajudante era na prática o *procurador.* E ele pessoalmente foi procurador oficial da Câmara da Cidade de S. Paulo, na corte, numa questão com a Cidade de Mariana em Minas Gerais: «Registo de uma carta, que os oficiais da Câmara de S. Paulo aqui mandaram registar, que escreveram ao Padre Manuel Farinha da Companhia de Jesus, Procurador da Câmara» (Registo de 29 de Agosto de 1751, «Registo Geral», X, 85-86; cf. Leite, infra). O tratamento de «Padre», dado nesta carta, só podia ser preito de cortesia, porque nos Catálogos do Brasil é sempre «Irmão». A seguir ao terramoto de 1755, passou para a Quinta do Colégio de S. Antão (Lisboa), onde faleceu a 8 de Novembro de 1756.

Bras. 6, 162v, 170; *Bras.* 10, 498; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História,* VI, 352, 353.

FERNANDES, ANTÓNIO (1596-*1615*-1625). Natural da Ilha da Madeira, onde nasceu por 1596. Entrou na Companhia na Baía, com 19 anos, em 1615. *Enfermeiro.* Começou a exercitar o ofício em 1617 sempre na Baía quer no Colégio, quer na Aldeia do Espírito Santo (Abrantes) durante a ocupação holandesa da Cidade (1624-1625). Revelou-se enfermeiro de «caridade espantosa». «Entre tantos enfermos e tanta falta do necessário, mostrava quam engenhoso era, porque, sendo, além dos doentes de casa, que foram muitos, muitos mais os portugueses saídos da cidade e os índios da Aldeia do Espírito Santo, onde residiu, para todos achava mezinhas, a todos acudia, a todos visitava; e finalmente fazia tudo a

todos com tal espírito, que ainda aos mesmos índios, com serem menos entendidos, se não escondia, e lhe chamavam santo». Palavras do P. António Vieira, a quem se devem as notícias, também, das datas e da sua naturalidade. Porque este Irmão teve a boa sorte de ser Vieira o relator da Ânua em que se narra o seu falecimento. Nada menos de quatro páginas, que são o famoso elogio que todos conhecem. Depois que se retirou o inimigo, os Padres e Irmãos voltaram ao Colégio da Baía. E sobreveio a carestia e a terceira calamidade, que é a doença (a fome, peste e guerra que costumam andar juntas). «Adoeceram os Padres e Irmãos, quase todos, e com as enfermidades e falta de bons comeres, padeciam tanto que aos sãos cortavam as entranhas ; até de quem os servisse havia falta, e de puro cansaço em os servir e lhes acudir, adoeceu o enfermeiro e morreu». Morreu dia do santo do seu nome, a 13 de Junho de 1625.

Cartas de Vieira, I, 7-11 ; Leite, *História*, V, 59.

FERNANDES, ANTÓNIO (1598-*1623*-1641). Natural de S. Pedro dos Arcos (Braga), onde nasceu por 1598. Entrou na Companhia na Baía em 1623, e residia no mesmo Colégio em 1631, com 33 anos de idade. *Pedreiro* e *carpinteiro* («faber caementariũs et lignarius»). Faleceu a 2 de Fevereiro de 1641.

Bras. 5 (1), 128v ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

FERNANDES, ANTÓNIO (1662-*1682*-1693). Natural de Coura (Minho), onde nasceu por 1662. Entrou na Companhia na Baía, com 20 anos, a 17 de Junho de 1682. Chamava-se *António Neto Júnior* para se distinguir de outro António Neto (de Freamunde, Porto) entrado em 1681. Até que principiou a chamar-se António Fernandes, provàvelmente algum sobrenome de família. Foi *enfermeiro* dos Escravos da Baía. Faleceu na Residência da Paraíba do Sul (S. José dos Campos) a 7 de Setembro de 1693.

Bras. 5 (2), 81, 81v, 113, 152.

FERNANDES, ANTÓNIO (1701-*1732*-1755). Natural do Porto, onde nasceu por 1703. Entrou na Companhia, com 29 anos, a 30 de Julho de 1732. Ocupou vários ofícios de casa e em 1739 tem, no Colégio do Rio de Janeiro, o de *enfermeiro*. Mas, pelo que diz o

seu necrológio, que deitava sangue pela boca, seria mais enfermo do que enfermeiro. Faleceu na Papucaia, Fazenda do mesmo Colégio, a 21 de Novembro de 1755.

Bras. 6, 200v, 261v; *Bras. 10,* 497; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

FERNANDES, Domingos (1540-*1582*-1599...). Natural da Ilha da Madeira, onde nasceu por 1540 (davam-lhe 58 anos em 1598). Entrou na Companhia no Colégio da Baía em 1582. *Alfaiate* e roupeiro. Em 1586 estava na Baía e em 1598 no Rio de Janeiro e dizia-se que exercitava aqueles dois ofícios há 16 anos, isto é, desde que entrou, e que era bom Irmão. Mas a sua estada na Companhia não se apresentava conforme ao Instituto, e deixou de pertencer a ela em 1599. Era casado. Ao constar o facto ao P. Geral ordenara já em 1584 que se despedisse. Respondeu-se então do Brasil que estava separado da mulher por sentença do Bispo e que a mulher se fora por esse mundo, e dizia-se que morrera. Era alfaiate na Madeira e um Irmão, que tinha na Companhia, na Baía, por nome Gaspar Luís, chamou-o, que seria recebido nela, como foi. Em resposta à ordem do Geral, tanto o Visitador (Cristóvão de Gouveia) como o Provincial (José de Anchieta) e os consultores foram de parecer que se não despedisse, enquanto não houvesse motivo, porque seria escândalo. O ter-se despedido em 1599 supõe que houve motivo, a saber, a confirmação de que a mulher era viva e que a sua situação canónica era irregular e incompatível com a permanência na Companhia. De facto averiguou-se que não houvera sentença judicial, mas um simples atestado do Bispo sobre o adultério público da mulher, que fugira para Sevilha com outro homem.

Bras. 5 (1), 28, 39v, 48; *Lus. 68,* f. 441; *Lus. 70,* f. 309; Leite, *História,* II, 449.

FERNANDES, Domingos (1568-*1612*-1627). Natural de Penela, onde nasceu por 1568. Entrou na Companhia em Pernambuco em 1612, com 44 anos de idade. Era *Carpinteiro* e em breve começou a exercitar o seu ofício no Colégio de Olinda, onde o dão os Catálogos de 1613, 1614, 1616, 1617, 1621, que é o último da série. Faleceu no mesmo Colégio (de Olinda) em Agosto de 1627.

Bras. 5 (1), 103, 112, 116, 118, 126v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

FERNANDES, Gonçalo (1594-*1622*-1641...). Natural de S. Pedro dos Arcos (Braga), onde nasceu por 1594. Entrou na Companhia na Baía em 1622. *Carpinteiro* («faber lignarius»). Em 1631 residia nos Ilhéus, com 37 anos de idade. Deixou de pertencer à Companhia em 1641.

Bras. 5 (1), 130v, 147v.

FERNANDES, Jacinto 1696-*1744*-1774...). Natural de Merelim (Braga), onde nasceu a 9 de Setembro de 1696. Entrou na Companhia na Baía, com 48 anos, a 19 de Julho de 1744. *Administrador de Fazendas de Gado*. E residia no Piauí em 1757. Ao sobrevir a perseguição, foi conduzido com os seus companheiros para a Baía, onde chegou já depois de exilados em 1760 os Padres desta Cidade. Exilado por sua vez para Lisboa (esteve algum tempo nos cárceres de Azeitão) e para os Estados Pontifícios, ainda vivia na Rufinella (arredores de Roma), com 78 anos, em 1774. (Na Relação de 1774 traz a cruz dos que faleceram antes de 1783 ; e na Relação de 1780 já não consta).

Bras. 6, 394v, 434 ; Fondo Gesuitico, 690 (1774) ; Caeiro, *De Exilio,* 938 ; Leite, *História,* V, 559 ; VII, 433, 440.

FERNANDES, João *(1581)*. Português. Um dos oficiais de *pedreiro*, que trabalharam no Colégio e Igreja da Baía, na fase de Nóbrega e Mem de Sá, e «acunhou» na torre os sinos. (Mem de Sá tinha oferecido um sino ao Colégio da Baía antes de 14 de Setembro de 1559, data da Carta Régia, que dá por bem feita a esmola. A este tempo não podia tratar-se ainda da Igreja, que o mesmo Governador mandou fazer, mas talvez fosse um dos que «acunhou» João Fernandes na torre, quando se construiu depois). Provàvelmente João Fernandes é o pedreiro a que se refere o mandado de pagamento, na Baía, de 29 de Dezembro de 1550, do Provedor-mor António Cardoso de Barros, que se pagassem «dez mil reis em resgate, a Gaspar Lourenço e a João Lourenço, digo a João Fernandes, pedreiros, empreiteiros dos muros e baluartes da Cidade, à conta do que hão-de haver de sua empreitada». (A propósito do P. Gaspar Lourenço, já falamos em outro mandado, de 8 de Junho de 1550, sobre aquele pedreiro Gaspar Lourenço, «História», I, 446). João Fernandes tinha amor à Companhia e queria entrar nela, mas

era casado em Portugal. Enviuvou depois, e foi recebido na Companhia já no leito da morte, a 8 de Dezembro de 1581. E faleceu oito dias depois. Conta-se o caso dos sinos, porque se diz que foi o primeiro da Companhia por quem eles dobraram.

Hist. Soc. 42, 32v; *Doc. Hist.,* XIII, 276, 325; XXXVI, 5; Quirício Caxa, *Breve Relação* (Leite, *Páginas,* 180); Pero Rodrigues, *Vida de Anchieta,* em «Anais da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro», 19 (1897) 31-32; Vasconcelos, *Vida de Anchieta,* livro IV, cap. I; Leite, *História,* I, 26.

FERNANDES, João (1562-*1624*-1642). Natural da Ilha da Madeira, onde nasceu por 1562. Entrou na Companhia em 1624. Tinha sido *Mestre do Navio* da Companhia antes de entrar, durante 22 anos, e por isso «benemérito» e com carta de irmandade, o que então se chamava «Irmão de fora». Foi admitido em idade tão avançada, porque sendo tomado o navio pelos holandeses em 1624, o Provincial temendo que ali morressem todos à mão do inimigo, lhe concedeu os votos na suposição de que o fazia para a hora da morte. Escapando da morte e do desterro de Holanda, João Fernandes deu-se como entrado na Companhia e ao chegar a Pernambuco, admitiu-se de facto, embora já tivesse 62 anos de idade. Ainda viveu 18, falecendo com 80 no Rio de Janeiro, a 22 de Julho de 1642.

Leite, *História,* VII, 253-254.

FERNANDES, João (1600-*1629*-1686). Natural de Ponte de Lima, onde nasceu por 1600. Entrou na Companhia, na Baía, em 1629, e dois anos depois estava no mesmo Colégio, com 31 anos, e era *ferreiro* («faber ferrarius», Cat. de 1631). Era dotado de perícia na sua arte. E também de boas forças e prudência. Fizeram-no soto-ministro e deputaram-no para ir com um Padre (Matias Gonçalves), e parece que duas vezes a Pernambuco para alentar o movimento restaurador contra os invasores holandeses (1645-1646). E depois, tratando-se de restaurar também a Missão do Maranhão, destinaram-no a ela, aonde chegou com outros a 29 de Abril de 1653. Durante o motim de 1661 por causa da liberdade dos Índios, foi desterrado para Lisboa, voltando dois anos depois; e começou-se a reorganizar a Casa do Maranhão. Conhecem-se alguns trabalhos que então realizou o Ir. João Fernandes: plantou um grande bananal na Ilha de S. Francisco e um laranjal (de laran-

jas da China e da terra) ; abriu poças para o gado ter água, e começou um poço, que mais tarde se concluiu e deu água em abundância; e, com os Irmãos Manuel Rodrigues e Manuel da Silva, fundou as *Salinas* da mesma ilha. Foi também ele que tirou a pedra da Ilha de S. Francisco para a Igreja nova do Maranhão, pedra que o Ir. Manuel Rodrigues conduzia para o porto do Colégio e se armazenava até começarem as obras. Não consta ao certo da sua actividade como ferreiro, mas deve ter sido considerável, ao menos como dirigente, nas obras que então se construíram, quer ao tempo do P. António Vieira, quer no período seguinte. Residia no Colégio do Maranhão, quando sobrevieram novas perturbações em 1684 (o «Motim do Estanco»), sendo outra vez exilado. Tinha então 84 anos de idade, velhinho e doente. Ofereceram-lhe os amotinados que ficasse nalgum convento, mas respondeu que não queria apartar-se dos seus Irmãos e para onde eles fossem, ele iria. Levaram-no em uma rede até o mar. O navio, em que navegava, chegou ao Ceará. Aí dividiram-se os Padres, tornando parte a embarcar, caindo nas mãos dos piratas. Ele foi dos que ficaram em terra. Há alguma dificuldade em seguir-lhe os passos, e diz-se que chegou a ir a Lisboa. O mais certo é que seguiu para Pernambuco, porque aí faleceu a 29 de Janeiro de 1686.

Bras. 5 *(1)*, 129v; *Hist. Soc.* 49, 139; Bettendorff, *Chronica*, 224, 225, 294; Leite, *História*, IV, 82, 337, 340; V, 398-400.

FERNANDES, João (1698-*1726*-1760...). Natural de Tentúgal (Coimbra), onde nasceu por 1698. Entrou na Companhia, com 28 anos, a 25 de Maio de 1726. Ocupou-se em ofícios domésticos. Em 1748 era *ajudante de procurador* no Colégio do Rio de Janeiro, passando logo a comprador («emptor») das coisas necessárias à subsistência do Colégio. Sobrevindo a perseguição, ficou no Rio de Janeiro em 1760.

Bras. 6, 384v ; Caeiro, *De Exilio,* 280 ; Leite, *História,* VII, 432.

FERNANDES, Luís (1543-*1582*-1608). Natural de Pereiro (Diocese de Lisboa), onde nasceu por 1543. Entrou na Companhia na Baía em 1582. *Mestre pedreiro*, aprendiz que fora doutro Mestre pedreiro João Fernandes, com quem trabalhou nas obras do Colégio ; e, como ele, também viúvo, quando entrou na Compa-

nhia. De 1586 em diante, os Catálogos trazem-no sempre no exercício da sua arte, na Baía (excepto em 1604 em que se construía a Residência e Engenho da «Assunção do Rio da Trindade», Camamu, onde ele estava). Escreve Simão de Vasconcelos: «Foi na Companhia um Irmão cabal em virtude e de grande préstimo nos Colégios, por muitas obras que fez de seu ofício com grande perfeição». Por este modo de falar, parece que trabalhou em mais algum Colégio diferente do da Baía. Neste faleceu, com 65 anos, a 27 de Março de 1608.

Bras. 5 (1), 22 (Cat. de 1584) ; *Hist. Soc. 43*, 65 ; Vasconcelos, *Vida de Anchieta*, Livro IV, Cap. 4 ; Leite, *História*, V, 199.

FERNANDES, Luís (1563-*1592*-1626). Natural de S. Martinho de Moiros (Resende), na margem esquerda do Rio Douro, onde nasceu por 1563. Entrou na Companhia em 1592. Estava no Rio de Janeiro em 1598, com 35 anos de idade, em ofícios de casa, que em 1600 se desdobram ou declaram, *carpinteiro* e refeitoreiro. Os Catálogos, que o dão em S. Paulo em 1610, e outra vez no Rio em 1613, tratam-no sempre de carpinteiro, ocupado em ofícios de casa ; por onde parece que exercitou a arte, sem dúvida, não todavia como ofício exclusivo e formal. Faleceu no Rio de Janeiro a 19 de Março de 1626.

Bras. 5 (1), 39v, 85 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6 ; Leite, *História*, I, 582.

FERNANDES, Manuel (1715-*1734*-1780...). Natural de S. Martinho de Argoncilhe (Feira), onde nasceu a 6 de Janeiro de 1715. Entrou na Companhia em Coimbra a 21 de Maio de 1733 e no ano seguinte de 1734 seguiu para a Vice-Província do Maranhão e Pará. Tinha especial talento para *encadernador*, que foi vários anos do Colégio do Maranhão, acumulando em 1743 o cargo de *administrador da Olaria* («bibliopegus et curat rei argilaceae»). Ocupou também os cargos de despenseiro e soto-ministro e há alguma probabilidade (não certeza) de ser o autor do «Diário de diversos acontecimentos no Pará e Maranhão de 1756 a 1760». Desterrado em 1760, do Pará para Lisboa e Estados Pontifícios, ainda vivia em 1780 no Palácio de Trastévere (Roma).

Bras. 27, 122, 124 ; Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia* I) 226.

FERREIRA, ANTÓNIO (1722-*1753*-1760...). Natural de Lisboa, onde nasceu a 8 de Agosto de 1722. Entrou na Companhia, com 31 anos, a 20 de Outubro de 1753. Bom *alfaiate* e roupeiro («bonus sartor et custos vestium»). Residia no Colégio do Rio de Janeiro ao sobrevir a perseguição geral, e ficou na mesma cidade em 1760.

Caeiro, *De Exilio*, 280; Leite, *História*, VII, 434.

FERREIRA, CLEMENTE (1713-*1734*-1741). Natural da Diocese de Coimbra (os Catálogos têm Vila Boa; a «Lembrança», S. Pedro de Espinho: num e noutro caso, diz-se da Diocese de Coimbra). Nasceu em 1713. Entrou na Companhia a 25 de Abril de 1734, chegando este mesmo ano ao Maranhão. *Farmacêutico* e *enfermeiro* («pharmacopola et infirmarius»). Faleceu, com 28 anos, no Maranhão, a 8 de Janeiro de 1741. (Há duas cartas para ele, do P. Geral, uma de 21 de Fevereiro de 1739, outra de 21 de Março de 1741, data em que já o Irmão era falecido).

Bras. 25, 89, 102 (Cartas); *Bras. 27*, 94v; *Lembrança dos Def.*, 11.

FERREIRA, JOÃO (1606-*1625*-1678). Natural da Cidade de Nápoles, onde nasceu por 1606. Entrou na Companhia na Baía, com 19 anos, em 1625 (Cat. de 1631). Dada a sua naturalidade e idade, própria da milícia, é presumível que chegasse, com outros napolitanos, na armada da recuperação da Cidade da Baía, contra os Holandeses, que foi precisamente em 1625. Era *alfaiate* («sartor»). Residia em S. Paulo em 1631, e no Rio de Janeiro em 1641 (e aqui como sacristão). Diz-se em 1657 que exercera o ofício de alfaiate por mais de 10 anos. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 24 de Julho de 1678.

Bras. 5 (1), 135 (1631), 153v, 206; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

FERREIRA, JOÃO (1657-*1705*-1730). Natural da Ilha da Madeira, onde nasceu por 1657. Entrou na Companhia, com 48 anos, a 23 de Janeiro de 1705. *Agricultor* e *fazendeiro*. Em 1716 residia no Engenho de Monjope (Pernambuco). Homem humilde e caridoso. Faleceu no Espírito Santo a 1 de Abril de 1730.

Bras. 6, 41, 71; *Bras. 10*, 323; *Hist. Soc. 52*, 132.

FERREIRA, MANUEL (1725-*1749*-1760...). Natural de Lisboa, onde nasceu a 10 de Janeiro de 1725. Entrou na Companhia, «com 23 anos», a 9 de Março de 1749. Bom *alfaiate* e roupeiro («bonus est sartor et custos vestium»). Em 1757 residia na Aldeia dos Paiacus (Ceará) ; e ao sobrevir a perseguição geral de 1759 estava no Real Hospício de Aquirás, donde foi transferido para o Recife ; e, segundo a narrativa de Caeiro, exilado em 1760 do mesmo porto para Lisboa. Nada apuramos sobre o seu destino ulterior.

Caeiro, *De Exilio*, 164 ; Leite, *História*, VII, 434, 450.

FIDGETT, JOHN (1724-1752-1777...). Natural de Colchester, onde nasceu a 10 de Agosto de 1724. Entrou na Companhia a 9 de Outubro de 1752. Bom *canteiro* e *pedreiro* («bonus lapicida et faber murarius»). No Brasil chamava-se João Ferreira, e residia no Colégio do Espírito Santo em 1757. Atingido pela perseguição geral, e exilado, deu entrada nos cárceres de S. Julião da Barra a 14 de Novembro de 1759, onde a sua razão sossobrou. O P. Eckart, companheiro de cárcere, faz alusão à doença e acessos violentos do Ir. João Ferreira, a quem chama «António Ferreira, inglês». Pelo modo de se exprimir do P. Eckart, a doença ter-se-ia manifestado em 1766, e o pobre louco ficou ainda, para mal seu e dos seus companheiros, dois anos no cárcere. O seu nome costuma-se incluir entre os que saíram dele com vida em 1777, depois da morte do rei perseguidor.

Bras. 6, 434v ; « O Diario do P. Eckart ou as suas prisões em Portugal desde 1755 a 1777 » em *Galerias de Tyrannos* de P. Marinho (Porto 1917) 70 ; Carayon, *Doc. Inédits*, IX, 241 ; Leite, *História*, VII, 269, 434, 446.

FIGUEIREDO, JOSÉ DE (1689-*1716*-1731...). Natural de Lisboa, onde nasceu a 22 de Setembro de 1689. Entrou na Companhia a 2 de Janeiro de 1716. *Mestre de Meninos* e director da respectiva Congregação Mariana, no Colégio de Olinda (1719), no Colégio do Recife (1720) e no Colégio do Rio de Janeiro, aqui sem a Congregação (1722). Deixou de pertencer à Companhia em 1731.

Bras. 6, 99v, 103v, 114 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

FONSECA, ANTÓNIO DA (1663-*1681*-1734). Natural de Lamego, onde nasceu por 1663. Entrou na Companhia, na Baía,

com 18 anos, a 5 de Abril de 1681. Deve ter ido na expedição em que o P. António Vieira voltou ao Brasil, saída de Lisboa a 27 de Janeiro deste ano. Ocupou algum tempo o ofício de porteiro e *enfermeiro* dos Escravos, mas foi sobretudo *farmacêutico* («pharmacopola») no Colégio da Baía, por muitos anos seguidos. Deixou fama não só de farmacêutico («cuius artem callebat»), mas também de liberal comiseração para com os pobres, que vinham pedir à portaria. Faleceu no Colégio da Baía a 26 de Junho de 1734.

Bras. 5 (2), 81, 113; *Bras.* 10, 353; *Hist. Soc.* 52, 15; Leite, *História*, V, 586 n.º 263; VI, 598.

FONSECA, P. MANUEL DA (1734-*1753*-1782...). Natural de Vilar (Diocese de Braga), onde nasceu a 5 de Abril de 1734. Entrou na Companhia a 24 de Março de 1753. Estava no Maranhão, transferindo-se em Novembro de 1757 para o Colégio do Pará, notícia do «Diário de 1756 a 1760», em que o qualifica de «Boticário do Maranhão ou Tapuitapera, que é o mesmo». Era Irmão Coadjutor, ainda novo, mas de talento e famoso na sua arte («in arte sua famosus»), diz Caeiro, que resume e põe em estilo a narrativa mais completa de Matias Rodrigues sobre o assalto que lhe deram os tentadores régios e eclesiásticos, já depois de declarada a perseguição e presos os Padres na sua própria residência à espera do exílio. No dia 11 de Agosto de 1760 levaram-no à força do Colégio para o Seminário e porque era o único farmacêutico da cidade que merecia tal nome, ofereceram-lhe todas as vantagens materiais para sair da Companhia e ficar. Não o conseguiram os funcionários civis, e entregaram-no ao P. José Monteiro de Noronha, feito com o Bispo D. Miguel de Bulhões, a fim de o persuadir. Monteiro repetiu-lhe as calúnias que se faziam correr nesse tempo de perseguição geral: que os livros dos Jesuítas eram heréticos, que na Itália as casas eram pobríssimas e que o P. Geral, não os podendo sustentar, despedia os Padres, e que em Portugal também iam saindo todos da Companhia. O Ir. Manuel da Fonseca manteve-se fiel à vocação; e conta Matias Rodrigues que o apoiavam os alunos do Seminário, os seculares e até os soldados da guarda e as mulheres. Os alunos diziam: Não aceite! Não aceite! Tomáramos nós uma roupeta, e iríamos com os Padres! Aos homens e soldados marejavam-se-lhes os olhos, e as mulheres exclamavam: Quem nos dera ser homens para sermos Jesuítas! Manuel da Fon-

seca escreveu três vezes ao Bispo que o deixasse voltar para o Colégio. Não obteve resposta; mas, dada a constância, com que se impôs, libertaram-no a 16 de Agosto, voltando à prisão do Colégio, onde os Padres e Irmãos o felicitaram. Pouco depois, a 12 de Setembro, com os mais, saiu exilado para Lisboa e Estados Pontifícios, e já no exílio fez os últimos votos de Irmão Coadjutor, a 9 de Agosto de 1767. Residia em Pésaro em 1774 e em Roma (Trastévere) em 1781. Homem de carácter e de convicções, e também de boa inteligência, estudou e ordenou-se de sacerdote em 1781. E no ano seguinte voltou à Pátria, onde desde 1777 se tinham restaurado as liberdades cívicas. O Catálogo de 1774 traz esta nota marginal escrita em 1783: « Fatto sacerdote nell'ano 1781 e nell' 1782 partito por il Portugallo ».

Diário de 1756 a 1760; Bibl. Real de Bruxelas, cód. 20126, Matias Rodrigues, *Hist. Persecut. Maragnonensis*, 26-27, n.º 21; Fondo Gesuitico, 690 (1774); A. H. U., *Relação de D. Henrique de Meneses* (1780); *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Caeiro, *De Exilio*, 602-604; Leite, *Historia*, IV, 367.

FRANÇA, MANUEL DE (1713-*1738*-1777...). Natural do Porto, onde nasceu por 1713. Entrou na Companhia, com 25 anos, a 14 de Agosto de 1738. Possuía talento para *coisas económicas e contas*; e concluido o noviciado na Jiquitaia (Baía), passou para Lisboa, como *ajudante do Procurador Geral do Brasil*, onde já estava em 1741. Atingido pela perseguição geral de 1759, ficou recluso na prisão de Pedroso. Convidado pelos Cónegos Regulares de S. Agostinho, que teve por companheiros naquela prisão, veio para o seu Mosteiro de Mafra, onde permaneceu até recuperar a liberdade em 1777, depois da morte do rei perseguidor. — Notemos que se confunde às vezes Pedroso (Carvalhos), que era Mosteiro da Companhia, com Pedrouços (Lisboa).

Bras. 6, 251v, 275, 326; Carayon, *Doc. Inédits*, IX, 242.

FRANCISCO, DOMINGOS (1675-*1709*-1738). Natural de Mourisca (do Vouga), onde nasceu a 24 de Fevereiro de 1675. Entrou na Companhia, com 34 anos, a 14 de Agosto de 1709. *Cirurgião*. Aparece nos Catálogos com alguns ofícios de casa e mesmo sem nenhum ou com o de companheiro dos que saem fora de casa («associator»); mas em 1732, estando no Espírito Santo, já

adoentado, diz-se «chirurgus». Faleceu no Colégio do Espírito Santo a 5 de Maio de 1738.

Bras. 6, 82, 99v, 162, 243v, 248 ; *Bras. 10,* 390 ; *Hist. Soc. 5*, 62.

FREIRE, Francisco (1633-*1663*-1666). Natural de Olinda onde nasceu por 1633. Era casado e *pintor* de profissão. Morrendo a mulher, deixou Pernambuco e foi à Baía para entrar na Companhia ; e não achando aí o Provincial, seguiu para o Rio de Janeiro, onde de facto o encontrou, e foi admitido em Junho de 1663, com 30 anos de idade. Era homem de vida exemplar e pintor «exímio». Mas viveu pouco, falecendo com apenas 33 anos de idade, a 7 de Abril de 1666.

Bras. 9, 214 ; *Hist. Soc. 48,* f. 48 ; Leite, *Pintores Jesuítas do Brasil* em AHSI, XX (1951) 223, 222.

FREIRE, José (1711-*1736*-1760...). Natural de Pernambuco, onde nasceu a 21 de Agosto de 1711. Entrou na Companhia a 17 de Dezembro de 1736. Os primeiros Catálogos dão-no «Olindensis» ; o de 1757 «Recifensis». *Enfermeiro* e *Farmacêutico* («pharmacopola»). Residia em S. Paulo de 1741 a 1748 como farmacêutico, e no Rio de Janeiro como enfermeiro em 1757. Estava no Colégio de Olinda ao dar-se a perseguição geral, sendo transferido para o Colégio do Recife em Fevereiro de 1760, e onde parece que ficou. Não vimos o seu nome nas listas dos exilados, quer de Portugal, quer de Roma.

Bras. 6, 244 ; Caeiro, *De Exilio,* 160 ; Leite, *História,* VII, 433, 443.

FREIRE, Manuel (1714-*1744*-1788...). Natural da Ilha de S. Miguel (Açores), onde nasceu a 6 (ou 12) de Junho de 1714. (Talvez nascimento e baptismo). Entrou na Companhia, na Baía, com 27 anos, a 2 de Julho de 1744. Era noviço em 1745 e já no seguinte, *enfermeiro,* ofício que continuou no Colégio da Baía por alguns anos. Em 1757 residia no mesmo Colégio como dispenseiro. Na perseguição geral, saiu exilado da Baía para Lisboa e Estados Pontifícios. Vivia em Pésaro em 1774 e ainda em 1788. (No Apêndice ao Cat. Port. de 1903, lê-se que faleceu em Roma em 19 de Março de 1761. Deve tratar-se de outra pessoa. Manuel Freire,

identificado pela mesma idade e entrada na Companhia, vivia em Pésaro naquelas datas).

Bras. 6, 372v, 383v; Fondo Gesuitico, 690 (1774); Caeiro, *De Exilio*, 126; Castro, *Portugal em Roma*, II, 383; Leite, *História*, VII, 433, 437.

FREITAS, ANTÓNIO DE (1703-*1726*-1761). Era «maionensis» (Não vimos indicação mais explícita para identificar a sua naturalidade). Nasceu a 11 de Fevereiro de 1703 e entrou na Companhia a 25 de Maio de 1726. *Administrador* e *Mestre de Obras*. De 1745 a 1748 aparece como organizador da nova Residência de Cubatão em S. Paulo. Ao dar-se a perseguição geral residia em Santos (1759). Exilado em 1760 do Rio de Janeiro para Lisboa e Estados Pontifícios, faleceu em Roma, no Palácio de Sora, a 8 de Abril de 1761; e sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 6, 170v, 374v, 380v, 385; Fondo Gesuitico, 690; Caeiro, *De Exilio*, 296; Leite, *História*, VI, 366; VII, 432, 447.

G

GAIA, Francisco da (1676-*1700*-1747). Natural de Santa Marta (Braga), onde nasceu por 1676. (O Cat. de 1708, o primeiro em que consta no Maranhão, diz Abril de 1676 ; o de 1722, 1 de Maio de 1678 ; e o Necrológio feito em 1747 diz que tinha de 77 para 78 anos, o que o faria nascer por 1670). Entrou na Companhia a 15 de Março de 1700. Mais tarde residia no Colégio do Pará, como *enfermeiro* e *farmacêutico* («pharmacopola»). Custou-lhe a adaptar-se e aceitar a realidade amazónica. Depois adaptou-se e aperfeiçoou os seus conhecimentos («sabe alguma coisa de química») e prestou revelantes serviços nas Fazendas, não só com a sua arte, mas também com o seu tino administrativo. Em 1720 dizia-se «*administrador de Fazendas* e *Salinas*» ; em 1730, administrador da Fazenda de Gado da Ilha de Marajó ; e em 1744, soto-ministro do Colégio do Pará. Faleceu no Pará a 20 de Janeiro de 1747. (Há duas cartas do P. Geral para ele, de 1 de Agosto de 1716 e 21 de Fevereiro de 1739).

Bras. 25, 9, 89 (cartas) ; *Bras. 27*, 26v, 47v, 49, 52, 122v, 149 ; *Livro dos Óbitos*, 31v ; Leite, *História*, IV, 346.

GIACCOPUZI, P. Giambattista (1539-*1575*-1590). Natural de Spezia, onde nasceu por 1539. Entrou na Companhia em 1562. Embarcou de Lisboa para o Brasil em 1575. Tinha o curso de Artes e dois anos de *Medicina*. Não era de grande saúde pessoal, mas a sua paciência e caridade supria ; e os seus conhecimentos médicos tornaram-se utilíssimo instrumento no trato com o próximo e com os Índios. Conservam-se duas cartas suas. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 2 de Abril de 1590.

Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia* I) 267.

GIRÃO, Manuel (1718-*1748*-1768). Natural de Viseu (Treixedo?), onde nasceu a 16 de Setembro de 1718. (O Cat. do P. Ma-

nuel Luís trás o nascimento a 16 de Abril de 1718). Entrou na Companhia em Lisboa a 8 de Dezembro de 1745. Embarcou para o Maranhão em 1748. Sabia a «arte farmacêutica» e era *boticário* («pharmacopola») em exercício do Colégio do Pará em 1753. Dotado de notável capacidade foi para Lisboa como *companheiro do Procurador* Bento da Fonseca, o que lhe valeu ser uma das primeiras e maiores vítimas da perseguição geral de 1759. Sabia-se, através de Murr, Kaulen e Carayon, que tinha sido deportado para a África em 1767 ou 1768, sem mais pormenores. Estes achou-os o P. Francisco Rodrigues ao tratar de Angola. Girão ficara nos cárceres de Lisboa até 1768 em que ele com mais quatro foram deportados para aquele Estado português, dos quais alguns eram antigos companheiros seus no Pará, o P. João Ferreira (o fidalgo hospedeiro de La Condamine), o P. Manuel Gonzaga, e o Ir. Manuel da Costa; o outro, Alexandre Botelho, era da Província de Portugal. O Ir. Manuel Girão, assim tão cruel e injustamente tratado, faleceu em Angola, quando ia a caminho do seu presídio, a 22 de Outubro de 1768.

Bras. 27, 173, 189; Carayon, *Doc. Inédits*, IX, 243; Francisco Rodrigues, *História*, IV/1, 245; Leite, *História*, IV, 357, 364; VIII *(Biobibliografia I)* 230.

GOMES, ANTÓNIO *(1746)*. Irmão Coadjutor, *farmacêutico* («pharmacopola») do Colégio do Recife em 1746. Este nome não consta do Catálogo precedente de 1745, nem do seguinte de 1748. Parece equívoco e que se deve tratar dalgum dos outros Irmãos farmacêuticos, que então floresciam. Na dúvida, assinala-se e mantém-se a referência.

Bras. 6, 382 (1746).

GOMES, BENTO (1699-*1722*-1760...). Natural de Guimarães, onde nasceu por 1699. Entrou na Companhia, com 22 ou 24 anos, a 12 de Novembro de 1722. *Enfermeiro* e *farmacêutico*. Viveu sobretudo no Colégio do Rio de Janeiro, onde os Catálogos o mencionam de 1735 a 1745, no exercício da sua arte. E no ano seguinte, de 1746, com um ofício de repouso (dispenseiro). Era farmacêutico do Colégio de Santos em 1757 e aí estava ao sobrevir a perseguição geral de 1759, sendo preso e conduzido para o

Rio de Janeiro. Ficou nesta cidade, na suposição de que eram inválidas as demissórias do Bispo.

Bras. 6, 192v, 200v, 227v, 253, 312, 324, 330, 373v, 380; Caeiro, *De Exilio,* 290; Leite, *História,* VII, 432, 448.

GOMES, MANUEL (1645-*1682*-1720). Natural de Landim (Minho), onde nasceu por 1645. Entrou na Companhia, com 37 anos, a 2 de Dezembro de 1682. Era excelente *sapateiro* antes de entrar e parece que ainda exerceu a sua arte no Colégio da Baía. Mas era dotado de talento que o predispunha para outra ocupação; e foi largo tempo *enfermeiro* e *farmacêutico* do Colégio de Olinda. Homem de poucas palavras, muito para notar em farmacêuticos («quod in homine Pharmacopolae munus exercente, solemne est»). Amigo dos Escravos, cujas feridas, por mais repugnantes, curava com caridade ardente («miro charitatis ardore»). Fora do estrito necessário, no seu cubículo só havia três coisas: a «Imitação de Cristo»; um crucifixo de pau, e, suspensa na parede, uma cabaça com sementes de plantas medicinais. Faleceu no Colégio de Olinda a 14 de Janeiro de 1720.

Bras. 5 (2), 61, 113; *Bras.* 6, 103; *Bras. 10,* 220-220v; *Hist. Soc. 51,* 91; Leite, *História,* V, 586 n.º 258.

GOMES, MANUEL (1707-*1729*-1736...). Natural de Guimarães, onde nasceu por 1707. Entrou na Companhia, com 22 anos, a 25 de Maio de 1729. *Farmacêutico* («pharmacopola») no Colégio de Olinda em 1732 e 1735. Deixou de pertencer à Companhia em fins deste mesmo ano ou começos de 1736.

Bras. 6, 162, 170v, 186v, 195, 196.

GOMES, MANUEL (1709-*1728*-1760...). Natural de Sanfins (Diocese de Braga), onde nasceu a 6 de Janeiro de 1709. Entrou na Companhia em Lisboa, a 5 de Janeiro de 1728, embarcando no mesmo ano para as Missões do Maranhão e Pará. Diz-se, em 1740, que possuía grande expediente para tudo o que lhe encomendavam, e, em 1742, que tinha sido soto-ministro dos Colégios do Maranhão e Pará e era então *administrador das Fazendas*. Os Catálogos de 1744 e 1747 trazem-no administrador de Curuçá. Sobrevindo a perseguição geral, ficou no Pará em 1760.

Bras. 27, 107, 116, 122v, 149; Leite, *História,* IV, 352, 366.

GONÇALVES, André (1679-*1704*-1728). Natural de Longos Vales (Minho), onde nasceu em 1679. Entrou no Noviciado da Cotovia (Lisboa) a 9 de Janeiro de 1703, com 24 anos de idade; e seguiu no ano seguinte para as Missões do Maranhão e Pará. Mestre *Carpinteiro*, experimentado e hábil. Possuía também talento administrativo, e em 1723 era *administrador da Fazenda* de Gibirié. Escreveu-lhe o P. Geral uma carta, a 5 de Junho de 1728, em termos religiosamente afectuosos. A carta já achou falecido o Ir. André Gonçalves. Quando, na volta do correio, lhe constou a sua morte, ordenou que se lhe fizessem não os sufrágios comuns a todos os religiosos, mas como a «insigne benfeitor desses dous Colegios» do Maranhão e Pará. Faleceu no Maranhão a 25 de Agosto de 1728.

Bras. 25, 43, 43v, 48v; *Bras.* 27, 27, 28v, 48; *Lembrança dos Def.*, 8; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História*, IV, 347.

GONÇALVES, António (1550-*1584*-1616). Natural de Ponte de Lima, onde nasceu por 1550. Entrou na Companhia, na Baía, com 34 anos de idade, a 26 de Dezembro de 1584. Foi muitos anos *ajudante do Procurador*, mas em 1604 aparece com esta menção: «*tem cuidado dos livros*», que poderia significar guarda-livros, referido ao ofício precedente, mas é provável que seja encarregado dos livros da Biblioteca. Era um momento de transição para outro ofício. Em 1607 é *Mestre de Meninos* no Colégio da Baía, com particular talento para ensinar Aritmética. Faleceu, com fama de extremosa caridade, no Colégio da Baía em 1616. (Ânua de 1616, escrita em Agosto de 1617; o Cat. da Bibl. Vitt. Em. diz que faleceu em 1615, mas ainda consta do Cat. feito na Baía em Janeiro de 1616).

Bras. 5 (1), 28, 37v, 57v, 65, 115v (1616); *Bras.* 8, 214v (Ânua); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

GONÇALVES, António (1602-*1620*-1659). Natural de Ponte de Lima, onde nasceu por 1602. Entrou na Companhia, na Baía, em 1620; e em 1631 residia no Colégio do Rio de Janeiro com 29 anos de idade, e era *enfermeiro*. Em 1640, ocupava o mesmo ofício com o de *procurador* no Colégio de S. Paulo, por ocasião das perturbações desse ano, assim como nas do ano de 1646 em Santos, por causa da liberdade dos Índios. Voltou para o Colégio do

Rio de Janeiro e ficou *administrador das Fazendas de Gado* (Santa Cruz e outras). E assim era em 1654. Faleceu no Colégio do Rio, a 16 de Fevereiro de 1659.

Bras. 5 (1), 132v, 189 ; *Bras. 9,* 126v ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6 ; Leite, *História,* VI, 423.

GONÇALVES, António (1644-*1681*-1714). Natural de Loivos (Trás-os-Montes), onde nasceu por 1644. Entrou na Companhia, com 37 anos, a 16 de Outubro de 1681. Em 1683 tinha cuidado das *Fazendas de Gado* do Colégio da Baía. Ocupou ainda outros ofícios entre os quais o de porteiro. Faleceu no mesmo Colégio da Baía, a 9 de Agosto de 1714.

Bras. 5 (2), 62, 81v ; *Hist. Soc. 51, 77.*

GONÇALVES, António (1681-*1705*-1759). Natural de Chaves (Trás-os-Montes), onde nasceu por 1681. Entrou na Companhia, no Brasil, com 24 anos de idade, a 8 de Setembro de 1705. (Mais tarde, os Catálogos transformaram o nome do mês em Dezembro). *Alfaiate* («sartor»). E também, anexo, o ofício de roupeiro. Em 1716 estava no Rio de Janeiro ; e faleceu na mesma Cidade a 1 de Abril de 1759.

Bras. 6, 41, 72 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

GONÇALVES, António (1698-*1717*-1772). Natural de Pedroso (Carvalhos), onde nasceu a 7 de Março de 1698. Entrou na Companhia em Lisboa, a 7 de Março de 1717, seguindo logo para as Missões do Maranhão e Pará. Ocupou-se em ministérios de casa, próprios do seu estado ; mas, dada a sua capacidade e tino administrativo, começou a tomar conta das Fazendas do Colégio do Maranhão. Os Catálogos dão-no *administrador das Fazendas* de Itapicuru (1732), Anindiba (1735-1737) e de Iguaraí (1744). Ao iniciar-se a perseguição geral, e exilado entre os primeiros, ficou nos cárceres de Azeitão, donde foi transferido a 11 de Maio de 1769 para os de S. Julião da Barra. Neles faleceu a 12 de Dezembro de 1772.

Bras. 27, 60v, 70v, 85v, 122, 172 ; Carayon, *Doc. Inédits,* IX, 244 ; Leite, *História,* VII, 349, 364.

GONÇALVES, Bartolomeu (1607-*1632*-1667). Natural da Cidade de Lisboa, onde nasceu por 1607. Entrou na Companhia a 1632, na Baía, com 25 anos de idade. A 20 de Novembro de 1639 embarcou com o P. Francisco de Avelar na Armada do Conde da Torre; e depois do desembarque do Rio Grande do Norte, tomou parte na famosa retirada de Luís Barbalho, através de território ocupado pelos Holandeses. Era *carpinteiro* e residia na Baía em 1641. Todos os Catálogos até à sua morte assinalam a sua presença na Baía com o mesmo ofício; mas tinha talento para as coisas de casa e foi soto-ministro dois anos, diz-se em 1657. O último Catálogo (1659) dá-o na Baía no exercício da sua arte. E diz a Ânua que, conforme as instruções dos Superiores, sempre se preocupou em deixar bem acabadas as obras que lhe encomendavam («Erat faber lignarius, quae vero opera ex Superiorum arbitrio moliebatur, semper conatus est impense perducere ad umbilicum»). Faleceu, na Baía, a 8 de Abril de 1667.

Bras. 5 (1), 150, 202, 221v; *Bras. 9*, 209v (Ânua); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História*, V, 381-383.

GONÇALVES, Francisco (1542-*1569*-1618). Natural de Braga, onde nasceu por 1542. Entrou na Companhia, com 22 anos, em Coimbra, em 1564. Embarcou para o Brasil em 1569. Talento para *procurador*. E foi diligente soto-ministro do Colégio da Baía durante 40 anos, caso sem dúvida singular. Faleceu no mesmo Colégio por 1618. O seu falecimento narra-se na Trienal de 1617-1619, sem indicação explícita de datas, mas diz-se que com 76 anos de idade e 54 de Companhia.

Bras. 5 (1), 11, 88; *Bras. 8*, 227 (Trienal); Leite, *História*, I, 564, 579.

GONÇALVES, Francisco (1567-*1592*-1628). Natural de Leça de Matozinhos, onde nasceu por 1567. Entrou na Companhia, na Baía, em 1592; e em 1598, com 31 anos de idade, residia em Pernambuco. *Alfaiate* («sartor»). E também roupeiro, sempre no Colégio de Olinda até 1617. Ainda estava no mesmo Colégio em 1621, porteiro. Faleceu em Pernambuco a 8 de Dezembro de 1628.

Bras. 5 (1), 41v, 126v; *Hist. Soc. 43*, 68; *Hist. Soc. 44*, 50.

GONÇALVES, P. Francisco (1597-*1613*-1660). Natural da Ilha de S. Miguel (Açores), onde nasceu em 1597. Entrou na Companhia no Rio de Janeiro em 1613. Era estudante. Mas faltando o Ir. enfermeiro ofereceu-se a si mesmo para o ofício: «Curava os religiosos, serventes e tapanhunos servos do Colégio com muita caridade; e ficaram-lhe tão impressos no coração os fundamentos desta singular virtude que por este ofício alcançou, que ainda depois de ser Provincial, e já nomeado Visitador desta Missão [do Maranhão] por N. R. P. Gosvino Nickel, o primeiro ofício em que se exercitava acabada a missa [e outras coisas espirituais], era visitar os enfermos e curar as feridas e chagas mais asquerosas com suas próprias mãos, trazendo consigo sempre todos os medicamentos necessários para aquele fim. Passados cinco anos que serviu com grande fervor e exemplo, em tanta humildade e caritativo efeito, de *enfermeiro*, continuou os estudos» (Bettendorff). E foi Mestre de Noviços, Professor de Teologia Moral, Procurador a Roma, Provincial do Brasil, Pacificador de S. Paulo, Visitador do Maranhão, e, no fim da vida, Missionário da Amazónia e do Rio Negro, no qual chegou a lugares aonde não tinham ido outros portugueses antes dele. Aí contraiu as febres de que veio a falecer. Como não adoeceu só ele, «e os enfermos eram muitos», cuidou mais dos outros do que de si, dando-lhes o sustento «não só como *médico* e *enfermeiro*, mas também dispenseiro e cozinheiro» (Bettendorff). Faleceu na Aldeia de S. João Baptista, de Camutá, a 24 de Junho de 1660. Um dos grandes Jesuítas do Brasil.

Bettendorff, *Chronica*, 127-128, 133; Leite, *História*, III, 372, 373; VI, 139, 280-292; VIII (*Biobibliografia* I) 274-275.

GONÇALVES, P. João (1528-*1553*-1558). Nasceu em Portugal por 1528. Entrou na Companhia em Coimbra a 11 de Janeiro de 1550. Embarcou para o Brasil em 1553. Entre os Jesuítas dos primeiros tempos um dos mais dedicados e santos, menos conhecido por ter vivido pouco. *Enfermeiro*, superintendente dos Meninos do Colégio e Aldeias da Baía que o buscavam, atraídos pela sua afabilidade, primeiro Mestre de Noviços, por ofício, do Brasil, nomeado por Nóbrega em 1556. «Entre outras enfermidades que com a ajuda de Deus sarou foi, esta, uma que estando uma índia mui ao cabo, de câmaras, e, não tendo remédio, os parentes com que as estancar, lhe fez uns emplastros com almécega e azeite (porque cá não

há outros materiais) e logo a deu sã, ficando por esta cura, acerca dos Negros [Índios] em grande reputação. Agora também, em outra Aldeia, cura a outro gentio de uma cutilada que tem em um braço, assaz perigosa, e tem-no já quase são dele. Bendito seja o Senhor, que de tudo sabe tirar proveito, porque estando ele em Coimbra desconfiado dos físicos, e, como dizem, sentenciado à morte, tem cá dado a muitos a vida, maxime aos inocentes que tem bautizado» («Avulsas»). Fundou, com o Ir. António Rodrigues, a Aldeia do Espírito Santo (Abrantes), onde num baptizado solene, adoeceu mortalmente, falecendo na noite de 20 para 21 de Dezembro de 1558, no Colégio da Baía, assistido por Nóbrega, que faz dele o elogio de um amigo e de um grande santo.

Lus, *43 (1)*, 4; *Cartas Avulsas*, 156, 162; Nóbrega, *Cartas do Brasil*, 185-186; Leite, *História*, II, 54, 581; IX, *(Biobibliografia* II*)* 424-425; Id., *João Gonçalves primeiro Mestre de Noviços do Brasil (1556)*, em « Verbum », VII (Rio de Janeiro 1951) 249-260.

GONÇALVES, JOÃO (1577-*1596*-1644). Natural de Matozinhos (Porto), onde nasceu por 1577. Entrou na Companhia em Pernambuco em 1596, e aí residia em 1598, com 21 anos de idade. *Sapateiro* de ofício, mas que se aplicou, por ter revelado qualidades administrativas, a serviços de procuradoria e administração. Em 1607 era *ajudante do Procurador* do Colégio de Olinda e em 1613, *procurador* do Colégio do Rio de Janeiro em Pernambuco, para a cobrança da dotação real em açúcar, reunindo em breve em si mesmo três procuradorias: a do Rio, a de Pernambuco e a de Angola. Colheu-o ainda em Pernambuco a invasão holandesa de 1630. Cativo e conduzido a Holanda, padeceu trabalhos, voltou ao Brasil e faleceu no Colégio da Baía, a 24 de Julho de 1644.

Bras. 5 (1), 41v, 72, 103, 112, 126v; Leite, *História*, V, 386.

GONÇALVES, JOÃO (1695-*1736*-1761). Natural de Barcelos (Minho), onde nasceu a 9 de Janeiro de 1695. Entrou na Companhia, na Baía, com 41 anos de idade, a 13 de Julho de 1736. Já era bom *carpinteiro* quando entrou («bonus faber lignarius»); e em 1744 classifica-se de «óptimo» carpinteiro e *entalhador*. Trabalhou sempre na Baía, quer no Noviciado da Jiquitaia (estava aí em 1739-1740), quer no Colégio, até meados do século. Por volta dos 60 anos deixou a sua arte, por outros ofícios, que requeriam me-

nos forças, encarregando-se da Igreja, Roupariа e Biblioteca, que era a sua ocupação no Colégio do Recife em 1757. Aqui o surpreendeu a perseguição geral, de 1759. Exilado do Recife, a 1 de Maio de 1760, para Lisboa e Estados Pontifícios, faleceu em Roma a 19 de Fevereiro de 1761.

Bras. 6, 208v, 251v, 310v, 322, 328, 372, 378v, 383v; Caeiro, *De Exilio,* 170; *Apêndice ao Cat. Port.,* 1903; Leite, *História,* V, 95, 147; VII, 433, 451.

GONÇALVES, Lourenço (1644-*1668*-1722). Natural de Lavadores, Bouças (junto a Matozinhos), Porto, onde nasceu por 1644. Entrou na Companhia na Baía a 1 de Março de 1668, com 24 anos de idade. Homem hábil, enquanto se ocupava, no Colégio da Baía em ofícios de casa, aprendeu o de *carpinteiro,* na grande oficina que então aí florescia, arte que havia de exercitar nas Fazendas do Rio de Janeiro. Já estava no Colégio do Rio em 1679 e ainda em 1683. Mas em 1692 dirigia as obras da Igreja dos Campos de Goitacases (hoje denominada «Colégio»). Talvez estivesse noutras Fazendas do Rio (não há Catálogos intermédios, e o Necrológio, fala de Fazendas no plural). O certo é que o Catálogo de 1716 trá-lo naquela dos Campos dos Goitacases. Em 1719 residia, já idoso, no Colégio do Rio de Janeiro muito venerado pela sua paciência e virtude. A sua arte de carpinteiro classificava-se de boa («bonus faber lignarius»). Faleceu no Colégio do Rio, com 78 anos de idade, a 16 (ou 17) de Janeiro de 1722.

Bras. 5 (2), 47v, 64; *Bras.* 6, 72v; *Bras.* 10, 258v (Necrológio); *Hist. Soc.* 51, 240; Leite, *História,* V, 583 n.º 238; VI, 88, 89.

GONÇALVES, Manuel (1623-*1659*-1694). Natural de Azurara (Vila do Conde), onde nasceu por 1623. Entrou na Companhia na Baía, com 36 anos, a 7 de Setembro de 1659. Era *piloto,* e entrou no mesmo dia que outro grande piloto e geógrafo Manuel Pires; e ao Ir. Manuel Gonçalves confiaram-se outros serviços. Em 1662 já estava em Pernambuco e em breve a tomar conta da Casa do Recife («domus curam gerit»), uma espécie de soto-ministro ou ministro, por não haver então nenhum Padre com este ofício (1667). Contudo não era homem de grande expediente e ocupou-se em ofícios de casa em diversas Residências e no Colégio do Rio de Janeiro. Não exerceu o ofício de piloto no navio da Província. Deve tê-lo exercido noutros de menos porte, mas este cargo

de piloto de navios menores dos Colégios não se mencionava nos Catálogos. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 16 de Novembro de 1694.

Bras. 5 (1), 249; *Bras.* 5 (2), 11, 31, 80v, 110v; *Bras.* 9, 415; *Hist. Soc.* 49, 67.

GONÇALVES, MANUEL (1695-*1726*-1746). Natural de Braga, onde nasceu por 1695. Entrou na Companhia na Baía, com 31 anos de idade, a 23 de Fevereiro de 1726. Era *carpinteiro* quando entrou e em breve se diz que «bom»; e tornou-se por volta de 1740 um dos *construtores navais* da Companhia («structor navium»). A sua actividade foi sempre na Baía e residências anexas. Ele próprio, com a gente que trabalhava às suas ordens, ia à floresta escolher as madeiras mais adequadas para as construções em que se ocupava, de navios, igrejas e casas; e por estas idas ao mato se julgou que contraíra a doença de hidropisia de que veio a falecer. Todos o choraram pela sua virtude e pela sua arte, da qual se diz que era igual à dos que a sabiam melhor: «Hunc, inquam, suspiramus Fratrem eo maxime quod sua, quam cum primis callebat arte lignaria, nostris aedibus, domiciliisve inservire in dies desudadavit». Faleceu na Baía, a 20 de Junho de 1746.

Bras. 6, 170v, 382v; *Bras. 10,* 424; Leite, *História,* VII, 251.

GONÇALVES, PEDRO (...-1564). Português. Pertence ao grupo dos primeiros Irmãos recebidos no Brasil, quando ainda não havia Catálogos para as idades e terras de nascimento. Era *agricultor*. Residia em 1564 na Aldeia de Nossa Senhora da Conceição, Capitania do Espírito Santo, com o P. Diogo Jácome, e prestou grandes serviços na epidemia de varíola que esse ano ali grassou. Em Setembro caiu doente com febres, continuando a tratar dos empestados enquanto se pode manter de pé. Conduzido para a Casa da Vila (Vitória) pediu, dia de Todos os Santos, que o levassem à Igreja onde renovou os votos e comungou; e daí «a poucos dias» faleceu (primeira quinzena de Novembro de 1564), com o nome de Jesus na boca e «outros colóquios mui devotos, que o Espírito Santo lhe havia ensinado e não aprendido nos livros, porque não sabia ler. E o seu exercício havia sido sempre naquela Casa *andar com a enxada na mão* e outros ofícios baixos, em que há

servido o Senhor, os anos que esteve na Companhia, em santa simplicidade».

Cartas Avulsas, 459, 460; Leite, *História* I, 237, 577.

GONÇALVES, PEDRO (1644-*1690*-1724). Natural de Lamego, onde nasceu por 1644. Entrou na Companhia na Baía, com 46 anos de idade, a 30 de Julho de 1690. Era *cirurgião* antes de entrar. Passou pouco depois para o Engenho da Pitanga, e o seu nome e ofício constitui o § 19 do Regulamento dos administradores em 1692: «Enquanto o Ir. Pedro Gonçalves estiver no Engenho ou outro em seu lugar perito em cirurgia, tratem-se e curem-se com todo o cuidado os servos doentes; e podem-se levar os remédios do Colégio da Baía, com antecedência para se terem à mão sempre que for preciso. Se o dito Irmão não estiver em casa, pague-se a outro cirurgião hábil que trate os escravos com diligência». Passou depois a Pernambuco e ocupava no Colégio de Olinda o ofício de porteiro compatível com o de cirurgião. Faleceu no mesmo Colégio de Olinda, a 21 de Julho de 1724. Não se conhecem pormenores da sua actividade, por não haver Ânua com os necrológios do período em que faleceu.

Bras. 5 (2), 114v; « Instructio ab iis qui Officinam Sacchaream administrant servanda », do P. Barnabé Soares, 1692, *Bras.* 11 (1), 132; *Hist. Soc.* 52, 217: Leite, *História*, V, 586, n.º 270.

GORZONI, P. JOÃO MARIA (1627-*1659*-1711). Natural de Sermide (Mântua), onde nasceu em 1627. Entrou na Companhia em 1646. Embarcou de Lisboa para as Missões do Maranhão e Pará em 1659. Depois dalgumas hesitações no começo, adaptou-se, e foi um dos maiores e diligentes missionários do Maranhão e da Amazónia. Ainda naquele período de adaptação, esteve na Aldeia de S. Gonçalo de Taiuaçu Coarati (Maranhão) e «foi o primeiro que lá fez umas *salinas*, para ter sal que dar aos Índios». Um dos segredos com que se fazia estimar era a *música*. «Tocava uma gaitinha perfeitamente bem por solfa», com que amenizava as longas viagens de canoa e as festas das Aldeias. E ensinou os Índios a tocá-la. Faleceu no Colégio do Pará a 10 de Outubro de 1711.

Bettendorff, *Chronica*, 146, 270, 272; Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia* I) 276-278.

GUSMÃO, P. ALEXANDRE DE (1629-*1646*-1724). Natural de Cidade de Lisboa, onde nasceu a 14 de Agosto de 1629. Entrou na Companhia, no Rio de Janeiro, a 27 de Outubro de 1646. Mestre de Noviços, Reitor, Provincial, escritor, e fundador do Seminário de Belém da Cachoeira (Baía) e o maior pedagogo entre os Jesuítas do Brasil e um dos maiores de toda a Companhia. Faleceu em Belém da Cachoeira, a 15 de Março de 1724. Vida conhecida. Inclui-se aqui o seu nome, porque tinha habilidade manual de *marceneiro* e *ensamblador :* presépios de madeira e embutidos de tartaruga. Também se diz que pintou uma «Natividade» ; mas desta qualidade de *pintor* não vimos fonte de primeira mão.

Argeu Guimarães, *Notícia Histórica das Bellas Artes,* no «Dic. Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil», I, 1595 ; Leite, *História,* I, 534 ; V, p. IV/V (retrato), 167, 197 ; VI, 322-330 ; VIII *(Biobibliografia* I) 289-298 ; Id., *Pintores Jesuitas do Brasil,* em AHSI, XX (1951) 216, 218.

H

HENRIQUES, André (1638-*1664*-1699). Natural da Ilha da Madeira, onde nasceu por 1638. Entrou na Companhia na Baía, com 26 anos, a 7 de Dezembro de 1664. Era *farmacêutico* («pharmacopola»), bom conhecedor e preparador de medicamentos. Esteve algum tempo no Colégio de Olinda como *ajudante do procurador* e como soto-ministro; e já em 1683 residia no Colégio do Rio de Janeiro no exercício da sua arte farmacêutica. E nele perseverou até à morte, a 9 de Abril de 1699.

Bras. 5 (2), 64, 80v, 87v; *Hist. Soc. 49*, 24v.

HENRIQUES, Bernardo (1705-*1735*-1752...). Natural de Rego da Muata (Diocese de Coimbra), onde nasceu a 5 de Março de 1705. Entrou na Companhia no Maranhão, a 4 de Novembro de 1735. *Dirigia os oleiros* em 1741 («figulis praeest»), e em 1744 era *procurador* de Tapuitapera. Deixou de pertencer à Companhia a 7 de Dezembro de 1752.

Bras. 27, 94v, 103v, 122, 189v.

I

INÁCIO, José (1669-*1689*-1696...). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1669. Entrou na Companhia na Baía, com 20 anos de idade, em 1689. *Correeiro* e *seleiro* («ars coriaria et ephippiaria»). Em 1692 residia no Espírito Santo e deixou de pertencer à Companhia em 1696.

Bras. 5 (2), 86, 114 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

INÁCIO, Leopoldo (1724-*1744*-1760...). Natural de Évora, onde nasceu a 15 de Novembro de 1724. Entrou na Companhia na Baía, a 4 de Agosto de 1744. Residia na Fazenda de Campos Novos (Rio de Janeiro) em 1748, e no Colégio do Espírito Santo, em 1757, com diversos ofícios de casa, entre os quais o de *enfermeiro*. Ainda aí estava ao sobrevir a perseguição geral de 1759. Levado para o Colégio do Rio de Janeiro, ficou nesta cidade em 1760, fora da Companhia.

Caeiro, *De Exilio*, 280; Leite, *História*, VII, 434, 446.

INÁCIO, Manuel (1704-*1729*-1753...). Natural de S. Miguel de Porreiras (Minho), onde nasceu a 16 de Janeiro de 1704. Entrou na Companhia em Coimbra para a Vice-Província do Maranhão e Pará, a 27 de Março de 1729. Mestre *marmoreiro* e *pedreiro* em exercício no Colégio do Maranhão em 1735 e 1737. Passou para o Colégio do Pará antes de 1742 e era chefe da oficina em 1743 ; classifica-se de bom *canteiro* em 1745, e *Mestre de Obras* de 1744 a 1747 ; e era *procurador* do mesmo Colégio em 1750. Concluídas as obras de que estava encarregado, voltou ao Colégio do Maranhão, onde se encontrava em 1753 com o ofício de *enfermeiro* e já nas vésperas da perseguição geral que no Pará e Maranhão começou em 1755. Não consta o seu nome no Catálogo de 1760.

Bras. 27, 70v, 82v, 83, 85, 122v, 146, 149, 161, 173, 189.

J

JÁCOME, P. Diogo (...-*1549*-1565). Português. Entrou na Companhia em Coimbra a 12 de Novembro de 1548. Embarcou para o Brasil na primeira expedição (com Nóbrega). Era Irmão Coadjutor, que depois em 1562 se ordenou Padre. Além dos ofícios comuns de casa, que teria exercido segundo as circunstâncias o requeriam, aprendeu dois, o de *alpercateiro* e o de *torneiro*. Ele e outros Irmãos faziam alpercatas, porque se revelou útil e necessário o seu uso. Não se podiam trazer sapatos de coiro nos matos, subidas e atoleiros. As alpercatas ajustadas e amarradas aos pés resistiam melhor. A matéria destas alpercatas «é como linho mui rijo tirado de uns cardos, que os mesmos Irmãos tiravam do mato e deitavam na água, até que ao cabo de quinze dias apodreciam e lhes tiravam o linho». O ofício de alpercateiro exerceu-o quando já estava em Piratininga (1554) ; o de torneiro, quando ainda se achava na Baía, por mandado de Nóbrega, como Vicente Rodrigues aprendeu o de tecelão. Fazia contas para rosários e terços que se davam aos Índios e também aos Brancos. E ensinou a arte aos servos, que trabalhavam ao torno algumas horas por dia, «maxime em fazer rosários», e, portanto, também outros objectos, em menor escala. Esta arte de torneiro conservou-a e exerceu-a mais tempo. Diogo Jácome trabalhou na Baía, Porto Seguro, Ilhéus, S. Vicente, S. Paulo de Piratininga e Espírito Santo (aqui já Padre), onde faleceu a 10 de Abril de 1565.

Lus. 43 (1), 3v; *Cartas de Anchieta*, 151, 482, 483; Leite, *História*, I, 237; VIII (*Biobibliografia* I) 305.

JOÃO, Adriano (1552-*1578*-1631...). Natural de Ádria (Itália), onde nasceu por 1552. Entrou na Companhia, em Roma, em 1576. Embarcou de Lisboa para o Brasil em 1578, e exercia no Colégio da Baía em 1586-1589 os ofícios de sacristão, *alfaiate* e *barbeiro*. Em 1631 residia no mesmo Colégio, com 79 anos de idade,

e havia ocupado nele o ofício de sacristão 22 anos e o de porteiro mais de 15. Faleceu antes de 1641, em cujo Catálogo não consta.

Bras. 5 (1), 32, 128v.

JOÃO, Luís (1703-*1732*-1780...). Natural da Vila de Pombal (Coimbra), onde nasceu a 18 de Março de 1703. Foi para o Maranhão, onde entrou na Companhia, no mesmo ano em que chegou, a 5 de Julho de 1732 (Cat. de 1732). *Sapateiro*. Mas em 1774, e ainda em 1752, estava ocupado na *administração das Fazendas de Gado* do Marajó. Exilado para a Europa em 1760, na perseguição geral, vivia em Pésaro em 1780, com 78 anos de idade.

Bras. 27, 69 (1732), 122v, 181v, 185; Fondo Gesuitico, 690 (1774); A. H. U., Relação de D. Henrique de Meneses (1780); Leite, *História*, IV, 353, 367.

JORGE, ANTÓNIO (1555-*1574*-1608). Natural dos Açores (ora diz-se «Ilha Terceira», ora «Ilha de Angra»), onde nasceu por 1555. Entrou na Companhia na Baía em 1574, com 19 anos de idade e boas qualidades. *Oleiro* e *enfermeiro*. Residia no Colégio da Baía em 1584; e em 1598 no Colégio do Rio de Janeiro no exercício da sua arte de olaria (1601). Faleceu no Rio de Janeiro a 17 de Março de 1608.

Bras. 5 (1), 12, 22, 39v; *Hist. Soc. 43*, 65.

JOSÉ, BERNARDO (1719-*1743*-1760...). Natural de Arrifana, onde nasceu a 21 de Abril de 1719. Entrou na Companhia na Baía, a 15 de Julho de 1743, com 22 anos, diz o Catálogo (mas a diferença é 24). Irmão *superintendente* («curator») do Seminário de S. Paulo em 1757. Ao sobrevir a perseguição, conduzido ao Rio de Janeiro, ficou nesta Cidade em 1760 na suposição de que eram inválidas as demissórias do Bispo.

Bras. 6, 372, 394v; Caeiro, *De Exilio*, 290; Leite, *História*, VII, 433, 447.

JOSÉ, ROMÃO (...-*1746*-1750...). Entrou na Companhia no Maranhão em 1746. *Farmacêutico* no Colégio do Pará em 1750. A sua vida como Jesuíta não coincidiu com nenhum Catálogo de datas e naturalidades. Ao deixar a Companhia em 1750 escreveu-se esta nota, que dá o seu ofício: «Romanus Josephus coadj. sine gradu. Pharmacopola. Pará 1750».

Bras. 27, 148, 185v.

L

LEÃO, MANUEL DE (1635-*1658*-1722). Natural do Porto, onde nasceu por 1635. Entrou na Companhia, no Rio de Janeiro, com 23 anos de idade, a 18 de Maio de 1658. Era *sapateiro* de ofício; mas a sua ocupação principal iria ser a de *administrador*, quando se revelou esta exímia aptidão. Em 1659, ainda noviço, estava no Rio de Janeiro encarregado do refeitório, e, no ano seguinte, *enfermeiro*. Em 1663 encontra-se já em S. Paulo, tomando conta da casa, e quatro anos depois em 1667 era *procurador*, isto é, *administrador das Fazendas* do Colégio, porque em 1679 se diz que o era já há 12 anos. Em 1683 encontrava-se à frente das Fazendas mais remotas de S. Paulo, até que em 1694 se declara que fora administrador durante 24 anos. Entre as Fazendas que administrava em 1683 está uma que o Ir. Manuel de Leão mudara para um morro em que existia uma pequena ermida. O facto deu-se por 1680. A nova Aldeia aparece em 1692 com o nome de «Residência da Paraíba do Sul», e em 1696, «Residência de S. José». A «Aldeia de S. José da Paraíba» transformou-se em vila em 1767 e em 1871 subiu à categoria de cidade: a Cidade de «S. José dos Campos», lugar importante e saudável do Estado de S. Paulo. O *fundador de S. José dos Campos* contava já mais de 60 anos de idade quando passou para o Noviciado da Baía (Colégio), de que foi soto-ministro ainda uns 20 anos, até à morte. Tinha alcançado licença para dar diàriamente aos pobres as sobras da mesa, que numa casa grande é sempre muito. Faleceu a 14 de Dezembro de 1722. O nome do Ir. Manuel de Leão aparece em 1725 entre uma lista de 11 (entre os quais os Padres António Vieira, Alexandre de Gusmão e Francisco de Matos) dignos de se lhes fazer colação sobre as respectivas virtudes e de se lhes escrever as vidas.

Bras. 5 (1), 223v, 227, 238; *Bras. 5 (2)*, 15v, 32, 35v, 38v, 48v, 66v, 110, 158; *Bras. 10*, 263; Manuel da Fonseca, *Vida do P. Belchior de Pontes*, 145, 146; Leite, *História*, VI, 369.

LEÃO, P. MANUEL DE (1684-*1701*-1760). Natural do Macacu (Rio de Janeiro), onde nasceu a 9 de Maio de 1684. Entrou na Companhia a 12 de Novembro de 1701. Fez a profissão solene no Colégio de Vitória (Espírito Santo) a 15 de Agosto de 1720, recebendo-a o Reitor P. António da Cruz. Foi Mestre de Filosofia, Pregador e Director das coisas espirituais, e residiu muitos anos no mesmo Colégio e ainda em 1730, em que passou uma temporada na Fazenda dos Campos de Goitacases (Colégio), por ocasião da visita do Ouvidor Geral Manuel da Costa Mimoso, que é a razão deste verbete. Manuel de Leão era insigne *organista* e *director de coros* e *orquestra*, e, no órgão recentemente inaugurado na Igreja daquela Fazenda, tocou o solene «Te-Deum» em honra do Ouvidor, nas festas que então ali se celebraram. O P. Manuel de Leão estava na Aldeia de Reritiba em 1742, e no Colégio do Rio de Janeiro em 1745 como Prefeito Espiritual e confessor. A perseguição colheu-o na sua terra natal. Conduzido ao Rio e exilado em 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios, faleceu em Roma, a 29 de Agosto do mesmo ano de 1760, duas semanas depois de chegar.

Bras. 6, 97, 373; *Lus.* 14, 124, 124v; Caeiro, *De Exílio*, 294; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903 e 1906; Alberto Lamego, *A Terra Goitacá*, II, 110-114; Leite, *História*, VI, 91, 155.

LE GOTT, REMACLE (1598-*1628*-1636...). Natural de Marche-en-Famenne (Bélgica), onde nasceu em 1598. Entrou na Companhia, na Província Galo-Belga, a 14 de Janeiro de 1619. Era *bordador* de profissão («acupictor»). Foi pedido pelos Padres cativos dos Holandeses, quando depois de libertados, passaram pela Bélgica de volta ao Brasil, para onde com eles partiu, embarcando em Lisboa, em 1628, com o nome de Inácio Lagott. A profissão que tinha implicava o conhecimento do desenho, que no Brasil se dedicou à pintura. O Catálogo de 1631 dá-o como *pintor* e *bordador* («pictor et caelator vestium»), de bom talento («habet talentum bonum ad picturam et caelatoriam artem»). Em breve foi nomeado soto-ministro e nalgum documento aparece com o nome de Ir. Largo. A invasão holandesa, que sobreveio e se arrastou, sem dúvida criou dificuldades à sua permanência no Brasil. Pediu em 1634 e alcançou licença para regressar à sua Província Galo-Belga, para onde voltou por 1635, porque em 1636 já está em Douai com o nome de Inacio Goth. (Nos Catálogos da mesma Província de 1628 a

1633 não está nem Remacle Le Gott nem Inacio Goth, o que identifica o nome e a sua ausência no Brasil durante seis ou sete anos).

Bras. 5 (1), 129 (1631); *Bras.* 8, 431v, 432a; Cat. da Prov. Galo-Belga de 1622 e 1625; Leite, *História*, VI, 592; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 220-221.

LEITÃO, Francisco (1514-*1569*-1600). Natural de Águeda (Beira Litoral), onde nasceu por 1514. Entrou na Companhia, «sendo de 51 anos», em 1565. Embarcou para o Brasil em 1569. *Sapateiro*. Era-o quando entrou e foi o primeiro da Companhia, que exercitou esta arte no Brasil, por ofício estável. Exerceu-a no Colégio da Baía, onde faleceu a 19 de Janeiro de 1600.

Bras. 5 (1), 10v, 37v, 50; Leite, *História*, I, 564.

LEMOS, Domingos de (1694-*1719*-1753). Natural de Gondelim (Penacova), onde nasceu a 27 de Maio de 1694. Entrou na Companhia, na Baía, com 25 anos, a 13 de Julho de 1719 (Cat. de 1725). *Farmacêutico* («pharmacopola»). Já o devia ser quando entrou, porque em 1722 aparece no Colégio de Olinda no exercício do cargo. Em breve voltou para o Colégio da Baía; e aí residia em 1732, com o qualificativo de «insigne» em sua arte. Em 1746 e 1748 tinha dois ajudantes, donde se infere a importância do Laboratório baiano e a sua categoria de mestre. Faleceu no mesmo Colégio da Baía, depois duma actividade ininterrupta de mais de 20 anos, a 7 de Fevereiro de 1753.

Bras. 6, 112v, 140 (1725), 379, 383v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

LINHARES, Francisco de (1595-*1624*-1653). Natural dos Açores (os Catálogos dizem Ilha Terceira; a Ânua Ilha de S. Miguel), onde nasceu por 1595. Entrou na Companhia na Baía em 1624, e estava em Ilhéus em 1631, com 36 anos de idade, no exercício da arte de *pedreiro* («caementarius») em que era fora do vulgar («non vulgaris»). Voltou para a Baía antes de 1641. Mestre pedreiro, cujas obras atestam a sua laboriosidade e merecimento, diz a Ânua, que narra a sua morte, na Baía, a 30 de Março de 1653.

Bras. 5 (1), 130v, 150, 168v; *Bras. 9*, 16v (Ânua); *Hist. Soc. 48*, 41.

LOPES, Amaro (1555-*1585*-1607...). Natural de Miranda do Corvo, onde nasceu em 1555. Entrou na Companhia, na Baía, em 1585 e aí estava em 1598. Mestre *Oleiro*, por muitos anos; e ensinou bem o ofício tanto a escravos como a forros do Colégio da Baía. Por volta de 1600 começou a *administrar as Fazendas de Gado*, que o Colégio possuía em Sergipe de El-Rei, requerendo em 1601 a sesmaria de Vasa-Barris. Neste ano, a sua residência de Catálogo era a Aldeia de S. João. Passou em 1604 para o Camamu, no exercício da sua arte de oleiro; e aí se achava em 1607. Não vimos o ano da sua morte.

Bras. 5 (1), 37v, 49, 58, 61, 69; *Bras. 15*, 369v; Leite, *História*, I, 448; II, 592; V, 199-200.

LOPES, António (1671-*1696*-1732). Natural de Braga (Diocese ?), onde nasceu por 1671. Entrou na Companhia, com 25 anos, a 9 de Fevereiro de 1696. *Administrador* de talento e virtude. Procurador muitos anos das Fazendas de Macacu e Papucaia no Rio de Janeiro. Faleceu nesta cidade a 2 de Maio de 1732. (O Cat. da Vitt. Em. dá o dia da morte a 7, e diz que é de Lamego. Talvez num e noutro caso se trate de circunscrição eclesiástica: alguma povoação que no século XVIII ficasse nos limites das Dioceses de Braga e Lamego).

Bras. 10, 346v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História*, V, 586, n.º 285.

LOPES, Bento (1575-*1601*-1617...). Natural de Setúbal, onde nasceu por 1575. Entrou na Companhia em Évora em 1600. Embarcou para o Brasil em 1601. Talvez acompanhasse a Portugal o P. Marcos Coelho, porque está de novo com este na expedição de 1609. O Catálogo de 1607 dá-o na Baía com talento para a *cirurgia* e a *arte náutica*, em que se instruía. Prevaleceu a primeira; e achava-se no Rio de Janeiro de 1613 a 1616 como *enfermeiro*. Deixou de pertencer à Companhia em 1617.

Bras. 5 (1), 65, 68v, 101, 111v, 115, 118; Leite, *História*, I, 571; VI, 590.

LOPES, Fernão (1554-*1577*-1616). Natural de Pedrógão (Diocese de Coimbra), onde nasceu por 1554. Entrou na Companhia em 1577. Sabia a língua brasílica (tupi) e andou pelas Al-

deias dos Índios 17 anos. Em 1598, com 44 anos de idade, começou a ser *Mestre de Meninos* e de *Aritmética*. Homem de virtude e bom trato com os externos; e, com crianças, ninguém como ele. Foi Mestre de Meninos 20 anos nos Colégios da Baía e Pernambuco. Tinha raro talento para dar soluções às mais intrincadas dificuldades da Aritmética. Faleceu no Colégio da Baía em Novembro de 1616 (não se diz o dia).

Bras. 5 (1), 37v, 118; *Bras. 8*, 214.

LOPES, Gabriel (1544-*1584*-1621...). Natural do termo de Tomar, onde nasceu por 1544. Entrou na Companhia, em Pernambuco, em 1584, com 40 anos de idade. *Agricultor* ou «hortelão», que assim aparece nos Catálogos («olitor»). Trabalhou uns 20 anos em Pernambuco, passando depois de 1600 à Capitania do Espírito Santo. Residia em 1610 na Aldeia de S. João, e em 1613 na dos Reis Magos, na qual ainda vivia em 1621, com 77 anos de idade. Faleceu antes de 1631, em cujo catálogo não consta.

Bras. 5 (1), 29, 72, 84, 111v, 125v; Leite, *História*, I, 584.

LOPES, José (1731-*1754*-1760...). Natural de Leiria, onde nasceu a 5 de Julho de 1731. Entrou na Companhia, com 24 anos, a 21 de Agosto de 1754. *Farmacêutico*. Em 1757 residia no Colégio e Seminário da Paraíba do Norte. Sobrevindo a perseguição geral, foi levado para o Recife, e aí ficou em 1760.

Caeiro, *De Exilio*; Leite, *História*, VII, 434, 451.

LOPES, Manuel (1658-*1688*-1698). Natural de Avelar (Coimbra), onde nasceu entre 1657 e 1658. Entrou na Companhia a 12 de Janeiro de 1687, em Lisboa, e seguiu no ano seguinte para o Maranhão. O «caritativo Ir. Manuel Lopes» era «muito experimentado em *medicina*» (Bettendorff). Além disso, era *administrador de Fazendas* e em 1694 sucedeu ao P. José Barreiros no governo de Jaguarari, onde ainda estava em princípios de 1698, falecendo pouco depois, no Colégio do Pará, a 20 de Setembro do mesmo ano. (Houve no Maranhão outro Ir. Manuel Lopes, da Ilha da Madeira, mais antigo e idoso, que deve ter falecido antes de 1697, em cujo Catálogo já não consta).

Bras. 27, 13v; *Livro dos Óbitos*, 4v; Bettendorff, *Chronica*, 436, 457, 602, 644.

LOPES, MANUEL (1700-*1721*-1760). Natural de Viana do Castelo, onde nasceu por 1700. Entrou na Companhia, com 20 anos, a 20 de Abril de 1721. (Mais tarde os Catálogos começaram a dizer 1720). *Sapateiro*, sabia vários ofícios e foi *enfermeiro* do Colégio do Recife (1732-1743). Em 1757 era soto-ministro do Noviciado do Rio de Janeiro, donde passou para Belém da Cachoeira na Baía. Exilado em 1760 na perseguição geral, faleceu em Roma a 26 de Dezembro do mesmo ano de 1760.

Bras. 6, 162v, 332v, 367; Caeiro, *De Exilio*, 124; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Leite, *História, VII, 443.*

LOPES, SIMÃO FRANCISCO (1622-*1644*-1661). Natural de Santa Olaia (Braga), onde nasceu por 1622. Entrou na Companhia no Rio de Janeiro, com 22 anos a 8 de Outubro de 1644. (O primeiro Catálogo tem simplesmente Simão Lopes; depois, por haver mais Lopes, ficou simplesmente Simão Francisco). Dotado de talento para assuntos económicos. Foi soto-ministro do Colégio da Baía, *ajudante do procurador* e *chefe das pescarias* do Camamu para alimento do Colégio. Faleceu na Baía, a 17 de Junho de 1661. (No Necrológio diz-se que faleceu em Julho).

Bras. 5 (1), 169v, 226, 232v; *Bras. 5 (2)*, 25; *Bras. 9*, 163v (Necrológio).

LOURENÇO, JOSÉ (1669-*1690*-1708). Natural de Moura (Alentejo), onde nasceu por 1669. Entrou na Companhia na Baía, com 21 anos de idade, a 16 de Abril de 1690. *Enfermeiro* e *farmacêutico* («pharmacopola») do Colégio da Baía. Muito considerado. O seu nome ainda aparece no Catálogo de 1707, não já nos seguintes. Era de fraca saúde. Os médicos receitaram-lhe banhos e os foi tomar. Achamos um Ir. José Lourenço falecido em Coimbra em 1708. Supomos que é o mesmo.

Bras. 5 (2), 85; *Bras. 6*, 40v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

LUÍS, AFONSO (1565-*1605*-1636). Natural de Pinheiro (Penafiel), onde nasceu por 1565. Entrou na Companhia em Pernambuco a 28 de Outubro de 1605, e aí residia em 1607, com 42 anos de idade. *Carpinteiro*. Exerceu a arte em Olinda em 1607, na Aldeia de S. André de Goiana em 1610, em Olinda em 1613, e na Aldeia de Itaimbé em 1614. Ocupou depois outros ofícios e ainda estava

em Olinda ao dar-se a invasão e tomada do Colégio pelos Holandeses. Traz ainda a menção de «faber lignarius» e se diz que tinha talento para a sua arte, mas que já via pouco. E em breve, com os vaivens da guerra, quase cegou de todo. Cativo dos Holandeses em 1635, e levado para a Holanda, dizia-se em 26 de Setembro de 1636, que ficava em Amesterdão, cego. Faleceu na mesma cidade, ainda no mesmo ano; e a hospitalidade dos católicos holandeses cobriu o seu ataúde de flores. (Confunde-se às vezes com António Luís; mas o Ir. Luís, cego, é este, Afonso).

Bras. 5 (1), 72, 86v, 103, 112, 136; *Lus. 74*, 270; Leite, *História*, V, 342, 378, 386.

LUÍS, ANTÓNIO (1549-*1594*-1611). Natural de Rossas (do Concelho de Arouca, outrora Bispado de Lamego, hoje do Porto). Nasceu por 1549 e entrou na Companhia em 1594, com 45 anos de idade. *Carpinteiro* («opifex lignarius non vulgaris») diz a Ânua, que louva a sua arte e a sua virtude. Trabalhou na Igreja do Colégio de Olinda, que ainda existe na sua Arquitectura original, mas cuja obra de madeiramento e de talha se incendiou no tempo da invasão holandesa de 1630. Já estava em Pernambuco em 1598 e aí ficou sempre no exercício da sua arte de carpinteiro e entalhador, até falecer, em Olinda, a 20 de Agosto de 1611.

Bras. 5 (1), 41v, 86; *Bras. 8*, 118 (Ânua); *Hist. Soc. 43*, 65v; Leite, *História*, I, 584; V, 416.

LUÍS, GASPAR (1549-*1573*-1591...). Natural da Ilha da Madeira, onde nasceu por 1549. Entrou na Companhia, com 24 anos de idade, em Setembro de 1573. Trabalhou bem durante muitos anos até que começou a desinquietar-se. E uma vez fugiu de casa, levando uma canoa e escravos. A pedido de pessoa importante foi readmitido com a devida penitência. Gaspar Luís tinha cuidado dos trabalhadores e era irmão de Domingos Fernandes, alfaiate então na Baía e «muito necessário» ao Colégio. Tornou a fugir; e desta vez decidiu-se que se despedisse, mas em Portugal. Entretanto (1591), o Provincial tomou-o como Irmão sócio. Na primeira oportunidade mandou-o, e com uma carta, que lhe seria entregue no alto mar, despedindo-o, quando já não houvesse perigo de arribar ao Brasil. Apenas chegou à sua terra, escreveu uma carta ao P. Geral, da-

tada do Funchal, 27 de Fevereiro de 1592, em que não se conformava com a saída. A carta é em italiano, boa caligrafia, o endereço em latim, «manu propria», expressão aprendida decerto enquanto foi companheiro do Provincial. Pede para ser readmitido e enumera os trabalhos que realizou, em que aparece como *mestre de obras, administrador* e *carpinteiro* de barcos : Fez currais de bois para o Colégio da Baía, indo ele mesmo procurar a pedra e cal e a madeira ; a casa de campo dos estudantes da Baía [Quinta do Tanque] ; uma pequena casa nas terras do Camamu, de que foi administrador ; e, «pela sua mão, sem intervenção de mais nenhum oficial», construiu duas grandes embarcações. Talvez haja o encarecimento habitual de quem se defende, mas algum fundamento teria no que diz. Os seus antecedentes, porém, não favoreciam nova readmissão.

Bras. 5 (1), 12, 28 ; *Lus. 71*, 88-91v (carta) ; Leite, *História*, II, 449.

LUÍS, INÁCIO (1653-*1688*-1727). Natural de S. Miguel de Poiares (Coimbra), onde nasceu em 1653. Entrou na Companhia em Coimbra, a 24 de Janeiro de 1676. Em carta de 24 de Novembro de 1687 ofereceu-se para a Missão do Maranhão ; e para lá embarcou na nau «Nossa Senhora da Conceição», saída de Lisboa a 17 de Maio, e chegada ao Maranhão a 3 de Agosto de 1688. *Administrador de Fazendas* («administrator praediorum») diz o Catálogo de 1720, que o dá com 67 anos. Acrescenta a «Lembrança» que trabalhou muito nas Fazendas, e que alguns anos antes de morrer, cegou. Muito fervoroso. Faleceu no Colégio do Maranhão a 9 de Outubro de 1727.

Bras. 27, 32, 45v; Fondo Gesuitico, *Indipetae*, 757 (27); *Lembrança dos Def.*, 7; Leite, *História*, IV, 344.

LUÍS, MANUEL (1608-*1631*-1681). Natural de Vila Nova de Portimão (Algarve), onde nasceu por 1608. Entrou na Companhia na Baía, com 23 anos de idade, em 1631. *Piloto*. Foi-o do navio da Província, e era-o em 1641. Quando se iniciou a Igreja nova do Colégio da Baía (hoje Catedral-Primaz) mandou-o o P. Simão de Vasconcelos a Lisboa, como *procurador* particular da Igreja, a fim de enviar mármores e oficiais marmoreiros para a sua edificação. Depois, indo o P. Vasconcelos como procurador a Roma, levou

consigo à Itália, o Ir. Manuel Luís, o qual enviou os dois púlpitos feitos à imitação da Casa Professa de Génova e são os existentes ainda hoje na Igreja dos Jesuítas da Baía. Voltando ao Brasil em 1663 foi *Mestre de Meninos* durante 16 anos. Em 1679 residia no Colégio do Rio de Janeiro e aí faleceu a 8 de Janeiro de 1681.

Leite, *História*, VII, 255; VIII, 325.

LUÍS, SIMÃO (...-*1652*-1678?). Português, recebido na Comnhia em Lisboa pelo P. António Vieira, em 1652, para a Missão do Maranhão, onde chegou no mesmo ano. Voltou a Portugal por causa do Motim de 1661 e acompanhou o Visitador do Maranhão P. Manuel Juzarte (1667) com quem igualmente tornou a Lisboa. Enfim, chegou ao Maranhão pela terceira vez em 1674 falecendo na Aldeia de Caeté (hoje Bragança, Estado do Pará) pelos princípios de 1678. (A morte é narrada pelo P. Pier Luigi Consalvi, em carta do Maranhão, 2 de Agosto de 1678. Não expressa a data, e pelo contexto parece ter sido nos começos de 1678 ou pouco antes; no entanto lê-se 1675 no Catálogo da Bibl. Vitt. Em.). Não se conhece o lugar onde nasceu, nem quando. Os Catálogos da Missão do Maranhão e Pará só começaram a ter organização metódica mais tarde. Sabe-se que Simão Luís fez com o P. Manuel Nunes uma entrada ao Rio Tocantins e que o Irmão se perdeu na floresta, sendo achado só ao cabo de muitos dias (Bettendorff); e existem duas referências de Vieira sobre a sua arte e aptidões. Na primeira, informando sobre os que admitira em 1652 em Lisboa, Vieira escreve: «Outro, Simão Luís, oficial de *carpinteiro*, homem de muito bons costumes e préstimo»; na segunda, diz que consultara, sobre a planta do Colégio do Maranhão, com o P. Francisco da Veiga (que depois foi célebre missionário nos reinos do Sião e da China) «e com o Ir. Simão Luís, que são inteligentes». Aprovada a obra e, assistida pelo P. Vieira, «se fez dentro em cinco meses sem parar uma só hora, nem ficar à casa um real de dívida». Sendo «oficial de carpinteiro» e «homem de préstimo», é natural que Simão Luís tenha trabalhado desde 1652 não só nesta, como noutras obras daqueles ainda precários princípios da Missão do Maranhão e Pará.

Bras. 26, 38, 54; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Bettendorff, *Chronica*, 114; *Cartas de Vieira*, I, 277; Leite, *Novas Cartas Jesuítas*, 286, 287; Id., *História*, IV, 336, 340.

LUÍS, TOMÁS (1725-*1750*-1760...). Natural de Edimburgo, onde nasceu a 5 (não 7) de Junho de 1725. Convertido do Protestantismo, baptizou-se no Brasil (Paraíba do Norte). Entrou na Companhia, com «26 anos», a 22 de Julho de 1750. *Enfermeiro* do Colégio da Baía em 1757, Atingido pela perseguição geral foi exilado em 1760. Não ficou nas prisões de Azeitão ou S. Julião da Barra, como alguns seus compatriotas ingleses, porque, pelo nome, cuidaram os perseguidores que fosse português, e seguiu para os Estados Pontifícios. Não vimos o seu nome entre os falecidos em Roma nem na lista de 1774. Talvez seguisse para algum Colégio da Província de Inglaterra.

Bras. 6, 414; Caeiro, *De Exilio*, 302; Leite, *História*, VII, 269, 437; IX, 123.

LUZ, MANUEL DA (1678-*1702*-1735). Natural da Vila de Proença, onde nasceu por 1678. Entrou na Companhia, na Baía, com 24 anos, a 24 de Maio de 1702. Em 1706, ofereceu-se para a Índia, por o P. Laines lhe haver dito na Baía, que havia necessidade de um médico e ele ser *enfermeiro* e ter suficientes conhecimentos de *medicina*. Não foi, mas de facto as informações que dele se dão ao P. Geral são de bom *farmacêutico* («bonus pharmacopola») e exercia a sua arte no Colégio da Baía em 1616. Em 1619 acompanhou a Roma o Procurador P. Luís Carvalho e à volta, trabalhou também em Pernambuco, onde faleceu no Colégio do Recife a 12 de Agosto de 1735.

Bras. 6, 69v; Leite, *História*, VIII (*Biobibliografia* I) 326.

LYNCH (PRICE), GUILHERME (1713-*1734*-1774). Natural de Londres, onde nasceu por 1713. Chamava-se William Price quando chegou ao Brasil e era protestante. Converteu-se ao Catolicismo e baptizou-se em Pernambuco, entrando na Companhia a 1 de Dezembro de 1734 com 21 anos de idade. Adoptou o nome de Guilherme Lynch. Hábil para *administrações* e *trabalhos agrícolas*. Residia no Engenho de Monjope (Pernambuco) em 1745, e na Fazenda de Jaboatão (Sergipe) em 1757. Atingido pela perseguição geral de 1759 e exilado da Baía para Lisboa, esteve primeiro nos cárceres de Azeitão, sendo transferido a 11 de Maio de 1769 para os de S. Julião da Barra, onde faleceu a 25 de Abril de 1774.

Bras. 6, 213v, 375v; Leite, *História*, VII, 267-268, 438; IX (*Biobibliografia* II) 123, letra I.

M

MACEDO, Manuel de (1697-*1730*-1765). Natural de Carregosa (Diocese de Coimbra), onde nasceu a 4 de Agosto de 1697. Entrou na Companhia, na Baía, com 33 anos, a 14 de Agosto de 1730 (Catálogo de 1732). Era *carpinteiro* e *entalhador* («bonus faber lignarius). Em 1735 já residia no Hospício de Aquirás (Ceará) e ainda aí se encontrava em 1743. Ocupou-se a seguir da reorganização das Aldeias do Ceará: em 1745, estava em Parangaba (arredores de Fortaleza), em 1746 na dos Paiacus, em 1748 na de Paupina. Faltam Catálogos até 1757, em que estava de novo em Aquirás, encarregado das coisas materiais da Casa e ainda aí residia em 1759 ao sobrevir a perseguição geral. Transferido para Pernambuco, saiu do Recife a 1 de Maio de 1760, exilado para Lisboa e Estados Pontifícios. Da actividade artística do Ir. Manuel de Macedo, além das obras que teria executado em Aquirás, Parangaba e Paupina, ficou notícia positiva da capela e altar-mor da Igreja da Aldeia dos Paiacus (depois Montemor-o-Novo da América). Faleceu em Roma, no Palácio Inglês, a 8 de Maio de 1765, e sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 6 (1), 173, 196v, 331v, 375v, 381v, 386; Fondo Gesuitico, 690 («Spese»); Caeiro, *De Exilio,* 164; Leite, *História,* III, 92; VII, 432, 450.

MACHADO, Manuel (1667-*1691*-1740). Natural do Porto, onde nasceu em «1667». Entrou na Companhia na Baía, a 2 de Maio de 1691. Era *ourives* quando entrou. Não há indicações positivas de ter exercido a sua arte na Companhia. Em 1694 estava no Camamu e passou mais tarde para a Missão do Maranhão e Pará. Em 1723 era soto-ministro e porteiro do Colégio do Maranhão, onde faleceu a 11 de Março de 1740. «Varão santo», diz a sua «Lembrança» necrológica.

Bras. 27, 47, 58, 104; *Lembrança dos Def.,* 10; Leite, *História,* V, 586 n.º 271.

MADUREIRA, António de (1600-*1647*-1664). Natural de Vimioso (Trás-os-Montes), onde nasceu por 1600. Entrou na Companhia no Rio de Janeiro em 1647 ; e em 1654, com 54 anos de idade, era *Mestre de Meninos* no mesmo Colégio, de que também foi porteiro algum tempo. Faleceu no Rio de Janeiro a 9 de Agosto de 1664.

Bras. 5 (1), 189 ; *Hist. Soc. 48*, 13 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

MANUEL, Luís (1628-*1660*-1702). Natural de Matozinhos, onde nasceu por 1628. Entrou na Companhia na Baía a 26 de Maio de 1660. Antes de entrar dirigia as construções navais no Rio de Janeiro, quando foi ferido com dois tiros de espingarda, de que recebeu no corpo 27 grãos de chumbo. Escapando com vida, achou que era melhor tomar estado em que a morte imprevista o não achasse desprevenido. Tinha 32 anos ao entrar, já era grande *entalhador* («optimus faber lignarius») e ficou na Baía, durante 42 anos até à morte. Andava em plena construção a Igreja do Colégio da Baía (hoje Catedral Primaz) e logo se aplicou a ela («laborat in nova Ecclesia et est egregius faber lignarius»). Deve-se a ele a armação do famoso tecto da Igreja, arte em que nenhum Arquitecto nem Engenheiro lhe era superior. («Magnum quoque Templi tectum eiusque laqueare, et enormes trabes tanta facilitate extulit, dimisitque, ut nulli Architecto aut Machinatori in hac Arte concesserit» («Elogium»). A Igreja ficou concluída em 1672 na sua estrutura geral, sem que parassem as obras internas de escultura e ornatos em que trabalhavam também outros notáveis entalhadores, escultores e marceneiros. Luís Manuel pôde-se aplicar mais em particular às construções navais. Estabeleceu e reorganizou em moldes amplos o estaleiro da Companhia, onde «construiu quatro navios grandes e não poucas canoas e outras embarcações menores, necessárias para os da Companhia carregarem de uns lugares para outros os produtos das Fazendas ; e quando era preciso restaurar ou consertar as casas dos Colégios recorria-se à sua oficina» («Elogium»). Era obra de vulto que um pormenor esclarece. Tendo o Provincial P. António de Oliveira vendido o navio pequeno por 4.000 cruzados, por o achar grande demais e que ocupava muito pessoal, desagradou a venda, e o Ir. Luís Manuel disse que « não pagava nem os pregos de ferro » e que valia o dobro.

E fez-se logo outro, para substituir o primeiro. O P. Lourenço Craveiro dá esta informação, porque se achou a venda feita com pouco critério, e para que o povo não dissesse que a Companhia fazia navios para vender. Quando não só os não construía para vender, mas na venda feita houve grande prejuízo. Serve a informação para se ajuizar da importância destas construções navais. Luís Manuel que, ainda em 1683 se dizia entalhador e *construtor naval* («faber lignarius et navigiorum egregius»), aparece na última década do século XVI com a designação pura e simples de construtor naval («insignis Navium Fabricator»). À sua qualidade de bom técnico na sua arte, unia a de excelente religioso. O Visitador José de Seixas fazendo uma lista de homens eminentes em virtude abre-a em 1677 com o nome de Luís Manuel («navigiorum peritus faber, qui Societatem grandaevus iniens, omnium virtutum ac praecipue devotionis, humilitatis, laboris ex obedientia, continuato per plures annos exemplo, nostrorum, ac externorum commendationem meretur»). Os 25 anos, que depois deste parecer ainda viveu, cofirmaram a sua virtude e merecimentos. E mais tarde, em 1725 entrou na conta dos que eram dignos de que se lhes escrevesse a vida. De facto, o seu nome está no Menológio Brasileiro e do Elogio do P. João Pereira se serviu Boero para o Menológio dos varões ilustres da Companhia. O Ir. Luís Manuel faleceu na Baía a 7 de Janeiro de 1702.

Bras. 3 (2), 139v (Seixas), 197v (Craveiro); *Bras.* 4, 303v; *Bras.* 5 (1), 233, 249; *Bras.* 5 (2), 36v, 85, 110v; *Bras.* 6, 21v; *Lus.* 58 (1), 20 (Menológio); *Lus.* 58 (2), 534-535 (Elogium); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; *Elenchus Impressus Def.*; Leite, *História*, V, 122; VII, 250-252.

MARINHO, João (1558-*1578*-1609). Natural de Barcelos, onde nasceu por 1558. Entrou na Companhia, na Baía, em 1578, e residia no Colégio do Rio de Janeiro em 1598, com 40 anos de idade. Ocupava-se então em ofícios de casa, mas em 1586 era *enfermeiro* do mesmo Colégio. Passou depois para o Colégio de S. Paulo, onde estava em 1607 e onde faleceu a 1 de Março de 1609.

Bras. 5 (1), 28v, 39v, 70v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

MARTINS, Clemente (1703-*1743*-1768). Natural de Alfândega da Fé, onde nasceu por 1703. Entrou na Companhia na Baía, com 40 anos de idade, a 12 de Junho de 1743 [Cat. de 1744. Mais

tarde transformaram «Jun.» (Junho) em «Jan.» (Janeiro). Também no «Apêndice ao Cat. Port. de 1903» se lê que nasceu a 23 de Novembro de 1700. Não condiz com a idade com que se apresenta ao entrar na Companhia, mas é uma data concreta]. Era *carpinteiro* («faber lignarius») e no exercício da sua arte vivia no Noviciado da Jiquitaia (Baía) em 1746; e no Piauí em 1748. No ano de 1757 estava no Seminário de Belém da Cachoeira; e não havendo então obras, ocupava outros ofícios de casa, entre os quais o de *enfermeiro*. Sobrevindo a perseguição geral de 1759, foi exilado em 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios. Faleceu em Castel Gandolfo (arredores de Roma) a 2 de Agosto de 1768.

Bras. 6, 348 (1744), 379, 383v; *Apêndice ao Cat. Port.,* 1903; *Lettere Edif. della Prov. Romana,* 388; Leite, *História,* VII, 433, 441.

MARTINS, Diogo (1554-*1588*-1610...). Natural de Coimbra, onde nasceu por 1554. Entrou na Companhia em Portugal em 1576. Chegou ao Brasil por 1587 ou 1588. Não está no Cat. de 1586, já no de 1589 na Baía, com o cargo de «*Prefeito da Saúde*», onde também foi soto-ministro dois anos. Em 1598, com 44 anos de idade, era *Procurador* do Colégio de Olinda, e também do Colégio do Rio de Janeiro, cuja dotação em açúcar se cobrava em Pernambuco. E ao mesmo tempo era Prefeito da saúde e com a nota de talentoso em particular para tratar de doentes («maxime in curandis aegrotis»). Aí se demorou alguns anos. Como Procurador do Colégio de Olinda foi ele que comprou as terras do que havia de ser no futuro famoso Engenho de Monjope. Não está no Catálogo do Brasil de 1607. Em 1610 o P. Jácome Monteiro, escrevendo a um Padre de Portugal, fala num sagui de cheiro «de muita estima e de mui boas carinhas, que mandei a V.ª R.ª», e tem esta frase: «mas parece que só chegou a pele como escreveu o Ir. Diogo Martins»; donde se infere que estava em Portugal e se ocupava na Corte dos assuntos do Brasil.

Bras. 5 (1), 32, 41v, 64; Leite, *História,* I, 465, 466, 584; VIII *(Biobibliografia* I) 421.

MARTINS, Francisco (1664-*1686*-1716). Natural da Diocese de Braga (de S. Pedro de Ouris, diz a Fonte I; do Casal das Laranjeiras, diz a Fonte II), onde nasceu por 1664. Entrou na

Companhia na Baía, com 22 anos, a 7 de Dezembro de 1686. Ocupou diversos ofícios de casa, entre os quais o de soto-ministro do Colégio do Rio de Janeiro, e o de sacristão do Colégio de Olinda. Isto era em 1694 e o Catálogo seguinte de ofícios e residências é só de 1716, o próprio ano da sua morte, em que já não tinha nenhum. E nada mais sobre ofícios. (Não foi escultor). A Ânua de 1717, ao narrar o falecimento, refere a sua principal e meritória ocupação que foi a de *pescador*; e que com as suas pescarias e ímprobo trabalho, por frios e calores, sustentou, durante 16 anos, o Colégio de Santos, sendo verdadeira «âncora desta sagrada casa». Adoecendo, passou ao Colégio do Rio de Janeiro, onde faleceu, com notável exemplo de paciência e piedade, a 11 de Dezembro de 1716 (não 1706).

Bras. 6, 86v, 114 (Fonte I); *Bras.* 10, 130; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6 (Fonte II); Leite, *História*, V, 586, n.º 264.

MARTINS, HONORATO (1696-*1742*-1765). Natural de Toulon, onde nasceu por 1696. Ainda menino passou com a família de França a Portugal, onde o pai, construtor naval, se estabelecera a convite do Embaixador de Portugal em França, Marquês de Cascais. O filho aprendeu a arte do pai. E foram todos para a Baía e aí trabalharam na fábrica de naus. Uma, grandiosa «O Padre Eterno» (conhecem-se várias com este nome) fez-se pelo risco e direcção de Honorato Martins, assim como o famoso guindaste da Ribeira. Entrou na Companhia na Baía, a 16 de Janeiro de 1742, com 46 anos de idade. Ocupou-se algum tempo em ofícios de caridade *(Enfermeiro dos Escravos)*, mas o Catálogo de 1748 dá-o na Baía como *construtor de navios* («faber navium») e em 1757, ainda, mas de menor porte («in fabricandis naviculis»). Atingido pela perseguição geral, e exilado em 1760, faleceu nos cárceres de Azeitão a 22 de Novembro de 1765.

Leite, *História*, VII, 252-253; VIII *(Biobibliografia* I) 356.

MARTINS, JOÃO (1628-*1665*-1700). Natural de Moncorvo onde nasceu por 1628. Entrou na Companhia na Baía, com 37 anos de idade, a 31 de Julho de 1665. Foi 14 anos soto-ministro do Colégio da Baía, passando pelo ano de 1682 para a Quinta do Tanque, de que era «*hortelão*» em 1683, quando aí morava o P. António

Vieira. Em 1692 era *Inspector* ou *Visitador das Fazendas*. Faleceu no Colégio de Olinda, a 22 de Abril de 1700.

Bras. 5 (2), 61v, 80v, 84v, 111 ; *Hist. Soc. 49*, 168v ; *Elenchus Impressus Def.*

MARTINS, MANUEL (1584-*1614*-1645). Natural de Viana do Castelo (Minho), onde nasceu por 1584. Entrou na Companhia no Rio de Janeiro, com 30 anos, em 1614. «*Piloto* e *grande perito náutico*». Já andava a bordo da Fragata da Província em 1617, para suceder ao Ir. Francisco Dias, e já era piloto efectivo em 1619. Ao entrar, vindo do Sul, no porto da Baía, ignorando que estava ocupada pelos Holandeses, a fragata e quantos nela iam, cairam em poder do inimigo em 1624. Cativo e levado para a Holanda, padeceu trabalhos e cárceres, e voltou ao Brasil em 1628 para retomar o cargo de piloto da nova Fragata do Provincial. E ficou alguns anos até depois de 1631 em que cedeu o posto ao Ir. Manuel Luís. Em 1641 era *companheiro do Procurador*. Faleceu no Rio de Janeiro a 12 de Março de 1645.

Bras. 5 (1), 182 ; *Hist. Soc. 47*, 20v ; Leite, *História*, VII, 254-255.

MATOS, P. EUSÉBIO DE (1629-*1644*-1677...). Natural da Baía, onde nasceu em 1629, entrando na Companhia a 24 de Março de 1644. Foi professor de Teologia e pregador insigne. Temperamento artístico, multíplice, mas dispersivo : *músico, pintor*, aritmético, conversador, orador e poeta. Religioso da Companhia durante 33 anos, deixou de o ser em 1677, tendo já 48 anos de idade. Faleceu carmelita, na Baía, a 7 de Julho de 1692.

Leite, *História*, V, 122; VIII (*Biobibliografia* I) 360-361 ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil* em AHSI, XX (1951) 216.

MATOS, PEDRO DE (1664-*1694*-1725). Natural de Arruda («subúrbios de Lisboa»), onde nasceu por 1664. Entrou na Companhia, com 30 anos, a 31 de Julho de 1694. *Cantor*. Viveu os últimos 12 anos no Seminário de Belém da Cachoeira, onde em 1716 era *procurador* e chefe de mais três oficinas, dispensa, cozinha e refeitório, o que lhe dava facilidades para com os meninos, a quem tratava como mãezinha e a quem regalava gulozeimas, sem permitir se usassem com eles modos carrancudos. Ainda ocupou outros ofícios, como os de *enfermeiro* e sacristão. Mostrou o amor

à própria vocação, de modo singular, por ser cantor (e o era exímio e de voz suavíssima) que atraía benfeitores a favor dos Meninos do Seminário ; e sendo convidado por outros religiosos para sacerdote de coro, preferiu ser Irmão leigo da Companhia, o que lhe mereceu no necrológio esta nota de ofício, também singular, por o de cantor não ser dos que se mencionam em Catálogos, mas prenda artística pessoal. Faleceu, rodeado da estima geral, no Seminário de Belém da Cachoeira, a 14 de Dezembro de 1725.

Bras. 4, 336 ; *Bras. 6,* 8, 71, 112v ; *Bras. 10,* 294 ; Leite, *História,* V, 586, n.º 280 ; VIII *(Biobibliografia* I) 381.

MAZZI, JOÃO (1722-*1754*-1763). Natural de Roma, onde nasceu a 21 de Setembro de 1732. Entrou na Companhia a 2 de Julho de 1753. Foi um dos angariados na Europa pelo P. João Honorato. Era *canteiro* («lapicida») e em 1757 trabalhava nas obras de *pedreiro* («faber murarius») do novo Seminário de Nossa Senhora da Conceição da Baía. Sobrevindo a perseguição geral foi exilado ; e faleceu, em Azeitão, a 21 de Dezembro de 1763.

Carayon, *Doc. Inédits,* IX, 248 ; Leite, *História,* V, 154 ; VII, 434, 441.

MAZZI, PEDRO (1722-*1754*-1777...). Natural de Roma, onde nasceu a 13 de Novembro de 1722. Entrou na Companhia a 12 de Abril de 1753 e cremos que foi para o Brasil com o Provincial João Honorato em 1754. Era *pintor* («sufficiens pictor»). Trabalhou no Colégio da Baía, e aí o surpreendeu a perseguição geral do século XVIII. Preso e exilado em 1760, saiu com vida do cárcere de S. Julião em 1777. Não vimos o ano da sua morte.

Bras. 6, 434v ; Leite, *História,* V, 154 ; VII, 434 ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil,* em AHSI, XX (1951) 228.

MEDEIROS, MATIAS DE (1576-*1606*-1647). Natural da Ilha do Faial (Açores), onde nasceu por 1576. Entrou na Companhia na Baía, com 30 anos, a 14 de Setembro de 1606. *Agricultor* e *administrador de Fazendas,* cuja actividade foi principalmente no Sul : em S. Paulo de Piratininga (1614), na Aldeia de S. Francisco Xavier, arredores do Rio de Janeiro (1631) e em S. Pedro de Cabo Frio (1641). Também entendia de *artes fabris* («talentum ad artem fabrilem»). Faleceu no Rio de Janeiro a 17 de Outubro de 1647.

Bras. 5 (1), 66, 111v, 133v, 154 ; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

MENDES, Gaspar (1576-*1598*-1618...). Natural de Braga, onde nasceu por 1576. Entrou na Companhia, na Baía, a 30 de Setembro de 1598. Em 1607 tinha 31 anos e residia no Colégio da Baía. Ocupou-se em ofícios de casa sobretudo o de *alfaiate* («sartor»), que foi no Colégio do Rio de Janeiro, e no da Baía em 1610. Mas tinha jeito para cuidar de doentes e aplicou-se a *enfermeiro;* e assim era no Colégio da Baía em 1613 e no de Pernambuco de 1614 a 1617. (Não consta do Catálogo de 1619 e não há o de 1618).

Bras. 5 (1), 68v, 80v, 112, 116, 118.

MENDES, João (1652-*1676*-1685...). Natural de Viana do Castelo, onde nasceu por 1652. Entrou na Companhia em 1676, com 24 anos de idade. Em 1679 era *Mestre de Meninos* no Colégio da Baía. O seu nome ainda está no Catálogo de 1685, não no seguinte de 1692. Não dispomos de elementos para dizer se faleceu ou deixou de pertencer à Companhia.

Bras. 5 (2), 42, 80v.

MENDES, Manuel (1721-*1743*-1774...). Natural de Pousos (Arcebispado de Lisboa), onde nasceu a 21 de Outubro de 1721. (Em Leite, IV, 367, lê-se 1724; mas os Catálogos precedentes trazem 1721 e assim está no de 1744; por sua vez, este lugar de 21 tem 12 de Outubro). Entrou na Companhia em Lisboa, a 6 de Abril de 1743. (Não consta da expedição missionária deste ano mas é provável que fosse nela). Ocupou ofícios de casa, e em 1753 era *encarregado* ou *mestre de obras* do novo Seminário de Guanaré, nas Aldeias Altas do Rio Itapicuru («curat fabricam»). Exilado na perseguição geral de 1760, ainda vivia em Pésaro (Itália) em 1774 com o nome completo de *Manuel Mendes dos Santos,* e faleceu antes de 1780, porque já não consta da lista deste ano e traz a cruz dos falecidos depois de 1774.

Bras. 27, 188v; Fondo Gesuitico, 690 (1774); Leite, *História,* IV, 367.

MIRANDA, Félix de (1674-*1696*-1760...). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1674. Entrou na Companhia no Rio de Janeiro, a 9 de Fevereiro de 1696, com 22 anos de idade. *Mestre-Escola.* E foi este o ofício principal de toda a sua longa vida, e em que

foi exímio. Em 1738 era Mestre de Meninos e Director da Congregação Mariana dos mesmos, em S. Paulo. E ao mesmo tempo dirigia a rouparia e era soto-ministro e catequista dos Escravos. Já velho em 1757 residia em Araçariguama, e em 1759 em Itapicirica, onde o colheu a perseguição geral. Levado a S. Paulo e daí ao Rio de Janeiro, ficou em 1760 nesta última cidade, na suposição de que eram inválidas as demissórias do Bispo. Contava 86 anos de idade, e talvez tivesse família no Rio de Janeiro, pois aí entrara na Companhia 64 anos antes.

Bras. 5 (2), 239 ; *Bras. 6*, 246v ; Caeiro, *De Exilio*, 290 ; Leite, *História*, VII, 431, 447.

MONTEIRO, André (1683-*1705*-1754). Natural de Coimbra, onde nasceu por 1683. Entrou na Companhia, com 22 anos, a 4 de Novembro de 1705. *Administrador de Fazendas*. Não dirigia os Escravos ocupados nelas, como senhor que manda trabalhar e fica a ver, mas trabalhando também, mão com mão, como se fosse igual. Estava há muitos anos na Fazenda de S. Cristóvão (Quinta do Tanque) quando adoeceu. Passando ao Colégio da Baía, largou todos os cuidados terrenos e tratou só da sua alma. Faleceu no mesmo Colégio a 17 de Dezembro de 1754.

Bras. 6, 41, 347 ; *Bras. 10*, 448v (Necrológio).

MONTEIRO, Domingos (1665-*1691*-1701...). Natural de S. Mamede (Diocese do Porto), onde nasceu por 1665. Entrou na Companhia, com 26 anos, a 5 de Julho de 1691. Era *dourador* na Baía em 1692. Em 1694 trabalhava nas Fazendas do Colégio. Deixou de pertencer à Companhia em 1706.

Bras. 5 (2), 85 ; *Bras.* 6, 66 ; Leite, *História*, V, 586, n.º 276 ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil* em AHSI, XX (1951) 224.

MOTA, Manuel da (1696-*1724*-1760...). Natural de Torres Novas, onde nasceu por 1696. Entrou na Companhia, com 28 anos de idade, a 20 de Novembro de 1724. (Cat. de 1725 : mais tarde em vez de 20 de Novembro começaram a escrever 29). Em 1735 residia no Colégio de Olinda como *Mestre de Meninos* e *encadernador* e diz-se que para ambos os ofícios tinha talento. Dez anos depois era Mestre de Meninos e director da Congregação Mariana dos mesmos, no Colégio do Recife. Passou depois para

a Baía, onde em 1757 ocupava o ofício de *bibliotecário*. Ao sobrevir a perseguição geral ainda estava na Baía e aí ficou em 1760.

Bras. 6, 140 (1725), 195, 375v ; Caeiro, *De Exilio,* 120 ; Leite, *História,* VII, 437.

MOURA, INÁCIO DE (1623-*1648*-1699). Natural de Porto Seguro, onde nasceu por 1623. Entrou na Companhia na Baía, com 25 anos de idade, a 17 de Outubro de 1648. *Enfermeiro*. Exerceu o seu ofício, primeiro na Baía, e depois no Rio de Janeiro cerca de 20 anos e outra vez na Baía. Dotado de caridade exímia não só para com os Padres e Irmãos, mas também para com os Escravos, de quem se fez escravo, e a cujos pés prostrado com humildade lhes curava as chagas. E dava aos pobres quanto podia. Faleceu na Baía, a 6 de Fevereiro de 1699, e presidiu ao seu funeral o Governador Geral do Brasil D. João de Lencastro.

Bras. 5 (1), 222 ; *Bras. 5 (2),* 35, 38, 63v, 80v, 111 ; *Bras. 9,* 441.

MOURA, JOSÉ DE (1674-*1695*-1715...). Natural de Oliveira do Conde (Beira Alta), onde nasceu em «1674». Embarcou de Lisboa destinado às Missões do Maranhão, onde foi recebido na Companhia a 23 de Março de 1695, dois dias depois de chegar. Era «*pintor* ou *debuxador*». Por esta referência de Bettendorff se sabe do ofício do Ir. José de Moura, sobre o qual nada dizem os Catálogos. Sobrevindo dificuldades e tratando-se 18 anos mais tarde de o despedir, escreveu o P. Geral que esperava se conservasse na Companhia «por ser benemérito». Não se conservou, pois já não pertencia a ela em 1715. Que obras fizera nessa dúzia e meia de anos, para merecer o título de benemérito, não o conseguimos ver em documentos conhecidos.

Bras. 25, 8, 8v ; *Bras. 27,* 17v, 28 ; Bettendorff, *Chronica,* 576 ; Carta do P. Tamburini, de 29 de Julho de 1713 em J. Lúcio de Azevedo, *Os Jesuitas no Grão Pará,* 400 ; Leite, *História,* IV, 345 ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil,* em AHSI, XX (1951) 225.

N

NATALINI, Pedro António (1652-*1681*-1728). Natural da Cidade de Roma, onde nasceu por 1652. Filho de Domenico Natalini e Margherita Stefanoni. Entrou na Companhia, com 23 anos, a 20 de Novembro de 1675. Embarcou de Lisboa para o Brasil em 1681. Tinha sido *enfermeiro* da Casa do Noviciado e da Casa Professa de Roma (Gesù); e na Baía continuou o mesmo ofício, sendo ao mesmo tempo *ajudante do procurador* e soto-ministro. Isto, antes de 1694. A sua inclinação principal era para tratar doentes. Em 1716 residia no Espírito Santo, e em 1720 em S. Paulo e não apenas enfermeiro, mas *farmacêutico* («pharmacopola»), ajudando muito o Colégio com os medicamentos, que manipulava. Homem industrioso, madrugador e humilde. Faleceu no mesmo Colégio de S. Paulo a 16 de Outubro de 1728.

Bras. 5 (2), 111v; *Bras. 6,* 31, 71v; *Bras. 10,* 316v; *Hist. Soc. 52,* 220; *Processo de Anchieta,* 37 (Proc. da Baía, 1712); Leite, *História,* V, 585, n.° 240; VI, 598.

NOGUEIRA, Bento (1669-*1703*-1731). Natural de S. João da Foz (Porto), onde nasceu por 1669. Entrou na Companhia, com 34 anos de idade, a 7 de Setembro de 1703. Era *piloto,* e já tinha pedido antes para entrar na Companhia ignorando que o estado de casado, que era o seu, constituía impedimento canónico. Enviuvando, entrou; e foi piloto da Fragata da Província muitos anos, sucedendo ao Ir. João Baptista Berthê. Já ocupava o seu posto em 1719, e diz-se que era perito nas coisas do mar. Faleceu sùbitamente, na viagem de Pernambuco, a bordo do seu navio, a 1 de Setembro de 1731.

Bibl. Vit. Em., f. ges. 3492/1363, n.° 6; Leite, *História,* VII, 256.

NOGUEIRA, Mateus (...-*1549*-1561). Português. (Não se conhece a terra da naturalidade, nem a idade, porque os Catálogos do Brasil, com estas indicações metódicas, são ulteriores à morte de Mateus Nogueira: o primeiro Catálogo, que dá as naturalida-

des, é o de 1574). Mateus Nogueira foi soldado nas guerras de África (Marrocos), e indo a Portugal soube que a mulher com quem era casado lhe fora infiel. Por este adultério público, desquitou-se dela, e voltou à carreira das armas, desta vez para o Brasil. Batalhou nas guerras da Capitania do Espírito Santo, e nela residia quando por ali passou o P. Leonardo Nunes em fins de 1549, que o recebeu na Companhia, por ser um homem piedoso e o pedir ; e pelo ofício, que também tinha, de *ferreiro*. Mateus Nogueira seguiu para a Capitania de S. Vicente e trabalhou sempre nela, quer na Vila do mesmo nome, quer no Planalto de Piratininga, em S. Paulo e em Gerebativa. E como os utensílios de ferro, facas, anzóis, cunhas, machados, eram então preciosos e ele os fazia com perfeição, nem havia naqueles começos outro ferreiro em Piratininga, o seu crédito foi grande com Índios e Portugueses, e constituiu-se sustentáculo do Colégio dos Meninos de Jesus. Em 1553, Nóbrega pedia de Portugal todo o ferro e aço que fosse possível para dar que fazer ao Irmão ; e o Irmão, por ordem de Nóbrega, ensinava o ofício aos moços da terra. Sem haver referência explícita nos documentos coevos, no entanto, dada a natureza do seu ofício, e ser o principal sustento do Colégio, deve ter seguido a transferência do Colégio de S. Vicente para Piratininga e ser, portanto, um dos fundadores de S. Paulo ; pelo menos é um dos 7 Irmãos que residiam com Nóbrega em S. Paulo no mês de Julho de 1554. Em 1556 habitava em Gerebativa e sustentava a Casa. O P. Luís da Grã esteve neste ano em Piratininga, examinou as condições económicas da terra para a estabilização do Colégio conforme a vontade de Nóbrega ; e escreve : «O P. Nóbrega muito deseja ser esta Casa de Piratininga Colégio da Companhia, por ser aqui escala para muitas nações dos Índios. Obsta a isso não haver com que se possa manter». E dá alvitres. Com esmolas de Índios ou de Brancos não se pode contar, nem na terra há dinheiro ; em lugar dele usa-se açúcar e ferramenta. Esta fazia-a o Ir. Mateus Nogueira, mas era já velho e doente. Ainda assim, «os que estão em Geraibatiba, de anzóis e facas que faz o Irmão ferreiro, se mantêm, dando-lhes para o seu comer». A solução seria a organização de Fazendas (Grã) e a dotação real (Nóbrega). Foi de facto a solução do futuro. Mas naqueles humildes princípios de coisas grandes, a colaboração do Ir. ferreiro, foi benemérita, e todos a apreciavam. Nóbrega introduz Mateus Nogueira no seu famoso «Diálogo sobre

a conversão do gentio»: «Porque me dá o tempo lugar, quero falar com meus Irmãos o que o meu espírito sente, e tomarei por interlocutores ao meu Ir. Gonçalo Alves... com o meu Ir. Mateus Nogueira, *ferreiro de Jesus Cristo,* o qual posto que com palavras não prega, fá-lo com obras e com marteladas». Nóbrega em 1557 propôs o Ir. Mateus Nogueira «mui bendita alma», para Coadjutor temporal formado, o que se concedeu em Roma em 1560. É possível que a notícia já não o achasse vivo, porque faleceu dia de S. Paulo Eremita, a 15 de Janeiro de 1561. (Costuma dar-se o dia 29 de Janeiro, introduzido por Simão de Vasconcelos e adoptado no Necrológio, mas prevalece a menção do dia de S. Paulo Eremita — «no mês de Janeiro dia de S. Paulo, Eremita» — que é, e era em 1561, a 15 de Janeiro).

Bras. 3 (1), 148 (carta de Luís da Grã, de Piratininga, 8 de Junho de 1556; Nadal, IV, 189; *Cartas de Nóbrega,* 229; *Cartas de Anchieta,* 174; Leite, *História,* I, 577, 592; *Novas Cartas Jesuíticas,* 49, 73.

NUNES, ANTÓNIO (1701-*1725*-1760). Natural de Lisboa, onde nasceu em 1701. Entrou na Companhia na Baía, com 24 anos de idade, a 2 de Maio de 1725. (No Catálogo deste ano, chama-se António da Costa, donde se segue que o seu nome completo seria António Nunes da Costa ou António da Costa Nunes, prevalecendo afinal este último sobrenome). Era *carpinteiro* («faber lignarius»); e bom («bonus») como se dirá algum tempo depois. Todos os Catálogos existentes, do período em que viveu, relativos a lugares e residências (1725, 1738, 1739, 1740, 1741, 1745, 1748, 1757) trazem-no na Baía, quer no Colégio, quer no Noviciado da Jiquitaia (1741-1748). E ainda no Colégio da Baía em 1757, onde o colheu a perseguição geral de 1759. A 21 de Abril do ano seguinte saiu exilado para Lisboa e Estados Pontifícios, falecendo em Roma no Palácio de Sora, no mesmo ano, a 17 de Novembro de 1760. — Isto o que dizem os Catálogos sobre o seu ofício e lugares de residência; e ter-se-ia ficado nisto, como de muitos outros sucedeu, se um dos seus companheiros de exílio lhe não escrevesse a biografia, da qual se tirarão duas lições de carácter geral:

António Nunes fugiu aos seus pais em pequeno e foi para a Baía. Voltou a Portugal e aprendeu o ofício de entalhador com o pai. Falecendo o pai, voltou ao Brasil e no Rio de Janeiro se ocupava no seu ofício; vivia bem, mas exposto a perigos em matéria de cas-

tidade. Para lhes fugir, entrou na Companhia, e tornou-se exemplo de virtude e operosidade, indo ao mato com os servos e trazendo com eles a madeira. Entre outras obras, fez :

1. O tecto da Igreja de Olinda, em Pernambuco, renovado todo por ele ;
2. O coro da mesma Igreja (feito também por ele) ;
3. O «lindo entaglio» da Fazenda de Santa Inês (Camamu) ;
4. O Hospício de Aquirás (Ceará).

Durante a estada em Roma que foi breve, viveu algum tempo no Noviciado de S. André do Quirinal, e depois no Palácio de Sora (no actual Corso Vittorio Emanuele) que ficava perto da Igreja do Gesù e aqui se sepultavam todos os que naquele Palácio faleciam. E também ele, portanto, que foi um dos primeiros, logo em 1760.

As duas lições que se tiram, confrontando os Catálogos com a biografia, são :

Primeira : Os Catálogos existentes não indicam todas as residências dos Jesuítas nos respectivos períodos. As residências de António Nunes só se referem à Baía ; e como se vê esteve também em Pernambuco e no Ceará. Esteve lá em anos de que não existem Catálogos. Possibilidade de mudança de residência, que se deve admitir para todos os mais Padres e Irmãos nos períodos intermédios, sobretudo nos mais longos, como o que, no caso de António Nunes, se manifesta entre o Catálogo de 1748 e o seguinte de 1757.

Segunda : A designação de «faber lignarius», na linguagem dos Catálogos, significa não simplesmente carpinteiro, mas também *entalhador*.

Bras. 6, 140, 192v ; *Vitae* 63, 164-171 ; Caeiro, *De Exílio*, 126 ; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903 ; Leite, *História*, VII, 432, 438 ; X, p. XVIII.

NUNES, FRANCISCO (1652-*1697*-1740). Natural do Porto, onde nasceu por 1652. Entrou na Companhia na Baía, com 45 anos, a 27 de Maio de 1697 (Cat. de 1698). *Carpinteiro* («faber lignarius»). Trabalhou na Baía e depois aparece no Catálogo de 1716 no Rio de Janeiro ; e aí, e nas Aldeias dos Índios e Fazendas do Colégio, viveu até à morte : 1719, Aldeia do Macacu ; 1720-1722, Aldeia de S. Lourenço (Niteroi); 1732, Engenho Novo (Rio), mas já com a menção de idoso, incapaz de trabalhar na arte de car-

pinteiro que teve(«fuit faber lignarius»). Como já a não exercitava, a Ânua, que narra a sua morte só se refere à sua vida de religioso edificante. Faleceu no Rio de Janeiro a 14 de Dezembro de 1740.

Bras. 5 (2), 159 (1698); *Bras. 6,* 72, 105, 110, 114v, 161, 313; *Bras. 10,* 408v (Ânua).

NUNES, P. Leonardo (...-*1549*-1554). Natural de S. Vicente da Beira (Castelo Branco). Entrou na Companhia em Coimbra a 6 de Fevereiro de 1548. Chegou ao Brasil na primeira expedição, com Nóbrega, em 1549. Faleceu em 1554 em naufrágio no mar, a caminho de Lisboa, aonde ia tratar das coisas do Brasil, enviado por Nóbrega. A sua vida é já conhecida por diversos títulos: primeiro apóstolo do Planalto de Piratininga e fundador do Colégio da Capitania de S. Vicente, e portanto, da instrução no actual Estado de S. Paulo. Mas era também *cantor* e *músico*. Na festa do Anjo Custódio, realizada na Baía, a 19 de Julho de 1549, houve missa solene com cantos e música (celebrante o P. Nóbrega, diácono o P. António Pires, sub-diácono o P. Navarro): «Leonardo Nunes e outro clérigo, com leigos de boas vozes, regiam o coro. Fizemos procissão com grande música a que respondiam as trombetas» (Nóbrega). Não foi a primeira missa celebrada no Brasil, mas a primeira solene cantada pelos Jesuítas. Leonardo Nunes, com o clérigo anónimo, constituem-se pelo facto os *primeiros regentes de coro* no Brasil. Estas festas, dirigidas por Leonardo Nunes, devem-se ter repetido outras vezes no Sul, e logo ao celebrar-se a primeira missa na sua Igreja de S. Vicente, que foi com «canto de órgão e frautas como lá [em Coimbra] se pudera fazer» («Avulsas»).

Cartas de Nóbrega, 86; *Cartas Avulsas*, 106; Leite, *História*, I, 252-255; IX (*Biobibliografia* II) 16-17, 416.

NUNES, Manuel (1679-*1721*-1735). Natural de Portela (não se diz qual), onde nasceu a 1 de Novembro de 1679. Entrou na Companhia a 20 de Abril de 1721. *Mestre de Meninos* («ludi magister») na Casa da Paraíba do Norte em 1732. Faleceu na Fazenda de Urubumirim a 15 de Junho de 1735.

Bras. 6, 132, 140, 197; *Bras. 10*, 362; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

O

OLIVA, José de (1568-*1593*-1652). Natural de Orta (Diocese de Novara), onde nasceu por 1568. Entrou na Companhia na Baía, com 25 anos, a 17 de Maio de 1593. Em 1607 estava à frente das Fazendas do Colégio do Rio de Janeiro, e explica-se : *chefe das Fazendas e dos curraleiros* («praest rei rusticae et armentorum curatoribus»). Conservou-se muitos anos no Rio de Janeiro, onde em 1614 era porteiro e *companheiro do procurador*. Passou depois para a Baía, de cujo Colégio era soto-ministro em 1621. Ocupou outros ofícios de casa no Camamu (1631) e em Porto Seguro (1640). Faleceu na Baía, a 25 de Julho de 1652.

Bras. 5 (1), 70, 111v, 123v, 130, 151, 199v ; *Bras. 9,* 16-16v ; *Hist. Soc. 48,* 66v.

OLIVA, José de (1642-*1663*-1722): Ver SALIMBENE, José.

OLIVEIRA, António de (1717-*1741*-1762). Natural do Porto, onde nasceu por 1717. Entrou na Companhia, com 24 anos, a 24 de Março de 1741. Em 1745 era porteiro e *enfermeiro* do Seminário de Belém da Cachoeira ; e em 1757 da Fazenda de Ipitanga (Baía). Atingido pela perseguição geral, foi exilado para Lisboa e Estados Pontifícios em 1760. Faleceu em Roma, no Palácio Inglês, a 12 de Abril de 1762, sepultando-se na Igreja do Gesù.

Bras. 6, 348, 373 ; Fondo Gesuitico 690 («Spese») ; Caeiro, *De Exilio,* 124 ; Leite, *História,* VII, 433, 438.

OLIVEIRA, Caetano de (1720-*1743*-1748). Natural de Coimbra, onde nasceu a 21 de Dezembro de 1720. Embarcou para o Maranhão e logo entrou na Companhia a 27 de Junho de 1743. *Farmacêutico* («pharmacopola»). Era homem de boa saúde e talento,

mas faleceu novo, no Pará, arrebatado por uma febre maligna quando fazia os Exercícios Espirituais, no quinto, dia, a 23 de Agosto de 1747. (Esta data de 23 é do Catálogo; o «Livro dos Óbitos» tem 19, que parece menos consentânea com o uso geral de não se incluir dentro dos Exercícios nenhuma grande festa, que seria no caso a da Assunção).

Bras. 27, 137, 149v; *Livro dos Óbitos*, 33.

OLIVEIRA, Francisco de (1677-*1696*-1740). Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu por 1677. Entrou na Companhia, com 19 anos, a 14 de Abril de 1696. Foi Irmão Estudante e já tinha as primeiras quatro ordens menores, quando por leve defeito de gaguês não pode continuar. Readmitido para Irmão Coadjutor, ocupou-se em ofícios de casa em particular o de *enfermeiro*, em que deu grande exemplo de caridade. Conta a Ânua que durante uma epidemia de varíola, caindo com ela 54 alunos do Seminário de Belém da Cachoeira, ele os tratou com tão incrível vigilância e solicitude, que nenhum morreu. Talvez pelo seu caridoso ofício, contraiu a lepra de que estava atingido em 1743, e suportou com paciência de Job, até falacer no Rio de Janeiro a 8 de Julho de 1740 (Catálogo; a Ânua diz 6 de Junho).

Bras. 6, 226v, 313v (Catálogo); *Bras. 10*, 397 (Ânua); Leite, *História*, V, 586, n.º 287.

OLIVEIRA, João de (1611-*1630*-1680). Natural da Ilha da Madeira, onde nasceu por 1611. Entrou na Companhia em Pernambuco em 1630. Estava no Rio de Janeiro em 1641, com 30 anos, era *enfermeiro* de grande merecimento («optimus»). Chegou a estar destinado a Pernambuco; mas empreendendo a viagem, não pôde passar da Baía, por causa da invasão holandesa e voltou para o Rio, onde ficou até à morte. Era não apenas enfermeiro, mas boticário como então se dizia ou *farmacêutico*, «insignis pharmacopola», que é a expressão do Visitador P. José de Seixas em 1677, mas já aparece como tal em 1667. Refere-se a ele Simão de Vasconcelos e o trata de «Enfermeiro e Boticário único», do Colégio do Rio de Janeiro. Faleceu nesta cidade, a 13 (ou 14) de Abril de 1680.

Bras. 5 (1), 153; *Bras.* 5 (2), 31v, 35; *Hist. Soc.* 49, 128; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Vasconcelos, *Vida do P. João de Almeida*, 244-245; cf. ib., 195-197.

OLIVEIRA, João de (1688-*1712*-1767). Natural de Viana do Castelo, onde nasceu por 1688. Entrou na Companhia, com 24 anos, a 7 de Setembro de 1712. *Enfermeiro*. E, por ser de grande caridade, enfermeiro dos Escravos, na Baía. Assim consta nos Catálogos de 1716 e 1722. Depois deste ano começou a padecer da cabeça, e diz-se em 1744 que às vezes recuperava o juízo e trabalhava com seriedade, pois era de talento. Em 1757 informa-se que já não está demente e que se ocupa nos trabalhos humildes cheio de caridade. Na perseguição geral foi exilado em 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios. Faleceu em Roma, no Palácio de Sora, a 1 de Junho de 1767 ; e sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 6, 69v, 11v, 366v, 431v ; Fondo Gesuitico, 690 («Spese») ; Caeiro, *De Exilio,* 125 ; Leite, *História,* VII, 432.

OLIVEIRA, Luís de (1703-*1726*-1774...). Natural de S. António de Fornos (Viseu), filho de Francisco da Guerra e Teresa de Oliveira. Nasceu a 21 de Setembro de 1703 (ou 1704). Entrou na Companhia, com 23 anos, a 25 de Maio de 1726. *Enfermeiro* dos Escravos. Foi-o nos Colégios da Baía e do Recife, em Ilheus e no Camamu. Na perseguição geral, exilado para Lisboa e Estados Pontifícios, vivia na Casa da Rufinella (Frascati) em 1774. E faleceu *antes* de 1780. (Consta da Relação de 1774 com a cruz dos que morreram depois ; e já não consta da Relação de 1780).

Bras. 6, 170v ; Fondo Gesuitico, 690 (1774) ; *Processo de Anchieta,* 55-56 (Processo da Baía, 1743) ; Caeiro, *De Exilio,* 124.

ORLANDINI, P. João Carlos (1646-*1679*-1717). Natural de Sena (Toscana), onde nasceu em 1646. Entrou na Companhia em Génova em 1662. Chegou a Lisboa em 1678 e embarcou para as Missões do Maranhão e Pará no ano seguinte de 1679. Foi Reitor, Vice-Superior da Missão e missionário de grandes recursos. Assistia com caridade nas epidemias de varíola ; e quando foi Reitor do Colégio do Pará quatro anos (1689-1693) e com obras nele : e «isto só, com as obrigações do seu ofício bastava para ocupá-lo todo ; contudo não era bastante para o seu grande zelo, que além disso se ocupava em pregações de dentro e de fora, e mais com os doentes, de modo que a todos se estendia a sua caridade ; e sem

embargo de custar uma galinha duas varas de pano na cidade, achou-se gastar com os doentes do Colégio mil e quinhentas galinhas em o tempo do seu governo, e que nunca houve quem se queixasse de lhe faltar coisa alguma. Porque como era caritativo, era juntamente *entendido em coisas de medicina* e sabia como se deve acudir aos doentes e achacosos, com tudo o que lhes parecesse necessário e útil à sua convalescença e saúde» (Bett.). Faleceu em Itacuruçá (Xingu) a 29 de Agosto de 1717.

Bettendorff, *Chronica*, 534; Leite, *História*, IX (*Biobibliografia* II) 29.

P

PACHECO, ALEIXO (1619-*1677*-1704). Natural da Ilha Terceira (Açores), onde nasceu por 1619. Entrou na Companhia, com 58 anos de idade, a 3 de Julho de 1677. *Administrador*. Dirigia a Fazenda do Colégio de S. Paulo em 1683. Faleceu no Rio de Janeiro a 28 de Março de 1704. (Ou ele ou o Ir. Mateus Pacheco era pai do P. Mateus Pacheco, que faleceu em 1714, Reitor do Colégio de S. Paulo).

Bras. 5 (2), 66, 81 ; *Elenchus Impressus Def.*; Leite, *História*, VI, 410.

PACHECO, FRANCISCO (1686-*1714*-1760). Natural de Basto, onde nasceu por 1686. Entrou na Companhia, com 28 anos, a 20 de Setembro de 1714. *Enfermeiro*. Foi-o muitos anos e ainda estava como tal no Espírito Santo em 1738. Exercitou outros ofícios de casa ; e em 1745 residia na Fazenda de Macaé. Na perseguição geral ia exilado do Rio de Janeiro para Lisboa, falecendo durante a viagem, no mar, a 25 de Março de 1760.

Bras. 6, 246v, 374 ; Caeiro, *De Exilio*, 296 ; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Leite, *História*, VII, 432.

PACHECO, MATEUS (1621-*1680*-1692...). Natural da Ilha Terceira, onde nasceu por 1621. Entrou na Companhia na Baía, com 59 anos de idade, a 3 de Julho de 1680. Em 1683 era *Administrador do Engenho* da Baía («modo molae praeest»). Em 1692 era porteiro do Colégio da Baía. Tinha 71 anos e deve ter falecido antes de 1694 em cujo Catálogo não está. (Ver, supra: PACHECO, Aleixo).

Bras. 5 (2), 62v, 81, 84v ; Leite, *História*, VI, 410.

PASSOS, INÁCIO DE (1686-*1706*-1732). Natural de Ponte de Lima (Minho), onde nasceu por 1686. Entrou na Companhia, com 20 anos, a 6 de Março de 1706. *Farmacêutico*. E como tal resi-

dia no Colégio do Rio de Janeiro em 1716, e depois, sempre com o mesmo cargo, até à morte. Diz o Necrológio que fora quase 20 anos Farmacêutico do Colégio do Rio, de grande caridade para com os pobres, a quem dava de graça os remédios, segundo as licenças que tinha dos Superiores. E ao próprio Colégio muito ajudou com os medicamentos feitos por seu próprio trabalho e indústria. («Fere viginti annos in Collegio Fluminis Ianuarii munus obiit *Pharmacopolae*, quo in munere suam eximiam charitatem erga pauperes exercuit, illis gratis libenterque largiendo medicamenta, nunquam tamen extra falcutatem ad id datam a Superioribus. Insuper ipsi Collegio medicaminibus industria, suoque labore conquisitis, magno fuit adiumento»). A sua laboriosidade e competência deve explicar a oferta que lhe fizeram de 40.000 cruzados, provàvelmente para abrir estabelecimento farmacêutico por conta própria ou em sociedade. A ocasião, foi, refere a Ânua, que estando o Ir. Inácio de Passos a trabalhar, outro Padre ou Irmão se exaltou com ele em termos desabridos. O secular aproveitou o incidente para a oferta daquela elevada soma, se quisesse sair da Companhia, onde assim o tratavam. O Irmão, que era tão humilde como inteligente, sabendo que um particular (Padre ou Irmão) não era a Companhia, respondeu que apreciava mais a pobre roupeta que vestia do que todas as riquezas. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 14 de Outubro de 1732.

Bras. 6, 41v, 72 ; *Bras. 10*, 346 (Ânua).

PASSOS, JOSÉ DE (1715-*1730*-1749). Natural de Olinda, onde nasceu por 1715. Entrou na Companhia a 31 de Dezembro de 1730, e diz o Catálogo de 1732 que com 15 anos de idade. Trá-lo o mesmo Catálogo de 1732 no exercício de *farmacêutico* («pharmacopola») no Colégio de S. Paulo. Tinha apenas 17 anos ; na realidade era discipulo do Mestre farmacêutico Francisco da Silva, presente também no Colégio. Aprendeu a arte, mas exercitou mais a de *enfermeiro* e assim era no Colégio de Olinda (1737-1739), onde em 1743 já estava *Mestre de Meninos* e director da respectiva Congregação Mariana. Passou depois como enfermeiro e outros ofícios próprios das Aldeias, à de Guajuru no Rio Grande do Norte, onde se encontrava em 1745. Faleceu no Colégio da Baía a 25 de Novembro de 1749.

Bras. 6, 161v, 173v (1732), 331v, 375v ; *Bras. 10*, 429v.

PAULO, BELCHIOR (1554-*1587*-1619). Natural de Sernande (um Catálogo tem S. Pedro de Torrados) no Minho (Felgueiras), onde nasceu por 1554. (Diz-se que tinha 20 anos em 1574). Entrou na Companhia em Coimbra no ano de 1572 ; exercitou-se algum tempo na Botica ou Farmácia do Colégio, e em 1576 tem esta ocupação : «ensina a escrever» na 11.ª Classe do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. Era *calígrafo* do Colégio das Artes. E daqui deve provir a sua vocação, introduzindo-o ao estudo do desenho e da pintura. Pedido pelo Brasil, chegou a Pernambuco a 7 de Maio de 1587, e nos princípios de 1588 à Baía. Começou por ser *Mestre de Meninos* como em Coimbra ; e, ao mesmo tempo, era *pintor ;* até que com o tempo, ficou só pintor, sem o cargo dos Meninos. Segundo os Catálogos existentes, o Ir. pintor Belchior Paulo trabalhou nas seguintes Casas e Colégios da Companhia : Baía, 1589 ; Espírito Santo, 1598 ; Rio de Janeiro, 1600, 1601 ; Santos, 1606, 1607, 1610 ; Baía, 1613, 1614 ; S. Paulo de Paratininga, 1616; e Rio de Janeiro, 1617-1619. E é possível que tenha estado em mais lugares nos períodos intermédios ou estado mais de uma vez, como no período de Santos (1606-1610). O exame desses períodos mostra que há margem, antes e depois, para ter voltado ao Rio ou ir a Piratininga. De um quadro de Nossa Senhora, dos altares do Rio, que datam de 1600, mais ano menos ano, publicámos a gravura (não afirmamos que o quadro seja seu : nota-se apenas a coincidência e a possibilidade). Ao falecer recorda-se a obra com que aformoseou as Igrejas e Colégios da Companhia, da costa do Brasil nos 30 anos que exerceu a sua arte de pintor : «Collegia simulacribus nec paucis nes rudi penicillo depictis exornavit». Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 15 de Julho de 1619.

Bras. 5 *(1)*, 32, 40v, 49v, 62v, 65v, 84v, 98, 111, 116, 117v ; *Bras.* 8, 278 (Ânua) ; *Lus.* 43, 469, 509 ; Leite, *História*, I, 569, 582 ; VI, 24, 104/105 (gravura) ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 219-220.

PAULO, JOÃO (1702-*1724*-1760). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1702. Entrou na Companhia, com 22 anos de idade, a 26 de Dezembro de 1724 (Cat. de 1725 : mais tarde em vez de 22 anos, os Catálogos começaram a escrever 24). Era bom *alfaiate*, e ainda ocupou outros ofícios de casa. Mas preponderou o de *enfermeiro* dos Escravos, por ser homem humilde e caridoso. Foi-o na

Baía em 1738 e 1739 e era-o no Recife em 1757. Na perseguição geral ia exilado do Recife para Lisboa, quando vítima dos maus tratos do comandante (que não era português nem brasileiro) faleceu no mar no dia 25 de Junho de 1760, véspera dos Santos João e Paulo mártires, um dia antes de chegar ao Tejo.

Bras. 6, 140 (1725), 245v, 251, 286 (n.º 354); Univers. Gregoriana, 138, Silveira, *Narratio*. 137, n.º 187; Caeiro, *De Exilio*, 172; Leite, *História*, V, 486; VII, 451.

PEIXOTO, Francisco (1616-*1643*-1695). Natural da Ilha Graciosa (Açores), onde nasceu por 1616. Entrou na Companhia na Baía, com 27 anos de idade, a 2 de Maio de 1643 (Cat. de 1646). *Enfermeiro*. Exerceu o seu ofício no Colégio da Baía, logo a seguir ao noviciado e durante vários anos; no Colégio do Espírito Santo, onde residia em 1659 e onde ficou também alguns anos. Voltou à Baía, foi a Pernambuco e faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 11 de Julho de 1695.

Bras. 5 (1), 168v (1646), 224; *Bras. 5 (2)*, 33v; *Hist. Soc. 49*, 86.

PEREIRA, P. António (1638-*1655*-1687). Natural de S. Luís do Maranhão, onde nasceu por 1638. Entrou na Companhia na mesma cidade pelo ano de 1655. Estudou parte em Portugal, parte na Baía e entre os seus estudos se incluem algumas *noções de medicina*. Voltou ao Maranhão, onde ficou Mestre de Noviços. «E como quer que pelo Brasil, onde tinha estudado curso de Teologia, *havia também corrido com os enfermos*, e dando-se *por entendido em matéria de curá-los*, era buscado dos doentes, aos quais acudia assim para a saúde do corpo como a da alma com muita caridade» (Bett.). Homem de grande zelo, capacidade e sacrifício. Missionário, Reitor e Vice-Superior da Missão. «Mártir do Amapá», morto às mãos dos Índios em 1687.

Bettendorff, *Chronica*, 304; Leite, *História*, III, 257-263; IX *(Biobibliografia* II) 37-38.

PEREIRA, Domingos (1702-*1728*-1759). Natural do Porto. onde nasceu por 1702. Entrou na Companhia, com 26 anos de idade, a 12 de Junho de 1728 (Cat. de 1732). *Cirurgião* («chirurgus»). E também *enfermeiro, Farmacêutico* e soto-ministro do Colégio do Rio de Janeiro, onde se desenvolveu a sua actividade tanto no Colé-

gio como nas Fazendas, onde o mister de cirurgião era sumamente útil no tratamento do pessoal. Em 1757 estava na Fazenda de Papucaia e a perseguição geral colheu-o na de Itaguí, onde se encontrava doente, já com a extrema-unção recebida. Preso e conduzido para o Colégio do Rio de Janeiro, faleceu a 21 de Dezembro de 1759.

Bras. 6, 170v, 186v, 324, 380; Univ. Greg. 138, Silveira, *Narratio,* 141, n.° 196; Caeiro, *De Exilio,* 192; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.° 6; Leite, *História,* VII, 432.

PEREIRA BARACHO, DOMINGOS (1634-*1688*-1695). Natural de Pernambuco, onde nasceu por 1634. Casado com D. Clara Nunes de Freitas e pai do Dr. Gonçalo de Freitas Baracho, que estudou em Coimbra, foi juiz de fora no Algarve, ouvidor geral da Paraíba (sucessor do Dr. Cristóvão Soares Reimão) e das Minas de Sabará; e morreu desembargador da Relação do Porto. Domingos Pereira depois de enviuvar, entrou na Companhia na Baía em 1688, com 54 anos de idade. Em 1692 o Ir. Domingos Pereira (na Companhia só usava este sobrenome) era *Mestre de Meninos* no Colégio da Baía. Faleceu no mesmo Colégio a 29 de Dezembro de 1695.

Bras. 5 (2), 114; *Hist. Soc. 49,* 59v; Borges da Fonseca, *Nobiliarchia Pernambucana,* II, 86.

PEREIRA, JOÃO (1696-*1718*-1758). Natural de Açoreira (Diocese de Miranda do Douro) em Trás-os-Montes, onde nasceu a 15 de Agosto de 1696. Entrou na Companhia, no Pará, a 30 de Setembro de 1718 (Catálogo de 1720). Irmão de grande virtude e capacidade, que mostrou em vários ofícios incluindo o de *enfermeiro* no Colégio do Maranhão, em 1735, e o de soto-ministro do mesmo Colégio; mas foi sobretudo *administrador de Fazendas.* Administrou, entre outras, as da Casa de Tapuitapera (1730), de Anindiba (1732), e Campos Altos, no Maranhão (1751). Faleceu com 62 anos de idade, no Maranhão, a 13 de Dezembro de 1758. (Conservam-se, dirigidas a ele, três cartas dos Padres Gerais: de 9 de Fevereiro de 1726, 3 de Fevereiro de 1735, 11 de Fevereiro de 1737).

Bras. 25, 31v, 71v, 77 (Cartas); *Bras. 27,* 32v (1720), 52, 60v, 70, 116, 172; *Diário de 1756 a 1760.*

PEREIRA, José (1712-*1732*-1795). Natural de S. Eulália de Ferreira (Figueira da Foz) onde nasceu a 5 de Setembro de 1712. Entrou na Companhia, no Maranhão, a 16 de Junho de 1732. (Isto segundo o Catálogo de 1732, ao entrar; mais tarde, os Catálogos transformaram 16 de Junho em 5 de de Julho, por atracção de dois que se lhe seguiram e entraram nesta segunda data; assim como mudaram o ano do nascimento de 1712 em 1714 e o dia de 5 de Setembro em 7 e 17). Foi soto-ministro, *enfermeiro e director do relógio* do Colégio do Maranhão, e *administrador de Fazendas*. Residia na de Anindiba ao sobrevir a perseguição geral. Exilado em 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios, vivia em Pésaro em 1774; e aí continuou até falecer a 19 de Dezembro de 1795.

Bras. 27, 69 (1732), 116v, 122; Fondo Gesuitico, 690 (1774); Castro, *Portugal em Roma*, I, 383; Leite, *História*, IV, 367.

PEREIRA, Luís (1645-*1675*-1705). Natural de Viana do Castelo, onde nasceu por 1645. Entrou na Companhia na Baía, com 30 anos, de idade, a 12 de Dezembro de 1675. Soto-ministro alguns anos, e *administrador das Fazendas* da Baía em 1692. Faleceu na Baía a 14 de Agosto de 1705.

Bras. 5 (2), 85; *Bras. 6*, 22; *Hist. Soc. 51*, 232; Leite, *História*, *V*, 585, n.º 241.

PEREIRA, Manuel (1714-*1732*-1753). Natural de Poiares (uma das várias povoações deste nome, que no século XVIII pertenciam à Diocese de Braga), onde nasceu a 10 de Maio de 1714. Entrou na Companhia no Maranhão a 5 de Julho de 1732. De seu ofício era *barbeiro* («barbitonsor») e ocupou ofícios de casa e também o de *enfermeiro*. Passou depois ao Pará, onde foi *administrador de Fazendas*, quer agrícolas, quer de gado («administrator praedii», 1750; «curat bovile», 1751). Faleceu no Pará a 1 de Setembro de 1753. (Conservam-se para ele três cartas do P. Geral, em português, de 11 de Fevereiro de 1737, 21 de Fevereiro de 1739, e 21 de Março de 1741).

Bras. 25, 77, 85v, 101v (Cartas); *Bras. 27*, 69, 70v, 103, 161v, 173, 189v.

PEREIRA, Martinho (1679-*1698*-1736). Natural de Viseu, onde nasceu por 1679. Entrou na Companhia na Baía, com 19 anos

de idade, a 31 de Maio de 1698. Ocupou-se em ofícios domésticos. Em 1722 tinha o cargo das diversas oficinas da Casa da Paraíba e era *enfermeiro;* e em 1732, *procurador* da mesma Casa, onde faleceu a 28 de Junho de 1736.

Bras. 5 (2), 159; *Bras. 6,* 113, 162; *Hist. Soc. 52,* 202; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

PEREIRA, PEDRO (1651-*1677*-1726). Natural de Braga, onde nasceu por 1651. Entrou na Companhia na Baía, com 26 anos, a 28 (ou 25) de Agosto de 1677. *Agricultor* e *Administrador de Fazendas* («agit ruri pluribus annis»; «curam praediorum egit pluribus annis»). Na Baía, onde mais tempo esteve foi no Camamu. Depois seguiu para o Rio de Janeiro e em 1716 residia no Engenho Novo. No Colégio foi soto-ministro e superintendeu noutras oficinas (cozinha e refeitório). Faleceu no mesmo Colégio, do Rio de Janeiro, a 14 de Novembro de 1726.

Bras. 5 (2), 62, 81, 112; *Bras. 6,* 72v; *Hist. Soc. 52,* 219; Leite, *História,* V, 585, n.º 246.

PEREIRA, SALVADOR (1626-*1647*-1700). Natural do Porto (Diocese), onde nasceu por 1626. Entrou na Companhia, no Rio de Janeiro, com 21 anos, a 24 de Abril de 1647. Era *alfaiate;* e foi *administrador* de Engenho, *chefe de pescarias* do Camamu e serviu na *Procuratura Geral de Lisboa.* Em 1654 residia ainda no Colégio do Rio, donde passou a Pernambuco (estava lá em 1657); e daí ao Camamu, ocupado nas pescarias, de 1659 a 1660, ano em que era ele quem presidia a este sector importante e necessário ao sustento do Colégio da Baía («piscationi in Collegii alimentum praeest»). Depois de ser algum tempo soto-ministro do mesmo Colégio, começou a governar o Engenho da Pitanga («regit officinam pitanguensem»). Ao fim do triénio foi em 1670 para a Procuratura geral do Brasil em Lisboa, como ajudante do procurador, durante cinco anos. Em 1679 residia outra vez na Baía; e, por descanso da velhice, tem conta da Igreja, dizendo-se em 1694 que era sacristão dela há 16 anos. Faleceu, cheio de merecimentos, na Baía, a 17 de Agosto de 1700.

Bras. 5 (1), 203v; *Bras. 5 (2),* 1v, 30v, 33v, 80v, 110, 189, 222v, 226; *Elenchus Impressus Def.*

PILLER, MATIAS (1719-*1754*-1777...). Natural da Morávia, onde nasceu a 1 de Março de 1719. Entrou na Companhia a 28 de Outubro de 1748. São datas do Cat. de 1757, onde ao seu nome se seguem mais quatro: Pedro e João Massi (Mazzi), romanos, João Rubiatti, milanês, e João Jácome Barca, de Como. Relacionamos a vinda de todos com a ida à Europa, e volta ao Brasil em 1754, do P. João Honorato, e cada qual com o seu ofício. O de Matias Piller era *papeleiro* ou *fabricante de papel* («bonus chartarius»). Talvez obedecesse à intenção de se fabricar papel no Brasil, se se revogasse a lei que em 1747 proibiu a impressão de livros. Porque era um dos ofícios que das Missões da América se pediam da Europa; e desde 1725 se pensava em fabricar papel no Rio da Prata, donde em 1745 se pedia precisamente um oficial prático nessa fabricação. O Ir. Matias Piller residia na Fazenda de Tejupeba em 1757, já nos pródromos da perseguição geral. Atingido por ela, e exilado, deu entrada nos cárceres de Azeitão, donde a 11 de Maio de 1769 foi transferido para os de S. Julião da Barra. Saiu deles com vida em Março de 1777 na restauração geral das liberdades cívicas. Não vimos lugar, nem ano da sua morte. — (Huonder fala de um Matias Martin Piller, que teria estado no México e em S. Julião da Barra; e de Matias Piller em Azeitão e S. Julião da Barra. Parece confusão sobre a mesma pessoa: nem os Catálogos do México trazem nenhum com este nome, nem se compreende que sendo do México se encaminhasse para Lisboa).

Furlong, *Orígines del Arte Tipográfico en América*, 142-143; Carayon, *Doc. Inédits*, IX, 252; Huonder, *Deutsche Jesuitenmissionäre*, 114, 116; Leite, *História*, VII, 321, 434.

PINHEIRO, P. Luís (1698-*1720*-1733...). Natural de Celas (Coimbra), onde nasceu a 3 de Março de 1698. Entrou na Companhia a 17 de Fevereiro de 1720, seguindo neste mesmo ano para o Maranhão. *Farmacêutico* («pharmacopola»). Parece que tinha estudos eclesiásticos, porque entrou não para Ir. Coadjutor, mas para Padre e no primeiro Catálogo de 1722 logo se diz Coadjutor Espiritual. Em 1730 chama-se-lhe «Padre Boticário». Não dando satisfação deixou de pertencer à Companhia por volta de 1733; não consta do Cat. de 1735.

Bras. 27, 41v, 47v, 59v; Leite, *História*, IV, 350.

PINTO, Agostinho (1687-*1708*-1742). Natural de Braga (Diocese), onde nasceu por 1687. (O lugar da naturalidade exprime-se assim em diversos Catálogos: «Antemaranensis», «Interamnensis», «Bracharensis»). Entrou na Companhia, com 21 anos de idade, a 12 de Novembro de 1708. *Administrador de Fazendas.* Em 1720 era *procurador* da de S. Cristóvão (Quinta do Tanque) na Baía. Homem de «indefessa virtude» (Ânua). Faleceu na Baía a 9 de Setembro de 1742.

Bras. 6, 82, 108, 123v; *Bras. 10,* 413v (Ânua); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.° 6.

PINTO, António (1608-*1633*-1653). Natural de S. Félix [S. Fins ?], Diocese de Braga, onde nasceu por 1608. Entrou na Companhia da Baía, em 1633. Residia na Aldeia de S. Inácio (Reis Magos) no Espírito Santo em 1641, com 33 anos de idade, e no exercício da sua arte de *carpinteiro;* e em 1646, na de Reritiba. Diz a Ânua que com a sua arte foi útil à Província do Brasil em reparações e acrescentamentos de Colégios e Residências. Faleceu no Colégio da Baía a 6 de Janeiro de 1653.

Bras. 5 (1), 155, 173v; *Bras. 9,* 16v (Ânua); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.° 6.

PINTO, António (1661-*1701*-1730). Natural de Santa Eulália (Barcelos), onde nasceu por 1661. Entrou na Companhia, com 40 anos de idade, a 14 de Junho de 1701. Ocupou-se em diversos ofícios de casa nos Colégios do Sul, entre os quais o de porteiro. Em 1716 era *enfermeiro* do Colégio de S. Paulo. Homem de paciência e humildade, jamais carregava o sobrolho a ninguém (Ânua). Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro, 17 de Abril de 1730.

Bras. 6, 8v, 73; *Bras. 10,* 323v (Ânua); Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.° 6.

PIRES, P. António (1519-*1549*-1572). Natural de Castelo Branco, onde nasceu por 1519. Entrou na Companhia em Coimbra a 6 de Março de 1548. Era Padre e um dos primeiros que chegaram ao Brasil em 1549. Foi Superior e Visitador de Pernambuco, fundador de Aldeias, Reitor do Colégio da Baía e Vice-Provincial em cujo exercício faleceu. Homem de boas forças e hábil de mãos.

Vendo as necessidades materiais da nova terra, resolveu, não obstante ser sacerdote, empregar-se também em trabalhos manuais. Nóbrega numa das suas primeiras cartas (a de 9 de Agosto de 1549) faz vários pedidos ao Provincial de Portugal Simão Rodrigues ; e, entre eles, para António Pires, «alguma ferramenta de *carpinteiro*, porque ele é o nosso oficial em tudo». Por sua vez, António Pires encarece em 1551 a vinda de oficiais pela necessidade da terra, «porque de mim vos digo que pelos ofícios, que nesta terra tenho aprendido, poderia já viver». E, falando das construções do Colégio da Baía, Ambrósio Pires traz sobre ele esta referência : «constroi por suas próprias mãos as paredes dos quartos e faz todas as obras de carpinteiro e com mais perícia do que outro qualquer oficial da terra ; o que aprendeu nesta terra ao ver a muita necessidade de nossa casa e trabalha mais que dois oficiais». Sousa Viterbo conheceu aquela primeira referência de Nóbrega e diz dele : «Carpinteiro no Brasil a serviço da Companhia de Jesus». E é o único Jesuíta do Brasil que cita na sua obra. O P. António Pires faleceu, na Baía, a 27 de Março de 1572.

Lus. 43 (1), 3v ; *Cartas de Nóbrega*, 67 ; *Cartas Avulsas*, 84 (António Pires), 142 (Ambrósio Pires) ; Sousa Viterbo, *Diccionario*, 295-296 ; Leite, *História*, II, 475-477, 589 ; IX (*Biobibliografia I*) 58-59.

PIRES, ANTÓNIO (...-*1553 ?*-1562 ?). Português. Primeiro *curraleiro* ou *vaqueiro* do Colégio da Baía. Falecido por 1562, antes de 1565, em cujo Catálogo não consta, e por isso faltam os elementos de naturalidade e de idade. Conserva-se dele a seguinte notícia na «Historia de la Fundación del Collegio de la Bahia», que por ser a primeira dum ofício que tão importante se tornou nas grandes Fazendas da Companhia, convém reter. «Faleceu o Ir. António Pires, o qual, sendo vaqueiro no mundo, entrou na *Companhia* e *exercitou* o mesmo ofício, com as vacas do Colégio, por amor de Deus. De dia andava no campo, guardando as suas vacas, sempre rezando e encomendando-se a Deus ; e mais particularmente o fazia às noites, quando se recolhia a uma das nossas Aldeias, onde residia um Padre com um Irmão. Porque, por muito cansado que viesse, nunca perdia o tempo que tinha marcado para a oração e rezar as suas devoções».

Historia de la Fundación del Collegio de la Bahia, «Anais da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro», 19 (1897) 87.

PIRES, Domingos (1563-*1610*-1631...). Natural de Paradela (Diocese de Coimbra), onde nasceu por 1563. Entrou na Companhia na Baía, já de anos, com 47, em 1610 (Cat. de 1613). *Alfaiate* («sartor»). Trabalhou nas Aldeias do distrito de Pernambuco: em 1613 na de Assunção; em 1614 e 1616 na de S. João Baptista de Itambé; e em 1621 nas de Itapicirica e Itambé. Ao dar-se a invasão holandesa estava na de Assunção. Já tinha 68 anos, em 1631, e faleceu antes de 1641. (Não consta neste segundo Catálogo; e não há outros intermédios).

Bras. 5 (1), 103v; Leite, *História*, V, 343, 387.

PIRES, Domingos (1646-*1679*-1686). Natural de Viana do Castelo, onde nasceu por 1646. Entrou na Companhia na Baía, com 33 anos de idade, a 5 de Janeiro de 1679. Em 1683 era advogado ou *procurador* do Colégio do Rio de Janeiro («litibus Collegii modo intentus»). Faleceu no mesmo Colégio a 22 de Fevereiro (ou Março) de 1686.

Bras. 5 (2), 67, 81; *Hist. Soc. 49*, 57v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

PIRES, Manuel (1625-*1659*-1716). Natural do Porto (Massarelos), onde nasceu por 1625. Filho de Manuel Pires e sua mulher Catarina Fernandes. Entrou na Companhia na Baía, com 34 anos de idade, a 7 de Setembro de 1659. *Piloto*. Já o era quando entrou e não tardou em ser o da Fragata da Província, cargo que manteve uns 30 anos, com sumo louvor, não só pela sua competência, como pela sua humildade, suavidade de trato e caridade com os passageiros pobres. O Padre José Seixas, sendo Visitador do Brasil, traçou dele este retrato: «Emmanuel Pires navigii Provinciae dexterrimus Gubernator, qui etiam natu grandis ad nostros accessit, vestigiis proximi Ludovici [Luís Manuel, de quem falara antes] per omnia insistit. Nautis et transfretantibus sui maceratione, dimissione, patientia, ac mitate, et praecipue charitate in pauperes transvectos aedificationi pariter et admirationi est». Além de grande piloto era geógrafo, as cartas de marear não tinham segredos para ele, parece que adivinhava os tempos numa vigilância de todas as horas de que dá alguns exemplos o analista Plácido Nunes. Quando os Padres o tinham a bordo iam tão seguros como «se levassem consigo

a fortuna de César». Faleceu com 91 anos de idade, no Colégio do Rio de Janeiro, a 19 de Maio de 1716. E foi tão grande a opinião, que deixou da sua capacidade e das suas virtudes, que em 1725 se declarou que era digno de se apresentar por modelo e de se lhe escrever a vida num grupo de 11 entre os quais o P. António Vieira.

Bras. 3 (2), 139v (Seixas) ; *Bras. 10*, 131-131v (Plácido Nunes) ; Leite, *História*, VII, 256-257.

PIRES, MANUEL (1699-*1720*-1757...). Natural do Porto, onde nasceu a 14 de Novembro de 1699. Entrou na Companhia a 23 de Maio de 1720. *Livreiro* («bibliopola»). Era este o ofício que se lhe dava na Baía em 1722 e no Colégio do Espírito Santo em 1732, onde juntamente era *enfermeiro*. Foi também *administrador de Fazendas* (1744) ; e no Colégio do Rio de Janeiro, soto-ministro em 1745 e sacristão em 1757. Não vimos onde, nem quando faleceu.

Bras. 6, 111v, 124, 373v ; Leite, *História*, VII, 443.

PONTES, FRANCISCO DE (1614-*1634*-1675). Natural de Barceí, perto de Miranda (Trás-os-Montes), onde nasceu por 1614. Entrou na Companhia, na Baía, com 20 anos de idade, em 1634 (Catálogo de 1646). Era o tempo das invasões holandesas, contra as quais prestou serviços ; e assinala-se a sua presença em Sergipe de El-Rei, pelos anos de 1637, a tratar dos Índios de Guerra retirados de Pernambuco. *Alfaiate* de ofício, exercitou-o no Colégio da Baía por muitos anos (1641, 1646, 1654, 1657). Chamavam-no «Santo» o «Alfaiate Santo». Diz a Ânua, escrita por Filipe Coelho, que quando faleceu os seus funerais foram concorridos de imensa multidão de povo e também dos mais nobres e graves da Cidade ; e que a sua virtude se confirmara com as curas que operavam as suas relíquias. Diz ainda que o alfaiate Santo fizera muitas profecias, que se realizaram como as ele dissera, e sobre as quais não entra em pormenores, porque dariam um livro («justum volumen desiderant») ; e acrescenta que talvez os Superiores encarreguem alguém de as escrever, por não ser decente que se faça silêncio com quem Deus tão pùblicamente favoreceu. Faleceu no Colégio da Baía em 1675.

Bras. 5 (1), 168v (1646) ; *Bras. 9*, 242-242v (Ânua) ; Leite, *História*, V, 362.

R

REBELO, Francisco (1713-*1737*-1791). Natural da Cidade de Braga, onde nasceu a 13 de Dezembro de 1713. (O Catálogo de 1774 diz 1716). Entrou na Companhia a 18 de Dezembro de 1736. Recebido em Lisboa para as Missões do Maranhão e Pará, para onde embarcou no ano seguinte. *Estatuário de barro*. Parece que também de madeira: de barro com certeza («figulo-statuarius»). Estava em 1740 em Tapuitapera (Maranhão), em 1742 no Colégio do Pará, em 1743 na Vigia, e em 1747 e 1751 outra vez no Colégio do Pará. Por falta de Irmãos, sempre grande nesta Missão do Maranhão e Pará, dirigia habitualmente alguma das oficinas do Colégio, com pessoal menor para assegurar o serviço; e na Vigia foi companheiro do P. Superior. Em 1943 assinalamos a existência na Vigia de um presépio com figuras de barro, de rara perfeição, e publicamos uma gravura com a parte central (são figuras móveis). Não estamos habilitados a dizer que sejam de Francisco Rebelo. Convém no entanto notar a residência na Vigia, na época em que se organizava a Casa-Colégio, do Irmão barrista. É coincidência, que fundamenta uma presunção, a qual se não pode transformar em afirmação positiva, sem ser mais provada; como, já agora, para qualquer negação, se requer também prova documental. Francisco Rebelo na perseguição geral seguiu, exilado em 1760, para Lisboa e Estados Pontifícios. Vivia em Pésaro em 1744, 1780 e 1788; e faleceu em Urbânia a 27 de Abril de 1791.

Bras. 27, 94v, 104, 122v, 126, 146, 149, 189; *Lus.* I-III; Fondo Gesuitico 690 (1774); Leite, *História*, III (1943) 282; IV (1943) 102/103 (gravura), 354, 367.

REGO, Francisco do (1714-*1750*-1760...). Natural de Caminha, onde nasceu a 16 de Abril de 1714. Tinha 36 anos de idade quando entrou na Companhia, no Brasil, a 22 de Julho de 1750. Bom *Arquitecto* e *canteiro*. Em 1757, trabalhava, como arquitecto,

no Seminário de Nossa Senhora da Conceição da Baía; e, concluído ele, passou ao Rio de Janeiro para as obras da nova Igreja do Morro do Castelo. Esta Igreja não chegou a concluir-se, por sobrevir a perseguição geral. O Ir. Francisco do Rego ficou no Rio de Janeiro em 1760.

Caeiro, *De Exilio*, 280; Leite, *História*, V, 154; VII, 23, 434, 441.

RESENDE, José de (1686-*1711*-1760). Natural de Ovar, onde nasceu por 1686. Entrou na Companhia, com 25 anos de idade, a 24 de Janeiro de 1711. *Enfermeiro* do Colégio da Baía em 1716. *Ajudante do procurador* na Corte de Lisboa em 1737; e ainda se ocupou noutros ofícios, um dos quais o de soto-ministro do Noviciado da Jiquitaia (Baía), até se lhe manifestar grave doença. Diz-se em 1757: «Bom e útil Irmão, hoje com lepra, e separado da vida comum». Esta separação necessária fez-se com caridade na Fazenda de Santa Cruz. E aí estava ao sobrevir a perseguição geral de 1759. Preso e conduzido para o Colégio do Rio de Janeiro, faleceu no mesmo Colégio a 8 de Janeiro de 1760.

Bras. 6, 69v, 100; Univ. Gregoriana, 138: Silveira, *Narratio*, 141; Leite, *História*, VII, 432.

RIBEIRO, António (...-*1663*-1686). Nasceu em Portugal e chegou de Lisboa ao Maranhão em 1663. (Faltam os dados do lugar e tempo de nascimento, porque os Catálogos da Missão do Maranhão são ulteriores à sua morte). *Cartógrafo* e grande sertanista com o P. Pedro de Pedrosa e outros. Entre as suas diversas expedições, uma foi ao Rio Parnaíba (Piauí, 1676). O Ir. António Ribeiro levava o astrolábio e fez «um mapa dos rios e terras em que tinha entrado». Forçado a sair do Maranhão pelo «Motim do Estanco», faleceu em Pernambuco em 1686, assistindo aos empestados do «mal da bicha». «Belo sujeito que tinha trabalhado muito em a Missão», diz Bettendorff.

Bettendorff, *Chronica*, 454; Leite, *História*, IX (*Biobibliografia* II) 70.

RIBEIRO, Bento (1670-*1691*-1745). Natural de Barcelinhos (Minho), onde nasceu por 1670. Entrou na Companhia, em Lisboa, a 13 de Dezembro de 1690. Embarcou para a Baía em 1691: e em 1694 dá-se-lhe a idade de 24 anos. *Barbeiro* e *sangrador* («tonsor

et sector venae»), antes de entrar na Companhia. No Brasil ocupou vários ofícios de casa e em 1720 aparece *enfermeiro* do Colégio da Baía; e aí ficou até à morte. Homem não só de bom talento para o ofício, mas também de grande caridade para com os enfermos. Faleceu na Baía, a 1 de Dezembro de 1745.

Bras. 5 (2), 114v; *Bras.* 6, 107v, 382v; *Bras.* 10, 423v; Leite, *História*, V, 586, n.º 274; VI, 599.

RIBEIRO, JOÃO (1657-*1679*-1706...). Natural de Vila Franca (Minho), onde nasceu por 1657. Entrou na Companhia na Baía, a 10 de Novembro de 1679. Em 1683 residia em Ilhéus com 26 anos. Possuía talento para assuntos económicos. Foi *ajudante do procurador* da Baía e já estava na *Procuratura Geral de Lisboa* em 1692. E aí ficou. A 3 de Julho de 1706 escreveu-lhe o P. Geral para ele dar um aviso ao P. Procurador Miguel Cardoso, e em carta de 19 de Novembro de 1706 responde o Ir. João Ribeiro em como o dera (versava sobre uma pensão, por conta do Colégio do Maranhão, a Sor Ana de S. José, religiosa do Convento de Chelas), e envia anexa a respectiva demonstração de pagamentos. Carta autógrafa, em português, com bela caligrafia e redacção de homem culto. A cota da carta, feita em Roma, trata-o por Irmão: «Fr. Joannes Ribeyro». Faleceu no Colégio de S. Antão (Lisboa) em data não averiguada.

Bras. 4, 128-129 (Carta autógrafa); *Bras.* 5 (2), 62, 88v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Leite, *História*, V, 585, n.º 248.

RIBEIRO, MANUEL (1641-*1663*-1722). Natural de Vialonga (Lisboa), onde nasceu por 1641. Filho de Paulo Ribeiro e sua mulher Maria de Paiva. Entrou na Companhia, com 22 anos de idade, a 7 de Abril de 1663. Foi companheiro do Procurador a Roma e *ajudante da Procuratura Geral de Lisboa*, durante 12 anos. Em 1692 era soto-ministro do Colégio da Baía. Ocupou ainda outros ofícios de casa, entre os quais o de sacristão do Colégio de Olinda. Homem de provada virtude. Faleceu na Baía a 16 de Agosto de 1722.

Bras. 5 (2), 80v, 84v, 110v; *Bras.* 6, 115; *Bras.* 10, 259; *Hist. Soc.* 51, 92; *Processo de Anchieta*, 28 (Proc. da Baía, 1712).

ROCHA, Pedro da (1640-*1666*-1723). Natural da Ilha Terceira, onde nasceu por 1640. Entrou na Companhia na Baía, com 26 anos de idade, a 12 de Julho de 1666. Trabalhou sobretudo no Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro, em cujo Colégio era *ajudante do Procurador* em 1683. Faleceu no mesmo Colégio do Rio na noite de 30 para 31 de Dezembro de 1723.

Bras. 5 (2), 64, 80v; *Bras. 6,* 40v; *Bras. 10,* 271v; *Hist. Soc. 51,* 300.

RODRIGUES, Agostinho (1721-*1737*-1744...). Natural de Lisboa, onde nasceu a 28 de Outubro de 1721. Entrou na Companhia em 1736; e no ano seguinte embarcou para a Vice-Província do Maranhão. Em 1740 era *pintor* no Colégio do Pará. Tinha 19 anos e davam-no com talento para pintor e também para *dourador;* e se com a idade viesse a virtude seria para ministérios. Mas era novo de mais para uma terra em que as vocações religiosas são difíceis. Em 1744 deixou de pertencer à Companhia, com a qual ficou em boas relações de amizade. Parece que se aplicou mais à *escultura:* «Hoje 4 de Dezembro [de 1757] Nossa Senhora da Conceição, imagem nova que fez Agostinho Rodrigues (seu feitio custou 70 mil reis) foi da Sé em procissão para S. António, com a Comunidade do Carmo, Mercês e Ordem Terceira».

Bras. 27, 103v, 124v; Leite, *História,* III, 221; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil,* em AHSI, XX (1951) 227.

RODRIGUES, P. António (1516-*1553*-1568). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1516. Embarcou em Sevilha, na armada de D. Pedro de Mendoza, tomou parte na primeira fundação de Buenos Aires (1536), na de Assunção (1537), acompanhou Irala através do Chaco, foi com Ribeira ao centro de Mato Grosso, e veio de Paraguai por terra a S. Vicente. Entrou na Companhia recebido por Nóbrega, em 1553, e já o acompanhou na fundação da Aldeia de Piratininga (29 de Agosto); e, pelo testemunho seguinte, parece predestinação que a capital bandeirante tivesse por primeiro Mestre-Escola um homem que havia corrido as sete partidas da América Meridional: «Estes, entre os quais vivemos [Aldeia de S. Paulo de Piratininga], trazem-nos de boa vontade os seus filhos para que os ensinemos, e — sucedeu a seus pais — sejam povo agradável a Cristo. São quinze baptizados e muitos

mais catecúmenos que andam *na Escola*, de que é Mestre António Rodrigues, muito bem ensinados. Depois da lição da manhã, entoam, na Igreja, as Ladaínhas, e depois da lição da tarde a Salve-Rainha cantada». Lêem-se estas palavras na «Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554, que é em latim. Teixeira de Melo não apanhou todo o sentido da frase, supondo que a Escola do Ir. António Rodrigues em Piratininga terminasse logo depois do meio dia, *cantada* a Salve-Rainha («Cartas de Anchieta», 39). Trata-se de Escola em regra, com duas lições, uma de manhã, outra de tarde, onde se ensinava a ler e a escrever («Avulsas», 139). E nela aparece o canto. António Rodrigues era grande *cantor* e *músico*, e com o conhecimento directo da língua popular («Avulsas», 156-157) possuía inegualável prestígio com os Índios, «um grande obreiro inter gentes», («Avulsas», 407), prestígio que ele acrescentava, com a sua experiência e ousadia : «como é língua e mui fervente obreiro vai sempre diante a esmoitar a terra » (Nóbrega). Por isso o tomou Nóbrega por intérprete e companheiro nas suas fundações tanto no Sul : Piratininga e Maniçoba (ou Japiuba) como na Baía : Aldeias. Mas, aqui neste livro de artes e ofícios, o que importa é saber que a sua autoridade com os Índios lhe provinha não só dos seus antecedentes sertanistas e de os tratar bem, mas também de lhes dar a natural satisfação de fazer que os filhos brilhassem nos coros de canto e de flauta, que organizava por toda a parte, e exibia nas Aldeias, e até nas festas solenes das cidades. Como a seguinte, na Baía, (1 de Janeiro de 1565) : «Houve nestas vésperas três coros diversos : um de canto de órgão, outro de cravo, e outro de flautas, de modo que acabando um, começava o outro, e todos, certo com muita ordem, quando vinha a sua vez. E, dado que o canto de órgão deleitava ouvindo-se, e a suavidade do cravo detivesse os ânimos com a doçura da sua harmonia, todavia quando se tocavam as flautas, se alegravam e regozijavam muito mais os circunstantes, porque, além de o fazerm medianamente, os que as tangiam eram os Meninos Brasis, a quem já de tempo, o P. António Rodrigues tem ensinado. Foi para o povo tão alegre este espectáculo, que não sei como o possa encarecer; e muitos dos que estavam na Igreja não o podiam crer, como de facto não creram, se não tiraram a limpo a verdade com os seus próprios olhos. E isto, além de ser motivo de devoção, era-o também para dar muitas graças ao Senhor, que não se falava então na Cidade em outra coisa, senão na boa criação e ensina-

mento destes meninos» («Avulsas», 437). Outras manifestações: «É grande a sua alegria [do Governador Mem de Sá] ver-me ensinar e pregar e muito mais ouvir cantar os Meninos a Salve e Ladainhas», diz António Rodrigues («Avulsas», 245), o qual «com o seu coro de Indiozinhos de há muito bem adestrados», celebrou a festa do Padroeiro da Aldeia de Santiago a 25 de Julho de 1564 («Avulsas», 424). Estes *grupos musicais* — de canto e flauta — instituídos nas Aldeias pelo Irmão António Rodrigues, fizeram escola («velut seminarium») e perduraram para além da sua morte. Os meninos, feitos homens e transformados em mestres, ensinaram a outros, que continuaram a oficiar missas cantadas e outras solenidades, como se lê em «Historia de la Fundación» (1574) e em Antônio de Matos (1619). O zelo de António Rodrigues não se confinou nas Aldeias (fundou nove, algumas das quais são hoje cidades): teve outros efeitos como o de acompanhar os seus Índios nas guerras do tempo, que Mem de Sá empreendeu e ganhou: na do Paraguaçu contra os índios contrários que comiam os homens da Baía; e contra os Tamoios, submetidos aos Franceses. Mas escreve António de Matos que o P. António Rodrigues (a esta data já era Padre: ordenara-se em 1562) fora à empresa do Rio de Janeiro para com a sua arte de cantor e de músico, atrair, converter e captar os últimos Tamoios para a religião, e nós hoje dizemos, para a unidade do Brasil.

Não durou muito tempo depois disto. Dirigiu a Aldeia de Martim Afonso Arariboia (situada então por alturas da actual Praça Mauá) e parece que morreu, cantando, no dia 19 ou 20 de Janeiro de 1568. Quando os Cronistas narram a morte dalgum Padre ou Irmão, referem-se em geral à sua doença, aos sacramentos que recebem e as suas últimas palavras. A «Historia de la Fundación» diz: «Faleceu véspera de S. Sebastião no ano de 1568, estando o Bispo começando as vésperas de Pontifical, e foi a gozar do seu Criador sendo de idade de 52 anos». Frase incompreensível se não tiver relação com a morte de António Rodrigues. Em todo o caso, é uma referência de festa solene, que condiz bem com a vida do primeiro Mestre-Escola de S. Paulo, que foi soldado do mundo e de Cristo, e cantor ao divino; e de quem consta, que, como os sertanistas ou cantores ambulantes, andava sempre descalço nos seus caminhos, e neles e em toda a parte bem disposto e alegre. (Quanto à data da morte: a véspera de S. Sebastião é a 19 de Janeiro e assim se dá

às vezes, e nós nos incluimos neste número; mas as «vésperas de Pontifical» costumam ser segundas vésperas e portanto no próprio dia da festa à tarde: 20 de Janeiro).

Bras. 3 (1), 115v (Quadrimestre de Maio a Setembro de 1554); *Cartas de Nóbrega*, 185; *Cartas de Anchieta*, 39; *Cartas Avulsas*, 139, 156-157, 244-246, 407, 437; *Historia de la Fundación del Collegio del Rio de Enero*, 51v; António de Matos, *De prima Institutione Col. Flum. Ianuarii*, 22v-23; Vasconcelos, *Chronica*, Livro II, n.os 56-59; Leite, *António Rodrigues, soldado, viajante e Jesuíta português na América do Sul no século XVI* — Comunicação feita ao XXVI Congresso Internacional de Americanistas, Sevilha, 18 de Outubro de 1935, em «Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro», XLIX (1936) 55-73, e em «Páginas de História do Brasil» (São Paulo 1937) 116-136; *Um lisboeta ilustre do século XVI — António Rodrigues, soldado, conquistador e Jesuíta*, em «Boletim Cultural e Estatístico da Câmara Municipal de Lisboa», I (Lisboa 1937) 327-331; *Un cronista desconocido de la conquista del Rio de La Plata — António Rodríguez (1535-1553)* em «Reseña y trabajos científicos del XXVI Congreso Internacional de Americanistas» (Sevilha 1935), II (Madrid 1948) 168-180; *História*, I, 271-272; IX (*Biobibliografia* II) 81-83. (Há notícias de que também se imprimiu na Argentina em 1936, porque o diz Rodolfo Garcia na nota preliminar à publicação dos «Anais» (1936): «Para comemorar o IV Centenário da primeira fundação de Buenos Aires (Fevereiro de 1936) a Universidade daquela capital platina publicou essa carta em espanhol com o título — *Un cronista desconocido de la conquista del Rio de La Plata — Antonio Rodrigues (1536-1553)*. Cf. «Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro», XLIX, 57); *António Rodrigues, primeiro Mestre-Escola de São Paulo*, na «Brotéria», 55 (1952) 303-310; *A Cabana de António Rodrigues, primeiro Mestre-Escola de São Paulo (1553-1554)*, na «Brotéria», 56 (1953), 433-440.

RODRIGUES, ANTÓNIO (1540-*1583*-1614). Natural de Fronteira (Alentejo), onde nasceu por 1540. Vivia há muito em Pernambuco quando entrou na Companhia com 43 anos de idade, em 1583. *Hortelão*. Neste ofício agrícola, e outros de casa, trabalhou nas hortas e campos daquele Colégio. Homem de grande piedade. Entre as suas devoções era uma que, vivendo na Companhia 32 anos, foi aprender de cor os santos patronos, que lhe cabiam em sorte no princípio de cada mês, e os invocava diàriamente à maneira de ladainha, sempre pela mesma ordem; e quando alguém lhe pedia que os dissesse, não se fazia rogado e os repetia com facilidade. Faleceu no Colégio de Olinda a 28 de Dezembro de 1614 (ou 1615).

Bras. 5 (1), 25, 64; *Bras. 8*, 195v.

RODRIGUES, António (1663-*1682*-1726). Natural de Valença do Minho, onde nasceu a 21 de Outubro de 1663. Entrou na Companhia, com 19 anos de idade, a 31 de Julho de 1682. Missionário e *administrador de Fazendas* («fuit socius Missionarii et administrator praediorum»). Faleceu no Maranhão a 24 de Novembro de 1726.

Bras. 27, 42; *Lembrança dos Def.*, 6v; *Hist. Soc.* 52, 4.

RODRIGUES, Belchior (1601-*1641*-...). Natural de Santarém onde nasceu por 1601. Entrou na Companhia em Coimbra em 1619. Residia na Baía em 1641, com 40 anos de idade, como *ajudante do Procurador* do Colégio de S. Antão, P. Simão de Sotomaior. Pertencia à Província de Portugal.

Bras. 5 (1), 151v.

RODRIGUES, Domingos (1632-*1659*-1706). Natural de Arruda (Distrito de Lisboa), onde nasceu por 1632. Entrou na Companhia com 25 anos de idade, a 24 de Dezembro de 1657 (Cat. de 1658); e embarcou para o Brasil em fins de 1659 ou princípios de 1660, ficando algum tempo no Camamu a ajudar nas *pescarias*. Mas declara-se que é *pintor* e que para isso tem talento. Residia na Baía em 1663, e se dizia em 1667 que era *escultor*, e em 1670, *dourador* das esculturas e talha da Igreja nova (a que é hoje Catedral-Primaz). Assim se ocupou vários anos, incluindo o de 1679, a cujo tempo pertencem os quadros do altar mor, pintados em madeira, como as imagens de S. Inácio e S. Francisco Xavier das quais fala Ferdinand Denis: «Les peintures du maître-autel, représentant Ignace de Loyola ainsi que S. François-Xavier, sont peut-être les seules oeuvres remarquables qu'on trouve aujourd'hui à Bahia». Nem todos serão de opinião de Ferdinand Denis, nem é nossa intenção atribuí-los a Domingos Rodrigues. Afirma-se apenas que ele era o pintor do Colégio na data em que se fizeram. É uma pista que nada tem de incompatível com qualquer solução que se venha a dar a estes problemas que os documentos históricos vão suscitando aqui e além. Da Baía, o pintor foi passar uma temporada em Santos no exercício da sua arte e aí residia em 1683, o que leva consigo a estada em S. Paulo não se sabe quantos anos; e torna a achar-se na Baía, sempre no mesmo ofício, em 1692. Em 1694

diz-se que foi «dourador e pintor» em diversos lugares ; e classifica-se a sua arte : «pintor, regular ; dourador, insigne». Domingos Rodrigues faleceu na Baía, a 23 de Agosto de 1706.

Lus. 45, 222v (1658) ; *Bras. 5 (1),* 233v ; *Bras. 5 (2),* 30v, 33v, 66v, 85v, 110 ; *Hist. Soc. 51, 74 ;* Ferdinand Denis, *Brésil,* 235 ; Leite, *História, V,* 139 ; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil,* em AHSI, XX (1951) 221.

RODRIGUES, Francisco (1708-*1739*-1769). Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu a 1 de Julho de 1708. Entrou na Companhia, com 31 anos de idade, a 9 de Julho de 1739 (Cat. de 24 de Outubro de 1739). Era *enfermeiro* na Baía em 1745, e no mesmo Colégio, enfermeiro dos Escravos em 1757. Estava em 1760 no Colégio do Recife donde foi exilado, na perseguição geral, para Lisboa e Roma. Faleceu em Castel Gandolfo a 15 de Julho de 1769, segundo o «Apêndice», mas com datas para o nascimento e entrada que não conferem com os Catálogos do Brasil : 24 de Junho de 1715 e 9 de Janeiro de 1739. O mesmo em «Lettere Edificanti», que copiam o «Apêndice».

Bras. 6, 275 (1739), 348 ; Caeiro, *De Exilio,* 170 ; *Apêndice ao Cat. Port.,* 1903 ; *Lettere Edificanti della Provincia Romana* (Roma 1909) 389 ; Leite, *História,* VII, 433, 437.

RODRIGUES, João (1553-*1577*-1618...). Natural de Sanfins de Friestas (Minho), onde nasceu por 1553. Entrou na Companhia, em Évora, em 1577. Não consta o ano em que foi para o Brasil, talvez no mesmo de 1577, com o P. Gregório Serrão. Já estava em Pernambuco em 1583, onde em 1586 atendia aos Escravos. Em 1598 estava na Baía, com 45 anos de idade. Em 1600-1601 residia em Piratininga e em 1606-1607 no Colégio do Rio de Janeiro com a menção explícita de *enfermeiro,* que era. Ainda se encontrava no mesmo Colégio em 1617. Faleceu por 1618, pois já não consta do Catálogo de 1619. (Aparece um João Rodrigues em 1621, no mesmo Colégio do Rio de Janeiro, também natural do Couto de Sanfins, mas é outro, entrado na Companhia em 1617 e que em 1631 tinha 35 anos. Talvez da mesma família, pelo nome e naturalidade).

Bras. 5 (1), 25, 29, 38, 62, 65v, 83v, 117v, 132v ; Leite, *História,* I, 583.

RODRIGUES, Manuel (1630-*1661*-1724...). Natural de Ponta Delgada (Açores), onde nasceu por 1630. Entrou na Companhia em 1656, e embarcou, a 24 de Novembro de 1660, de Lisbia para a Missão do Maranhão, aonde chegou a 20 de Janeiro de 1661, surpreendendo-o pouco depois o motim do mesmo ano, voltando a Portugal. Embarcou de novo em 1663 e viveu longo tempo, revelando capacidade para diferentes cargos, entre os quais o de *enfermeiro* e *farmacêutico*, e também para as *artes de construção*. Trabalhou com os Índios Guajajaras do Rio Pinaré. Numa entrada ao sertão do mesmo rio, enquanto esperava no porto o Missionário, construiu seis canoas, que com mais três, que já tinham, serviram para descer os Índios. O «Motim do Estanco» (1684) obrigou-o a estar ausente quatro anos, em Pernambuco, até 1688, em que voltou. Tanto antes como depois, foi incansável. Entre as obras que realizou no Maranhão conhecem-se estas : a *construção das Salinas* com o Ir. Manuel da Silva, o saneamento dos pântanos de Anindiba, desaguando uma lagoa. Era a principal Fazenda do Colégio do Maranhão, e nela fez Igreja nova. Escreve Bettendorff: «É este Irmão grande fazendeiro, filho de um honrado lavrador da Ilha de S. Miguel, e o trouxe eu em o ano de 1660 para a Missão em a qual serviu sempre com grande louvor, sendo de muito préstimo para tudo. Tinha sua Fazenda mui bem governada, porque em isso ninguém lhe punha o pé adiante ; e, como é juntamente grande religioso, tinha levantado, com licença, uma bela Igreja nova, junto à velha muito infestada das formigas, e feito um retábulo de cedro, que podia aparecer em as melhores igrejas de cidade, *dando ele a traça*, e sendo os entalhadores Francisco, filho de Alonso, feitor da Ilha, e Mandu, com Miguel, carapinas de Fazenda» (p. 506). Em 1691 substituiu o Ir. Manuel da Silva, como *Mestre de Obras*, da Igreja nova do Maranhão (Catedral). Diz a notícia necrológica, redigida mais tarde («Lembrança»), que faleceu no Maranhão, a 4 de Junho de 1719. Mas o benemérito Irmão ainda vivia em 1724, com «94 anos de idade». Já não está no Catálogo de 1730. (Talvez aquele 1719 se deva ler 1729).

Bras. 27, 41v, 49 ; *Lembrança dos Def.*, 8v ; Bettendorff, *Chronica*, 81-83, 333, 506, 533-534; Leite, *História*, III, 194 ; IV, 82 ; IX (*Biobibliografia* II) 88.

RODRIGUES, Manuel (1687-*1712*-1753...). Natural de S. Miguel do Outeiro (Viseu), onde nasceu a 2 de Dezembro de

1687. Entrou na Companhia em 1712, chegando ao Maranhão no mesmo ano. (Confunde-se às vezes com o Ir. Manuel Rodrigues, dos Açores, então no Maranhão; mas o que chegou em 1712 foi este, de S. Miguel do Outeiro). Em 1722 era *administrador* do Engenho de aguardente do Colégio do Pará; em 1732 administrador das Fazendas de Gado do mesmo Colégio; e em 1744 tomava conta das suas embarcações («director cymbarum Collegii Paraensis»). De seu ofício particular era *barbeiro* («barbitonsor»), e teve ainda outras ocupações de casa, como a de *catequista* exímio tanto em português como em tupi. Residia em 1753 no Colégio do Pará, com 66 anos de idade. Faleceria pouco depois, antes de 1760, em cujo Catálogo não consta.

Bras. 27, 46, 61, 122v, 145v, 172, 189.

RODRIGUES, P. SALVADOR (1515-*1550*-1553). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1515. Entrou na Companhia em Coimbra, com 34 anos de idade, a 4 de Janeiro de 1549. Embarcou para o Brasil em 1550, na segunda expedição missionária em que também iam 7 órfãos portugueses para se fundar, com crianças índias, o Colégio dos Meninos de Jesus. Em breve contraiu o sezonismo (quartãs) e outras doenças. Achando-se melhor em 1552, encarregou-o o Superior de tomar conta do incipiente Colégio: «Tem cuidado dos Meninos e fá-lo muito bem» (Nóbrega); e ao mesmo tempo visitava as roças destinadas ao mantimento dos meninos presentes e futuros. A doença todavia nunca o abandonou de todo e embora fosse o único Padre a ficar na Baía, Nóbrega quando foi para S. Vicente, em vez dele deixou Superior local o Ir. Vicente Rodrigues. O P. Salvador faleceu na Baía a 15 de Agosto de 1553. Já lhe assistiu à morte o P. Luís da Grã, que chegara de Lisboa um mês antes com os seus companheiros da 3.ª expedição, entre os quais o Ir. José de Anchieta, que mais tarde lhe consagra umas linhas, conservadas por António Franco; e ao seu funeral assistiu também o P. Leonardo Nunes, que neste mesmo dia chegara de S. Vicente para levar Padres e Irmãos para aquela Capitania. «Enterramo-lo, diz Luís da Grã, na nossa igreja que, com ser de taipa, nunca até agora se pôde chegar a cobrir» [de telha]. Morreu [no ano de 1553] dia de Nossa Senhora da Assunção, de que ele era muito devoto; e certo que da sua vida era tão edificada toda esta terra, que não se nos devia tão depressa esquecer o bom exem-

plo que nos deixou. E até espaço de uma Avé-Maria antes de expirar falou sempre de Nosso Senhor com tanto sentimento e conhecimento da sua fraqueza, que os que nos achamos presentes temos muita lição para entender nossas vidas e consciências» (Grã). Assim faleceu santamente, e sabia-se que tomava conta dos Meninos; mas sucede que Salvador Rodrigues também era *cantor* e *músico*. E para tornar mais atraente a doutrina cristã naquele quadro ainda primitivo das matas, fez-se outro rei David à frente dos meninos índios. Acompanhava-o Gaspar Barbosa, um português desterrado, que os Padres converteram e se colocara ao serviço dos meninos. O Bispo, ao chegar, mostrou-se contrário à catequese, e como quem viera da Índia, confundindo os costumes dos Índios do Brasil com os ritos pagãos milenários dos Índios do Oriente, não soube distinguir o essencial do acidental, e não gostou. Acusa Gaspar Barbosa e o P. Salvador Rodrigues: «Achei que estes gentios se louvam de serem bons, pois os Padres tocavam seus instrumentos e cantavam a seu modo. Digo que os Padres tocavam, porque na companhia dos meninos, vinha um Padre sacerdote, Salvador Rodrigues, que tocava, dançava e saltava com eles» (Leite, II, 106). A aceitação de costumes indígenas, que nada têm de anti-cristãos, é para as ideias da evangelização moderna, título de glória. Agradece-se ao bom Bispo a manifestação por escrito, da sua displicência, porque sem ela se continuaria a desconhecer na actividade de Salvador Rodrigues este elemento positivo dentro dos métodos da primeira catequese realizada no Brasil sob a orientação de Nóbrega.

Lus. 43 (1), 3v; Carta de Luís da Grã, Baía, 27 de Dezembro de 1554, *Bras. 3 (1)*, 144v-145; *Cartas de Nóbrega*, 131; *Cartas Avulsas*, 77, 80, 112; Vasconcelos, *Chronica*, Livro I, § 118; Franco, *Imagem de Coimbra*, II, 215; *Ano Santo*, 457; Leite, *História*, I, 35; II, 106-107; *O Primeiro Embarque de Órfãos para o Brasil*, em *Páginas*, 79.

RODRIGUES, P. VICENTE (1528-*1549*-1600). Natural de S. João da Talha (junto de Lisboa), onde nasceu por 1528. Era filho de Antão Rijo e Isabel Jorge, e chamou-se a princípio Vicente Rijo, e depois Rodrigues. Entrou na Companhia, em Coimbra, a 16 de Novembro de 1645. Embarcou de Lisboa, com Nóbrega na primeira expedição missionária, que chegou à Baía a 29 de Março de 1549. E 15 dias depois, Nóbrega dá esta informação:

«O Ir. Vicente Rijo ensina a doutrina aos Meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever». Notícia e facto que o constitui *primeiro Mestre-Escola do Brasil.* Era Irmão e ficava-lhe tempo para trabalhar na horta vizinha, *hortelão,* ou *agricultor,* mandando-se vir para ele, de Portugal «muitas sementes», e ainda, para estar apto a ensinar o ofício aos Índios, começou a aprender o de *tecelão.* Todavia, não iria ser nem tecelão nem agricultor por ofício. A falta angustiosa de Padres numa região imensa, exigia abreviações de estudos, em que os novos Padres se não ficavam sàbios e permaneciam sem cultura teológica ou «idiotas» como então se dizia, podiam em todo o caso ser apóstolos na língua brasílica (tupi). Vendo Nóbrega o jeito de Vicente Rodrigues para levar meninos, o seu trato estimado com os Índios e a sua intrepidez contra a antropofagia, pensou em fazer dele Padre, e, com algumas lições de latim e casos de consciência, ordenou-se em 1553. E ainda nesse mesmo ano seguiu para o Sul. Andou pelas Aldeias ; foi Superior de S. Paulo de Piratininga, esteve na conquista do Rio de Janeiro ; voltou à Baía como Padre Espiritual; e por fim tornou ao Rio de Janeiro. Quando morreu, o Provincial Pero Rodrigues enviou a notícia ao P. Geral, nestes termos, que são o seu epitáfio: «Faleceu o P. Vicente Rodrigues, de cinquenta e um anos do Brasil, *plenus dierum,* de grande bondade, paz, humildade e edificação para com todos os de casa e os de fora». Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro, a 9 de Junho de 1600. Algumas das suas cartas foram traduzidas e publicadas em italiano.

Leite, *História,* IX (*Biobibliografia* II) 99-100 ; Id., *Vicente Rodrigues, primeiro Mestre-Escola do Brasil (1528-1600).* Separata da Revista «Brotéria», 52, Lisboa, Março de 1951 (13 págs.); Raul Briquet, *Educação,* no «Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros», 152.

RUBBIATI, João (1724-*1754*-1766). Natural de Milão, onde nasceu a 12 de Dezembro de 1724. Entrou na Companhia a 14 de Outubro de 1753. Cremos que chegou ao Brasil com o P. João Honorato em 1754. *Entalhador* de merecimento («optimus faber lignarius»). Trabalhava em 1757 nas obras do Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição, Baía, donde sobrevindo a perseguição geral, foi exilado para a Europa. Faleceu nos cárceres de Azeitão, a 20 de Março de 1766.

Apêndice ao Cat. Port., 1903 ; Leite, *História,* V, 154 ; VII, 434.

S

SÁ, VERÍSSIMO DE (1695-*1743*-1761). Natural de Fundões, Diocese de Lamego. (Um Catálogo escreve Fundão, mas todos os mais «Fundãoes» e sempre na Diocese de Lamego. Segundo Pinho Leal (v. «Fundões») havia esta Aldeia em Sobrado de Paiva, ainda então da Diocese de Lamego: hoje é da Diocese do Porto, Distrito de Aveiro). Nasceu em 1695 e entrou na Companhia, no Maranhão, com 48 anos de idade, a 3 de Agosto de 1743. Em 1751 dá-se o seu ofício: *administrador de Fazendas* («administrator praediorum»). Sobrevindo a perseguição geral foi exilado em 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios. Faleceu em Roma, no Palácio de Sora, a 1 de Março de 1761; e sepultou-se na Igreja do Gesù.

Bras. 27, 173; Fondo Gesuitico, 690 («Spese»); Leite, *História,* IV, 369.

SALIMBENE, JOSÉ (1642-*1663*-1722). Natural de Milão. onde nasceu por 1642. Entrou na Companhia em Lisboa para a Missão do Maranhão, recebido pelo Visitador Jacinto de Magistris. Entrou a 4 (mais tarde começaram a escrever 5) de Novembro de 1662, e tinha 20 anos de idade. Embarcou no ano seguinte para o Brasil. E aparece na Baía com o ofício de *carpinteiro* («faber lignarius»). Não foi para o Maranhão. E revelando outras qualidades aplicou-se de preferência a ofícios de casa, incluindo o de soto-ministro que era em 1694. O seu nome escreveu-se com diferentes grafias: Zallembeum, Zellembem, Selimbend, Solemben, Salemben. Desde 1679, deixando este sobrenome, aparece com o de Oliva *(Ir. José de Oliva).* Diz o seu necrológio que fora porteiro do Colégio da Baía, com edificação, durante 20 anos. Faleceu no mesmo Colégio, a 1 de Maio de 1722.

Bras. 5 (2), 9, 12v, 110; *Bras. 10,* 258v; Leite, *História,* V. 585, n.º 230.

SAMPAIO, P. JOÃO DE (1680-*1703*-1743). Natural da Abrunheira (Diocese de Coimbra), onde nasceu a 24 de Novembro de

1680. Entrou na Companhia a 13 de Maio de 1701, embarcando em 1703 para as Missões do Maranhão e Pará. Sendo ainda Irmão Estudante *«construiu e estabeleceu as Salinas de Curuçá»* («Livros dos Óbitos»). Depois foi ordenar-se a Portugal. Voltou em 1712 e constituiu-se o maior missionário do Rio Madeira, indo até ao Guaporé. e socorrendo eficazmente as expedições militares de reconhecimento português no alargamento do Brasil. Faleceu na Fazenda de Ibirajuba (Pará), a 22 de Janeiro de 1743.

Livro dos Óbitos, 30; Leite, *História,* III, 289, 400-401; VI, 214; IX (*Biobibliografia* II) 112.

SAMPERES, Gaspar de (1552-*1587*-1635). Natural de Valência, onde nasceu por 1552. Chegou ao Rio de Janeiro em 1582 na armada de Flores Valdés, e conta-se entre os 41 «povoadores» que iam na nau « Conceptión » para o Estreito de Magalhães: «En la nao Conceptiõ van estes pobladores: = El Capitan Ant.º de la Parra = Joan Muñoz = Alonso Ximenes Mondedosca = Fran.co Peres y su mujer = Fran.co Sanchez y su mujer y dos hijos = Baptista Antonelli, inginiero de los fuertes = Bartholomé de S. Pier, ayudante = Miguel de S. Pier = Gaspar de S. Pier». Continua a lista até completar as 41 «pessoas», com os nomes dos oficiais de «pedrero», «cantero», «carpintero», «texedor», etc. (Pastells). Parece tratar-se de três irmãos S. Pier; e, pelo nome, o chefe de engenheiros, Antonelli, dir-se-ia italiano. Gaspar seguiu na armada e voltou ao Brasil, onde entrou na Companhia em 1587. Já tinha estudado latim; ensinou-o durante 6 anos na Companhia, e, entretanto, estudou casos de consciência e ordenou-se sacerdote. Em 1598, com 46 anos, e já Padre, diz-se que é óptimo *arquitecto* e dá-o o Catálogo em Pernambuco. Tomou parte na conquista do Rio Grande do Norte e a descreve Pero Rodrigues: «Nesta jornada foram dois Padres: por Superior o P. Francisco de Lemos, e por seu companheiro o P. Gaspar de S. Peres, ao qual nomeadamente pediu o Capitão [Manuel Mascarenhas Homem], para lhe dar alguma boa traça do forte, que El-Rei lhe mandara fazer, como lha deu, porque sabia bem dessa arte e a exercitara em Espanha e no Brasil, antes de entrar na Companhia, quando professava a milícia» (cf. Leite, I). É a fortaleza dos Reis Magos, mais tarde reconstruída por Francisco de Frias de Mesquita, Engenheiro-mor do Estado do Brasil (Itamarati). Em 1601 Samperes

residia na Missão do Rio Grande do Norte, como «Prefeito das Obras» ; em 1610 na Aldeia de S. André de Goiana, «Arquitecto» ; em 1613 em Itambé, «Arquitecto». Período intensivo de construções. Andou pelas Aldeias do distrito de Pernambuco e em 1630 estava no Colégio de Olinda ao dar-se a invasão holandesa. Retirou-se com todos os mais, tomou parte na campanha de defesa, não obstante a sua idade avançada, e achava-se no Arraial do Bom Jesus quando o inimigo se apoderou dele em 1635. Preso e desterrado para as Índias de Espanha, faleceu, ainda dentro do mesmo ano, em Cartagena, cidade hoje na Colômbia.

Bras. 5 (1), 41v, 46, 50, 86v, 103v ; Pastells, *El Descubrimiento del Estrecho de Magallanes*, 552 ; Bibl. do Itamarati, Cod. I (sem p., ao meio) : *Apontamentos do Recife*, 11 de Janeiro de 1619; Leite, *História*, I, 516 ; V, 356, 358, 384.

SANCHES, MANUEL (1554-*1574*-...). Natural de «Vila Nova do Porto», onde nasceu por 1554. Entrou na Companhia na Baía, com 20 anos de idade, em Maio de 1574. *Pintor*, e com habilidade. Consta a notícia do Catálogo do próprio ano em que entrou (1574). O seguinte, que é de 1584, não traz o seu nome.

Bras. 5 (1), 12.

SANTOS, ANTÓNIO DOS (1733-*1753*-1760...). Natural de Aveiro, onde nasceu a 23 de Novembro de 1733. Entrou na Companhia, com 20 anos de idade, a 19 de Agosto de 1753. Era *farmacêutico* em exercício no Colégio da Baía em 1757. Estava no Rio de Janeiro e ficou nessa cidade em 1760 na perseguição geral.

Caeiro, *De Exilio*, 280 ; Leite, *História*, VII, 434, 437.

SANTOS, FRANCISCO DOS (1706-*1737*-1774...). Natural de Braga, onde nasceu a 5 de Abril de 1706. Entrou na Companhia, com 30 anos de idade, a 1 de Fevereiro de 1737. *Enfermeiro* no Colégio do Espírito Santo em 1739. Ocupou-se de preferência em outros ofícios de casa. E era em 1757, no Recife, soto-ministro e encarregado das três oficinas próprias das subsistências, dispensa, cozinha e refeitório. Exilado, em 1760, na perseguição geral, do Recife para Lisboa e Estados Pontifícios, vivia em Pésaro em 1774; e faleceu antes de 1780. (Na lista de 1774 tem a cruz dos que faleceram antes de 1783, e já não consta na relação de 1780).

Bras. 6, 244v, 253 ; Fondo Gesuitico, 690 (1774) ; Leite, *História*, VII, 433, 451.

SEQUEIRA, António de (1701-*1725*-1760...). Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu a 25 de Junho de 1701. Entrou na Companhia a 17 de Junho de 1725, com o nome de António da Silva (Catálogos de 1725 e 1732). *Cirurgião* e *enfermeiro* dos Escravos. Trabalhou no Real Hospício de Aquirás (Ceará) onde residia em 1745, no Colégio do Recife em 1748 e na Fazenda de Santa Cruz (Rio de Janeiro) em 1757. Sobrevindo a perseguição geral, ficou no Rio de Janeiro em 1760, na suposição de serem inválidas as dimissórias do Bispo. (Também se escrevia Siqueira).

Bras. 26, 140 (1725), 170v (1732), 375v, 386, 413v, 432; Caeiro, *De Exilio*, 290.

SERRÃO, P. Gregório (1527-*1553*-1586). Natural de Sintra, onde nasceu por 1527. Embarcou para o Brasil em 1553. *Enfermeiro* e *cirurgião* e o primeiro da Companhia que exerceu a flebotomia no Brasil. O segundo foi Anchieta, que assim o conta em 1555: «Neste tempo que estive em Piratininga, que foi mais de um ano, servi de albeitar algum tempo, isto é, de médico daqueles Índios; e isto foi sucedendo ao Ir. Gregório [Serrão], o qual, por mandado do P. Nóbrega, sangrou alguns índios sem nunca o ter feito senão então, e viveram alguns dos que se não tinha esperança, porque outros muitos daquelas enfermidades eram mortos. Partindo-se o Ir. Gregório, fiquei eu em seu lugar». Gregório Serrão ordenou-se depois de sacerdote, foi missionário, pregador em português e tupi, Reitor do Colégio da Baía (e Vice-Provincial), e Procurador a Roma. Faleceu no Espírito Santo a 25 de Novembro de 1586. Homem de confiança e prestimoso.

Carta autógrafa de Anchieta aos Irmãos Enfermos de Coimbra, de S. Vicente, a 20 de Março de 1555, *Epp. NN. 95*, 87-88. Trecho suprimido em *Cartas de Anchieta*, 63; Leite, *A carta de José de Anchieta aos irmãos enfermos do Colégio de Coimbra e o que tem de inédito*, na «Brotéria», LIII (Lisboa 1951) 295; Id., *História*, IX (*Biobibliografia* II) 123-124.

SILVA, Bernardo da (1710-*1737*-1780). Natural de S. João de Brito (Minho), onde nasceu a 10 (ou 20) de Janeiro de 1710. Entrou na Companhia em Lisboa, para as Missões do Maranhão e Pará, a 1 de Março de 1737, e no mesmo ano chegou ao seu destino. *Escultor* capaz («sculptor habilis»). A sua actividade foi quase toda no Maranhão, como Mestre da oficina de carpintaria e enta-

lhe do Colégio ; e com o cargo também de soto-ministro dos Irmãos Noviços ; e ainda em 1751 estava como escultor e soto-ministro agora de todo o Colégio. Ao sobrevir a perseguição geral seguiu em 1760, para o exílio de Lisboa e Estados Pontifícios. Vivia em Pésaro em 1774, com o nome completo de família, *Bernardo da Silva Salgado*, nascido a 20 de Janeiro de 1710. Faleceu antes de 1780. Na Relação de 1774 traz a cruz dos que faleceram antes de 1783 e já não consta na lista de 1780. (Convém saber que em 1774 vem a seguir outro Bernardo da Silva, da Província de Portugal, nascido em Carcavelos, a 31 de Agosto de 1710, que faleceu depois em Urbânia a 10 de Setembro de 1785. A indicação é útil para evitar a natural confusão de pessoas, nascidas no mesmo ano, e iguais no nome. Por isso, certamente, o da Vice-Província do Maranhão e Pará teria acrescentado o segundo sobrenome de Salgado).

Bras. 27, 122, 146, 173 ; Fondo Gesuitico, 690 (1774) ; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1902, n.º 528 ; de 1903, n.º 91 (Maranhão) ; Leite, *História*, IV, 354, 367.

SILVA, FRANCISCO DA (1695-*1717*-1763). Natural de Lisboa, onde nasceu a 4 de Dezembro de 1695. Entrou na Companhia na Baía, com 22 anos de idade, a 2 de Julho de 1717 (Catálogos de 1718 e 1725 : mais tarde, o 2 da entrada transformou-se em 5). *Enfermeiro* e insigne *farmacêutico* («insignis pharmacopola»). Esteve no Colégio da Baía muitos anos seguidos, passando depois para o Sul, algum tempo em S. Paulo (1732) e no Rio de Janeiro, onde se demorou até o ano de 1737. Foi então mandado a Pernambuco a reorganizar os serviços da Farmacia de Olinda, e já aí estava em 1738. Da sua actividade dá conta a Ânua de 1739-1740. Era grande a penúria de medicamentos. Com a presença do Ir. Francisco da Silva houve abundância não só para o Colégio, que deixou de os comprar, mas também para a gente de fora, vendendo-se aos ricos (aos pobres davam-se de graça, como era costume) ; esta fabricação de remédios ajudou o Colégio até econòmicamente e o aliviou de dívidas que tinha. (Nec huic oneri summopere levando, minus contulit Pharmacopolium quod emptis olim a Collegio pharmacis, neque sibi neque Collegio necessaria suffecerant ; nunc eximia Pharmacopolae Fratis Francisci a Sylva activitate, que ante alios excellit, necessarias sibi provisiones ex proprio penu mercatur, aegris medicamenta suppeditat et Collegio lu-

crifacit». O Ir. Francisco da Silva deve ter trabalhado também na Farmácia do Recife, que preponderava já sobre a de Olinda. Preparava os medicamentos usados na Farmacopeia Geral do seu tempo, quer de autores portugueses, Curvo Semedo, Jacobo de Castro e João Cardoso de Miranda, quer de estrangeiros, como Carlos Muzitano. Da sua lavra — e isto já é Farmacopeia Brasileira — há notícia de onze: um contra insónias e dores de cabeça, um emético, um vesicatório, dois vermífugos, um contra a anemia, um anti-sifilítico, e quatro contra as doenças de pele, por onde parece ter sido esta a sua especialidade farmacêutica, importante sem dúvida em climas tropicais. Constam os nomes destes específicos, os ingredientes que entram em cada um (com o respectivo peso e medida), processo de laboratório, virtudes de cada qual, aplicação e dose, na «Colecção de Receitas». O Ir. Francisco da Silva estava na Baía em 1745 e 1746 e ainda (não há Catálogos intermédios) em 1757, já então doente. Da Baía, saiu exilado em 1760, na perseguição geral para Lisboa e Estados Pontifícios. E faleceu em Roma a 19 de Setembro de 1763.

Bras. 6, 123v (1718), 140 (1725), 246, 325, 372; *Bras. 10*, 395v (Ânua); «Collecção de Receitas», *Opp. NN. 17*, 131-132, 173-174, 183-185, 195-196, 211-212, 420-421, 456-457, 467-468, 470-471; Caeiro, *De Exilio*, 126; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903, n.º 239; Leite, *História*, V, 426.

SILVA, INÁCIO DA (1710-*1732*-1760...). Natural do Recife, onde nasceu por 1710. Entrou na Companhia, com 22 anos, a 15 de Novembro de 1732. *Enfermeiro* no Colégio do Rio de Janeiro (1738, 1739, 1743). Em 1757 era soto-ministro e porteiro no Colégio de Olinda. Na perseguição geral passou para o Colégio de Recife, e no momento em que embarcava com os mais Padres Irmãos para o exílio, o Comandante do navio não o aceitou por estar com doença contagiosa. E ficou em terra, que era a sua própria, sem querer largar a roupeta e recusando a pensão diária, de 200 reis, que se lhe oferecia se a deixasse: e que o que queria era seguir a sorte dos seus Irmãos. «Utinam constanter perseveret!» — concluiu Francisco da Silveira.

Univ. Gregor. 138, Silveira, *Narratio*, 134, n.º 181; Caeiro, *De Exilio*, 168; Leite, *História*, VII, 433, 449.

SILVA, JOÃO DA (1691-*1709*-1768). Natural de Pousadela, em Nogueira da Regedoura (Feira), onde nasceu a 14 de Junho de

1691. Entrou na Companhia a 12 de Novembro de 1709. Ocupou-se em diversos ofícios, entre os quais o de *Mestre de Meninos*, o de soto-ministro, e o de *enfermeiro* dos Escravos do mesmo Colégio (1743). Depois de residir algum tempo no Recife, voltou ao Colégio de Olinda, onde estava em 1757 e era enfermeiro dos Escravos e da Comunidade, e *farmacêutico* («pharmacopola»). Não obstante, diz-se, neste mesmo ano de 1757, que o seu particular gosto era cuidar da Igreja e ensinar Meninos. Sobrevindo a perseguição geral, foi exilado em 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios ; e faleceu em Roma a 12 de Fevereiro de 1768.

— Andam em seu nome dois opúsculos impressos : «Explicação da Doutrina Christã» e «Hinos de alguns Santos». Pela natureza dos títulos catequéticos, estas obras estão de acordo com aquele seu duplo e particular gosto para cuidar da igreja e ensinar meninos. E o «curriculum vitae» mostra que era homem de capacidade.

Bras. 6, 162v, 332, 406v ; Leite, *História*, IX (*Biobibliografia* II) 124-125.

SILVA, JOAQUIM DA (1722-*1742*-1788...). Natural do Recife, onde nasceu a 29 (ou 9) de Dezembro de 1722. Entrou na Companhia na Baía, com «20 anos de idade», a 23 de Novembro de 1742 (Cat. de 1744). Em 1745 era *ajudante do Procurador* no Colégio da Baía ; e em 1757 cuidava da Igreja do mesmo Colégio, donde três anos depois, na perseguição geral, seguiu exilado para Lisboa e Estados Pontifícios. Ainda vivia em Pésaro em 1788. Cf. SILVA, Luís da. (No Cat. de 1744 o nome do Ir. Joaquim da Silva vem junto do Ir. Clemente Martins e ao primeiro se aplicou a referência de «faber lignarius», que deve pertencer ao segundo, de quem se sabe, com certeza, que era carpinteiro).

Bras. 6, 348 (1744) ; Leite, *História*, VII, 433.

SILVA, LUÍS DA (1696-*1731*-1761). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1696. Entrou na Companhia, na Baía, com 35 anos, a 23 de Fevereiro de 1731. Ocupou vários ofícios de casa, e em 1741 era soto-ministro e *enfermeiro* no Colégio de Santos. Ao sobrevir a perseguição geral foi exilado para Lisboa e Estados Pontifícios, falecendo, em Roma, a 28 de Março de 1761. (No «Apêndice ao Cat. Português de 1903» no nome Luís Joaquim da Silva,

vem esta data da morte, e com ela os dados que não pertencem ao Ir. Luís da Silva, mas ao Ir. Joaquim da Silva. São dois. Este último ainda vivia em Pésaro em 1774, em 1780 e em 1788, com os dados que o identificam : nascido no Recife em 1722. (Ver SILVA, Joaquim da).

Bras. 6, 324v ; Fondo Gesuitico, 690 (1744) ; A. H. U., Relação de D. Henrique de Meneses (1780) ; *Apêndice ao Cat. Português,* 1903 ; Castro, *Portugal em Roma,* II, 383 ; Leite, *História,* VII, 432.

SILVA, MANUEL DA (1628-*1661*-1705). Natural de Ferreira («lusitanus Ferreirensis, Dioec. Bracharensis»), onde nasceu a 17 de Fevereiro de 1628. Embarcou em Lisboa a 24 de Novembro de 1660, e chegou ao Maranhão a 20 de Janeiro de 1661. Sobrevindo o motim deste mesmo ano, ele, como postulante ou noviço, que ainda era, ficou sòzinho a tomar conta do Colégio de N. S.ª da Luz até à restituição dos Padres no ano seguinte. Já homem feito, quando chegou (tinha 33 anos), o Ir. Manuel da Silva, de notável capacidade, esteve à frente de quase todas as construções que então se realizaram, segundo as notícias de Bettendorff. Nas do Colégio do Pará, em 1669 foi «*director das obras* o Ir. Manuel da Silva» (pp. 254, 295). As da Igreja do Maranhão foram feitas «com a assistência do Ir. Manuel da Silva que até a arte de *pedreiro* sabia por sua curiosidade» (p. 304-305). Quando os Padres fizeram as *Salinas* do Maranhão, cometeu-se a tarefa aos Irmãos Manuel Rodrigues e Manuel da Silva. Ao Ir. Manuel Rodrigues coube a construção do tanque e das valas, e ao Ir. Manuel da Silva, a «disposição das marinhas e fábrica delas, e da casa, de taipa de pilão». E, quando «dantes com muita antecedência se alcançavam uns alqueires do sal que vinha do Reino, e havia contínua falta dele, assim para o Colégio como para a roça e para a gente da Fazenda», depois «bastou, não só para a casa e roça, mas para ajudar a república toda» (p. 305). A seguir às Salinas, a *Olaria*. Construiu-se, na Ilha de S. Marcos, a «Casa de Olaria com seu forno, o que tudo fez o Ir. Manuel da Silva, com suas mãos ajudado dos Índios seus aprendizes». Fabricavam-se «telhas, tijolos, quartas, púcaros, e semelhantes coisas». Ficou encarregado João Oleiro, que não era da Companhia, mas pertencia ao pessoal do Colégio (p. 307). Era difícil ir à Ilha de S. Marcos : o Ir. Manuel da Silva fez «uma passagem de pedra, pela qual homens e meninos passassem a seu gosto

com maré vazia» (pp. 308, 405). Estava no Maranhão quando sucedeu o «Motim do Estanco» por causa do qual passou quatro anos em Pernambuco (1684-1688). À volta, reataram-se os trabalhos e em 1690, durante o reitorado do P. Diogo da Costa, lançou-se a primeira pedra da nova Igreja do Colégio (a actual Catedral do Maranhão). Estavam presentes o Capitão-Engenheiro Pedro Carneiro de Azevedo e o Capitão Domingos de Almeida. O Ir. Manuel da Silva, *Mestre das obras,* fez a esquadria do lugar, assistido do mestre pedreiro Francisco Pereira, e Lucas Nunes. E abertos os alicerces, lançou-se a primeira pedra (502-503). A este primeiro Mestre de Obras, substituiu depois outro Mestre de Obras, o Ir. Manuel Rodrigues, com mais saúde. O Ir. Manuel da Silva, com os seus 77 anos, faleceu no Maranhão a 8 de Outubro de 1705.

Bras. 26, 12v; *Bras. 27,* 13; *Hist. Soc. 51,* 85; Bettendorff, *Chronica,* 151-153, 166, 195, 254, 295, 304, 305, 307, 308, 455, 502-503; Leite, *História,* III, 121, 139; IV, 70, 82.

SILVA, TOMÁS DA (1718-*1745*-1783...). Natural do Recife, onde nasceu a 3 de Outubro de 1718. Entrou na Companhia com 26 anos, a 12 de Junho de 1745. *Ajudante do procurador* do Colégio da Baía em 1757. Sobrevindo a perseguição geral foi exilado para Lisboa e Estados Pontifícios em 1760. Vivia em Pésaro em 1774 e ainda em 1783 o Ir. Coad. «Tomaso da Sylva Lampim» com a data do nascimento a 18 de Setembro de 1719. Sem embargo desta diversidade, aparece na Relação de D. Henrique de Meneses, de 27 de Abril de 1780, em Pésaro, o Ir. «Tomas da Silva Lamparim», de 62 anos de idade, de acordo com o ano de 1718. O que parece indicar a sua identidade com o Ir. Tomás da Silva, do Recife.

Bras. 6, 394v; Fondo Gesuitico, 390 (1774); Caeiro, *De Exilio,* 124; *Apêndice ao Cat. Port.,* 1903; Leite, *História,* VII, 433, 438.

SILVA, TOMÉ (ou TOMÁS) DA (1614-*1655*-1666). Natural da Cidade de Beja, onde nasceu por 1614. Era Capitão em exercício no Rio de Janeiro, quando entrou, na Companhia, na Baía, a 11 de Outubro de 1655, para a classe de Irmãos Coadjutores. Pouco depois do noviciado, passou a Pernambuco, onde foi professor de primeiras letras, e assim aparece em Olinda em 1659; no ano seguinte residia na Casa do Recife, em organização, e aí continuava em 1663, de novo com o cargo de *Mestre de Meninos* e com 49 anos

de idade. Faleceu em Pernambuco, a 28 de Julho de 1666. (As referências, que vimos, são em latim «Tomas», única forma para as duas portuguesas de Tomé e Tomás).

Bras. 5 (1), 234 ; *Bras. 5 (2),* 11 ; Fondo Gesuitico, 721 ; *Hist. Soc.* 48, 133v.

SILVEIRA, João da (1676-*1695*-1726). Natural do Porto, onde nasceu por 1676. Entrou na Companhia, com 19 anos de idade, a 26 de Dezembro de 1695. Era *escultor* e *carpinteiro* («scultor et faber lignarius») e bastante entendido na sua arte («satis versatus»). Em 1716 trabalhava nas obras da Aldeia de S. Inácio de Campos Novos (Rio de Janeiro). Revelando tino administrativo, parece que o seu ofício passou para segundo plano, porque em 1720 é *procurador* («procurator praedii») da Fazenda de Araçariguama (S. Paulo). Em 1722 residia em Santos ; e como só havia dois Irmãos, estavam a seu cargo a portaria e a Igreja (com pessoal menor, para garantir os serviços). Não tardou em voltar à Baía e seguiu logo para a Aldeia de Natuba, onde se edificava igreja nova. Faleceu em Natuba (depois Soure) a 14 de Abril de 1726.

Bras. 6, 8, 23, 31, 58v, 72, 114v ; *Hist. Soc. 52,* 121 ; Leite, *História,* V, 586, n.º 283 ; VI, 395, 411.

SILVEIRA, Manuel da (1666-*1716*-1744). Natural de Valença (Minho), onde nasceu a 19 de Setembro de 1666. Entrou na Companhia pela segunda vez, a 30 de Julho de 1716 (Cat. de 1718). *Enfermeiro* dos Escravos em 1740. Foi soto-ministro e sobretudo porteiro ; e tão discreto que parecia responder às perguntas, que lhe faziam, mais com obras do que com palavras. Faleceu no Colégio da Baía a 18 de Outubro de 1744.

Bras. 6, 99v (1718), 310 ; *Bras. 10,* 419 ; *Hist. Soc. 53,* 107.

SIMÕES, Francisco (1660-*1690*-1714). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1660. Entrou na Companhia, com 30 anos de idade, a 5 de Junho de 1690. Era *carpinteiro* («faber lignarius») na Fazenda de Tejupeba (Sergipe) em 1692. Mas em breve, por ter dotes para isso, começou a ser *administrador das Fazendas.* Faleceu no Colégio do Recife a 25 de Setembro de 1714.

Bras. 10, 95; Leite, *História,* V, 586, n.º 272.

SIMÕES, Manuel (1691-*1715*-1766). Natural de Cantanhede (Coimbra), onde nasceu a 19 de Março de 1691. Entrou na Companhia na Baía com 24 anos de idade, a 10 de Julho de 1715. *Enfermeiro*. Era este o seu ofício no Colégio da Baía em 1719, no do Rio de Janeiro em 1720, no de Olinda em 1735 e ao mesmo tempo soto-ministro. Esteve ainda na Casa da Paraíba do Norte em 1745 e na Aldeia dos Paiacus (Ceará) em 1757. Iniciada a perseguição geral, voltou à Baía; e daí seguiu exilado em 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios. Faleceu em Roma a 1 de Abril de 1766.

Bras. 6, 99v, 102, 110, 195, 375v; Caeiro, *De Exilio*, 124; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Leite, *História*, VII, 450.

SOARES, António (1711-*1731*-1739...). Natural da Cidade de S. Paulo, onde nasceu a 11 de Fevereiro de 1711. Entrou na Companhia, na Baía, com 20 anos, a 9 de Novembro de 1731 (Cat. de 1732: a data do nascimento dá margem a dúvida, se será 11 ou 1). Em 1735 era *farmacêutico* do Colégio do Rio de Janeiro («bonus pharmacopola»). Ainda consta no Cat. de 1739, não já em 1740.

Bras. 6, 173 (1732), 194, 274v.

SOUSA, Domingos de (1667-*1688*-1725). Natural de S. Cecília de Vilaça (Minho), onde nasceu por 1667; filho de Bento Soares e sua mulher Cecília Álvares. Entrou na Companhia, com 21 anos de idade, a 31 de Outubro de 1688. Trabalhou em ofícios de casa nos Colégios de S. Paulo e Rio de Janeiro; em 1716 era *administrador* do Engenho de Araçatiba (Espírito Santo) e aí permaneceu algum tempo nesse período intensivo de organização e construções. Homem de competência e extraordinária mansidão; quando alguém o ofendia ou se enfurecia contra ele, continuava tão tranquilo como se nada fosse. Faleceu no Colégio do Rio de Janeiro a 5 de Janeiro de 1725.

Bras. 10, 274v; *Processo de Anchieta*, 49 (Proc. do Rio, 1716); *Elenchus Impressus Def.*; Leite, *História*, V, 586, n.º 267; VI, 155.

SOUSA, Gaspar de (1591-*1618*-1658). Natural de Arrifana de Sousa (Penafiel), onde nasceu por 1591. Entrou na Companhia na Baía, com 27 anos de idade em 1618. Trabalhou em *couros* e

peles («coriarius») e exercitou ofícios de casa. Homem de grande observância e modéstia religiosa. Faleceu na Baía, a 17 de Julho de 1658.

Bras. 5 (1), 134, 248v; *Bras. 9*, 59.

SOUSA, José de (1629-*1648*-1663...). Natural da Ilha Terceira, onde nasceu por 1629. Entrou na Companhia no Rio de Janeiro com 19 anos, em 1648. *Sapateiro*. Tinha sido *ajudante do enfermeiro* no Colégio do Rio de Janeiro; em 1654 residia no Colégio de Santos e outra vez no Rio em 1657 no exercício da sua arte de sapateiro. Em 1659 era companheiro do Provincial, achava-se na Baía em 1660; e consta do Catálogo de 1663, não já no de 1667.

Bras. 5 (1), 189v, 202v, 222, 232v.

SOUSA, Lourenço de (1697-*1718*-1769). Natural de Lisboa, onde nasceu a 9 de Agosto de 1697 («Apêndice»). Entrou na Companhia, na Baía, com 20 anos, a 1 de Fevereiro de 1718. *Farmacêutico* («pharmacopola»). Passou alguns anos no Camamu e depois em S. Paulo, onde em 1735 além de Farmacêutico era enfermeiro e, como soto-ministro, superintendia a diversas oficinas da Casa, em particular a Igreja, Portaria e Rouparia. Havia só outro Irmão para as restantes oficinas, donde se segue que eram directores delas com pessoal doméstico para assegurar o serviço. Como Farmacêutico e Enfermeiro continuou Lourenço de Sousa em S. Paulo até 1739. Em 1740 estava no Rio como *enfermeiro*, donde seguiu para a Baía, e se ocupou, por ser já idoso, em ofícios de menos responsabilidade. Residia na Aldeia de Serinhaém ao sobrevir a perseguição geral. Exilado em 1760 da Baía para Lisboa e Roma, faleceu em Castel Gandolfo, a 1 de Novembro de 1769.

Bras. 6, 194v, 254; Caeiro, *De Exilio*, 126; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; *Lettere Edificanti della Provincia Romana*, 389; Leite, *História*, VII, 432.

SOUSA, Manuel de (1662-*1682*-1691...). Natural da Baía, onde nasceu por 1662. Entrou na Companhia, com 20 anos de idade, a 1 de Fevereiro de 1682. *Dourador*. Deixou de pertencer à Companhia em 1691.

Bras. 5 (2), 81; *Bras. 6*, 66v.

T

TAVARES, Anselmo (1712-*1749*-1767). Natural de Vila de Santa Maria («ex opp. S. Mariae»), onde nasceu a 20 de Julho de 1712. Entrou na Companhia a 25 de Julho de 1749. Residia em 1757 no Colégio da Baía com o ofício de *pedreiro* («faber murarius») e era considerado bom *canteiro* («bonus lapicida»). Atingido na perseguição geral e exilado em 1760 para Lisboa e Estados Pontifícios, faleceu em Roma a 21 de Setembro de 1767. (O Apêndice traz assim a naturalidade: «Sobral, Porto»).

Bras. 6, 414, 434; Caeiro, *De Exilio*, 124; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Leite, *História*, VII, 434, 438.

TAVARES, Pero (1571-*1589*-1607...). Natural de S. Vicente, onde nasceu por 1571. Era «mameluco» e entrou na Companhia na Baía, com 18 anos de idade, em 1589. *Sapateiro*. Exerceu ofícios de casa. Viveu alguns anos no Colégio do Espírito Santo, e em 1607 no do Rio de Janeiro no exercício da sua arte. Deixou de pertencer à Companhia pouco depois, antes de 1610, em cujo Catálogo não consta.

Bras. 5 *(1)*, 40v, 65v.

TEIXEIRA, João (1661-*1686*-1695). Natural de Vila Nova (Diocese de Braga), onde nasceu por 1661. Entrou na Companhia em 1686. Em 1692 era *enfermeiro* do Colégio do Rio de Janeiro, onde ainda residia em 1694 com 33 anos de idade. Faleceu no mar (não se diz como: talvez a caminho da Baía) a 14 de Agosto de 1695.

Bras. 5 *(2)*, 88; *Bras.* 6, 114; *Hist. Soc.* 49, 156v; Bibl. Vitt, Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6.

TEIXEIRA, Sebastião (1709-*1738*-1760...). Natural de Montalegre (Trás-os-Montes), onde nasceu a 21 de Julho de 1709. En-

trou na Companhia, na Baía, com 29 anos, a 14 de Agosto de 1738 (datas certas: Cat. de 1739). Em 1745 era soto-ministro do Colégio da Baía e no ano seguinte, ajudante do farmacêutico, ofício que ainda ocupava em 1748. Depois assumiu o cargo de *farmacêutico* («bonus pharmacopolae») e o era em S. Paulo em 1757. Aí o surpreendeu a perseguição geral de 1759. Passou ao Colégio do Rio de Janeiro e ficou nesta Cidade em 1760.

Bras. 6, 275 (1739), 372, 379, 383v; Caeiro, *De Exilio*, 280; Leite, *História*, VII, 447.

TELO, Barnabé (1542-*1583*-1590). Natural da cidade de Jaén, onde nasceu por 1542. Entrou na Companhia em 1558. O P. Visitador Cristóvão de Gouveia levou-o como companheiro ao Brasil, chegando à Baía a 9 de Maio de 1583: « Daí a três ou quatro dias adoeceu o Ir. Barnabé Telo, esteve muito ao cabo, foi sangrado sete vezes, e purgado, tinha grande fastio e com vinho se lhe foi » (Cardim). Acompanhou sempre o Visitador nas viagens às Casas e Colégios do Brasil. Passaram o Natal de 1583 na Baía: « Tivemos pelo Natal um devoto presépio, na povoação aonde algumas vezes nos juntávamos, com boa e devota *música*, e o Ir. Barnabé nos alegrava com seu berimbau » (Cardim). O Natal de 1584 foi no Rio de Janeiro, e o Ir. Barnabé fez o mesmo. O seu parecer, nas obras que então se executavam no Brasil foi útil. Porque «o Ir. Barnabé Telo, que servira o P. Mestre Simão, sabia quase todos os ofícios, era *pedreiro, oleiro, carreiro, alfaiate, carpinteiro*, e todos estes ofícios fazia bem» (Franco). Voltou a Portugal com o P. Visitador em 1589, e com ele foi cativo e brutalmente maltratado por piratas franceses, que os abandonaram no mar da Biscaia, conseguindo aportar a Santander. Dali entraram em Portugal, por Bragança, tomando o caminho de Lisboa (Cardim). Barnabé Telo pouco sobreviveu aos maus tratos, falecendo no Colégio de S. Antão (Lisboa) a 19 de Julho de 1590.

Bras. 5 (1), 21v; *Lus.* 42, 6v; *Hist. Soc.* 42, 20v; Cardim, *Tratados*, 286, 301, 345, 368-371; Franco, *Imagem de Évora*, 178; Leite, *História*, II, 492.

TINOCO, Pedro (1561-*1584*-1630). Natural de Rendufe (Braga), onde nasceu por 1561. Entrou na Companhia em 1584; e em 1607 dizia-se que tinha 46 anos de idade. *Carpinteiro* («faber lignarius»). Em 1589 ainda estava na Baía, mas em breve passou para Boipeba e a seguir para a Residência do Rio da Trindade

(1604) no Camamu, centro principal da sua actividade («arte fabrili»), em que trabalhou sempre com diligência própria e satisfação alheia. Faleceu na Baía em 1630, no dia 25 de Julho (8.º Kal. Aug.).

Bras. 5 (1), 69; *Bras.* 8, 411v; Leite, *História*, I, 580; V, 199, 200.

TOMÉ, FILIPE (1631-*1658*-1686...). Natural de Santarém, onde nasceu por 1631. Entrou na Companhia em Lisboa a 15 de Outubro de 1651, e ainda estava em Lisboa em 1658. Embarcou para o Brasil por então, porque aparece no Rio de Janeiro em 1659, como *ajudante do enfermeiro*. Em 1663 trabalhava nas *pescarias* do Camamu; em 1667 era *Mestre de Meninos* no Colégio do Recife; e em 1670 porteiro e encarregado das oficinas da Casa. Diz-se em 1679 que tinha sido soto-ministro alguns anos em Pernambuco; e o era de novo em 1683 no Colégio de Olinda. Parece que faleceu depois de 1686 e antes de 1692. (Não o vimos no Catálogo deste último ano, nem tão pouco entre os saídos da Companhia neste período).

Bras. 5 (1), 223v; *Bras.* 5 (2), 31v, 34v, 45, 65, 80v; *Lus.* 45, 116v, 218v.

TORRES, JOSÉ DE (1642-*1663*-1704). Natural de Milão, onde nasceu por 1642. Entrou na Companhia em Lisboa, com 20 anos de idade, a 4 (mais tarde começaram a escrever 5) de Novembro de 1662, recebido pelo Visitador Jacinto de Magistris, que o levou consigo no ano seguinte para a Baía. Era *carpinteiro* destinado à Missão do Maranhão, mas ficou no Brasil no exercício de sua arte, sobretudo nas Aldeias e Fazendas: Em 1667 estava na Baía, em 1679 nas Fazendas de Gado do Colégio, como *companheiro do Administrador*, em 1683 na Aldeia dos Paiaiases (Camamu), em 1692 em Tejupeba (Sergipe), e aqui com a designação de *construtor de canoas* («cymbarum fabricator») e parece que aí ficou até à morte. Quanto à sua arte, dá-se como bom carpinteiro e perito na construção de canoas («Novit bene artem fabri lignarii; et est in navigiis minoribus fabricandis peritus»). Faleceu na Residência de Sergipe (Tejupeba), a 20 de Dezembro de 1704.

Bras. 5 (2), 9v, 12v, 30v, 43, 61v, 85v; *Hist. Soc.* 51, 168; Leite, *História*, V, 585, n.º 229; VI, 596; VII, 251.

TORRES, MANUEL (1725-*1744*-1760...). Natural de Coimbra, onde nasceu a 19 de Novembro de 1725. Entrou na Compa-

nhia na Baía, a 26 de Março de 1744. Em 1746 achava-se encarregado da Biblioteca do Colégio da Baía, com a designação de *livreiro* («librarius»); e em 1748 era refeitoreiro («architriclinus»). Passou depois ao Rio de Janeiro, onde em 1757 tinha o cargo de soto-ministro. Ficou no Rio em 1760.

Bras. 6, 379, 394v; Caeiro, *De Exilio*, 280; Leite, *História*, VII, 443.

TRAER, João Xavier (1668-*1703*-1737). Natural de Brixen (Tirol), onde nasceu a 23 de Outubro de 1696. (No Catálogo austríaco: Treur). Embarcou de Lisboa para as Missões do Maranhão e Pará em 1703. Tinha talento de *pintor* e *escultor*, e em 1723 era escultor em exercício. Deixou os púlpitos da Igreja de S. Francisco Xavier do Colégio de S. Alexandre do Pará (hoje Seminário, cujos docéis são no estilo barroco da Europa Central, sua pátria, e na feitura dos quais colaboraram os Índios, seus discípulos. Reproduzimos na «História» duas fotocópias destes vistosos púlpitos. Traer era homem não só de senso artístico, mas também de notável aptidão e capacidade para dirigir homens e para os ministérios temporais. Nos últimos anos estava à frente de diversas oficinas do Colégio do Pará e era soto-ministro. Diz o seu necrológio que trabalhou muito nas obras do Colégio como escultor e pintor e em quase todas as Fazendas do mesmo Colégio. Em 1730 estava à frente da de Mamaiacu (Porto Salvo). Utilizavam-se nestas diversas obras as boas madeiras do Rio Itapicuru (Maranhão), e Traer dirigia o transporte delas, quando numa destas viagens marítimas naufragou na costa do Pará, diante da Aldeia de Maracanã. Tinha 68 anos feitos e ainda o trouxeram com vida para terra, mas faleceu no dia seguinte, 4 de Maio de 1737. O P. Geral, que em 1734 lhe concedera os sufrágios da Província de Áustria, em que havia entrado na Companhia, sentiu grandemente a morte deste benemérito Irmão.

Bras. 25, 61, 88; *Bras.* 27, 22, 32, 47v; *Austr.* 126 (2), 597v; *Livro dos Óbitos*, 28-28v; Leite, *História*, III, 292/293 (gravura); V, 600; IX (*Biobibliografia* II) 152/153 (gravura), 165; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 226.

TRIGUEIROS, Domingos (1651-*1671*-1732). Natural de Ponte de Lima, onde nasceu por 1651. Entrou na Companhia na Baía, com 20 anos de idade, a 24 de Julho de 1671. *Carpinteiro* («faber lignarius»). Trabalhou primeiro na Baía e em 1683 residia

no Espírito Santo e já era grande *entalhador* («scriniarius egregius»); e depois nas obras da Igreja do Recife, onde se escrevia dele (1692-1694) que era bom artista de torno e de entalhe («in tornando et in scriniis faciendis»). Em 1701 diz-se simplesmente escultor («sculptor»). Os últimos anos passou-os no Colégio da Baía; e na sua oficina, de carpintaria e entalhe, não se distinguia dos escravos seus discípulos, que com ele exerciam o mesmo ofício não cedendo a ninguém no trabalho. Faleceu, octagenário, no Colégio da Baía, a 19 de Abril de 1732.

Bras. 5 (2), 67, 87, 111v, 131v, 151v; *Bras.* 6, 7v, 22, 163; *Bras.* 10, 341; Leite, *História*, V, 585, n.º 239.

TRISTÃO, Manuel (1546-*1568*-1621...). Natural dos Açores (Faial ou Santa Maria), onde nasceu por 1546. (O Cat. de 1574 diz Faial, o de 1607 Santa Maria: o primeiro tem por si a circunstância de estar presente Manuel Tristão). Entrou na Companhia na Baía, com 22 anos de idade, a 19 de Maio de 1568. *Enfermeiro*. Foi-o muitos anos do Colégio da Baía. Passou depois a Pernambuco: residia em 1606 no Colégio de Olinda; em 1607 na Aldeia de S. André de Goiana; e de 1613 a 1617 na de Nossa Senhora da Escada. Vivia, velhinho, no Colégio de Olinda em 1621. E faleceu em data não averiguada antes de 1631, em cujo Colégio já não consta. Ainda então não era uso no Brasil chamarem boticários aos Irmãos que faziam medicamentos. Mas ele foi o *primeiro boticário ou farmacêutico da Companhia no Brasil*. Deixou uma breve «Colecção de Receitas Medicinais», conhecida de Purchas em 1625 («Hakluytus Posthumus or Purchas his Pilgrimes», ed. de Glasgow (1905-1907), vol. XVI, 418).

Bras. 5 (1), 13, 72; Leite, *História*, V, 340, 342; VIII, 133; IX (*Biobibliografia* II) 167.

V

VALE, Bernardo do (1663-*1683*-1740). Natural de Lisboa, onde nasceu por 1663. Entrou na Companhia, com 20 anos de idade, a 1 de Junho de 1683. Foi *enfermeiro* dos Escravos e da Comunidade; e *ajudante do procurador* em diversos Colégios: de Olinda (1692), do Recife (1694), do Rio de Janeiro (1716); e também soto-ministro dos Irmãos Juniores (Baía). Entre as suas devoções notaram-se mais a que tinha a Nossa Senhora, a de ajudar à missa (a 6 Padres) e a de ganhar indulgências: conta a Bienal que indo a Roma (decerto como companheiro dalgum Procurador) alcançou muitas do Santo Padre. Faleceu na Baía, a 11 de Novembro de 1740, segundo o Catálogo. (Em *Hist. Soc.* dá-se o mesmo dia; e a Bienal, sem indicar o ano, traz o dia 6 de Novembro).

Bras. 5 (2), 81v, 113v; *Bras.* 6, 104v, 313v (Catálogo); *Hist. Soc.* 52, 35v; *Bras.* 10, 397 (Bienal).

VAZ, Manuel (1716-*1741*-1798). Natural de Sobreira, onde nasceu a 10 de Dezembro de 1716. (No «Apêndice ao Cat. Port.» diz-se que a 15 de Dezembro de 1715 e classifica-se a terra: Sobreira, Diocese da Guarda). Entrou na Companhia a 4 de Agosto de 1741. Era *alfaiate*. Em 1745 superintendia nos serviços de dispensa, cozinha e refeitório do Colégio de Olinda; e em 1757 residia na Aldeia de Parangaba, Ceará. Atingido pela perseguição geral, e exilado para os Estados Pontifícios, vivia em Pésaro em 1788 e faleceu a 3 de Junho de 1798. — Na Itália adoptou o nome da terra natal e chamava-se Manuel Vaz Sovreira (Fondo Gesuitico) ou Manuel Vaz Sovereira (Relação).

Bras. 6, 348, 375; Fondo Gesuitico, 690; A. H. U., Relação de D. Henrique de Meneses (1780); Caeiro, *De Exilio*, 170; *Apêndice ao Cat. Port.*, 1903; Castro, *Portugal em Roma*, II, 383; Leite, *História*, VII, 450.

VELHO, Francisco (1619-*1641*-1666...). Natural de Aviz (Alentejo), onde nasceu por 1619. Entrou na Companhia na Baía,

a 15 de Novembro de 1641. Em 1646 residia na Baía, com 27 anos e o cargo de soto-ministro. Acompanhou o P. João Luís, como este declara, na Guerra de Pernambuco contra os invasores holandeses, junto com o Camarão e Henrique Dias. Em 1657 era *ajudante do procurador* no Colégio do Rio de Janeiro, onde ainda estava em 1663; e ainda vivia a 25 de Julho de 1666, data daquela declaração do P. João Luís sobre a sua volta da guerra. E é a última referência que dele vimos.

Bras. 5 (1), 168, 206v; Leite, *História*, V, 362, 369; VIII (*Biobibliografia* I) 325.

VELHO, Rodrigo (1589). Residia no Colégio da Baía em 1598: «dispenseiro e *sapateiro*». — Há dificuldade na sua identificação, porque não consta do Catálogo precedente (1586), nem do seguinte (1598) em que já não pertencia à Companhia.

Bras. 5 (1), 32, 52v.

VELOSO, Leandro (1615-*1633*-1669). Natural da Cidade de Braga, onde nasceu por 1615. Entrou na Companhia na Baía, com 18 anos, em 1633. Em 1641 era soto-ministro e em 1646, *Ajudante do Procurador* no Colégio do Rio de Janeiro; voltando à Baía, ocupava em 1654 o mesmo ofício na Procuratura do Colégio e ao mesmo tempo era sacristão; e em 1660 *administrava* o *Engenho da Pitanga* («Sacchareae Pitanguensi praeest»). Daqui passou para a *Procuratura Geral do Brasil em Lisboa*, como companheiro do Procurador (P. João Pimenta), e já aí se encontrava em 1663. Faleceu na mesma Cidade de Lisboa a 11 de Junho de 1669. Não há Ânua para referir as suas virtudes e qualidades naturais, que as devia ter quem apresenta uma folha de serviços como esta.

Bras. 5 (1), 153v, 171v; *Bras.* 5 (2), 1v, 10v, 31; *Hist. Soc.* 48, 96.

VIANA, Manuel (1649-*1667*-1698...). Natural de Viana do Castelo (Minho), onde nasceu por 1649. Entrou na Companhia, na Baía, com 18 anos, a 23 de Agosto de 1667. Já estava no Colégio de Olinda em 1670, passando em breve para o Engenho do mesmo Colégio de que era *administrador* em 1683. Também aparece como *procurador* do Colégio de Olinda. Foi *Mestre de Meninos* ainda no mesmo Colégio e a seguir no do Rio de Janeiro, de que era porteiro em 1694. Deixou de pertencer à Companhia em 1698.

Bras. 5 (2), 65v, 80v, 111, 149v; *Bras.* 6, 66v.

VIEIRA, António (1681-*1723*-1750). Natural da freguesia de Nossa Senhora da Graça (Diocese do Funchal), onde nasceu em «1681». Filho de Manuel Vieira e sua mulher Francisca Sardinha. Soldado pago no Pará durante 17 anos, com o nome de António Rodrigues (da avó paterna). A 21 de Janeiro de 1723 concede-lhe o Governador João da Maia da Gama licença para entrar na Companhia de Jesus. Entrou a 6 de Outubro do mesmo ano de 1723. Foi *enfermeiro* do Colégio do Maranhão algum tempo (era-o em 1732); e *administrador* da olaria do mesmo Colégio em 1742. Administrou ainda algumas Fazendas agrícolas, e faleceu no Maranhão a 22 de Junho de 1750.

Bibl. de Évora, cód. CXV/2-12, 128; *Bras. 27*, 51v, 116, 185v.

VIEIRA, Francisco (1562-1581-1591...). Natural de Ilhéus, onde nasceu por 1562. Entrou na Companhia com 19 anos, em 1581. *Sapateiro*. Exercia a sua arte em 1584. Em 1586 *ensinava «a ler e escrever»* no Colégio da Baía, e o mesmo em Pernambuco em 1589. Deixou de pertencer à Companhia em 1591.

Bras. 5 (1), 22, 28, 33; *Bras. 15*, 373.

VIEIRA, Marcos (1629-*1659*-1712). Nasceu na Rua Chã, da Cidade do Porto, em 1629. Entrou na Companhia a 15 de Novembro de 1649; e chegou ao Maranhão em 1659. Obrigado a sair da Missão no «Motim do Estanco» de 1584, foi de Pernambuco a Lisboa com o P. Bettendorff (que ia da Baía) e com ele voltou ao Maranhão em 1688. Tinha-lhe dado o P. Geral licença para ficar na Pátria, mas preferiu voltar para ser sacristão de Nossa Senhora da Luz do Colégio do Maranhão, de que era grande devoto. Foi *pintor* ou *decorador*, curioso, não de profissão. Em 1691, durante a construção da Igreja nova, demoliu-se a velha com o fim de se utilizarem os materiais; e escreve Bettendorff que a sacristia nova se adaptou a igreja provisória: «fez-se-lhe uma capela-mor forrada de todas as partes com suas tribunas e grades pintadas por ambas as bandas. Pintou o Ir. Marcos Vieira, por invenção sua, a capela toda. Pôs-se-lhe o altar com o sacrário e a Senhora, posta em riba, em seu lugar. Depois de rebocada e branqueada toda a obra, destinou-se para sacristia um cubículo, que dantes tinha servido de classe aos estudantes, com que deu uma obra tão bela e engraçada, que alegrava a todos que entravam nela, dizendo alguns: para quê mais

igreja além desta, que é tão bonita?» O bom gosto de Marcos Vieira manifestou-se ainda noutras ornamentações de ocasião, como as da Semana Santa. Faleceu no Maranhão a 20 de Agosto de 1712.

Bras. 27, 10; *Lembrança dos Def.*, 3v, *Elenchus Impressus Def.*; Bettendorff, *Chronica*, 519, 632; Leite, *História*, IV, 338; Id., *Pintores Jesuítas do Brasil*, em AHSI, XX (1951) 228.

VIEIRA, Simão (1564-*1605*-1650). Natural de Óbidos, onde nasceu por 1564. Entrou na Companhia em Évora em 1587. Foi alguns anos missionário de Angola, passando para o Brasil em 1605. *Enfermeiro*. A sua actividade repartiu-se entre a Baía e o Rio de Janeiro. Esteve no Camamu e em S. Sebastião (Capanema) na fundação do primeiro Engenho de Açúcar da Companhia e ainda residia no Colégio da Baía em 1621. Seguiu depois para o Rio de Janeiro, onde já estava em 1631 e onde faleceu a 21 de Janeiro de 1650.

Bras. 5 (*1*), 59v, 111, 199v; Bibl. Vitt. Em., f. ges. 3492/1363, n.º 6; Rodrigues, *História*, III/2, 363, 364; Leite, *História*, V, 200, 268.

X

XAVIER, Domingos (1658-*1681*-1732). Natural de Tomar, onde nasceu por 1658. Entrou na Companhia na Baía, com 23 anos, a 5 de Abril de 1681. *Carpinteiro* («faber lignarius», 1683), *escultor* («sculptor», 1692), *artista de marcenaria fina* («scriniarius», com clssificação de «optimo», 1694), bom escultor («bonus sculptor», 1701). Trabalhou na Baía muitos anos seguidos, coincidindo a sua actividade com as obras da Igreja (hoje Catedral-Primaz), sacristia e capela interior. Passou depois a Pernambuco, onde em 1694 era entalhador e escultor da Igreja do Colégio do Recife (hoje do Espírito Santo, com a igrejinha anexa da Congregação). Aí aparece ainda em 1716. Em 1720 ocupava-se nas obras do Noviciado da Jiquitaia (Baía). Tornou a Pernambuco, pois estava presente no Recife em 1722, regressando à Baía. A sua actividade artística de entalhador e escultor, pelo que está averiguado, repartiu-se entre a Baía e o Recife, em particular este último. Homem extremamente humilde que sabia louvar os outros e diminuir-se a si. Faleceu na Baía, com 74 anos de idade, a 5 de Março de 1732.

Bras. 5 (2), 85v, 151; *Bras.* 6, 113v, 163; *Bras.* 10, 340v: Leite, *História*, V, 585. n.º 249.

XAVIER (DAVIS ?), Francisco (1711-*1745*-1761). Natural da Escócia, onde nasceu por 1711. Chamava-se Francisco David (Francis Davis ?) quando entrou na Companhia, no Brasil, a 23 de Novembro de 1745, com 34 anos de idade. Convertera-se ao Catolicismo e baptizara-se na Ilha do Príncipe. Era *piloto* («bonus nauclerus») e sucedeu nesse cargo por 1747, ao Ir. Pedro de Aguiar. Foi o último piloto da Fragata da Província, por sobrevir a perseguição geral. Exilado para Lisboa e Itália, faleceu em Roma no Palácio de Sora a 18 de Abril de 1761. E sepultou-se na Igreja do Gesù.

Fondo Gesuitico, 690 (« Spese »); Leite, *História*, VII, 256-257.

APÊNDICES

I

«Collecção de Receitas»

Arquivo : ARSI, *Opp. NN. 17.*

Medida : 140 × 210mm.

Páginas : [I-XVIII]-610-[I-LX] : 688.

Papel : vergé, bom e forte.

Encadernação : sólida em cartão revestido de carneira, com cercadura e cantos dourados, assim como o corte das folhas.

Lombada : Com vincos e dourados e o título : COLLECÇÃO / DE RECEITAS / PARTICULAR.

Conteúdo
(Letra de diversas mãos e ortografias)

Pág.	
[I-IV]	[*Em branco*]
[V]	COLECÇÃO / DE / VARIAS RECEITAS / E / SEGREDOS PARTICULARES / DAS PRINCIPAIS BOTICAS / DA NOSSA COMPANHIA / DE PORTUGAL, / DA INDIA, DE MACÁO, E DO BRAZIL / COMPOSTAS, / e experimentadas pelos melhores MEDICOS, E BOTICARIOS / MAIS CELEBRES / que tem havido nessas partes. / AUMENTADA / com alguns indices, e noticias muito curiosas, / e necessarias para a boa direcção, / e acerto contra as / enfermidades. / [*Desenho do Coração de Jesus : só o coração, com coroa de espinhos e cruz*] / EM ROMA AN. M.DCC.LXVI. / com todas as licenças necessarias. [*Letras feitas à mão, primorosamente, tanto as maiúsculas como as minúsculas, imitando a imprensa*].
[VI]	[*Em branco*]
[VII]	Dedicatoria ao Coração Santissimo de Jesus
[VIII-X]	[*Em branco*]

Pág.	
[XI]	*[Gravura colorida, que ocupa toda a página representando o Coração de Jesus, isolado, circundado da coroa de espinhos, rodeado de chamas, e encimado por uma cruz, em fundo azul escuro, com uma cercadura de nuvens povoadas de anjos]*
[XII-XII]	Prólogo ao Leitor
1	**A** [*Letra desenhada, com uma águia*]
1-2	Agoa Cordial Bozoartica solutiva. Curvo na sua Poliantea, p. 844
3-4	Ambar concertado. Da Botica do Collegio da Bahia
5	Agoa Anti-Venerea de Madama Focquet
6	Agoa Anti-Venerea chamada da Salsa. Autora D. Lourenza
7-8	Agoa Anti-Venerea da Botica do Collegio do Recife. Do Cirurgião Manuel dos Santos
8	Agoa Anti-pleuritica do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
9	Agoa antipleuritica. Curvo na sua Poliantea, p. 308
10	Agoa Benedita. Da Botica do Collegio do Recife
11	Agoa Arterial. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
11-12	Agoa Anti-hidropica. Curvo na sua Poliantea, p. 474
12	Agoa Anti-Asmatica. Curvo na sua Poliantea, p. 294
13	Agoa contra-vermes. Curvo na sua Poliantea, p. 399
13-14	Agoa de Canella. Da Botica do Collegio da Bahia
14-16	Agoa de Cordova optima. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
16-18	Agoa de Inglaterra. Que se costuma fazer na Botica de S. Antão
18-19	Agoa de Milicia. Composta. Da Botica do Collegio de S. Antão
19-20	Agoa Febrefuga. Da Botica do Collegio de Macao. Optima
20-21	Agoa Febrefuga. Para Terçans, e Quartans
21	Agoa Otalmica. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
22	Agoa Otalmica. Romana. Da Botica do Collegio do Recife. Autor o Doutor Jozé de [*em branco o sobrenome*]
23	Agoa para obstruçoens e Itericia. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
24	Agoa Contra Figado. De qualquer qualidade que seja
24-25	Agoa para Cancros
25-26	Agoa Febrefuga
26-27	Agoa Cordial Bosoartica contra Bexigas e Sarampo. Curvo, Poliantea, p. 741
28-32	[*Em branco*]
33	Agoa Perlarum. Carlos Mussitano, e Aminzk
33-34	Agoa Perlarum. Uzual. In Officina Joannis Schorderio

Pág.	
34-35	Agoa Theriacal. De João Cardozo de Miranda
35-36	Agoa Salgada
36-37	Agoa Otalmica. Da Botica do Collegio de Macäo
37-38	Agoa Prodigiosa. Da Botica do Collegio de Macäo
38-39	Amendoada Refrigerante
40-44	[*Em branco*]
45	**B** [*Letra desenhada, com uma borboleta*]
46-48	[*Em branco*]
49-50	Balsamo Catholico. De Carlos Muzitano
50	Balsamo Catholico. Para as Molheres.
51-52	[*Em branco*]
53-54	Balsamo Estomacal. Da Botica do Collegio de Macao
54-57	Balsamo contra Parlezia. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
57-58	Bezuartico de Curvo. Da Botica do Collegio de Macao
58-59	Balsamo de Fezes de Ouro. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
59-60	Balsamo para Empigens. Do ▶. Boticario Manuel Diniz
61-64	[*Em branco*]
65-66	Balsamo Apopletico. Das Boticas dos Collegios de Macao, e Bahia. Optimo. [*À margem:*] Balsamo Apopletico da Botica do Collegio da Bahia
67-68	Balsamo Apopletico. Das Boticas dos Collegios de Macao. e da Bahia. Optimo para Molheres [*à margem:*] Balsamo Apopletico da Botica do Collegio da Bahia
68	Balsamo Apopletico. Da Botica de S. Roque
69-70	[*Em branco*]
71-72	Besoartico do Curvo singular contra febres malignas. Da Botica do Collegio do Recife
73-76	[*Em branco*]
77	**C** [*Letra desenhada, com uma cobra picando um cravo*]
77-78	Candeias, velas ou mechas
78-79	Caustico ou Massa optima contra Cancros
80	[*Em branco*]
81-83	Caçoula admirável da Botica do Collegio da Bahia
83-84	Calcinação de cobre
34-85	Cataplasma contra Esquinencia. Curvo, p. 277
86-87	Conserva de Ameixas purgativas
87-88	Conserva de Caroba. Da Botica do Collegio da Bahia
88	O Clarificado de Assucar se faz deste modo
89	Cozimento Cordeal de Curvo, simples
89-90	Confeição Anti-Scorbutica. De João Cardoso de Miranda
91-92	Cozimento. Para toda a Casta de Defluxoens. De Curvo, p. 268

Pág.	
92	Cozimento Anti-Scorbutico. De João Cardoso de Miranda
93	Outro do mesmo Autor. Para quem tem febre
94-95	Cozimento. Para adoçar gonorreas. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
95-96	Cozimento. Para a Virgindade perdida. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
96-97	Outro para o mesmo. Da Botica do Collegio da Bahia
97-98	Conserva Angelica
99-100	Cachundê do Japão. Da Botica do Collegio de Macão
100	Cachundé Optimo. Da Botica do Collegio de Macão
101	Cebo confeito
102	[*Em branco*]
103	**D** [*Letra desenhada, com uma doninha*]
103-104	Digestivo Optimo. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
104-105	Dia-tartaro reformado
106-112	[*Em branco*]
113	**E** [*Letra desenhada, com uma estrela e* [*h*]*era enroscada*]
113-114	Emplasto. De Athanasio Lourenço
114-115	Emplasto Attrahente. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
115-116	Emplasto para dores de Cabeça. Da Botica do Collegio da Bahia
116-117	Emplasto Disolvente. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
117-118	Emplasto de Enxofar. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
118-119	Emplasto de Spermacete sem goma
119-120	Emplasto admiravel para a Espinhella. Da Botica do Collegio da Bahia
120-121	Outro admiravel. Da Botica do Collegio de S. Roque
121-122	Emplasto Geminis
123	Emplasto para Hernia Carnoza
124-125	Emplasto Magistral pardo. De D. João
125-126	Emplasto contra Roturas. Da Botica do Collegio do Recife
126-128	Emplasto Sigillado. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
128-129	Emplasto de Tabaco. Do Ir. André da Costa. Da Botica do Collegio da Bahia
129	Emplasto para dores de dentes
130-131	Emplasto para a Madre
131-132	Emplasto para matar Lombrigas do Ir. Boticario Francisco da Silva
133-134	[*Em branco*]
135	Emulsão de Escorcioneira. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho

Pág.	
136-137	Emulsão Regia. Da Botica do Collegio da Bahia
137-138	Encerados para secar leite. Da Botica do Collegio da Bahia
138-139	Ethiope Mineral com fogo
139-141	Emplastro Vulnerario Magistral, chamado comummente Unguento do Padre Costa. Da Botica do Collegio de Macão
141-142	Emplastro para a Gota. Da Botica do Collegio de Macão
142-143	Emplastro negro composto. Da Botica do Collegio de Macão
143-144	Espirito de Mindereri
144-145	Emulsão Optima. Contra polluçoens involuntarias
145-146	Emplastro amarello Espanhol optimo
147-154	[*Em branco*]
155	**F** [*Letra desenhada, com uma fuinha, flores e figos*]
156-162	[*Em branco*]
163	**G** [*Letra desenhada, com um galo e um gato*]
164	[*Em branco*]
165-166	Graons para Fontés. Do Ir. Boticario Francisco da Silva
167-172	[*Em branco*]
173	**H** [*Letra desenhada, com a figura de Hércules menino*]
173-174	Hercules Infans. Do Ir. Boticario Francisco da Silva
175-182	[*Em branco*]
183	**J** [*Letra desenhada, com flores de jacinto*]
183-185	Jalea Optima de ponta de Veado. Do Ir. Boticario Francisco da Silva
186-192	[*Em branco*]
193	**L** [*Letra desenhada, com um lagarto e lírios*]
193-194	Laudano liquido. Sedenhão
194-195	Laudano Opiado Sinabarrino
195-196	Leite Virginal. Do Ir. Boticario Francisco da Silva [Composto de água de pedra-ume e fezes de ouro, com vinagre branco]
196-197	Licor Esterico
197-198	Linimento para Almorreinas
198-199	Linimento para empigens e sarna. Da Botica do Collegio de Macao
199	Linimento para Empiges
199-200	Linimento admiravel para estancar vomitos
200-201	Limonea Purgativa. De Jacob de Castro Sarmento
201-202	Limonea solutiva Romana
203-210	[*Em branco*]

Pág.	
211	**M** [*Letra desenhada, com dois macacos e um melro*]
211-212	Manteiga de Chumbo. Do Ir. Boticario Francisco da Silva
212-214	Massa. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho. Para tomar o fluxo de sangue das Hemorragias
214-215	Massa para Cezoens. Da Botica do Collegio do Rio de Janeiro
215-216	Massa para Sezoens. Da Botica do Collegio de Macao
216-217	Massa para Sezoens. Da Botica do Collegio de S. Antão
217-218	Massa Turquesca
219-220	Mercurio Sublimado. Doce
221-222	Mercurio doce lavado
223	Mercurio Alkalissatus
223-224	Massa Optima. Para mordeduras de Caens dannados. Da Botica do Collegio de Evora
225	Manteiga de Chumbo. Da Botica do Collegio de Macão
226-230	[*Em branco*]
231	**N** [*Letra desenhada, com um ninho e seu passarinho*]
232-238	[*Em branco*]
239	**O** [*Letra desenhada, com um ouriço cacheiro*]
239-241	Olio de Bicuibas expresso. Da Botica do Collegio da Bahia
241-242	Olio de Erva da Costa. Da Botica do Collegio da Bahia
242-244	Olio Real de Euphorbio. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
224	Olio da Matta. Do Ir. Boticário Manuel de Carvalho
244-245	Olio expresso de Bolotas. Curvo. Polianth. fol. 377
245	Olio de Ouro. Curvo, Atalaia da Vida, p. 690
246-247	Oleo ou Balsamo de Balsamina
247-249	Oleo para Espasmos ou Convulssoens. Do Grão Duque de Toscana. Mandado por elle ao Duque de Cadaval
249-250	Oleo de Apparicio. Da Botica do Collegio de Macão
250-251	Oleo de Canella. Da Botica do Collegio da Bahia
252-253	Oleo de Ouro
254-256	[*Em branco*]
257	**P** [*Letra desenhada, com um papagaio e outro pássaro*]
257-259	Panacea Mercurial da Botica do Collegio da Bahia
259	Pastilhas Anti-hidropicas
260-261	Pedras de Cobra de Dio
262-264	Pedras Cordiaes. Chamadas comummente de Gaspar Antonio. Da Botica do Collegio de S. Paulo de Goa
265	Pedras de Gaspar Antonio reformadas. Da Botica do Collegio de Goa
266-267	Pedra Basar artificial. Da Botica do Collegio de Macâo

Pág.	
308-314	[*Em branco*]
315-316	Pomada cheirosa. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
316-317	Pomada contra as dores de madre. Da Botica do Collegio de Macâo
318-319	Pomada de Spermacete. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
319-320	Pôz contra lombrigas. Da Botica do Collegio de Macâo
320	Pôz para o mesmo admiraveis
320-321	Pôz para o mesmo. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
322	Poz magistrais solutivos
322-323	Poz do Marquez para quêdas
323-324	Poz anti-neofriticos. Da Botica do Collegio de Evora
324-325	Poz anti-pleuriticos. Da Botica do Collegio de Evora
326	Poz para quem não logra o que come
326-327	Poz contra febres malignas, e outras quaisquer
327-328	Poz cornachinos
328-329	Poz dobrados simples
330-342	[*Em branco*]
343	**Q** [*Letra desenhada*]
344	[*Em branco*]
345-348	Quintilio Optimo. Da Botica do Collegio da Bahia
349-354	[*Em branco*]
355	**R** [*Letra desenhada, com uma raposa, duas rosas e um botão de rosa*]
356	[*Em branco*]
357-360	Resina de Batata. Como se fas. Da Botica do Collegio da Bahia
360-361	Rosa Solis optima. Da Botica do Collegio da Bahia
362-370	[*Em branco*]
371	**S** [*Letra desenhada, com uma sereia*]
372	[*Em branco*]
372-375	Solimão Optimo. Da Botica do Collegio da Bahia
376-380	[*Em branco*]
381	**T** [*Letra desenhada, com um texugo*]
382	[*Em branco*]
383-384	Talhadas para sangue pella boca. Curvo, p. 186
384-386	Tartaro Emetico optimo. Da Botica do Collegio da Bahia
387-388	Tintura adistringente. Da Botica do Collegio de Macáo
388-390	Tintura de alambre. Da Botica do Collegio da Bahia
390-391	Tintura de Coral Optima
391-392	Tintura de Coral. Do Ir. Boticario Manoel de Carvalho

Pág.	
392-393	Tintura de Coral de João Cardozo de Miranda
394-395	Tintura Estomacal. Da Botica do Collegio de Macào
396-397	Tintura para sangue pella boca. Da Botica de S. Roque
397-399	Tizana Laxativa Mompliacensis. Da Botica do Collegio do Recife
400-406	Triaga Brasilica Celeberrima em todo aquelle novo Mundo da Botica do Collegio da Bahia
407-410	Noticias do Antidoto, ou nova Triaga Brasilica que se faz no Collegio da Companhia de Jesus da Bahia
410-412	Noticia breve dos lugares, onde se achão alguns Simpleces, que compoem a Triaga sobredita
413-418	Triaga Optima da Botica do Collegio Romano
418-419	Virtudes da celeberrima Triaga da India, chamada do Sul, feita pelos Bracmenes
420-421	Triaga contra Lombrigas. Do Ir. Francisco da Silva
422-423	Tintura ante-colica, ou carminativa
424-425	Trociscos de estancar sangue. Do Curvo
425-426	Trociscos de estancar sangue
426-427	Trociscos de Fiorabanto. Do Curvo
427-428	Trociscos de Jararacas
428-429	Trociscos de Fiorabanto. Da Botica do Collegio de Macâo
430-431	Tintura Odontalgica para dor de dentes. Optima
432-440	[*Em branco*]
441	**V** [*Letra desenhada, com um veado e violetas*]
442	[*Em branco*]
443-444	Vinho dioretico. Curvo, p. 552
444-445	Vinho contra Tirizia. Da Botica do Collegio de Evora
445-447	Vinho contra sangue pella boca. Da Botica do Collegio de Evora
448-449	Vinho febre-fugo. Do Ir. Boticario Manuel [de] Carvalho
449-450	Vinho febre-fugo. Da Botica do Collegio do Rio de Janeiro
451-452	Vinho Emetico solutivo
452-453	Vinho Emetico. Da Botica do Collegio da Bahia
454	Unguento chamado do S. Borja. Optimo para chagas antigas, e incuraveis
455	Unguento amarello. Da Botica do Collegio da Bahia
456-457	Unguento de azougue. Da Botica do Collegio da Bahia. Do Ir. Boticario Francisco da Silva
457-458	Unguento de Cantaridas potente. Da Botica do Collegio da Bahia. Do Ir. Boticario Francisco da Silva
458-460	Unguento Caustico. Da Botica do Collegio da Bahia. Para tirar lobinhos, cancros, verrugas, etc. [à margem :] Caustico branco.
460-461	Unguento caustico. Para o mesmo. Do Ir. Boticario Francisco da Silva

Pág.	
462	Unguento Celeste. Do Ir. Boticario Manuel [de] Carvalho
463-464	Unguento para comechoens de corpo. Da Botica do Collegio da Bahia
464-465	Unguento desobstruente. Do Ir. Boticario Manuel [de] Carvalho
465-466	Unguento desobstruente. Da Botica do Collegio de Macâo
467	Unguento para empijas. Do Ir. Boticario Manuel Dinis
467-469	Unguento para empijas. Do Ir. Boticario Francisco da Silva
468-469	Unguento prezervativo dos Erpes. Da Botica do Collegio da Bahía
470	Unguento de Fezes de ouro, Do Ir. Boticario Francisco da Silva
471	Unguento Narcotico. Do Ir. Boticario Francisco da Silva
472	Unguento Nervino
473	Unguento de papel. Do Ir. Boticario Manuel de Carvalho
474	Unguento para tudo. Da Botica do Collegio do Recife
475	Unguento Romano para tudo
476-477	Unguento para queimaduras, e fogagem. Do Ir. Boticario Manuel Carvalho
477-478	Unguento contra sarnas. Da Botica do Collegio da Bahia
478-479	Unguento sigillado. Da Botica do Collegio de S. Antão
480	Unguento para almorhoides. Da Botica do Collegio de Macâo
481	Unguento para feridas, chagas, quimaduras, e quebraduras. Da Botica do Collegio de Macäo
482	Unguento regadio magistral
483-484	Unguento para Tinha
484	Unguento para Tinha de outra sorte
485	Unguento para Sarna ainda que seja Gallica
486	Unguento contra piolhos
486-487	Unguento contra lombrigas
487-488	Unguento Optimo para as carnosidades do membro
488	Unguento rosado e fresco, lavado com agoa rosada [*à margem:*] Unguento composto refrigerante
489	**X** [*Letra desenhada*]
489-490	Xarope de Coral. Da Botica do Collegio da Bahia
490-491	Xarope de dormideiras brancas. Da Botica do Collegio de Macào
491-493	Xarope Emetico. Da Botica do Collegio da Bahia
493-494	Xarope de espinheiro alvar. Curvo, p. 433
495-500	[*Em branco*]

Pág.	
501	**Z** [*Letra desenhada*]
502-506	[*Em branco*]
507-519	Memoria muito util de varias noticias e advertencias
520-521	[*Em branco*]
522-523	Remedios alterantes
524-525	Alexipharmacos ou Contravenenos comuns e simpleces para o interno
526-527	Anti-selticos, ou Contra a podridão
528	Confortativos optimos para membros particulares
529	Contravenenos para casos particulares
530	Purgantes
531	Opiados mais fortes
531	Mediocres
532	Brandos
533-534	[*Em branco*]
535	Agoas quentes
536	Agoas temperadas
537	Agoas frias
538-541	Medicamentos que se costumão pedir de baixo de hum sò nome
542-544	[*Em branco*]
545-548	Medicamentos, que se costumão pedir absolutamente sem determinação de qualidade
549-550	[*Em branco*]
551-554	Descrição dos Pezos, e Medidas
554	Diversidade de pezo de varios simplices
555-560	Regras geraes mais uzuaes
561-562	[*Em branco*]
563-569	Indice Dos Succedaneos, que se uzão nas Boticas: tirados de varios Authores, e chamados de *Qui pro* Quo.
570-572	[*Em branco*]
573-584	Explicação de varios Caractêres da Arte Chimica tirados de varios Authores
585-586	[*Em branco*]
587-609	Index em que pela ordem alfabetica se mostrão as Dosis dos mais communs Remedios que se applicão no uzo interno, tanto Simpleces, como Compostos
610	[*Em branco: e aqui acaba a numeração das páginas*]
[I-XXXII]	[*Em branco*]
[XXXIII-LIII]	Indice universal em que pela ordem alfabetica se mostram as couzas mais notaveis deste livro.
[LIV]	[*Em branco*]
[LV]	[*Estampa colorida representando um homem e o sistema venoso e os diversos modos de praticar a flebotomia*]
[LVII-LX]	[*Em branco: fim*].

II

[p. 400]

Triaga Brasilica

CELEBERRIMA EM TODO AQUELE NOVO MUNDO
DA BOTICA DO COLLEGIO DA BAHIA

*R.^e^*

Raiz de abutua.		xxxjv	onças [1]
de mil-homens			
de capeba	an.	xxx	»
de aypo			»
de jerubeda	an.	xv	«
de jarro		xvj	»
de jarrilho		xxv	»
de angericó . . . . ,		xxjv	»
de limão		xjv	»
[p. 401] de junça			
de acoro	an.	x	»
de gengibre		viij	»
de malvaisco.		xij	»
de jaborandi		xx	»
de pagimirioba		x	»
de orelha de onça			
de aristoloquia redonda . .	an.	xvj	»
de batata do campo		xviij	»
de ipecacoanha negra		xxv	»
de ipecacoanha branca		xv	»
de contra-erva ou cáápià . . .		xxx	»
Extrato de todas as raizes assima		vj	libras
Cipó de cobras		xx	onças
canella da India		x	»
cravo do Maranhão		xjv	»

[1] No *ms.* a palavra *onça*, assim como a *oitava* e a *libra* aparecem representadas com os símbolos usados na Farmacopeia do século XVIII, data do mesmo *ms.*; e se descrevem na própria « Collecção de Receitas », pp. 551-554 (*Descrição dos Pezos, e Medidas*).

	cascas de angelicas do Brazil		xv	onças
	casca de ibiraé.		xx	»
	flor de noz moscada			
	assafrão em pó	an.	v	»
	erva cáácîca, ou erva de sangue. . .		xviij	»
	semente de cidra		v	»
	de erva doce			
	de cominhos	an.	jx	»
	de salsa da horta		x	»
[402]	de pindaiba		xxjv	»
	de nhambuz		viij	»
	semente de urucu secco em torciscos .		xxj	»

Extratos

de opio.		xvj	onças
de alcaçuz.		xiiij	»
de angelica		xxj	»
de pindaiba		vj	libras

Gomas

	Balsamo do Brazil.		xxxvj	onças
	goma arabia.		xij	»
	incenso			
	mirra	an.	xvj	»
	cato		jx	»
	almessega da India		xvj	»
	terbentina fina		xx	»
	Castorio		v	»
	tintura do mesmo.		xvj	»
	Terra sigillada			
	terra de S. Paulo	an.	viij	»
	pedra de Cananor.		v	»
	capa roza-calcinada		vj	»
	Espirito de Marte.		v	»
[403]	torciscos de jararacas, ou de viboras .		xxxjv	»
	vinho branco			
	xarope de limõens	an.	vj	libras
	mel de abelhas.		CLXX	»

Olios chimicos

de cascas de laranjas			
de salsafraz			
de pindaiba	an.	iiij	oitavas
de erva doce			»
de funcho			
de canela	an.	iij	»
de salva			
de cascas de limõens . . .	an.	ij	»

Saes chimicos

	Sal herculeo.		xij	oitavas
	de cravo			
	de canella			
	de alecrim	an.	viij	»
	de tobaco			
	de caroba			
	de chicorea			
	de borragens	an.	vj	»
	de pindaiba		x	»
[404]	de arruda			
	de cardo santo	an.	iiij	»

Far-se-há do seguinte modo

Às primeiras vinte e huma raizes se lhe tomam os seos pezos respectivos e se fação em pó, e se passe por tamiz muito fino com cuidado que não volatize muito. Dos reziduos que ficarem com pezos respectivos a cada huma das ditas raizes se faça extrato. Os mais simples que se seguem, tomando-lhes os seos pezos respectivos, se farão em pó sutil passado por tamiz fino, e destes se exceptuarão o açafrão, que se pizará à-parte secando-se primeiro ao ar do lume, e mais o espirito de Marte, a tintura de castorio, a terbentina, balsamo do Brasil, o extrato de opio, de angelica, de pindaiba, que todos estes simples se desfarão com vinho branco e xarope di limão para se ajuntarem a seo tempo ao composto. E estando tudo assim preparado, se tome o mel e se ponha em fogo brando em tijella de barro vidrada, ou tacho; fervendo-se, se escume. E tendo ponto [405] hum pouco alto, então se tire do fogo: ajunte-se-lhe então o vinho com as mais couzas desfeitas nelle, e o xarope de limões, e todos os mais pós depoes de bem misturados huns com os outros. E estes se lhe vão deitando pouco a pouco dentro do ditto mel, mechendo continuamente com espatola de pao. E ficando em bom ponto, depoes de fria se deite dentro em talhas, que lhe fique a terceira parte por encher. Esta tiriaga se traga ao sol por seis mezes, mechendo-a todos os dias pela manham e à tarde, tendo cuidado que não fique de noute ao ar, e se reponha para o uzo. Não se uze desta tiriaga senão passados seis mezes.

Triaga Brasilica reformada [à margem]

Esta hé a tiriaga que ordinariamente fazia o Ir. André da Costa. Quando a elle queria mais efficaz, lhe ajuntava os oleos e saes chimicos que assima ficão escrittos, e não lhos ajuntava ordi-

nariamente porque lhe tirava pouco lucro, mas quando lhos a ajuntava a fazia desta sorte:

Tomava os pezos respettivos dos dittos e em gral de pedra os desfazia e emcorporava todos muito bem e os ajuntava ao composto e mixto dos extratos, e tudo isto à mais compozição como [406] assima fica ditto.

Esta hé a celeberrima tiriaga brasiliana, ou do Brazil, e tão estupenda para tantas enfermidades, como continuamente se tem experimentado, e se está experimentando. E eu a confeçar a verdade, pela experiencia que tenho de todas as quatro partes do mundo, e exercitando em todas ellas a charidade de applicar alguns remedios, digo que hé das tiriagas a que entre todas as outras tem a primazia, poes hé a que entre todas ellas obra mais promptamente e com mais efficacia.

Virtudes [à margem] Serve para as enfermidades que na descrição seguintes e apontão.

[407] Noticia do Antidoto ou nova Triaga Brasilica que se faz no Collegio da Companhia de Jesus da Bahia

Com as virtudes e propriedades della experimentadas há muitos annos em varias enfermidades.

A *Triaga Brasilica* hé um Antidoto ou Panacea composta, à imitação da Triaga de Roma e de Veneza, de varias plantas, raizes, ervas e drogas do Brasil, que a natureza dotou de tão excellentes virtudes, que cada huma por si só pode servir em lugar da Triaga de Europa; pois com algumas das raizes, de que se compoem este Antidoto, se curão nos Brazis de qualquer peçonha e mordedura de animais venenosos, como tambem de outras varias [408] enfermidades, só com mastigá-llas. E a experiencia tem mostrado há tantos annos para cá que, se não hé melhor que a Triaga da Europa, ao menos não lhe hé inferior em cousa alguma; e muitos Professores da Medicina só uzavão desta, por ser a que nas occazioens lhe obrava mais promptamente. Hé esta Triaga efficacissima contra todo o veneno (excepto os corrosivos), como hé o solimão e outros semilhantes causticos, ainda que contra estes, dado o pezo de huma athé duas oitavas, ainda ajuda a os expellir com vomitos; e dipois, com remedios anodinos, que se costumão applicar a semelhantes venenos, faz a cura mais facil e mais segura.

Serve contra qualquer bebida de veneno, ainda que seja de ervas frias e venenosas, e para mordeduras de qualquer qualidade de cobras e outros animais peçonhentos, tomando pella boca o pezo de huma athé duas oitavas desfeita em vinho, caldo, ou em qualquer cousa potavel, e isto de quatro em quatro horas, athé se

sentir aliviado o enfermo, untando-lhe tambem com ella os pulsos, nariz e coração, e pondo-a na mordedura em forma de emplastro desfeita em vinho ou sumo de limão.

Serve tambem para [409] qualquer dor interna, como de estomago, vomitos, colica, flatos e pontadas, principalmente se forem cauzadas de frio; para lombrigas e qualquer humor corrupto que se gere nos intestinos. Hé remedio para estancar cursos, applicada no pezo de meya oitava em agoas appropriadas a estas doenças e pondo sobre o embigo hum parxe com ella.

Serve mais para qualquer achaque de cabeça cauzado de intemperança fria, como hé paralesia, epilesia, apoplessia, melancolia, applicando juntamente os remedios universais que se costumão nestes achaques. Hé boa contra a peste e doenças epidemicas. Nas febres malignas tem mostrado grande afficacia, tomando logo huma oitava desfeita em agoa de cardo santo, ou em outra qualquer agoa cordeal, e isto tres ou quatro vezes no dia. Hé potente contra as bexigas e sarampão, pois ajuda a natureza a expelli-las para fora, e ao mesmo tempo corrige a má qualidade do humor corrupto. Assim mesmo, tomando-a em tempo de bexigas, ou de outras doenças contagiosas e epidemicas, todas as manhans em pezo e quantidade de meya oitava desfeita em vinho, serve para a prezervação: e os que uzão della nestes tempos, ou se livrão dos tais achaques, ou, se os tem, [410] livrão muito melhor que os outros que della não uzarão.

Hé assim mesmo celebre e experimentado remedio para as enfermidades histericas, como para a soffocação da madre, accidentes uterinos, convulsão, flatos, dores, retenção dos menstruos, para a opilação da madre, para corroborá-la dipois do parto, facilitá-lo, expellir as pareas, e para os fluxos demasiados, e finalmente para quasi todas as doenças das mulheres.

Serve tambem para as crianças que tem febres, colicas, e outras enfermidades cauzadas de lombrigas.

Notícia breve dos lugares onde se achão alguns simpleces que compoem a Triaga sobredita

Cascas de Angelica: na Tujupeba, Pernambuco, ou sertão.
Cascas de Ibiraé: no Camamu e sertoens da Bahia.
Erva caacicá: no Collegio da Bahia.
Erva do sangue: no Collegio da Bahia.
[411] Jararacas: no Camamu, Tujupeba, sertão e na quinta do Collegio da Bahia.
Mel de abelhas ou de pao: na Tujupeba, Porto Seguro, Capivaras, Camamu e sertão.
Raiz de abutua: em Pernambuco, Camamu, Aldeya do Spirito Santo e no sertão.
Raiz de acoro: de Portugal.

Raiz de aipo: na Bahia e Portugal.
Raiz de angericó: em Pernambuco, Tujupeba e Jaboatam.
Raiz de aristoloquia redonda: em Portugal.
Raiz de batata do campo, ou batatinha: no Rio de Janeiro e no sertão.
Raiz de capeba: no Collegio da Bahia e Pernambuco.
Raiz de contra-erva, ou caapia, ou pica de macaco: na Tujupeba e Pernambuco.
Raiz de jaborandi: na quinta do Collegio da Bahia, Pernambuco e sertão.
Raiz de jarrilho: na Tujupeba e no sertão.
Raiz de jarro: na quinta do Collegio e no sertão.
Raiz de junça: de Portugal.
Raiz de limoeiro: em qualquer parte.
Raiz de malvaisco: de Portugal.
Raiz de mil-homens: em Pernambuco, Camamu, Aldeya do Spirito Santo e no sertão.
Raiz de orelha de onça: na Tujupeba, Canabrava, [412] Sacco dos Morcegos e no sertão.
Raiz de pagimirioba: na quinta do Collegio da Bahia e Pernambuco.
Raiz de pecoacoanha branca ou sipó: no Jaboatão, Pernambuco e sertão.
Raiz de pecoaquanha negra ou sipó: no Jaboatão, Pernambuco, ou sertão.
Raiz de jerobeba: na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.
Semente de neambus: no Collegio da Bahia e sertão.
Semente de pindaiba: na Aldeya do Spirito Santo e no sertão.
Semente ourucu: na Aldeya do Spirito Santo, Capivaras e sertão.
Sipó de cobras: na quinta do Collegio da Bahia e no sertão.

[Opp. NN. 17, pp. 400-412]

ÍNDICES

ÍNDICE ALFABÉTICO

(Com asterisco (*): Jesuítas)

ÍNDICE GERAL

CORRIGENDA

Pág.	34	linha	14	onde	se	lê	Barreto	leia-se	Barreta
»	35	»	7	»	»	»	Boijuba	»	Boipeba
»	36	»	10	»	»	»	Guaru	»	Guareí
»	63	»	40	»	»	»	Vasconcelos	»	Alvarenga
»	143	»	29	»	»	»	Corgo	»	Corvo
»	153	»	26	»	»	»	João	»	José
»	156	»	5	»	»	»	Vincher	»	Visscher
»	171	»	32	»	»	»	1701	»	1703
»	218	»	21	»	»	»	este lugar	»	este em lugar
»	298	»	16	»	»	»	seguintes e	»	seguinte se

Imprimi potest.
Olysipone, die 15 Augusti 1952.
Julius Marinho S. I.
Praep. Prov. Lusit.

Imprimatur.
Portucale, 4 - IV - 1953.
† *Antonius*, Ep. Portucalensis.

ESTE LIVRO ACABOU DE SE IMPRIMIR

NO ANIVERSÁRIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

22 DE ABRIL DE 1953

DIA CONSAGRADO A NOSSA SENHORA

RAINHA DA COMPANHIA DE JESUS

NA

TIPOGRAFIA PORTO MÉDICO, LIMITADA

PORTO

